FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

REPRODUÇÃO DA FÊTE DES VIGNERONS DE VEVEY (Suiça):

Discurso, Práticas e Representações

GISELLE SCHMID

Tese de Doutoramento em Antropologia: Religião, Ritual e Performance

GISELLE SCHMID. REPRODUÇÃO DA *FÊTE DES VIGNERONS* DE VEVEY (Suíça): Discurso, Práticas e Representações 2020.

Novembro, 2020

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

REPRODUÇÃO DA FÊTE DES VIGNERONS DE VEVEY (Suiça):

Discurso, Práticas e Representações

Volume I

GISELLE SCHMID

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Antropologia, especialidade Religião, Ritual e Performance, realizada sob a orientação científica da

Professora Dra. Paula Godinho e co-orientação do Dr. Luís Manuel Cunha.

Novembro, 2020

Declaro que esta tese é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultados estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato (a).

Suíça, 16 novembro de 2020

Declaro que esta tese se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar

O orientador (a).

Lisboa, 16 novembro de 2020.

Declaro que esta tese se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar

O coorientador (a).

LUÍS MANUEL DE JESUS CUNHA

Assinado de forma digital por LUÍS MANUEL DE JESUS CUNHA
Dados: 2020.11.18 12:26:36 Z

Braga, 16 novembro de 2020.

Aos meus filhos Christopher e Chloé Schmid, ao meu esposo David Schmid e a minha mãe Alice Melo *(in memoria*) pelos ensinamentos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pela força e luz e pelo direcionamento que me concedeu em todos os momentos difíceis e desesperadores.

À minha orientadora, Paula Godinho, pela incansável orientação na pesquisa e por todo apoio e suporte no decurso da investigação.

Ao meu co-orientador, Luís Cunha, pela orientação, pela força, disponibilidade e ajuda durante todo o desenvolvimento da tese.

Aos meus filhos, Christopher e Chloé Schmid, amores incondicionais. A força e o referencial nos dias de exaustão e turbulência.

Ao meu marido, David Schmid, que tive a oportunidade de conhecer de fato na escrita da tese, se mostrando como uma grande montanha que me fazia sombra nos momentos de calvário. Senão o mais importante, o essencial na minha trajetória de pesquisa, através da sua energia, companheirismo, união e respeito, além da grande empatia: meu amor, minha festa, meu vinho.

Aos meus pais que amo e que mesmo longe, sempre se fizeram presentes, fortalecendo-me nesta longa jornada.

As minhas irmãs, Alice e Andréa Melo, pelo companheirismo.

À Coordenadora do Doutoramento, Dra. Margarida Fernandes, pela sua empatia, palavras de conforto e estima.

A minha sogra, Françoise Brugger, que foi meu suporte, minha mãe e meu sustento em palavras e ações, mais ainda no amor nos períodos mais difíceis da minha jornada.

Ao meu sogro, Daniel Schmid, pelo apoio e pelas palavras positivas.

À minha amiga, Marion Nunes, que sempre corroborou na normalização dos trabalhos.

A minha mãe Alice Melo, *in memorian*, um anjo sempre presente em meus pensamentos.

A minha Avó, Maria Melo, a quem amo imensamente e me ensinou muitos princípios da vida.

À amiga, Vilma Maria Carvalho, pela revisão da tese e pelas palavras de conforto.

Ao programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - FCSH e todo o corpo da Coordenação acadêmica.

À Sabine Frey-Carruzzo, por todo o apoio durante a pesquisa, tanto no acesso aos arquivos do Museu da *Confrérie des Vignerons*, como no intermédio e abertura das portas entre mim e os atores envolvidos na *Fête des Vignerons*.

Ao abade François Margot, pela gentileza em me conceder uma entrevista, mesmo em tempos complicados em função da produção festiva.

A todos os viticultores (Jean-François Chevalley, Pierre Monachon, Jean-Pierre Chollet, Alain Chollet, Edmond Chollet) que, tão cuidadosamente, me receberam em suas vinhas e esclareceram aspectos importantes do trabalho vitícola.

A todos os atores envolvidos no processo de produção da *Fête des Vignerons* (Blaise Hoffman, Finzi Pasca, Jérôme Berney, Giovanna Buzzi, Stéphane Blok, Philippe Commend), que, gentilmente concordaram em ser entrevistados.

A todos os figurantes que, compartilharam experiências e memórias das festas passadas.

Aos voluntários que disponibilizaram um pouco do seu tempo para responder a questões fulcrais para a minha pesquisa.

Ao empresário que, aqui nominamos Onix e que contribuiu sobremaneira com suas narrativas.

Ao professor e voluntário da Caritas Gilbert Hämmerli que, me ajudou com questões específicas da Suíça, mas também com o a língua francesa.

Aos moradores e empresários da cidade de Vevey que, me informaram e concordaram em conceder entrevistas.

À arquivista da comuna de Vevey Lorraine Filippozzi, que me recebeu durante meses e me auxiliou na seleção de documentos da cidade.

Aos órgãos relativos ao Turismo, à Prefeitura de Vevey, ao Museu da cidade de Vevey, à Biblioteca de Vevey e a todos os órgãos que me prestaram informações sobre a FDV.

A Guilaume Favrod, por toda ajuda na seleção dos arquivos na *Confrérie des Vignerons*.

“Il y aura de leurs rires et de leurs pleurs un peu partout entre les pages” (HOFMANN, 2019: 51).

REPRODUÇÃO DA FÊTE DES VIGNERONS DE VEVEY (Suiça):

Discurso, Práticas e Representações

Giselle Schmid

RESUMO

A *Fête des Vignerons,* objeto deste estudo, se constitui numa festa de origem medieval dos produtores de vinho do distrito de Vevey na Suíça e, tem como propósito, celebrar o trabalho dos viticultores da região, mais conhecidos pela designação de *vignerons-tâcherons*. O estudo ressalta que a festa é, hoje, um evento de grande repercussão nacional e internacional, graças ao seu caráter regional e cultural e pelo apego da sua população às raízes rurais do trabalho da terra. Embora ao longo do tempo, tenha sido palco da introdução de vários elementos resultantes da modernidade, dando novos contornos à produção festiva, assumiu diversas formas, até a sua transformação em dimensão espetacular, com acentuada midiatização, evento que exige uma longa sistematização prévia de todo o processo de organização, e que envolve um número expressivo de atores-figurantes, voluntários e patrocinadores. Outrossim, possui uma especificidade que tem reflexo no modo de produção festiva, o fato de a mesma compreender uma temporalidade com intervalos de até 25 anos. Resultado de um trabalho de terreno, empreendido entre os anos de 2017 a 2020, esta pesquisa procurou analisar a performance cultural de organização desse evento singular, visando compreender as dinâmicas de reprodução da festa, a sua organização e o modo de transmissão entre diferentes gerações, além da forma como se estrutura e sobrevive durante um longo período de intermitência, visto que cada edição se realiza no intervalo de mais de duas décadas. Para atingir este objetivo, explora duas questões importantes no processo de compreensão da festa. A primeira delas se reporta à identificação dos agentes ativos relacionados de maneira direta e/ou indireta na organização e reprodução da festa e ao modo como se processa a preservação e transmissão da memória. A segunda indagação remete ao percurso histórico da *Fête des Vignerons*, considerando os mecanismos utilizados que corroboram o processo de sobrevivência da festa durante o longo tempo entre cerimônias. Aspectos como os processos históricos, as dinâmicas de reprodução, os agentes envolvidos, os mecanismos de perpetuação da festa, as transições e rupturas foram algumas das questões abordadas ao longo da investigação. O método etnográfico se pautou em três etapas. A priori, realizou-se a pesquisa bibliográfica com um mergulho nas fontes e análise documental nos arquivos da confraria e instituições locais, a fim de se apropriar do estado da arte. A segunda fase refere-se ao trabalho de campo, com um longo período *in loco,* vivendo entre os habitantes, através da observação participante com vistas a descortinar os fatos etnográficos. Procedeu-se, igualmente, à pesquisa qualitativa, por meio das entrevistas aplicadas com determinados atores-sociais, além da recolha de memórias e testemunhos em diversas redes sociais, tendo em vista o amplo fluxo de informações. A última etapa se concretizou por meio da escrita etnográfica onde as informações se transmutam em dados utilizados no processo reflexivo, momento de ordenação das ideias.

Palavras-Chave: *Fête des Vignerons*. Organização. Reprodução Festiva. Transmissão. Temporalidade.

REPRODUÇÃO DA FÊTE DES VIGNERONS DE VEVEY (Suiça):
Discurso, Práticas e Representações

Giselle Schmid

ABSTRACT

The *Fête des Vignerons,* object of this study that constitutes itself in a medieval celebration of wine producers from Vevey district in Switzerland and its main aim is celebrating the winegrowers work from the region. Best known by the designation *Vignerons-Tâcherons*. The study stands out that the celebration is considered nowadays, an event of great national and international repercussion, due to its regional and cultural aspects and due to the population's attachment to rural origins of the land work. Although, over the time it has been added numerous elements resulting from modernity and revealing new contours to the festival production, it took on several forms, until its transformation into a spectacular dimension, with marked mediatization, an event that requires a long prior systematization of all organization process, involving a significant number of actors-extras, volunteers and sponsors. Moreover, it has a specificity which has a reflection in the festive production way, the fact that it comprises a temporality with intervals of up to 25 years. The result of a field work undertaken between 2017 and 2020, this research sought to analyze the cultural performance of the organization of this unique event, aiming to understand the dynamics of reproduction of the festival, its organization and the way of transmission between different generations, in addition to the way it is structured and survives during a long period of burst, since each edition takes place in the range of more than two decades. To achieve this objective, two important issues are explored in the process of understanding the celebration. The first of these relates to the identification of active agents directly and /or indirectly related to the organization and reproduction of the party and how memory preservation and transmission is processed. The second question refers to the historical course of the *Fête des Vignerons*, considering the mechanisms used that corroborate the survival process of the party during the long time between ceremonies. Aspects such as the historical processes, the dynamics of reproduction, the agents involved, the perpetuation mechanisms of the festival, the transitions and disruptions were some of the issues approached throughout the investigation. The ethnographic method was based on three stages. A priori, a bibliographical research was carried out with a dive into the sources and documentary analysis in the archives of the brotherhood and local institutions, in order to appropriate the state of the art. The second phase refers to fieldwork, with a long period in loco, living among the inhabitants, through participant observation in order to unveil the ethnographic facts. Qualitative research was also carried out through interviews with certain social actors, in addition to the collection of memories and testimonies on various social networks, in view of the wide flow of information. The last stage was accomplished through ethnographic writing where the information is transmuted into data used in the reflective process, a moment to organize the ideas.

Keywords: *Fête des Vignerons*. Organization. Festive production. Transmission. Temporality.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

A&B	Alimentos e Bebidas
ACV	Associação dos Comerciantes de Vevey
AELE	Associação Europeana de Livre-Comércio
AILU	Associação pela Inscrição de Lavaux ao Patrimônio Mundial da UNESCO
AOC	Apelação de Origem Controlada
ATTAC	Associação para a Tributação das Transações Financeiras e para a Ação Cidadã
AVS	Seguro Velhice e Sobrevivência
CFF	Caminho de Ferro Federal da Suíça
CGN	Companhia Geral de Navegação do lago Léman
CNN	Canal da Moeda Corrente
CSU	Comissão Suíça da UNESCO
CFNP	Comissão Federal pela Proteção da Natureza e Paisagem
DFI	Departamento Federal do Interior
DHS	Dicionário Histórico da Suíça
ECOSOC	Conselho Econômico e Social das Nações Unidas
EEE	Espaço Econômico Europeu
ECA	Seguro Cantonal de Incêndio e Elementos Naturais
ES	Escola Superior
FDV	*Fête des Vignerons*
FDFA	Departamento Federal das Relações Exteriores
FICV	Movimento do Crescente Vermelho
HES	Alta Escola Especializada da Viticultura e Enologia de Changins
LAGR	Lei Federal de Agricultura
LEC	Lei de Encorajamento à Cultura
LPN	Lei de Proteção da Natureza e da Paisagem
LAT	Lei de Planejamento Espacial
LLEE	Leurs Excellences de Berne
LEAUX	Lei Federal de Proteção das Águas
LPE	Lei de Proteção Ambiental
LPPL	Plano de Proteção de Lavaux
LRENS	Lei Federal de Inteligência

MAFEVI	Associação dos Amigos da *Fête des Vignerons*
OFC	Ofício Federal da Cultura
ONU	Organização das Nações Unidas
OP	Ofício da População
OFS	Ofício Federal da Estatística
PIB	Produto Interno Bruto
PCI	Patrimônio Cultural Imaterial
RTS	Rádio e Televisão Suíça
SRC	Serviço de Inteligência da Confederação
TF1	Televisão Francesa 1
TI	Tecnologia da Informação
TSA	Conta Satélite do Turismo
USA	Estados Unidos da América
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura
UNWTO	Organização Mundial do Turismo
VNU	Voluntariado das Nações Unidas

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Celebrações da *Fête des Vignerons* entre os séculos XIX e XX.....59

Quadro 2 - lista definitiva das "Tradições Vivas" da Suíça.....89

Quadro 3 – Lista do Patrimônio Mundial suíço inscrito na lista representativa da UNESCO.....91

Quadro 4 – Total de noites em meios de hospedagem em Vevey e arredores em 2018 e 2019.....101

Quadro 5 – Aspectos econômicos em torno da FDV 1999.....102

Quadro 6 - Procedimentos e medidas institucionais para a proteção de Lavaux.....111

Quadro 7 – Delimitação das regiões vitícolas de Vaud.....120

Quadro 8 - Setores geográficos da vinha.....138

Quadro 9 - Calendário de eventos culturais e festivais anuais de Vevey.....153

Quadro 10 – Organograma completo da organização da Fête des Vignerons.....162

Quadro 11 – Sequência festiva do espetáculo da *Fête des Vignerons* 2019.....168

Quadro 12 – Atrações da Vila em Festa 2019.....177

Quadro 13 – Medidas caritativas de Vevey.....180

Quadro 14 – Setores e atribuições dos voluntários da *Fête des Vignerons* 2019.....191

Quadro 15 – Setores e funções envolvidos na organização da *Fête des Vignerons*.....202

Quadro 16 – Valores empregados na *Fête des Vignerons* 2019.....245

Quadro 17 - Valores empregados nos produtos da FDV.....245

Quadro 18 – Categoria e preços dos ingressos de acesso à arena.....248

Quadro 19 – Comitês da *Fête des Vignerons* 1999.....248

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Arena pronta para visitas..... 104
Foto 2 – Vista dos terraços suspensos de Lavaux..... 109
Foto 3 – Fachada da *Confrérie des Vignerons*..... 131
Foto 4 – Espaço de exposições do Museu da confraria..... 131
Foto 5 – Vinheteira coroada na FDV 2019..... 140
Foto 6 – Vista da Place du Marché de Vevey..... 146
Foto 7 – Trienal realizada em 2014..... 156
Foto 8 – Proclamação da *Fête des Vignerons* de 2019..... 158
Foto 9 – Voluntários caracterizados de pássaros estorninhos..... 164
Foto 10 – Rei da *Fête des Vignerons*..... 165
Foto 11 – Seis vignerons-tâcherons medalha de ouro..... 167
Foto 12 - Figurantes da tropa do casamento..... 171
Foto 13 – Representação do Espetáculo da *Fête des Vignerons*..... 171
Foto 14 - Espetáculo na arena..... 172
Foto 15 - Espetáculo na arena..... 172
Foto 16 - Cortejo dos Cantões..... 176
Foto 17 - *Parade de Nuit de la Fête des Vignerons de 2019*..... 177
Foto 18 - Voluntário no setor de controle de acesso..... 182
Foto 19 - Voluntária no controle das ruas..... 182
Foto 20 - Voluntários secando os assentos na arena..... 183
Foto 21 – Voluntários aguardando acesso à pré-arena..... 184
Foto 22 – Figurante da FDV..... 188
Foto 23 – Material de trabalho do voluntariado..... 190
Foto 24– Atelier de Costura em Saint-Légier-La Chiésaz..... 193
Foto 25 – Voluntários trabalhando na arena..... 196
Foto 26 – Relógio Tissot enquanto Marcador temporal da FDV..... 208
Foto 27 – Vitrines decoradas em Vevey..... 219
Foto 28 - Obras de construção da arena..... 222
Foto 29 - *Stand* da FDV na feira do livro em Morges..... 236
Foto 30 - Marketing da FDV na loja MANOR..... 236
Foto 31 - *Stand* da FDV na "Fête du Blé et du Pain" a *Echallens*..... 237

Foto 32 – Iogurte da FDV..... 239
Foto 33 – Creme a café..... 240
Foto 34 – Manteiga da FDV..... 240
Foto 35 - *Tour* da Arena da *Fête des Vignerons*..... 242
Foto 36 - Artesanato no espaço da Vila em Festa..... 247
Foto 37 - Figurante tropa direito de pescar..... 253
Foto 38 - Figurantes do "*Cent Suisses"* e "*Saint-Martin*"..... 253
Foto 39 - Acesso *VIP* na arena..... 254
Foto 40 - Mobilidade na FDV..... 254
Foto 41 - Cortejo das vacas da FDV..... 255
Foto 42 - Restaurante no espaço da Vila em Festa..... 255

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 - Ordem Cronológica do processo de formatação do Inventário na Suíça..... 83
Mapa 1 - Doze listas das "Tradições vivas" com suas divisões por cantão..... 87
Figura 1 - Identificação do bem inscrito no Patrimônio Mundial da UNESCO..... 116
Tabela 2 - Repartição sazonal de pernoites em meios de hospedagem a Lavaux..... 118
Tabela 3 – Custo de produção em francos por garrafa (0,75l)..... 122
Tabela 4 - Crescimento volume dos vinhos Vaudoises AOC (PAINEL NIELSEN e OFAG)..... 123
Mapa 2 - Comuna de Vevey na Suíça..... 145
Figura 2 - Ruas de Vevey..... 159

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A - Documento de seleção como Voluntária na FDV 2019 – Lettre Confrérie julho de 2018..... 301

ANEXO B - FeVi 2019 Planilha dos voluntários inscritos no setor controle de acesso, segurança e mobilidade..... 302

ANEXO C – Mapa da vila em festa 305

ANEXO D – Organograma dos Departamentos da *Fête des Vignerons*..... 306

ANEXO E – Carta da *Confrérie Des Vignerons*..... 307

ANEXO F – Sondagem sobre a melhor FDV 1999 ou 2019..... 308

ANEXO G – Marketing Éphémère d'un événement culturel: Fête desVignerons 2019.....311

INDICE

INTRODUÇÃO..... 17

1 O TEMPO DA FESTA: Memória, Tradição e Mudança..... 33
1.1 Concepções de festas: Considerações genéricas sobre a ideia de festa..... 33
1.2 Narrativas de outras festas: Um olhar sobre as celebrações espaçadas no mundo.... 40
1.3 Memória Social: Abordagens Teóricas 60
1.4 Tradição, Patrimônio e Turismo..... 66
1.4.1 Reflexões sobre a Tradição..... 66
1.4.2 Concepções gerais sobre a noção de Patrimônio..... 68
1.4.3 Patrimônio Cultural Imaterial Suíço..... 77
1.4.4 A dinâmica de implantação do PCI na Suíça..... 81
1.4.5 A Fête des Vignerons na lista do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade da UNESCO..... 93
1.5 Recortes históricos sobre o Turismo na Suíça..... 97
1.5.1 O papel do Turismo na *Fête des Vignerons*..... 100

2 A CONFRARIA, OS PRODUTORES E O PRODUTO: A celebração do vinho..... 106
2.1 Breve histórico da região de Lavaux..... 106
2.2 De paisagem de Lavaux a Patrimônio Vitícola..... 109
2.3 O vinho, os viticultores, a Confraria: Contexto da festa ou escopo secreto..... 119
2.3.1 Aspectos gerais sobre o vinho na Suíça..... 119
2.4 Contextualização histórica das confrarias..... 124
2.5 Narrativas de origem e transição: De Abadia à *Confrérie des Vignerons*..... 126
2.6 Inspeção na vinha: Entre punições e recompensas..... 134
2.7 O papel da *Confrérie des Vignerons* na contemporaneidade..... 139

3 IDENTIFICAÇÕES DE UMA FESTA – Estudo de Caso da *Fête des Vignerons* De Vevey..... 145
3.1 Vevey: Um enquadramento histórico..... 145
3.2 A sequencia Festiva..... 154
3.3 Etapas da sequência festiva..... 165
3.3.1 O Coroamento..... 165
3.3.2 O espetáculo da *Fête des Vignerons*..... 168
3.3.3 A Vila em Festa - Ville en Fête..... 175
3.4 Voluntariado, atores e a Confraria: A definição dos papéis..... 178

4 CONTINUIDADES, TRANSIÇÕES E RUPTURAS: A festa entre o discurso e a prática..... 197
4.1 Apresentação da festa..... 197
4.2 Narrativa Hegemônica: O discurso e a Prática..... 218
4.3 Entre a lógica comunitária e empresarial da *Fête des Vignerons*..... 234

CONCLUSÃO..... 256

REFERÊNCIAS..... 272
APÊNDICES..... 292
ANEXOS..... 301

INTRODUÇÃO

> "Essa ideia na cabeça vem de muito longe, no decorrer do tempo, ela se transmite como um segredo de família de geração em geração. Ela insiste em manter a sua respiração, em fazer um aprovisionamento de energia, a estocar, a multiplicar e conservá-la dia após dia, mês após mês, estação após estação. Toda essa energia, apaixonadamente acumulada é retomada a cada 20 anos na região. E como a larva de um vulcão, ela começa a subir pelo corpo, a correr pelas veias e fazer bater os corações. Eu morro e eu ressuscito cinco vezes por século. Qual é essa surpreendente alquimia entre um povo e uma festa após 200 anos? Além disso, eu sou uma força de descompressão e o reflexo da preocupação da minha época - quando a guerra bate a porta do país ou quando os produtos químicos se misturam ao solo da terra. Ela é toda vez dentro da temática do seu tempo" (RTS, 2019).

Em meados de 2017, em uma afamada livraria que comercializa raridades em Vevey, deparei-me com um rico acervo de documentos sobre a *Fête des Vignerons* (FDV), arrumados numa estante disposta num canto, incluíndo alguns tão vetustos que era preciso manuseá-las com cuidado, a fim de não os danificar. No segundo andar, havia ainda uma abundante e rara literatura sobre a celebração. O vendedor, atento ao meu interesse, narra a festa intergeracional com bastante familiaridade, realçando repetidamente o valor módico dos livros, se comparado à cifra que seriam vendidos na altura do espetáculo em 2019, momento em que o mercado aquece, resultando numa inundação de produtos derivados do evento, atrelados à supervalorização desses bens de consumo.

O terreno evidenciou traços da acentuada mercantilização, revelando uma tendência comum entre as festas espetacularizadas da contemporaneidade, embora não seja nessa direção que nossa investigação se conduza, mas, sobretudo, nas respostas às indagações relacionadas nomeadamente às dinâmicas de reprodução por meio da sua organização, a transmissão da memória entre as diferentes gerações, além da forma como se estrutura e sobrevive ainda que o intervalo entre cada celebração seja interrompido por um grande lapso temporal de até 25 anos. Essas novas modalidades de produções culturais de massa, julgadas pelo pensamento conservador como nocivas, pois só verá aí uma ocasião de lucro, está longe de representar o pensamento de Maffesoli ([1944], 1996: 113), pois considera que "o fato de que se «mercantilizam» as grandes reuniões populares, as ocasiões festivas, [...], não tira nada do prazer de estar junto de que são a causa e o efeito. Cada época reconhece a forma de expressão daquilo que lhe parece autêntico". Debord ([1967], 2003: 15), reitera que:

> "O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é simultaneamente o resultado e o projeto do modo de produção existente. Ele não é um complemento ao mundo real, um adereço decorativo. [...]. Ele é a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e no seu corolário – o consumo".

Discurso similar nas narrativas de Villadary (1968: 42) que vê no espetáculo um elemento ativo da festa, na qual ele está fortemente integrado: a festa é a ocasião do espetáculo.

Na compreensão da cultura e sua estreita relação com o mercado nos dias atuais, resgatamos as concepções de Williams (1992: 12-13), na qual:

> "A «prática cultural» e a «produção cultural» (seus termos mais conhecidos) não procedem apenas de uma ordem social diversamente constituída, mas são elementos importantes em sua constituição. Por outro lado, ela participa de alguns elementos de (a), em sua ênfase em práticas culturais como constitutivas (se bem que, hoje em dia, entre outras). Em vez, porém, do «espírito formador» que, afirmava-se, criava todas as demais atividades, ela encara a cultura como um sistema de significações mediante o qual necessariamente (se bem que entre outros meios) uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada".

Adorno (2002) nos indica que houve um progressivo impacto sobre a natureza da cultura no contexto das sociedades contemporâneas, após o desenvolvimento da comunicação de massa. "As massas não são a medida, mas a ideologia da indústria cultural, embora este último não possa existir sem se adaptar" (ADORNO, 1964: 12-13). Na concepção do referido autor:

> "Toda a cultura de massas em sistema de economia concentrada é idêntica, e o seu esqueleto, a armadura conceptual daquela, começa a delinear-se. Os dirigentes não estão mais tão interessados em escondê-la; a sua autoridade se reforça quanto mais brutalmente é reconhecida" (ADORNO, 2002: 5-6).

Com o passar do tempo, na sociedade atual, assiste-se desde o século XVIII uma significativa transformação das manifestações culturais. Essa sociedade do espetáculo, a que aludia Guy Debord ([1967], 2003), se estabelece logo após a Segunda Guerra Mundial, sendo regida por leis do sistema capitalista, em que as relações estabelecidas entre o indivíduo e a mercadoria são mediadas por imagens produzidas pelo mercado, tendo como base dois componentes essenciais nesse processo: o prazer e o fetiche em função da acumulação de objetos. Tal cenário "se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação" (DEBORD, [1967], 2003: 13). Assim, algumas dessas festas transfiguraram-se não apenas na forma, mas, sobretudo, na dimensão social que desempenham, do reforço dos laços sociais, capazes de gerar momentos de exaltação e efervescência, de transgressão da ordem social, que as caracterizou no passado, adquirem progressivamente uma nova dinâmica, mediante eventos festivos cada vez mais espetacularizados e mercantilizados, incorporando consequentemente elementos da contemporaneidade.

Numa leitura sobre o espetáculo Wunenburger (1977: 184) nos revela que se trata de "uma forma lúdica na qual se opera uma distanciação entre o gesto e o olhar, entre o ator e o espectador, e onde a intensidade da experiência emocional, depois de projetada para fora do grupo, é compensada por uma substituição do maravilhoso, ele próprio provocado mais por magias técnicas que pelo jogo humano". Para Cox ([1969], 1971: 21), o homem é por natureza uma criatura que não somente trabalha e pensa, mas canta, dança, joga, conta histórias, e celebra – é um *homo festivus*.

Segundo Villadary (1968: 9), múltiplas em sua expressão empírica, as festas parecem participar de um mundo em movimento e ambivalente que abre espaço para realidades fluidas que reúnem em si aspectos contrários ou contraditórios. Além disso, a festa vai sendo progressivamente substituída por atividades de lazer e espetáculo que melhor correspondem ao estilo de uma cultura dividida em múltiplos setores ligados pelo canal da cultura de massa e de novas técnicas de difusão (VILLADARY, 1968: 16). Numa abordagem sobre as festas é possível deparar-se com situações diversas que podem ser:

> "Conflituantes, de julgamentos, de decadência ou renascimento, avassaladores ou revolucionários, tradicional ou moderna; apresentar sentimentos de esperança ou ceticismo, eventos esclerosados ou empoeirados. Em contrapartida, são esses jogos coletivos que irrompem no cotidiano das sociedades que permitem, de fato, as mais contraditórias observações" (WUNENBURGER, 1977: 9).

Este trabalho se consagra ao estudo de uma festa espetacularizada que se produz na Suíça, intitulada *Fête des Vignerons.* Celebração relativamente intricada, sobretudo em virtude da sua temporalidade, contando em média com interstícios que podem chegar a até 28 anos. Esse quadro temporal manifesto no seu ciclo festivo é motivo de indagações e perplexidades, uma vez que geralmente as festas são marcadas pela condição cíclica do tempo, como ainda por uma incontestável articulação com o calendário (CUNHA, 2006); muito embora, de maneira modesta, existam casos de exceção, tal como a FDV e outras celebrações apresentadas no decorrer desse estudo. Esse espetáculo a céu aberto tem lugar durante o verão na cidade de Vevey, conhecida por seus traços industriais e comerciais, mas também sua marcante conotação cultural e artística, além de ser palco da região vitícola de Lavaux*,* considerada Patrimônio Mundial da Unesco em 2007. O sentido se conserva e definiu a cerimônia festiva: o coroamento do melhor trabalhador da vinha ou como é popularmente conhecido na língua local - *vigneron-tâcheron*, aquele que seguiu à risca todos os critérios laborais pré-estabelecidos no manual de conduta, convencionado pela *Confrérie des Vignerons*. Essa celebração demanda um longo tempo de preparação e planejamento, mas

que depende, sobretudo, do levantamento do fundo cerimonial e de atores-sociais comprometidos em conduzir o espetáculo do começo ao fim, exigindo, em função disso, habilidades e talentos, gerando um tecido de atividades sociais criativas. Diante disso, podemos nos questionar sobre os efeitos da dimensão espetacular nas festas contemporâneas? Será esse um dos aspectos responsáveis pelo longo interstício nesses eventos, exigindo um volume expressivo em recursos financeiros, maior exigência na formalização dos processos, menor improvisação, resultando numa profissionalização festiva? Podemos chegar a um momento onde a espetacularização e mercantilização ocasionará o desaparecimento dessas celebrações?

Assim sendo, é possível dizer que a *Fête des Vignerons*, assentada sob a égide da modernidade, se transformou a tal ponto que começa a perpassar seus limites de comunidade, num processo de espetacularização pautado numa lógica mercantil? Como explicar o fato dessa festa conseguir ultrapassar gerações, embora compreenda um longo lapso temporal? De onde emana esse poder que faz com que essa celebração insista em manter seu fôlego e a sua respiração? Qual é essa sinergia e força que congregam esses atores sociais numa doação que se orienta numa mesma direção em prol de um objetivo comum? A esse respeito, importa também rever qual é essa surpreendente alquimia após 200 anos entre um povo e uma festa? Esse ato de doação festiva pode ser associado tão somente a uma ideologia altruísta e de generosidade? ou estaria mais próximo da teoria de Mauss ([1925], 2007), de que não existe dádiva sem expectativa de retribuição, tendo em vista que o ato de dar não é um ato desinteressado. Convém indagar de onde vem essa efervescência tão evidente nessa festa que transforma e transborda o lugar festivo, ainda que seus agentes sejam conhecidos pela discrição e economia da palavra? Qual o verdadeiro papel desses atores sociais e as dinâmicas imbricadas nesses contextos? Durkheim ([1912], 2007: 17) nos esclarece que é "esse fervor coletivo, a exaltação geral - que são momentos em que «o homem se torna outro» -, que permite o que em tempos de relaxamento se institucionalizará na «interação social»". Além disso, "as festas são com efeito uma criação continuada que regenera uma sociedade [...]. Nestes momentos o entusiasmo é tal, a paixão partilhada é tão impetuosa, que eles «não se deixam deter por nada»" (DURKHEIM, [1912], 2007: 17). Para Wunenburger (1977: 103), a "virtude das festas não é apenas ser um ponto de encontro geográfico, mas também a ocasião de uma verdadeira comunhão, apagando ritualmente, ou às vezes sincera e espontaneamente, os antagonismos, as intimidades e oposições de todos os tipos que caracterizam a vida social". Questiona-se ainda qual o verdadeiro sentido dessa coroa carregada de simbolismos? Ela

representa de fato o reconhecimento do trabalhador da terra, o bom labor ou está permeada de interesses recônditos? Afinal, quais serão os rumos dessa celebração? Como manter vivo um movimento cultural com tão grande lapso?

A fim de responder às indagações orientadas ao fenômeno estudado, foi necessário compreender o quadro específico e a teia de significações que definem os princípios de organização e os diferentes elementos da *Fête des Vignerons* e dar-lhes significado. Para mais, tomamos como base a declaração de Cavalcanti (2013: 2), onde afirma que:

> "Ao final, é sempre a pesquisa e a análise etnográfica que irão nos propor as chaves de sua compreensão. Elas podem estimular de modo mais ou menos consciente o trabalho reflexivo, produzir reinterpretações, críticas, reformulações ou reiterações; propiciar aprendizagem de códigos sociais; estimular a produção de novas informações e perspectivas".

Resultado de um trabalho de terreno empreendido entre os anos de 2017 a 2020, esta pesquisa pretende analisar a performance cultural de organização da *Fête des Vignerons*. Visando compreender as dinâmicas de reprodução da festa, questiona-se sobre sua organização e o modo de transmissão entre diferentes gerações, além da forma como se estrutura e sobrevive durante um longo período de intermitência, visto que cada edição abrange um longo lapso temporal entre festas.

Para atingir este objetivo, julgou-se necessário explorar duas questões importantes no processo de compreensão festiva: a primeira delas se reporta à identificação dos agentes ativos relacionados de maneira direta e/ou indireta na organização e reprodução da festa e ao modo como se processa a preservação e transmissão da memória. A segunda indagação, remete ao percurso histórico da *Fête des Vignerons*, considerando os mecanismos utilizados que corroboram o processo de sobrevivência festiva durante o longo tempo entre cerimônias.

A temporalidade ocupou papel fulcral nesse contexto. Isso porque, a priori, a ideia era conduzir uma investigação sobre as festas de inverno nos Alpes na Suíça, mas tal projeto acabou por ser abandonado em razão das barreiras do idioma, pois a maioria dessas celebrações se passam no cantão de língua alemã. Em seguida, por meio das conversas com alguns voluntários, ocorreu o primeiro contato com a *Fête des Vignerons*, através das diversas memórias da festa recontadas por diferentes pessoas. Pode-se então dizer que, de imediato, um aspecto aguçou-me a curiosidade - ainda que tais motivações pessoais não se esgotem nessas linhas, entre elas a condição atípica expressa no seu quadro temporal intervalado, com espaçamento de mais de duas décadas, além do fato de a festa realizar-se em 2019, momento oportuno à imersão, por meio do trabalho de campo.

Assim, a pesquisa se principiou em 2017, e, de maneira mais concreta, se intensificou nos anos de 2018 a 2020. No estudo da *Fête des Vignerons*, a metodologia adotada compreende importantes ferramentas metodológicas como a pesquisa bibliográfica, através de um mergulho na teoria e no estado da arte, nas informações e dados levantados em bibliotecas da região, em sites específicos na internet, nas plataformas de banco de dados, na recolha de memórias e testemunhos em redes sociais como o *facebook*, *instagram*, *sites* da festa e da confraria, jornais, revistas e a adesão a grupos com afinidades ao referido objeto de estudo. A pesquisa documental foi realizada em órgãos e entidades representativas de Vevey e a pesquisa de campo ocorreu no terreno por meio da observação participante com uso do diário de campo.

Com o propósito de traçar as sucessivas etapas do trabalho de terreno, foi necessário distinguir, com cuidado, as pesquisas realizadas fora do período festivo e aquelas efetivadas durante o evento. No primeiro caso, foi principalmente através das recolhas das fontes locais em 2017 e 2018, em especial, obtidas nos arquivos do Museu da *Confrérie des Vignerons* em Vevey, nos arquivos da comuna da cidade, na biblioteca municipal da região de Vevey, na biblioteca comunal da cidade de Gland e na biblioteca cantonal e universitária BCU de Lausanne, na Secretaria Municipal de Vevey, Secretaria de Turismo, no Ofício da População (OP), na Associação dos Comerciantes de Vevey (ACV), através das conversas informais, além de sites específicos da região e da própria *Fête des Vignerons*. O segundo caso, se orientou nas etapas que se processaram durante todo o processo de organização entre os anos de 2018 a 2019, bem como na altura da sua produção festiva no intervalo entre 18 de julho a 11 de agosto de 2019.

O trabalho etnográfico intensivo concentrou-se principalmente na comuna de Vevey e em alguns domínios vitícolas de Lavaux. As observações no terreno ocorreram durante os anos de 2018 a 2020, alternando entre o levantamento de dados nos arquivos da confraria, visitas às vinhas e a observação participante. Esta última foi constituída por sucessivas idas ao campo, pelos circuitos realizados pela cidade, pelas caminhadas ou pelas pausas nos lugares de observação, pelas exaustivas notas de campo tomadas *in loco*, pelas tentativas de aproximação com os moradores, comerciantes e atores da festa. Portanto, foram pré-estabelecidas, a partir das pesquisas bibliográficas e documental, as categorias para a observação participante, de maneira a imergir de modo profundo e com embasamento teórico no terreno. Sobre a observação participante Cox ([1969], 1971: 33-34) esclarece que existem três limitações ao qual o pesquisador está passível:

> "Em primeiro lugar, se no decurso de uma festa resolvermos analisar a nossa própria experiência, suspendemos a participação, desvanecendo o nosso objeto de estudo; por outro lado, se analisarmos num momento distinto, já sem envolvimentos, só o poderemos fazer por memória ou por antecipação; finalmente, se a entendermos como a festa dos outros, corremos o risco de não a penetrarmos, escapando-nos a sua alegria e o seu envolvimento".

A estratégia mudou, e passei a participar de festas e eventos associados à *Fête des Vignerons*. Isso porque era preciso não só estabelecer relações, mas, também compreender as dinâmicas imbricadas. Em 2018, ao me dar conta que ocorreria um evento de temporalidade dilatada que se produz com intervalos de até dez anos em Echallens na Suíça, a *Fête du Blé et du Pain*, me inscrevi como voluntária. Passei vários dias a atuar junto aos atores sociais e a explorar as motivações que levam esses indivíduos a se doar a fundo nesses eventos, bem como as relações associadas a esses contextos, fazendo possíveis aproximações com a FDV.

No final de 2018 e início de 2019 atuei como voluntária no setor de figurinos da FDV, mais especificamente no atelier "pequenas mãos" e "provas de figurinos", a fim de estabelecer uma avizinhação com os meios de organização, os voluntários e figurantes e, dessa maneira conseguir imergir nos bastidores do evento. Participei, ainda, em vários momentos fora do período festivo, onde sucederam eventos correlatos como a Festa do Vinho em Lutry (2017), as conferências relativas ao Patrimônio de Lavaux (2017 e 2018), o trabalho de divulgação do "Dossier Pédagogique" da FDV entre os jovens e o público infantil (2018), a feira do livro a Morges, onde foram lançadas algumas publicações dos personagens envolvidos na festa (2018), a conferência nominada "Os desafios da *Fête des Vignerons"* com o abade presidente da confraria, François Margot (2019), os encontros de músicos da festa no Café Literário de Vevey (2019), o lançamento do livro "*Blanc sur blanc*", do diretor da FDV, Daniele Finzi Pasca (2020) e do livro do libretista Blaise Hofmann "*Les poèmes*" (2020). Esses momentos foram de suma importância, pois como diria Geertz (2009: 15), "[...] resulta de haverem realmente penetrado numa outra forma de vida (ou, se você preferir, de terem sido penetrados por ela) – de realmente haverem, de um modo ou de outro, «estado lá»". Além disso:

> "O etnógrafo não tem apenas de lançar as redes no local certo e esperar que algo caia nelas. Tem de ser um caçador activo e conduzir para lá a sua presa e segui-la até aos esconderijos mais inacessíveis. Isto leva-nos aos métodos mais activos de persecução dos testemunhos etnográficos" (MALINOWSKI, [1922], 1997: 23).

Cabe destacar que durante a trajetória de investigação, o confronto com um campo retraído e de difícil avizinhação gerou angústias, intensificando a complexidade no

entendimento das noções centrais, obrigando uma constante mudança de estratégias no terreno, dentre as quais podemos citar as alterações no meu circuito diário pelas ruas de Vevey, pausas para café e almoço em diferentes locais, comecei a seguir os atores da festa em eventos diversos, em páginas nas redes sociais e a frequentar eventos na região. Assim, percebi que se fazia urgente o contato com um informante privilegiado, tendo em vista as dificuldades no estabelecimento de elos no campo de pesquisa. Durante as idas ao museu da confraria, por meio de um contato mais próximo com a secretária Sabine Carruzzo-Frey, estabeleci uma relação de confiança que abriu caminhos e acessos a outros terrenos.

Nesse percurso, registro determinados momentos antagônicos que marcaram o processo de estranhamento. Refiro-me, aqui, aos atores envolvidos diretamente na produção festiva, que acabavam por me indicar outras pessoas. Nessa altura, o contato informante-investigador tinha seus trâmites facilitados, se estabelecendo a partir daí uma relação de credibilidade. Em contrapartida, frequentemente havia certa inversão nos papéis, na qual o investigador passava à condição de entrevistado, tendo em vista o estranhamento ao ver uma mulher, advinda de um país emergente, estudar uma festa elitizada em uma nação desenvolvida.

Durante as entrevistas, em grande parte dos encontros, dois pontos eram constantemente postos em questão. Um deles relacionado à minha "origem": "mas você é uma brasileira estudando a *Fête des Vignerons*?", e outro concernente ao "grau de escolaridade": "mas o que você faz não é uma formação?" (numa referência aos cursos técnicos de dois anos). Minhas narrativas causavam grande estranheza, sendo motivo de dúvida. Nesse momento, a comunicação era bastante dificultada e as informações se estabeleciam por gotas em razão da desconfiança de muitos dos entrevistados, resultado de um contrafeito oceano de estereótipos. Porém, um dos elementos que minimizava tal desconfiança, revelado durante as conversas, se deve ao fato do meu cônjuge ser originário da Suíça, algo que, nesse contexto específico, parecia ter mais peso do que a minha própria história de vida, quebrando as barreiras.

Nos contatos estabelecidos com os atores sociais da festa, não podia deixar de abordar alguns caminhos que coadjuvaram na impulsão e "abertura de portas". Interessante notar o papel que o sobrenome exerceu nessa dinâmica, pois logo entendi que as mensagens trocadas via correio eletrônico teriam melhor receptividade se portassem meu sobrenome contraído na altura do matrimônio (originário da Suíça Alemã). Isso porque no país, eles funcionam como referenciais, numa relação de reconhecimento das origens (natural do país ou do estrangeiro),

ou de distinção, condicionando vários aspectos da vida social dos indivíduos, podendo funcionar como um fator negativo ou não: dificuldades em alugar um imóvel, de conseguir um emprego, ou como entrave nas relações interpessoais, etc. Perspectivas dessa condição foram analisadas no estudo de Humphrey, através do reconhecimento do papel ontológico que o nome exercia no processo de individuação da pessoa, considerando que "[...] «o nome é a pessoa»" (HUMPHREY, 2006: 159). Hymes (1968: 44 *apud* BRAMWELL, 2012: 32-33), nos traz uma contribuição nesse sentido:

> "Nos exorta a pensar nas línguas não como uma «demarcação do mundo», mas «como instrumentos da ação humana». No entanto, os nomes, até certo ponto, são ambos. Eles podem demarcar grupos sociais e, ao mesmo tempo, demarcar indivíduos em um nível mais micro. No entanto, eles também são produto de decisões e ações humanas individuais resultantes de motivações individuais e coletivas".

Diante disso, devo confessar que em certos momentos ominosos no terreno, senti na pele a experiência compartilhada por Malinowski, pois como ele mesmo bem expressou:

> "[…] Da parte do etnógrafo, significa que a sua vida na aldeia — no início é uma aventura muitas vezes estranha e desagradável, outras vezes intensamente interessante — assume depressa um curso natural em harmonia progressiva com aquilo que o rodeia" (MALINOWSKI, [1922], 1997: 22).

O método compreendeu, ainda, entrevistas semi-directivas, com uma lista de questões orientadas àquilo que realmente importava nessas abordagens, mas também a aplicação de inquéritos (Apêndice A e B), com perguntas fechadas e abertas, aplicadas a grupos específicos: *vignerons-tâcherons*, confraria, voluntários e participantes. Foram realizadas dezoito entrevistas orais (Apêndice C), sendo todas registradas em um gravador, com o devido consentimento de cada entrevistado, a fim de facilitar a análise e compreensão em cada interlocução. Realizou-se recolhas em diferentes meios de comunicação e redes sociais. Outro recurso utilizado em momentos distintos - fora e durante o período festivo - foi o registro visual, por meio da realização de fotografias e filmagens, quando permitido. Em seu livro *Festas de inverno no Nordeste de Portugal: Patrimônio, mercantilização e aporias da "cultura popular"*, Godinho (2010) faz uma reflexão acerca dos métodos de estudo na antropologia, enfatizando que:

> "O exercício prático foi desenvolvido em sociedades coloniais, onde se aprenderia a avaliar a maneira como os diferentes quadros de observação de «terrenos» tão divergentes seriam importantes para determinar a construção do modelo apresentado e a problemática retida. Assim como uma região, nação ou aldeia não podem ser apreendidas sob as mesmas conjunturas nem tão pouco dar lugar ao mesmo tipo de exegese, as festas localizadas e estudadas com profundidade ou uma cartografia que apresente similaridade cerimonial, também necessitam de ferramentas diversas. Além disso, o processo dimensional dos fenômenos, bem como a conjuntura em que

> ocorrem e os processos históricos são elementos de suma importância na escolha do método a se utilizar. [...] o conhecimento está diretamente relacionado ao entendimento de interconexões sociais, que podem ser mascaradas em investigações localizadas" (GODINHO, 2010: 55).

No período da festa, durante minha presença no terreno, decidi englobar no trabalho de observação o ciclo de organização ao longo dos anos e, tendo em vista que as atividades são processadas com bastante tempo de precessão, decidi envolver-me enquanto voluntária nas atividades que surgiam. O primeiro contato foi feito pelo setor de figurinos em 2018. Os trajes prontos chegavam da Itália, seguindo diretamente para o galpão onde, com o apoio dos voluntários, os diversos retoques, costuras, provas, etiquetagens, sinalização de grandes ou pequenos defeitos, embalagem, eram feitas. Nessa altura, participei ativamente, ajudando nos mais variados trabalhos, fazendo tarefas, experienciando atividades de que até então não tinha conhecimento, precisando aprender com outros voluntários (como os diferentes tipos de ponto de costura), podendo acompanhar de perto os detalhes que não poderiam ser tão evidentes, senão *in loco.*

Essa participação foi de suma importância, visto que, em seguida, na altura da festividade, fui convocada para apoiar o setor de controle de acesso na arena (Anexo B), em julho de 2019. Éramos responsáveis pelo controle dos bilhetes dos espectadores antes da entrada para o espetáculo. Tais funções abrangiam as variadas informações sobre os aspectos relativos à arena (entradas, horários, casas de banho, etc.), a facilitação no acesso às pessoas com mobilidade reduzida, a condução e entrega dos *kits* da FDV aos clientes *vips* – estes tinham acesso privilegiado. Em dias de chuva, os voluntários também se ocupavam da secagem das arquibancadas, preenchiam os sacos com os brindes e faziam tarefas delegadas de última hora. Em outros momentos, fiz a segurança de uma das ruas, a fim de evitar a entrada de veículos, tendo em vista o cortejo dos Cantões. Atuei também no controle de acesso ao vestiário dos figurantes, fiscalizando as entradas antes e após as apresentações na arena. Por isso, todo esse longo tempo vivendo entre os nativos, experienciando a festa no seu interior, de dentro, participando da rotina, das sutilezas observadas no terreno, dos laços sociais, das interações estabelecidas, dos diálogos e das conversas informais, dos conflitos que surgiram e do processo de produção festiva no campo de pesquisa, foram essenciais nessa dinâmica permanente do olhar tanto de dentro "interior" como para fora "exterior", mas ainda necessárias, considerando que:

> "O método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um

> modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos" (MAGNANI, 2002: 17).

Em síntese, fazer trabalho de campo não é tarefa fácil e célere. Baseia-se em um processo construtivo, longo, sistemático, que se alimenta diariamente, e que acima de tudo se pauta no estabelecimento de relações interpessoais de confiança, nos diferentes papéis exercidos nesses convívios. Por fim, vale destacar um trecho interessante extraído do livro coordenado por Godinho (2014: 10) quando questiona: "[...] quem éramos nós em cada uma das situações e como foi determinante na escrita etnográfica do ato em que participámos a relação do nosso ser social e da nossa consciência", pois como indicou Malinowski ([1922], 1997: 25), "o Etnógrafo de campo deve cobrir séria e sobriamente os fenômenos em cada aspecto estudado da cultura tribal".

Assim sendo, para que esta pesquisa chegasse à compreensão das dinâmicas de reprodução da festa, a partir da análise da sua organização e do modo como a transmissão entre diferentes gerações ocorre, vários elementos foram determinantes no caminho. Nesse sentido, o estudo se estrutura em quatro capítulos, tendo o primeiro como tema as temporalidades ligadas à festa: memória, tradição e mudança. Constrói-se em torno da fundamentação teórica, através dos aspectos conceituais sobre a ideia de festa. Por meio de uma descrição detalhada, recorre-se à literatura, numa seleção daqueles que mais se aproximam ao objeto em estudo. Ao mesmo tempo, lança um "olhar" sobre as celebrações espaçadas no mundo, em especial, aquelas que apresentam alguma correlação com a *Fête des Vignerons,* no que concerne ao seu modo de produção festiva: a temporalidade, as festas associadas ao calendário, ou como marcadores temporais e os casos de exceção. Este capítulo também se dedica aos aspectos relacionados à memória, abordando a ideia de tempo. Além disso, traz menções de algumas memórias das festas precedentes à luz da percepção dos atores-sociais.

Para Pollak (1992), a memória, seja ela individual, vivenciadas pessoal ou coletivamente por um grupo, está intimamente associada a lugares ou pessoas no qual mantemos registros afetivos, vínculo ou certa proximidade. Ainda, de acordo como o autor citado acima: "essas referências ao passado favorecem a manutenção da coesão interna dos grupos e das instituições que constituem uma sociedade, além de defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum" (POLLAK, 1993: 29). Tomando como fio condutor temas como Tradição, Patrimônio e Turismo, esta alínea efetuou uma análise sucinta dos aspectos conceituais, com vistas a delinear as relações imbricadas em torno desses discursos e

os processos associados à dinâmica de implantação do PCI na Suíça, culminando com a entrada da *Fête des Vignerons* na lista do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade da UNESCO. Isto posto, alguns recortes sobre as concepções acerca do turismo e o papel das festas no país, numa tentativa de compreender essas relações.

O segundo capítulo aborda a temática da confraria, dos produtores e do produto, numa celebração do vinho. Aqui se realizou o enquadramento histórico da região de Lavaux, através da sua caracterização, levando em conta as transformações e sistematizações ocorridas no decurso do tempo. Explora, ainda, importantes aspectos da vinha na região, as convergências e divergências, os discursos associados a Lavaux enquanto paisagem e patrimônio mundial, bem como as relações entre a ordem religiosa e a esfera política. Buscou-se identificar os aspectos positivos e negativos imbricados nesse cenário, quem ganha ou perde com a inserção na lista representativa da UNESCO e de que forma esses enfrentamentos contribuíram para evitar a especulação imobiliária nos domínios vitícolas.

Numa perspectiva que vai do geral para o particular, esta parte igualmente dedicou-se à investigação das concepções sobre o vinho na Suíça. Na sequência, buscou-se compreender o papel da confraria, dos produtores e do produto. A contextualização histórica das confrarias, seu funcionamento, as inter-relações implicadas, a definição dos papéis. De um ponto de vista teórico, algumas linhas de diálogo com a literatura que trata das confrarias, o processo histórico, as narrativas de origem e transição da abadia à atual *Confrérie des Vignerons* e a percepção quanto ao seu papel social, tanto do ponto de vista dos viticultores como dos moradores. As inspeções na vinha foram analisadas à luz das punições e recompensas, através de uma mudança de conduta, postura que coadjuvou no processo de consolidação da *Fête des Vignerons.* Transita-se pelos critérios de controle e classificação estabelecidos na vinha pela confraria, para, por fim, delinear o papel dessa instituição na contemporaneidade.

Por conseguinte, o terceiro capítulo aborda as identificações da festa, com o estudo de caso da *Fête des Vignerons* de Vevey. Se ocupa do enquadramento histórico da região através da caracterização socioeconômica, aludindo a história com perspectiva crítica, transitando pelo contexto político, pelos fluxos migratórios, numa tentativa de delineamento do perfil desse Veveysanne conhecido pela designação de "*patê froid",* como estereótipo local. A sequência festiva leva em consideração a modalidade de estruturação e processamento dos eventos realizados em paralelo ao evento maior - *Fête des Vignerons*, no tempo denso da festa ou no pós-festa, tais como: a Proclamação da FDV, os Cortejos, o Coroamento, a Vila em festa, o Espetáculo na arena.

Esse capítulo, igualmente, compreende o tema do voluntariado, atores e a confraria, com a respectiva definição dos papéis. Explora as atribuições de cada agente, entre aquilo que é dito e o que é feito, além das diversas narrativas festivas na perspectiva de cada um desses atores, tendo como pano de fundo a existência de sociabilidades, originando a comunidade festiva. Buscou-se contextualizar as memórias da *Fête des Vignerons,* à medida que confrontava com as ideias dos diversos literatos e os depoimentos recolhidos entre os voluntários, atores e a confraria em momentos distintos no terreno.

O quarto capítulo é dedicado à temática das continuidades, transições e rupturas, interrogando a festa, entre o discurso e a prática. Narra a celebração de 2019, fazendo possíveis comparações com as precedentes, buscando fazer analogias entre elas. Procura-se identificar os aspectos que influenciam e contribuem para que a festa tomasse outra dimensão, naquilo que Leal (2012) alcunhou de «nova ordem ritual». Interroga-se onde estão os interesses e os interessados, a dimensão profana e sagrada, as novas inserções, mas também aquilo que se consolidou e o que foi suprimido no transcurso do tempo. Incorpora também uma abordagem acerca das narrativas hegemônicas, a análise de quem conta a festa, de que meios se serve e de que forma essa narrativa se torna dominante e oficial.

Por fim, por meio do tópico entre a lógica comunitária e empresarial, foi explorada a ideia de continuidade a partir das categorias *ideal/real*, além do desacerto que a etnografia mostra entre o que se conta e o que se vê. Aqui também se realizou a análise do lugar do político na festa, assim como o papel da turistificação, mercantilização, patrimonialização, espetacularização e as mudanças sucedidas, as rupturas e continuidades. As representações e dinâmicas sociais, orientadas na compreensão do papel dos media e do *marketing*, além das narrativas sobre o fundo cerimonial e os interesses no envolvimento de multinacionais e grandes empresas do país foram elementos considerados nessa perspectiva. As reflexões na investigação se orientaram numa crítica à prática e ao discurso imbricados nesses contextos específicos.

Ao longo do século XX foi-se evidenciando a recriação das celebrações no espaço urbano, acompanhadas de mudanças significativas, numa orientação espetacular e mercantilizada, através da produção de megaeventos, ampliando-se para além das escalas regionais, culminando com o surgimento de ambientes cada vez mais transformados e planejados, idealizados para abrigar festas com novos contornos. Numa análise das festas à luz dos referenciais teóricos de Caponero (2014: 27), essas produções:

> "Têm se mostrado como um conceito extremamente dinâmico, uma vez que há diferentes formas de celebração, que se modificam ao longo do tempo, em diferentes espaços, e em função dos diversos valores a ela atribuídos. O ritmo das alterações tem se mostrado lento e gradual, sem nunca ter havido uma ruptura total, variando em função de interesses ou fatores históricos, culturais, administrativos, legislativos, políticos, econômicos, turísticos, geográficos e urbanísticos, levando as festas a adquirirem diferentes significados para os vários segmentos da sociedade".

Os desacertos entre o papel da inovação e da cultura foi criticado na obra de Guy Debord:

> "A luta entre a tradição e a inovação, que é o princípio do desenvolvimento interno da cultura das sociedades históricas, não pode ter andamento senão através da vitória permanente da inovação. A inovação na cultura, porém, não vem senão trazida pelo movimento histórico total que, ao tomar consciência da sua totalidade, tende à superação dos seus próprios pressupostos culturais e caminha para a supressão de toda a separação" (DEBORD, [1967], 2003: 140).

No caso específico da *Fête des Vignerons*, componentes como a modernização, tecnologia, criatividade e inovação transitaram por várias esferas do contexto festivo, sobretudo a partir da edição de 1977. Desde o século XX, essa festa intergeracional (VINCK, 2019), que se processa uma vez a cada geração, adotou como máxima a constante superação, onde cada celebração procura suplantar a precedente, num jogo de disputas, pois, apesar de se apropriar das memórias anteriores na produção dos eventos na contemporaneidade, não quer repetir o que a geração passada fez. Assim sendo, no decurso da sua trajetória vai acumulando influências, tomando empréstimos, suprimindo outros, incorporando e acrescentando novos elementos, num amplo processo de ressignificação e criatividade, juntamente com a *Confrérie des Vignerons*, enquanto sociedade orientada ao controle do bom labor na vinha em Lavaux, os patrocinadores e a comunidade voluntária. Esses atores que se envolvem durante todo o tempo dilatado até o pós-festa, podem ser considerados os agentes coadjuvantes e a força motriz na consolidação desse evento intergeracional? As festas, para além da capacidade em proporcionar encontros, congregam ainda ocasiões de mutualidade/socialidade. Elas atuam nesse movimento de fortalecimento dos vínculos sociais, no ato de rememorar, na celebração daquilo que é significativo à vida em comunidade, onde por meio do coletivo, geram momentos de doação. Para Godelier ([1934], 2001: 23), "o dom é um ato voluntário, individual ou coletivo, que pode ou não ter sido solicitado por aquele, aquelas ou aqueles que o recebem". Na concepção de Mauss ([1925], 2007), o ato de dar institui uma relação díade entre aquele que doou e quem recebeu, numa constante obrigação entre dar algo, receber essa determinada coisa e retribuí-la. Segundo Lévi-Strauss (1950), a vida social é permeada por um movimento de trocas (riquezas, palavras, mulheres) que transitam entre os grupos e os

indivíduos. Essas interações – o dom, bastante evidentes no objeto em estudo, são importantes na reflexão em torno das práticas sociais e das conexões entre os agentes envolvidos nessa celebração.

Nos anos 1970, Marianne Mesnil destacava que a festa estava entre os temas em evidência, um verdadeiro modismo, objeto de súbita especulação intelectual (MESNIL, 1974). As festividades há bastante tempo se constituem em objeto de grande interesse da Antropologia, pois para além do grau de importância e especificidade que cada uma carrega, também representam traços de um conjunto histórico e etnográfico da cultura dos povos. Como o refere Mesnil (1974: 7), "a festa como texto (o cenário dos acontecimentos que ali se realizam), participando num contexto (a realidade social da qual deriva)". Para Villadary (1968: 12-13):

> "A festa se revela como uma das instituições mais regulamentadas e de espontaneidade mais inesperada. Como fenômeno social, possui regras, leis e uma lógica própria, que são fáceis de encontrar na maioria das cerimônias e em muitas sociedades ao longo da história".

Por fim, convém destacar que a motivação pessoal se deve ao fato de que durante meu percurso acadêmico sempre tive afeição pelo estudo das comunidades e suas festividades. Comumente me encantou seu potencial criativo, suas crenças, "saberes" e "fazeres", os hábitos e costumes, a sabedoria repassada de "pai para filho", as narrativas e lendas, o patrimônio cultural e as relações imbricadas nesses contextos. No Mestrado estudei uma festa enquanto potencial turístico de uma comunidade rural na cidade de São Luís, no estado do Maranhão - Brasil, intitulada "Festa da Juçara" (MELO, 2015). Um frutífero trabalho que, de certa forma impulsionou-me na orientação da pesquisa no doutorado. Porém, essa celebração de pequeno porte, de base comunitária, em vias de extinção, permeada por problemas internos, em especial ligados às questões econômico-sociais (MELO, 2015), compreende uma matriz assaz divergente se comparada à *Fête des Vignerons*. Retroajo a esses apontamentos, pois apesar dos aspectos antagônicos, ainda assim podemos encontrar alguns pontos de partida análogos que possibilitem respostas às indagações. Evidencia-se igualmente o caráter pessoal no processo de escolha, associado ao desafio na compreensão de um evento que apresenta o intrigante aspecto associado ao seu ciclo longo, que conserva um grande diferencial se comparada às festas de periodicidade regular no mundo. É assim, quer seja pelo simples cortejo transformado no espetáculo intergeracional que se orienta na constante dilatação, na sua condição intervalada, mas também na dinâmica de reprodução, por meio da incorporação cada vez maior de componentes oriundos da modernidade, ainda que recorra a

elementos ditos tradicionais, “de outrora”, e a sua capacidade de sobrevivência no decurso do tempo.

Essa tendência da *Fête des Vignerons* à amplidão fora notada por Rod (1905), que declarou que o evento atrai muitos espectadores e, portanto, poderia ser ou se tornar um «Estado» dentro de um «Estado» (ROD, 1905: 10). Retomando esse discurso, emerge daí um grande questionamento em torno dessa festa-espetáculo, pois resta saber quais serão as consequências desse constante crescimento nas futuras celebrações, se esse incremento atingir proporções não suportáveis pelo lugar-espaço festivo?

1 O Tempo da Festa: Memória, Tradição e Mudança

1.1 Concepções de Festas: Considerações genéricas sobre a ideia de festa

> "Existe o mundo moderno. Este mundo moderno tornou a humanidade tão completa e absolutamente nova que tudo o que sabemos da história, tudo o que aprendemos das humanidades anteriores não pode de forma alguma nos servir, não pode nos fazer avançar no conhecimento do mundo em que vivemos. Não há precedentes" (PÉGUY *apud* MURAY, 2005: 8).

Contrariamente à citação de Péguy no quadro particular da *Fête des Vignerons*, temos que levar em consideração que essa celebração, apesar de ter mudado gradativamente para acompanhar as transformações ocorridas nos segmentos sociais, econômicos e políticos, ainda assim preserva traços do passado, tais como o coroamento dos melhores *vignerons-tâcherons*, o cortejo, a tradição do *Ranz des Vache*, as composições musicais recorrentes, os mitos e a simbologia através das divindades pertencentes à mitologia pagã. Por outro lado, podemos concordar que essa reflexão tem sentido se tomarmos como base a observação que Hoffman (2019) fez em sua publicação *"La Fête"* quando iniciou suas atividades de estudo da *Fête des Vignerons*, recorrendo aos arquivos da confraria. Deu-se conta, então, de que a maior parte do que existia não lhe serviria, haja vista que uma festa que ocorre a cada geração atravessa diversas metamorfoses. No caso dessa celebração, por exemplo, a própria tecnologia existente na primeira festa (1797), na antepenúltima (1999) e na última (2019) apresenta pouca ou quase nenhuma correlação entre si, estando em harmonia com a época em questão, onde os avanços eram ainda muito exordiais, pois para além de se tratar de períodos distintos, o tempo e as narrativas eram outras. Ao contrário de uma festa anual onde a precedente pode servir de referência para a subsequente, a *Fête des Vignerons*, com o seu grande espaçamento entre celebrações, acaba sendo diferente; mesmo que ela possa contribuir para que se conheçam as produções antecedentes, ainda assim muitas coisas tornam-se obsoletas.

E como referia David Lowenthal, "todos os resíduos e fragmentos remanescentes de uma época que refletem uma escrita da memória e que pertencem a um tempo distinto que não é mais o nosso, onde o «passado é o país estrangeiro» [...], onde tudo é feito de modo diferente" (LOWENTHAL, [1985], 1998: 73). Assim, essa incerteza sobre o passado nos leva a crer que tudo ocorreu em conformidade com o que foi documentado, mas esse "passado nunca pode ser tão conhecido como o presente" (Ibid., [1985], 1998: 73).

> "[...] Explicar o passado no presente significa lidar não apenas com percepções, valores e linguagens que mudam, mas também com acontecimentos ocorridos após a época examinada. É inevitável ver a Segunda Guerra Mundial, em 1985,

> diferentemente do que se viu em 1950, não apenas devido ao aparecimento de grande quantidade de novas evidências, mas também devido a consequências posteriores – a Guerra Fria, as Nações Unidas, a recuperação das economias alemã e japonesa". (LOWENTHAL, ([1985], 1998: 115). "O passado tangível está em fluxo contínuo, modificando, envelhecendo, renovando e sempre interagindo com o presente". (LOWENTHAL, [1985], 1998: 165).

Nessa lógica, podemos perceber que muitas celebrações públicas, com o passar do tempo, foram paulatinamente se transformando, assumindo novos significados e significações – de uma organização articulada e realizada especificamente pela comunidade local para uma profissionalização da festa com tendência à departamentalização dos setores e das atividades, com um universo de pessoas envolvidas, grande parte delas remuneradas pelo seu trabalho, mas ainda compreende um universo de patrocinadores. Do mesmo modo, de uma simples celebração sem fins lucrativos para a mercantilização do evento, rompendo com a tradição para abrir espaço à construção de um novo universo simbólico. Ou seja, da dimensão local e regional para a internacionalização festiva apoiada na midiatização, em certos casos com tendência à Turistificação. Transitando de uma geografia tímida e delimitada, para espaços cada vez mais arquitetados e amplos, sistematicamente estruturados e projetados, culminando com a produção de megaeventos espetacularizados e a construção de arenas para abrigar tais celebrações. Além disso, a temporalidade das festas também sofreu alterações, fruto das transformações decorrentes da modernidade, resultando na proporção vultosa e na demanda de grandes somas de recursos financeiros – fundo cerimonial, o que de certa maneira contribui com a inviabilização da constância de alguns eventos. De fato, a ausência de certa ciclicidade nas festas não é algo tão comum, como esclarece o fragmento abaixo:

> "Da festa esperamos, habitualmente, uma temporalidade marcadamente cíclica. É assim tanto nas festas que pautuam o ciclo agrário, quanto nas que marcam as comemorações institucionais, sejam elas laicas ou religiosas. Existe, na verdade, uma evidente articulação entre a festa e o calendário, com relevância na gestão prática da temporalidade e na memória da comunidade" (cf. VELASCO, 1982: 10 *apud* CUNHA, 2006: 166).

Um tema - festas, vários autores e muitos conceitos. Como chegar a um consenso? Desdobrando o tema, se catalogássemos todos os adjetivos apresentados pelos estudiosos para conceptualizar as festas, encontraríamos um número vultoso, mas longe de ser considerado concluso. Ainda que essa matéria seja de suma relevância, este não será nosso propósito, pelo que nos deteremos a perscrutar na etnografia àqueles que mais se aproximam do objeto em questão, através do delineamento dos aspectos teórico-conceituais da ideia de festa. Dialogar sobre essas reflexões é essencial não apenas na perspectiva de melhor compreensão dos múltiplos sentidos e do dinamismo imbricado nesses discursos, como, ainda na percepção do

significado dessas celebrações nos diversos contextos sociais, econômicos e políticos, tendo como cenário a *Fête des Vignerons* de Vevey na Suíça. Partindo desse pressuposto, quanto aos vários pontos de vista, não podíamos deixar de lado o relevante trabalho de Durkheim quando ressalta que:

> "Toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso. [...]. Pode-se observar, também, tanto num caso como no outro, as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que elevem o nível vital etc. Enfatiza-se freqüentemente que as festas populares conduzem ao excesso, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito. Existem igualmente cerimônias religiosas que determinam como necessidade violar as regras ordinariamente mais respeitadas. Não é, certamente, que não seja possível diferenciar as duas formas de atividade pública. O simples divertimento, [...] não tem um objeto sério, enquanto que, no seu conjunto, uma cerimônia ritual tem sempre uma finalidade grave. Mas é preciso observar que talvez não exista divertimento onde a vida séria não tenha qualquer eco. No fundo a diferença está mais na proporção desigual segundo a qual esses dois elementos estão combinados" (DURKHEIM, [1912], 2007: 543-544).

Nesse sentido, um aspecto importante sobre as festas pode ser encontrado na obra *Invenção das Tradições* de Hobsbawn e Ranger ([1984], 1997: 9), onde:

> "O termo «tradição inventada» possui um amplo sentido, abrangendo tanto as «tradições» que foram de fato inventadas, formalmente institucionalizadas e construídas como aquelas que são difíceis de precisar num período limitado e determinado de tempo".

Na concepção dos autores as tradições inventadas se constituem num "conjunto de práticas – de natureza simbólica ou ritual, tendo como objetivo a revelação de certas normas de comportamento e valores por meio da repetição, resultando numa continuidade em relação ao passado" (Id., [1984], 1997: 9), sendo conduzidas por meio de princípios e regras legitimadas, onde:

> "Inventam-se novas tradições a partir do momento em que velhos usos da tradição genuína entram em um processo de degeneração; quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta [...]. Em alguns casos as novas tradições podem ser prontamente enxertadas nas antigas; ou ainda, ser inventadas com empréstimos fornecidos pelos depósitos bem supridos do ritual, simbolismo e princípios morais oficiais – religião e pompa principesca, folclore e maçonaria - que por sua vez, é uma tradição inventada mais antiga, de grande poder simbólico" (HOBSBAWN e RANGER [1984], 1997: 12, 14).

Do ponto de vista da *Fête des Vignerons,* o cenário se revela análogo, conforme declara a Secretária Geral da *Confrérie des Vignerons*, Sabine Carruzzo-Frey que, de acordo

com o excerto abaixo, extraído do site oficial[1] da referida festa, aborda as mudanças processadas na concepção dessa celebração, quando destaca que:

> "A *Fête des Vignerons* é um OVNI cultural fascinante. Ela é organizada com fervor, apesar das vicissitudes da história, uma vez por geração desde 1797, pelas pessoas da região. Sua origem é ainda mais antiga. Antes da festa, uma alegre procissão anual, que reunia confrades, viticultores e a população de Vevey, partia da igreja de St-Martin para chegar, algumas horas depois, à beira do lago, no *Jardin du Rivage*, onde era realizado um banquete. É um exemplo único de sociabilidade coletiva, o prazer de fazer algo extraordinário juntos, a promoção de um *savoir-faire*, de uma profissão e o amor por um canto específico da terra. A festa representa para o povo da região um marcador de tempo no qual outros eventos se sucedem. Sua especificidade deriva da mistura de tradição e modernidade da qual ela é constituída. É um espelho de seu tempo, um formidável vetor de difusão para a cultura contemporânea, bem como a manifestação da ancoragem de uma região inteira em suas tradições seculares".

Para Durkheim e seus discípulos, a definição de festa pauta-se, sobretudo, na sua função libertadora e recreativa, capaz de gerar um estado frenético de delírio e exaltação (DURKHEIM, [1912], 2007). Ao abordar o sagrado da transgressão na teoria da festa, Roger Caillois ressalta que: "na vida regular, ocupada com o trabalho cotidiano, pacífica, presa em um sistema de interditos, todas as precauções, em que a máxima «*quieta non movere*»[2] sustenta a ordem do mundo, opõe-se à efervescência da festa" (CAILLOIS, [1950], 2015: 66). Além de ser "o oposto da vida habitual, dotada de regras, pois a mesma se caracteriza pelo turbilhão e pelo excesso" (Ibid., [1950], 2015: 67). A festa também é dissociada do aspecto meramente mercantil, sendo também concebida como momento de ludicidade (CHAUÍ, 2006). Nessa performance a realidade pode ser paralela e efêmera, ocasião onde criam-se personalidades ou grupos imaginários míticos (DA MATTA, 1990), onde mesmo um trabalhador da terra pode se transformar em um rei, exemplo disso é a *Fête des Vignerons*. Para mais, as festas são classificadas como sendo de participação, que congregam a comunidade e representação com ruptura entre os protagonistas da trama festiva e espectadores (DUVIGNAUD, [1977], 2012). Ela também possibilita o estreitamento das relações entre a festa e o jogo: combinação de regras, ruptura com o cotidiano, proporciona momento de alegria e limitação no tempo-espaço (HUIZINGA, [1938], 2007). Arendt (2016) traz uma análise à luz da "cultura de massa", evidenciando a estetização do espaço festivo. De acordo com a autora: "a sociedade de massas, [...], não precisa de cultura, mas de diversão, e

[1] Site Oficial da *Fête des Vignerons*. Disponivel em: https://www.fetedesvignerons.ch/la-fete-des-vignerons-est-un-fascinant-ovni-culturel/. Acesso em: 28 de outubro de 2019.

[2] Expressão advinda do latim que significa moderação. Se está tudo bem, ou se parece estar, não há necessidade de se mudar, de despertar ódio ou dissensões adormecidas (dicionário da língua portuguesa).

os produtos oferecidos pela indústria de diversões são com efeito consumidos pela sociedade exatamente como quaisquer outros bens de consumo" (ARENDT, 2016: 152). Sob outra perspectiva, as festas são analisadas levando em conta uma abordagem mercantil e espetacular, considerando a metamorfose transitória dos papéis sociais e a ruptura do cotidiano funcional (GUY DEBORD ([1967], 2003; ELIADE, [1957], 1992). "[...] Uma festa desenrola-se sempre no Tempo original. É justamente a reintegração desse Tempo original e sagrado que diferencia o comportamento humano durante a festa daquele de antes ou depois" (ELIADE, [1957], 1992: 46). Por conseguinte, depois de associá-lo ao sagrado, os teóricos aproximam a festa do tempo, através da noção de ritual (LEACH, 1968; TURNER, [1969], 1990; HOUSEMAN *et al*, 1994; RIVIÈRE, 1995). Ainda, sobre essas celebrações é importante destacar que:

> "Uma festa comporta três elementos essenciais: um excesso consciente, uma afirmação que é também celebração e uma justaposição. Por excesso, quero dizer que a atividade festiva é orgiástica. Vamos "além da medida" e fazemos de propósito [...]. Como uma afirmação que é também celebração, quero dizer que a festa exige sempre que se "diga sim à vida". Ele contém alegria, no sentido mais profundo [...]. A justaposição está ligada à parte do excesso. Isso significa simplesmente que a festa deve marcar um contraste. Deve ser visivelmente diferente da vida cotidiana" (COX [1969], 1971: 35-36).

Na concepção de Godinho (2010: 19) as práticas festivas são momentos que servem para:

> "Celebrar, comemorar e regular os ritmos que permanecem e as concomitantes modificações na sociedade; tornando visíveis as emoções e as paixões que perpassam os quotidianos e os momentos de excepção, as mudanças de estatuto e os ciclos vitais, entre o nascimento e a morte, as estações do ano, os trabalhos e os ócios. Estas realidades, patentes e mutantes, embora evanescentes, são conhecíveis dentro dos limites do espaço, do tempo e dos grupos sociais".

Por outro lado, Lefèbvre (1991) reconhece na festa a sua capacidade de se reinventar, sua natureza recriadora, de tal modo que os festivais tentam, sem jeito, recriar a festa, culminando com celebrações cada vez mais espetacularizadas. Nessa dinâmica, os rituais, antes produções de caráter quase espontâneo, inerente aos valores e às tradições populares dos grupos sociais, vêm sendo institucionalizados pelos setores público e privado, assumindo novos papéis e dimensões, convertendo-se em grandes espetáculos urbanos que, por vezes dissimulam profusos interesses comerciais. Ao pensar a festa na contemporaneidade, onde a perspectiva mercantil é bastante imbricada, chegamos numa altura em que se percebe "a cultura de nosso tempo, caracterizada como uma cultura de globalização acelerada, como um recurso" (YÚDICE, 2004: 25). Na obra "*Essai sur le Don",* Marcel Mauss ([1925], 2007), a

partir da observação da Instituição nativa americana do *Potlatch*[3], constata nos eventos festivos elementos que vão além da lógica puramente simbólica, pois observa, também, os aspectos econômicos, políticos e sociais. Para o autor, a festa é percebida como um fato social "total". Envolve um universo de entrelaçamentos e relações diversas, funciona como espaço de troca e intercâmbios, momento onde se estabelecem vínculos e a ampliação dos laços sociais. Do ponto de vista de Mauss ([1925], 2007: 145-146): "ela é bem mais que um fenômeno jurídico [...]. Ela é religiosa, mitológica, sistemática. [...] é econômico e temos que medir o valor, importância, razões e efeitos dessas enormes transações. [...] e os fenômenos estéticos que são extremamente numerosos". Na publicação a "*Sociedade do Espetáculo"* de Guy Debord, as festas são associadas à modalidade de consumo acompanhadas da mercadorização onde:

> "Na forma do indispensável adorno dos objetos hoje produzidos, na forma da exposição geral da racionalidade do sistema, e na forma de setor econômico avançado que modela diretamente uma multidão crescente de imagens-objetos, o espetáculo é a principal produção da sociedade atual" (DEBORD, [1967], 2003: 18).

Reiterando Greimas (1971: 4-9 *apud* MESNIL: 1974: 19-20), Mesnil salienta que as festas se folclorizaram:

> "Do ponto de vista semiótico, esta passagem à «folclorização», se qualifica como «uma passagem da etno-semiótica para a sócio-semiótica». [...]. Um fenômeno mítico global [...] se dissolve e surge no limite, nas chamadas sociedades desenvolvidas, na forma de discursos desconexos e autônomos: poesia, música, dança. Ao invés de serem conotadas como manifestações do sagrado, essas várias linguagens autônomas assumem, nas macro-sociedades, funções lúdicas ou estéticas. Ao invés de serem manifestações coletivas, as expressões poéticas, musicais ou gestuais são, quanto à sua produção e uso, estilísticas individuais. [...]. A festa, que corresponde à um «objeto semiótico complexo», é «desmantelada» conservando apenas alguns aspectos formais de seu modelo original; ela transmite o simbolismo de uma visão do mundo, à qual não corresponde mais nenhuma cultura social; a festa se dessacraliza tornando-se espetáculo (a ruptura assume conotações lúdicas ou estéticas); ela se individualiza e é «consumida» e não mais vivida (sendo o seu suporte um grupo informal e não mais uma comunidade); [...], ela torna-se um «*faire-voir*» e não mais um «*faire-faire*»".

Nesse sentido, assiste-se uma inversão, na qual as categorias direcionam-se menos ao sagrado com uma tendência maior à estetização, evidenciando sobretudo o individual, deixando de lado o caráter de manifestação da coletividade. As celebrações acabaram tornando-se objetos de consumo, transformando-se em espetáculos. Esse fenômeno foi

[3] O *Potlatch* é uma cerimônia praticada entre as tribos indígenas da América do Norte como o *Haida*, os *Tlingit,* os *Salis* e os *Kwakiutl.* Consiste numa celebração religiosa de homenagem, geralmente envolvendo um banquete com a renúncia a todos os bens materiais acumulados pelo homenageado – bens que devem ser entregues a parentes e amigos. A própria palavra *potlatch* significa doação, caracterizando o ritual como de oferta de bens e de redistribuição da riqueza. Por outro lado, o homenageado também espera receber presentes daqueles para os quais doou seus bens, quando estes fizerem o *Potlatch*. Dar representa a própria essência do *Potlatch* (MAUSS, [1925], 2007).

apontado por Mariane Mesnil que contribui, ainda, revelando que com o passar dos anos um elevado número de festas se espetacularizou, ganhando novas formas e contornos, assim, a dimensão lúdica cede lugar à estética e o discurso de produção se orienta na concepção de que um grupo produz enquanto outros consomem:

> "De facto, vamos assistir ao estabelecimento de um regulamento relativo à festa, e mais especificamente às normas do traje (de Gille), que visa salvaguardar uma imagem da personagem que, como vimos, é de facto a de um estado de transição que é criado paralelamente às transformações do contexto. [...] Em seguida, passamos a considerar um terceiro sistema «desmantelado» correspondente ao contexto da festa atual. E é justamente esse caráter de «folclorização» que nos permite extrair dela um novo sentido, aquele mesmo que constitui sua «desmantelação». [...] Corresponde a um «espetáculo» do personagem e da festa, paralelamente ao seu «consumo» pelos participantes, um processo de «apropriação» de bens ou «estilos» culturais como diz Lefèbvre específico a este novo contexto que excede os limites da «comunidade»" (MESNIL, 1974: 42-43).

Com um olhar voltado às transformações processadas no campo tecnológico, Claval (2012) faz referência às práticas culturais a partir das transformações e reinvenções ocorridas, em especial aqueles aspectos que se intensificaram nas últimas décadas - informação e comunicação e a importância dos contatos interpessoais nesse processo. Cretin (1999) corrobora com esse ponto de vista conferindo, ainda, importância aos processos relacionais, abordando a festa na perspectiva da imprescindibilidade, onde todos os indivíduos sentem a necessidade de interagir nos diferentes contextos sociais coletivos:

> "Todas as populações sentiram a necessidade de se regenerar em instituições coletivas (ritos, costumes, usos) e de dar à sua existência uma dimensão sagrada misturada com esperanças e medos para garantir uma vida após a morte, para dominar o imprevisível (demônios, feitiçaria, epidemias), para reconciliar os elementos cósmicos, para fortalecer sua coesão social" (CRETIN, 1999: 3).

Parafraseando Cretin (1999), analisar uma festa requer muita atenção e cautela, pois embora possamos encontrar semelhanças, nenhuma é completamente modelada à outra, isso porque cada celebração possui sua própria identidade, particularidade. Além disso, antes de adquirir os aspectos evidentes na contemporaneidade, as festas do calendário evoluíram e acompanharam gradativamente as mudanças, as práticas, os padrões e as novas concepções processadas no cerne das populações. Isto posto, tal afirmação reforça aquilo que Cunha (2006: 166) manifestou, revelando que: "cada festa faz parte de um sistema de ordenação do tempo e nesta medida ela deve ser pensada a partir do seu lugar dentro do sistema mais vasto de que participa".

1.2 Narrativas de outras festas: Um olhar sobre as celebrações espaçadas no mundo

Em uma sociedade onde o contexto lúdico e do lazer conquistou paulatinamente seu espaço mundialmente, as festas adquiriram, também, destaque e relevância no cenário social. Com isso, assistimos a uma elevação na escala e no quantitativo de eventos de natureza ambiental, cultural, esportiva, comercial, política, que atrai um público cada vez mais denso de participantes e espectadores. É o caso da *Fête des Vignerons*, que no princípio era uma celebração bastante modesta, assentada em uma simples procissão anual e que, com o passar do tempo, se transformou em uma festa-espetáculo de temporalidade dilatada. Mesmo com a atipicidade do largo espaçamento entre festas, acolheu em 2019 na cidade de Vevey – localidade com pouco mais de 19.000 mil habitantes, cerca de mais de um milhão de visitantes, durante quase um mês de evento, reforça o Jornal 24Heures[4], exibido em 11 de agosto de 2019, precisando que no decorrer das vinte apresentações oficiais diurnas e noturnas na arena, o espetáculo contou com a participação de quase 375.000 espectadores, incluindo os 20.000 convidados que assistiram gratuitamente aos ensaios antes da abertura oficial do evento.

Dessa maneira, esses números nos dão conta que essa foi uma das festas, entre as onze edições organizadas desde 1797, com o maior número de frequentação. Por outro lado, é importante destacar que as celebrações no mundo que apresentam o fenômeno da temporalidade ainda se constituem num elemento de pouca expressividade, se comparado por exemplo às festas que seguem um calendário anual, bianual, trianual; além disso, os estudos em torno desse tema são relativamente restritos, com um módico quantitativo de pesquisas, dificultando o processo analógico e a compreensão de outras dinâmicas em contextos socias divergentes. Assim, refletir sobre as celebrações espaçadas no mundo requer, antes de tudo, uma abordagem preliminar dos aspectos relativos à temporalidade. Nessa perspectiva, algumas considerações sobre a ideia de tempo têm sido interpretadas sob dois aspectos: enquanto dimensão narrativa, tendo como adeptos Benveniste (1966) e Ricoeur ([1913], 1997) e como experiência social, abrangendo autores como Pomian (1984], 1993), Elias ([1984], 1998) e Hartog (2003).

[4] Une folie unique au monde. Data publicação 11 de agosto de 2019. Disponivel em: https://www.24heures.ch/vaud-regions/folie-unique-monde/story/23649008. Acesso em: 18 de julho de 2019.

Nesse sentido, para Pomian ([1984], 1993) o tempo pode ser compreendido como uma arquitetura temporal que integra num mesmo período uma diversidade de sentidos temporais. Segundo ele:

> "Curiosidade, angústia ou esperança, o interesse que se dedica ao futuro, apresente-se como se apresentar, está provavelmente na origem de todas as investigações relativas ao tempo. E é certamente o tempo que exploram as religiões, as ideologias e a ciência (mais pretensa que real), assim como os poderes que as utilizam. Optando por certas periodizações, traduzindo-as em cronologias, impondo-as com sistemas de festas oficiais, com o ensino obrigatório e toda uma propaganda, eles tentam na realidade suscitar as expectativas e orientá-las no sentido de um reforço de adesão dos indivíduos ao regime económico, social e político, e, portanto, da sua obediência" (POMIAN, [1984], 1993: 209).

Tendo em conta a sua dimensão social, Norbert Elias ([1984], 1998: 33) nos indica que: "a percepção do tempo exige centros de perspectivas - os seres humanos - capazes de elaborar uma imagem mental em que eventos sucessivos, [...], estejam presentes em conjunto, embora sejam claramente reconhecidos como não simultâneos". Para o autor, "a expressão «tempo» remete a esse relacionamento de posições ou segmentos pertencentes a duas ou mais sequências de acontecimentos em evolução contínua. Se as sequências em si são perceptíveis, relacioná-las representa a elaboração dessas percepções pelo saber humano" (Ibid., [1984], 1998: 13). Corrobora ainda afirmando que:

> "Em suma, precisa-se daquilo a que chamamos calendário. A sucessão irreversível dos anos representa, à maneira simbólica, a sequência irreversível dos acontecimentos, tanto naturais quanto sociais, e serve de meio de orientação dentro da grande continuidade móvel, natural e social. Numerados, os meses e dias do calendário passam então a representar estruturas recorrentes, no interior de um devir que não se repete" (ELIAS, [1984], 1998: 10).

Para tanto, a temporalidade é apontada por Hartog (2003) como fulcral na percepção do regime histórico testemunhado em diferentes períodos. Do ponto de vista desse novo regime histórico, chegamos à altura em que assistimos certa tendência ao presentismo, além da sua sobreposição no tocante ao futuro. Nessa perspectiva:

> "A ordem do tempo foi posta em questão, [...]. Arcaísmo misto e modernidade, fenômenos fundamentalistas são moldados, em parte, por uma crise do futuro, enquanto as tradições a que se voltam para responder aos infortúnios do presente, sem traçar uma perspectiva futura, são em grande parte «inventadas»" (HARTOG, 2003: 13).

Do ponto de vista do tempo cronológico, Benveniste (1966) destaca que:

> "Em todas as formas de cultura humana e em todos os momentos, nós constatamos de uma forma ou de outra um esforço para objetivar o tempo crônico. É uma condição necessária para a vida das sociedades e da vida dos indivíduos em sociedade. [...]. Este tempo socializado é o do calendário. Todas as sociedades

> humanas instituíram um cálculo ou uma divisão crônica do tempo com base na recorrência de fenômenos naturais, alternância de dia e noite, trajeto visível do sol, fases da lua, movimentos das marés, estações do clima e vegetação, etc. [...] Os calendários têm características comuns que indicam as condições necessárias que eles devem atender. Eles procedem de um momento axial que fornece o ponto zero do cálculo de um evento tão importante que deve dar às coisas um novo curso (nascimento de Cristo ou do Buda, etc.). Esta é a primeira condição, que chamamos de estativa" (BENVENISTE, 1966: 5-6).

Numa análise à luz dos sistemas festivos e da noção de tempo, cabe destacar que ambos se desenvolveram simultaneamente por meio do trabalho coletivo de gerações. Nessa perspectiva, o tempo pode ser considerado como um quadro geral para a cosmologia ou como um conjunto de unidades do calendário. Considerando "o tempo como um cenário cosmológico, a festa, como um momento excepcional, seria mimética do caos original" (FOURNIER, 2005: 42).

Parafraseando Torres (1999), o tempo é a expressão do cotidiano dos atos lógicos e ilógicos, mediado por normas sociais pré-estabelecidas e signos que regulamentam o comportamento, é um fazer histórico no espaço. Segundo Ricoeur ([1913], 1997), a ideia de tempo está diretamente relacionada ao modo narrativo que pressupõe a instauração de um tempo próprio - o tempo humano, transmutado em tempo da história. Ao abordarmos as concepções sobre a ideia de tempo logo nos vem à cabeça o calendário. Nas reflexões de Ricoeur ([1913], 1997: 180):

> "O tempo do calendário é a primeira ponte lançada pela prática historiadora entre o tempo vivido e o tempo cósmico. Ele constitui uma criação que não depende exclusivamente de nenhuma das duas perspectivas sobre o tempo: embora participe de uma e de outra".

O calendário também foi tema de investigação nos estudos de Le Goff, conforme trecho abaixo:

> "O tempo do calendário é totalmente social, mas submetido aos ritmos do universo [...]. O calendário, objeto científico, é também um objeto cultural. Mas, enquanto organizador do quadro temporal, diretor da vida pública e cotidiana, o calendário é sobretudo um objeto social. Tem portanto uma história, aliás, muitas histórias, já que um calendário universal é ainda hoje do domínio da utopia, ainda que, à primeira vista, a vida internacional dê a ilusão de uma relativa unidade de calendário" (LE GOFF, [1924], 1990: 486).

A periodicidade das grandes festas é uma evidência, visto que sempre haverá um dia na semana ou fim de semana, um feriado ou mês especial para memorar eventos de natureza diversa. Partindo dessa premissa, do ponto de vista da descrição temporal, a regularidade das festas também se constitui numa das características dos grandes eventos que se reproduzem em intervalos variáveis, podendo ser do tipo anual, bi-anual, da década, dos vinte e cinco anos ou até mesmo de ciclos longos entre festas, apesar de esse último não se tratar de uma

circunstância tão comum entre as manifestações populares no mundo. Porém, por uma questão de viabilidade, a periodicidade dessas celebrações deve adaptar-se à escala temporal do homem, na qual a principal função de escandir o tempo pertence, por motivos óbvios, ao ciclo anual. Os aspectos de duração, portanto, também devem ser levados em consideração, pois existem aquelas de curto período, realizadas em um ou mais dias; de médio, que ocorrem em intervalos de duas a três semanas, ou de longa duração que podem durar mais de um mês (LIAUDAT, 2001).

Com base em um levantamento bibliográfico foi possível perceber que as cerimônias que apresentam um ciclo reprodutivo longo, com intervalos remotos e irregularidade entre festas, abrangem uma geografia tímida e modesta, se constituindo em um fenômeno bastante reduzido o número de eventos análogos à *Fête des Vignerons* de Vevey - o que evidencia um caráter intrigante e peculiar. Referindo-nos a estas celebrações destaco a própria Suíça como terreno fértil às festas espaçadas no tempo, pois além da *Fête des Vignerons*, o país é palco de alguns outros eventos de ciclo longo – as Exposições Nacionais, a Festa Federal de Tiro, a Festa Federal de Ginástica, a Festa Federal de *Yodleurs ou Yodel*, a Festa Federal de Luta, a *Fête du Blé et du Pain* e a *Fête d'Unspunnen.* No que se refere ao contexto mundial temos ainda a Famadihana ou Festa dos Mortos (Madagascar), o *Kumbha Mela* (Índia), a Festa dos Tabuleiros de Tomar (Portugal), as Festas do Povo em Campo Maior (Portugal) e o Sigi (Mali). Entretanto, é evidente que essa seleção não esgota o repertório festivo dos eventos espaçados no tempo.

No decorrer do século XVII uma variada bibliografia tem sido conservada, sobretudo aquelas que portam um conjunto de discursos de natureza ideológica que procuram consolidar a *Fête des Vignerons* como «identidade nacional» numa proposta de matriz anciã que recorre ao mito de que ela *"parece ser da mais alta antiguidade e se perder na noite do tempo"* (CARRUZZO-FREY e DUPONT, 1998; CARRUZZO-FREY e ABBOTT, 2019, grifos meus). Assim, essa celebração se constituiria numa das expressões emblemáticas do país, tendo na sua temporalidade um componente de distinção entre as demais festas. Algumas narrativas sobre a celebração em estudo estão particularmente evidentes nas obras de autores como Rod (1905), De Jongh e Perrochet (1927), Apothéloz (1977), Burnand (1955), Luginbuhl (1999), Carruzzo-Frey e Dupont (1998), Carruzzo-Frey e Abbott (2019), Imsand *et al* (1977), Gétaz (1969), Mayor (1955), Sauter (1999), Debluë (1999), Ramuz (1927, 2012), Rochaix (1999), Chardonnens (2019), Hofmann (2019).

O longo interstício entre celebrações na FDV já atingiu intervalos de até 28 anos. Exemplo disso foi o evento de 1927, que esperou até 1955 para que se concretizasse. Essa dinâmica temporal

representada através do seu ciclo festivo parece funcionar como um elemento de agregação de valor, "um algo mais", servindo inclusive como estratégia de marketing no processo de atração de partícipes. Essa dinâmica pode ser atestada nos diversos *slogans* divulgados antes e durante a festa de 2019, com frases que remetiam a sentimentos como a compunção, remorso, arrependimento em caso de esquecimento ou de ter deixado de participar da *Fête des Vignerons*, conforme publicidades lançadas no decurso do evento: *"a ne pas rater", "une fête perdue, 20 ans de malchance"*, *" j'irai à la Fête des Vignerons"*, portando como legenda central *"La Fête des Vignerons, une tradition vivante"*. Segundo a plataforma Genève Bussines[5], o marketing utilizado visa claramente atrair aqueles que vivenciaram as festas precedentes; do mesmo modo, a concepção contemporânea tem por objetivo aguçar a curiosidade do público jovem.

Numa análise das percepções dos Veveysannes no que concerne o tempo dilatado da FDV, as narrativas quase sempre invocam algo relacionado à tradição, ou simplesmente aquilo que se convencionou - um hiato permitido, como ainda o caráter diferenciado que faz desse evento um "*ovni* cultural" (se referindo a algo fora do comum - um extraterrestre). Para mais, o extenso período de "dormência" da festa é motivo de muitas indagações, despertando a curiosidade na compreensão dos aspectos que condicionam esse cenário. Na tentativa de aclaração dessas circunstâncias alguns estudiosos do assunto elencam possíveis agentes determinantes nesse processo. Um deles refere-se aos períodos tempestuosos, marcados por guerras e catástrofes naturais, atuando como elemento de coibição; o outro se relaciona aos altos custos financeiros envolvidos, pois à medida que o evento se expandia, ia adquirindo uma dimensão vultosa até a sua transformação em festa-espetáculo. No caso específico dessa celebração, uma das narrativas mais empregadas para explicar o longo distanciamento conservado ainda hoje, se justifica em função do fator econômico.

Ainda que se trate de uma produção festiva bastante divergente, se comparada à *Fête des Vignerons*, numa análise à luz da temporalidade, podemos citar como referência as Exposições Nacionais da Suíça. Abrangem intervalos de mais de 25 anos entre festas, sendo processados, em média, durante o período de cinco meses, geralmente entre maio a outubro. No decorrer dos séculos foram promovidos apenas seis desses eventos (1883, 1896, 1914, 1939, 1964 e 2002). Isso se deve em grande parte em razão da dimensão do projeto que demanda grandes somas de recursos financeiros, o envolvimento de uma expressiva comissão disposta a atuar

[5] Os dados referentes a esse excerto foram obtidos na plataforma colaborativa de economia, mercado de trabalho e recursos humanos da Suíça – Geneva Business News. Fonte : BERNHARD, Sonan. La *Fête des Vignerons* lève un coin de voile sur son affiche 2019. Data da publicação: 29 de maio de 2018. Disponivel em : https://www.gbnews.ch/fe%CC%82te-vignerons-leve-affiche-2019/. Acesso em : 15 de Janeiro de 2019.

voluntariamente; o apoio, a contribuição e o engajamento financeiro da confederação, dos patrocinadores e doadores privados, além das garantias em caso de prejuízo. Se tomarmos como base as exposições de 1883 e 1964 respectivamente, os gastos saltaram de 3,6 para 187 milhões de francos (ARCHIVES FÉDÉRALES SUISSES, 2000), o que representa uma despesa astronômica, caracterizando o evento como oneroso e inviabilizando a sua periodicidade regular. Essas Exposições Nacionais com imbricado discurso patriótico, sob forma de encenação festiva, são eventos cosmopolitas grandiosos que nasceram sob o impulso de comitês e associações econômicas locais, com o apoio de instituições estatais, inspiradas em feiras econômicas regionais, moldadas em torno de temas previamente estabelecidos. Destina-se a atender expectativas e interesses sócio-políticos, tendo como propósitos oferecer vitrines para produtos da indústria e das artes, exaltar o progresso e a modernidade no país. Na concepção de Centlivres (2002), as exposições nacionais na década de XIX e na primeira metade do século XX apresentavam duas funções principais. A primeira para uso externo, com vistas à afirmação da capacidade competitiva de produção do país em relação ao mercado exterior, e a segunda, interna, associada à contribuição da Suíça no contexto das nações. Fica evidente a existência de componentes do campo da identidade nacional de 1883 a 1964, aspecto conhecido por Benedict Anderson como imaginação nacional[6] – "tudo acontece como se os suíços compensassem a falta de substância identitária comum por demonstrações concebidas como rituais periódicos" (CENTLIVRES, 2002: 312). Nesses eventos também era possível observar o uso de muitas frases de efeito como o tema "pequeno país capaz de grandes coisas"; ou "pequeno povo grande pela coragem e pela energia omnipresente"; ou ainda "o pequeno se mostrando o maior" (ARLETTAZ *et al*, 1991: 16). Esse evento deixa claro sua função econômica e o espírito nacionalista vinculados, tendo esse segundo sido evidenciado na exposição de maio de 1883, por meio do discurso do Conselheiro Federal "... não podemos nos impedir de sentir orgulho quando vemos tudo o que um pequeno povo, pouco favorecido pela natureza, é capaz de criar de riqueza ... " (ARLETTAZ *et al*, 1991: 16-17). Cabe considerar que essas Exposições representam verdadeiros espetáculos, que exigem um tempo longo de preparação e arrecadação do

[6] Na concepção do autor, num espírito antropológico, a definição de nação seria uma comunidade política imaginada – e imaginada "como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana. Ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles" (ANDERSON, [1983] 2008: 32). Segundo ele as "comunidades imaginadas" são idealizadas por meio de práticas administrativas e culturais dos estados modernos, visando incentivar os sujeitos a definir suas obrigações enquanto membros de um grupo que, teoricamente, é homogêneo e especial pela própria natureza. Essas práticas atuavam como incentivadoras no processo de busca dos homens pelas suas próprias identidades e a precisarem suas obrigações com o Estado. Fonte: ANDERSON, Benedict ([1983], 2008). Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottmann. São Paulo, Companhia das Letras. 336p.

fundo cerimonial, haja vista sua dimensão desmesurada. A próxima edição está prevista para ocorre em 2027 e traz como temática a coesão entre o homem e o trabalho.

A prática de tiro na Suíça é uma atividade esportiva que dá origem a uma festa nominada Festa Federal do Tiro ou *Fête Fédérale de Tir*, como é comumente conhecida na língua local. Tal como a *Fête des Vignerons,* apresenta a atipicidade temporal no seu modo festivo com espaçamento de até três anos. Organizadas pelas sociedades de tiro, desde o século XIV, conhecidas pela designação de abadia, portavam certo poder e respeito, pois também estavam implicadas na defesa da região, perdendo sua autonomia somente após a divisão interna da Confederação. Assim, o último tiro livre foi realizado em 1683, na comuna do cantão de Lucerna (Sursee). Celebração de caráter lúdico-esportivo e patriótico compreende performances como: tiros, jogos, concursos, conhecimento de armas, as procissões que pontuam o evento com o desfile dos atiradores, a recepção da bandeira federal, as excursões, acrobacias, queimas de fogos, o sermão patriótico. Além do mais, é exclusivamente nessa altura que se efetiva a Assembleia Geral – momento onde muitas decisões e diretrizes são tomadas. Entre os séculos XV e XVII foram organizados alguns concursos de tiro livre e várias competições em diferentes regiões a fim de estabelecer e preservar os laços entre a comunidade. Já no século XIX surge uma nova modalidade, o tiro republicano com acepção patriótica, seguindo uma orientação de resistência e oposição ao regime monarca (KERN, 2005).

A primeira Festa Federal de Tiro ocorreu em 1824, no cantão de língua alemã (Argóvia) e após três anos, em 1827, se processou na Basileia (noroeste da Suíça). Depois disso, por uma questão de conveniência, um torneio era organizado por ano, mudando em seguida para cada dois ou três anos, em função da situação política do país. Normalmente essas festas duravam dez dias e ocorriam nos meses de junho a julho, recebendo atiradores de todo o país e do exterior. Esses eventos evoluíram rapidamente para importantes festas nacionais, abrigando entre 1824 e o final do século um aumento significativo tanto no número de doações para a organização festiva (de 10.000 para cerca de 300.000 francos), como no quantitativo de membros da *Société Suisse des Carabiniers* – responsáveis por sua produção. Mas foi principalmente por sua natureza política e patriótica que o tiro federal assumiu importância considerável no século XIX, pois os confederados se serviam dessas ocasiões para disseminar e partilhar ideias republicanas liberais e radicais (KERN, 2005).

Outro evento de caráter esportivo, patriótico e nacionalista, outrora associado aos princípios militares, a Festa Federal de Ginástica era ritmada por exercícios físicos, executados por jovens, dotados de regras onde a disciplina e a regulamentação paramilitar se constituíam como fundamentais. Considerado um dos maiores eventos de cunho esportista do

país, porta um lapso temporal festivo de até seis anos. A primeira edição foi organizada em 24 de abril de 1832, em Aarau[7], mesma data da fundação da Federação Suíça de Ginástica. No decurso dos seus primeiros trinta e cinco anos a periodicidade desse evento era anual, passando em 1867 a ser bienal, por conseguinte, em 1888 trienal e em 1947 a temporalidade se fazia a cada quadriênio. Somente em 1972 foi decidido, em comum acordo, que ela seria realizada a cada seis anos, dinâmica que perdurou até os dias atuais, à exceção dos períodos de guerra, quando ocorria sua suspensão. Entre as performances existentes podemos citar: a recepção da bandeira central, o espetáculo da cerimônia de abertura, danças e coreografias, modalidades de ginástica, acrobacias, a prática de vários esportes e o cortejo pelas ruas (VON e*t al*, 2002). É importante destacar que no decurso do tempo cada Festa Federal de Ginástica procurou consolidar uma imagem, indo desde um componente a serviço da economia do país (1891), uma prática militar (1903, 1924, 1947, 1951, 1959), como símbolo de disciplina (1924), enquanto elemento de manifestação patriótica (1947), como componente fundamental à democracia do país (1951), empenhado na defesa nacional (1959). Com o passar dos anos ela também atravessou constantes mudanças onde as encenações foram atenuadas através da inserção da música e de performances cada vez mais leves e com maior liberdade, visando adaptar-se às tendências contemporâneas (RTS, 1978).

Outro exemplo de celebração de ciclo longo da Suíça é a Festa Federal de *Yodleurs,* evento folclórico, que reúne diversos cantores do *Yodel* organizado pela Associação Federal de *Yodleurs,* idealizada pela primeira vez em 1924, tendo lugar a cada três anos. Esse evento reúne as composições conhecidas pelo nome de *Yodleurs*[8], as trompas dos Alpes, os atiradores de bandeiras que participam de uma competição honorária através do qual são julgados pela qualidade de seu desempenho, além da comensalidade que se realiza com a associação da comida e bebida e a apresentação de grupos folclóricos com um cortejo pela

[7] A cidade de Aarau, pertencente ao cantão alemão da Suíça, possui grande experiência na organização de festas federais, haja vista que a mesma foi palco das oito celebrações de ginástica (1843, 1851, 1857, 1882, 1922, 1932, 1972 e 2019). Ela também foi cenário para os Festivais Federais de Yodel de 2005, do Festival Federal da Luta e dos Jogos Alpinos em 2007, do Festival Federal de Tiro em 2010 e do Festival Federal de Música Popular em 2015 (VON e*t al*, 2002: 53-57). Fonte: VON, Herausgegeben; TRIET, Maximilian; SCHILDKNECHT (2002). *Les Fêtes Fédérales* de Gymnastique 1832-2002: Coup d'oeil sur un événement national. Schweizer Beiträge zur Sportgeschichte Band 4. Weltbild Olten.

[8] O *Yodleurs* (*Yodel*, *Jodel*, *jodle*, *yodl*, *jodl* ou youtse*)* é um tipo de música sem texto ou palavras, que consiste em passar sem transição da voz do peito (ou " do corpo ") à voz da cabeça ("falsete") e vice-versa, por uma série de vogais e consoantes sem significado. O *yodel* cobre um amplo espectro sonoro, variando entre os vocais puros, quase clássicos, a uma voz arcaica. Na Suíça, é subdividido em *yodel* natural, feito de melodias sem texto que soam de diferentes formas de região para região e yodel cantado composto de estrofes e um refrão *yodlé.* Fonte: LISTE INDICATIVE DU PATRIMOINE CULTUREL IMMATERIEL EN SUISSE (2014). Office federal de la culture – OFC, Suísse: 13.

cidade encerrando o evento (BAUMANN, 2009). A literatura existente não indica a causa do lapso temporal.

A Festa Federal da Luta ou *Fête de la Lutte,* surge no século XIII. Conhecida como "*lutte à la culotte*"[9], espécie de combate específico da cultura alpina onde os adversários se enfrentam tentando derrubar o outro se apoiando no calção que cada pessoa porta. Organizada a cada três anos, essa competição reúne os melhores reis da luta, sendo a primeira ocorrida em 1895, no cantão de Berna, e as últimas tiveram lugar em 2013, 2016 e 2019. Apesar das festas federais se processarem somente a cada três anos, uma programação de pequenas lutas cantonais ocorre durante todo o ano em diferentes cantões (TREICHLER, 2009), visando manter viva a tradição. Entretanto, é importante destacar que os registros documentais não revelam as razões específicas desse tempo longo entre cada evento.

A Festa do Cereal e do Pão, ou se preferir, *Fête du Blé et du Pain*, acontece em Échallens no cantão de Vaud, na Suíça. Esse evento ainda que não totalmente moldado ao modelo da *Fête des Vignerons*, abriga algumas características que se assemelham, no entanto, é importante destacar que essa celebração relativamente recente não convoca os mesmos critérios de análise que a FDV. Surgiu pela primeira vez em 1977, com a finalidade de celebrar e promover a cultura do trigo e seus derivados - *Feriae Sementivae*[10], a valorização dos profissionais agrícolas, dos trabalhadores da panificação local e das técnicas artesanais de moagem, bem como a estimulação do dinamismo econômico e social na região. Apresenta como característica a temporalidade atípica, onde cada festa se processa no intervalo de dez anos. Desde a primeira *Fête du Blé et du Pain* que teve lugar em 1977, foram realizadas apenas cinco edições[11]. A influência ligada ao cosmos, ao sol, ao *savoir-faire*, à exaltação da

[9] *Lutte à la culotte*" ou a luta com as calças é uma competição onde os lutadores usam uma espécie de bermuda larga com barris curtos em material de lona e cinto. Abrange várias regras que, ao contrário da luta greco-romana, os lutadores sempre devem segurar as calças do oponente objetivando jogá-lo no chão sem largar as calças. O vencedor recebe como recompensa um jovem touro e o reconhecimento como homem mais forte da Suíça. Fonte: TREICHLER, Hans Peter (2009). Dictionnaire Historique de la Suisse. Disponivel em: https://hls-dhs-dss.ch/fr/articles/027280/2009-10-08/. Acesso em: 20 novembro 2018.

[10] Louis Delatte (1936: 381) empreendeu um estudo sobre as celebrações pertencentes ao calendário romano, intitulado "*Fêtes mobiles du calendrier Romain"*, classificando-as nos seguintes grupos: *Feriae Conceptivae* (não haviam data fixa para acontecer, onde a escolha do período da celebração ficava a cargo dos padres ou magistrados). Havia ainda a *Feriae Sementivae* (evento relacionado à vida do trigo, também conhecido pelos codinomes de *les Fornacalia, le Florifertum, L'Augurium Canarium*). Portando interesses mais generalizados tínhamos a les *Paganalia, les Compitalia, L'Amburbium.* Fonte: DELATTE, Louis. Recherches sur quelques fêtes mobiles du calendrier romain. In: L'antiquité classique, Tomé 5, fasc. 2, 1936: 381-404.

[11] Quanto à cronologia das edições, as festas precedentes tiveram lugar nos anos de 1977, 1978, 1998, 2008 e 2018. Quanto ao período do seu ciclo festivo em 1977 ela teve lugar em novembro, em 1978 se processou no mês de agosto, em 1989 em abril e em 1978 em julho. Em 1998, 2008 e 2018 tiveram lugar no mês de agosto. Alusivo ao público participante em 2018, o evento contou com a presença de 40.000 espectadores, 2.500 colaboradores voluntários, 12 profissionais do ramo artístico amador, 300 cantores, 5 músicos, cerca de 400

terra, do *terroir*, da cultura e da natureza é, em sua essência, o cerne desta celebração. Evento intervalado se caracteriza por um espetáculo a céu aberto através da representação teatral, acompanhado de performances que incluem o teatro, a pirotecnia, a dança, a música, o malabarismo. Análogo à *Fête des Vignerons*, esse evento é constituído por voluntários que dedicam seu tempo e conhecimento nos mais diversos segmentos, tendo abrigado em 2018, no espetáculo nominado de "*Solstícios*", uma média de 2.500 pessoas envolvidas. Trata-se, portanto, de uma festa espetacularizada de grande porte, por isso a necessidade de recursos financeiros, do engajamento de profissionais em setores estratégicos e toda estrutura física e material indispensável à estruturação do espaço festivo, critérios que inviabilizam sua frequência. A *Fête du Blé et du Pain* se produz em um meio urbano com forte vocação agrícola, em razão das profusas culturas do trigo e dos cereais na região. Ela evoluiu e se modernizou gradativamente, porém preservou o seu conteúdo histórico e sua base rural.

Do ponto de vista da sua temporalidade, outra festa irregular do país se intitula *Fête d'Unspunnen.* Idealizada por quatro membros da aristocracia da cidade de Berna[12] pertencentes à Sociedade dos amigos Bernois dos Antigos Costumes e Tradições Patrióticas, apresenta uma interrupção com intervalos de 12 anos entre eventos. Foi celebrada pela primeira vez em 1805, apesar de sua origem remontar ao século XIII. Uma segunda edição teve lugar em 1808, sendo em seguida abandonada por quase um século e conduzida posteriormente de forma esporádica nos anos de 1905, 1946, 1955, 1968, 1981, 1993, 2006 e 2017.

Esse hiato que separa uma festa da outra se justifica, sobretudo, em função dos aspectos financeiros, levando em consideração igualmente os períodos prósperos e sem guerras. O próprio caráter espetacular que esse evento assumiu com o passar do tempo, culmina com a necessidade de somas astronômicas para a produção desses projetos, inviabilizando sua constância. No que concerne à sua base performática, ela associa desde um cortejo com desfile de trajes de época, evidenciando a cultura popular do país, a música folclórica, as danças tradicionais, o armamento utilizado nas competições de tiro[13], o famoso arremesso de

---

extras supervisionados por mais de 25 artistas e 40 técnicos que atuaram durante 12 dias e noites na execução dessa festividade.

[12] Berna se constitui na capital da Suíça de língua alemã, sendo desde 1848 a "Cidade Federal" sede permanente do governo e do parlamento. Abrange cerca de 141. 156 habitantes, segundo dados de 2016, sendo a quinta maior cidade do país. Ela faz parte da lista do Patrimônio Mundial da UNESCO, graças à sua herança medieval preservada ao longo dos séculos. Fonte: Site oficial da Comuna de Berna. Disponivel em: https://www.be.ch/portal/fr/index.html. Acesso em: 5 de outubro de 2019.

[13] A Suíça compreende inúmeras Sociedades de Tiro que com o passar do tempo sofreram diversas transformações. Originalmente consagrada ao tiro com arco esportivo, durante o século XX adquirem um novo formato sendo

pedra[14] e a trompa dos Alpes[15]. Contempla, ainda, os jogos de competição de matriz anciã da cultura pastoril[16]. Festa orientada a um público elitizado, posto que, outrora, seus convivas eram principalmente notáveis da nobreza (Condes, Condessas, Príncipes), membros da aristocracia de toda a Europa, à exceção de determinados pastores dos Alpes, dotados de alguma habilidade nos domínios relacionados às montanhas - Cornetas dos Alpes, na luta, no tiro ao alvo com a besta, etc (HERTZ *et al,* 2018; LOUIS, 2019). Esse evento promovia o imaginário de uma Suíça Alpina, de raízes rurais, carregada de simbologias e histórias românticas, entusiasmantes, ligadas aos componentes rústicos e ao campesinato:

> "Este seria organizado perto das ruínas da cidade velha de Unspunnen, que emergem pitorescamente das árvores e arbustos [...] nas alturas vizinhas; [...] os sons vindos das trombetas dos Alpes seriam amplificados pelo eco. E à noite, as meninas das pastagens nas montanhas se reuniam na encosta da colina sob as grandes nogueiras [...] juntas para cantar canções patrióticas simples e melodiosas que retratam seus costumes..." (DAS FEST, 1946: 139-142).

No que diz respeito à tradição, essa festa nos revela dois aspectos importantes: em primeiro lugar, como ela se constituía; e, em segundo, como esses costumes eram cultivados na época. Por um lado, havia um contraste significativo entre a origem dos organizadores e a dos representantes do povo supostamente celebrados nessa ocasião. Em contrapartida, os meios de publicidade e o tratamento midiático dado à festa a

---

transformadas em sociedade, posteriormente em clubes e associações de tiro esportivo. Fonte: Site oficial das competições de tiro na Suíça. Disponivel em: https://www.swissshooting.ch/fr/schiesssport/ausbildung-richter/wettkaempfe/. Acesso em: 25 de outubro de 2019.

[14] Historicamente, há uma pedra conhecida na Suíça pelo nome de pedra de *Unspunnen* (pierre *d'Unspunnen*). Parte integrante da celebração que leva o mesmo nome. Essa pedra pesa em torno de 83,5 quilos e desde 1805 é um dos componentes da competição de lançamento de pedra. Um aspecto curioso em torno disso, se deve ao fato dessa pedra ter desaparecido em junho de 1984, reencontrada novamente, voltou a sumir em 2005. Fonte: JUBIN, Serge (2001) «Comme tout miracle, le retour de la pierre d'Unspunnen ne s'explique pas», *Le Temps*, nº 1097.

[15] Trompa dos Alpes ou *Le cor des alpes*, se caracteriza por um grande instrumento musical de sopro feito em madeira. Bastante popular na Suíça, pode chegar a até 18 metros. Surgiu no século XIV, sendo a *priori* usado entre os habitantes das montanhas para se comunicar entre si, quer seja para alertar uma vila de algum perigo eminente ou ainda para chamar os aldeões para a igreja, pois o som podia viajar longas distâncias e ecoar nos vales. Do mesmo modo usado por pastores que praticavam transumância alpina. Tais instrumentos se conservam ainda hoje, sendo tocados por pessoas que se vestem em trajes típicos, em especial nas festas populares. Fonte: Histoire du Cor. Disponivel em: www.quatucor.com. Acesso em: 28 de junho de 2019.

[16] Do ponto de vista da cultura pastoril, durante o século XVIII a Suíça propagava a imagem de uma terra de pastores, com diferentes tradições. Essa conjectura se desenvolveu em particular do encontro entre a ideologia Suíça do estado camponês da era moderna (campesinato) e o entusiasmo nascente pelo mundo alpino (Alpes). A poesia pastoral antiga, e em particular as obras de Virgílio, tiveram grande sucesso no Renascimento e no período Barroco. A vida simples e dolorosa, porém, saudável, conduzida em harmonia com a natureza, a felicidade e a sorte de viver em família, as liberdades das montanhas se opunham às maneiras decadentes das grandes cidades. A nostalgia lúdica e poética da vida idílica dos pastores deu origem a uma teoria contemporânea e real da teoria social. Fonte: M. Weishaupt (1992). Bauern, Hirten und "frume edle puren".

definia como uma celebração alpina da população rural, destinada aos pastores (*bergers*), com fortes características desportivas, tendo como objetivo celebrar a chegada dos proprietários de gado durante as pastagens de verão (transumância). Embora todo evento fosse instaurado e orquestrado pelo patriciado da cidade de Berna, constituído em sua maioria pela alta burguesia local e por cidadãos provenientes da nobreza europeia, caracterizando-a como uma festa elitista, ainda assim, ela alimentava um discurso completamente divergente da prática. O segundo propósito, de certa forma recôndito, mascarava objetivos políticos com escopo pragmático, orientados na premência em acalmar os enfrentamentos manifestos entre o campo e a cidade, funcionando como intermediário no processo de restauração da paz social, na redução da pressão que ameaçava se tornar arriscada e, por fim, invocar as virtudes de uma Suíça harmoniosa, bucólica, com vistas ao encorajamento da modernização e inovação da produção agrícola, bem como a estimulação do Turismo, visando a geração de renda e a oportunidade de divulgação da imagem dos Alpes *Bernoises - Eiger, Mönch, Iungfrau*[17] (HERTZ e*t al*, 2018). Isso porque, há alguns anos, sob o regime da República Helvética[18] (1789 – 1803), através do ato de mediação instituído em 1803:

> "Os direitos políticos da população rural foram abolidos e a dominação dos Patrícios da cidade de Berna restabelecidos, o que gerou grande revolta, ocasionando protestos tumultuosos, levando inclusive as autoridades a instaurar uma rede de espiões encarregados de denunciar possíveis resistências e incentivar concomitantemente a reconciliação entre o campo e a cidade" (HERTZ *et al,* 2018: 65).

Esse cenário de vigilância desvelado na festa se apresenta historicamente em diversos outros contextos, através de um histórico de narrativas antagônicas de espionagem que remontam a longas datas no país. O auge se deu durante a Primeira

[17] Os Alpes Bernoises - *Eiger, Mönch, Iungfrau*, correspondem a uma cordilheira localizada na parte central dos Alpes na Suíça. Embora seu nome sugira que elas estejam situadas no *Oberland Bernês*, parte desses Alpes está localizada nos cantões adjacentes de Vaud, Fribourg e Valais. Fonte: Site oficial da Confederação Suíça. Disponivel em: https://www.eda.admin.ch/aboutswitzerland/pt/home/dossiers/unesco-welterbe--schutz-universeller-schaetze-/schweizer-alpen-jungfrau-aletsch.html. Acesso em: 20 de setembro de 2019.

[18] A Confederação Suíça, designação que se tornou popular no século XVIII, ou República Helvética, foi instituída em 1 de agosto de 1291. Ao longo da história ficou conhecido como o país da neutralidade, evitando estado de guerra desde 1815. O país tem como sede várias organizações internacionais (Fórum econômico Mundial, a Cruz vermelha, a Organização Mundial do Comércio, a União Postal Universal, a Organização Internacional para padronização e a sede das Nações Unidas). Foi um dos fundadores da Associação Europeia do Livre Comércio, sendo parte integrante do Acordo de *Schengen*. A Revolução Suíça de 1798 foi a primeira contra a supremacia dos fundadores da Antiga Confederação: Ury, Unterwalden, Schwyz, Zurique, Berna e Lucerna. Fonte: HISTÓRIA DA SUÍÇA: Antiguidades os Helvácios. Disponivel em: https://www.geschichte-schweiz.ch. Acesso em: 8 de setembro de 2018.

Guerra Mundial com mais de cento e vinte casos (1914 e 1918) divulgados nos diversos meios de comunicação, espalhando suspeitas entre a própria população. A repercussão atingiu tamanha proporção, que em 25 de janeiro de 1916 foi instaurado um Comitê que propôs um Projeto de Lei ao Conselho Federal, tendo por objetivo internar nos campos os estrangeiros sem domicílio no país, bem como os espiões condenados pelo tribunal. Em fevereiro do mesmo ano, o Conselho alterou e complementou o documento (artigo 5) relativo às disposições penais sobre o estado de guerra (agosto de 1914), tomadas com relação aos serviços de inteligência, especificando, portanto, que a prática de espionagem em território suíço, em benefício de outras nações seria motivo de sanção, multa e expulsão do país, em casos de cidadãos estrangeiros (VUILLEUMIER, 2014).

Outra narrativa exibida em um documentário pela Rádio e Televisão Suíça (RTS), no dia 18 de novembro de 2019, traz à tona uma investigação acerca dos vínculos entre a confederação Suíça e a inteligência internacional, revelando a existência de um acordo secreto[19] que permitiria aos Estados Unidos espionar cerca de 130 países por 40 anos, graças à empresa Crypto AG (especializada no ramo de segurança em comunicações, informações e na fabricação de máquinas de criptografia), fundada por Boris Hagelin, com sede na Suíça. O pais conta, ainda, com o Serviço Federal de Inteligência da Confederação (Service de Renseignement de la Confédération - SRC), instrumento definido por lei que faz parte da política de segurança do país, onde entre as diversas incumbências existentes, uma delas é a espionagem. É importante notar que foi a própria população que votou a favor da nova lei federal de inteligência (LRens)[20] em 25 de setembro de 2016, que endurece os serviços de vigilância no país em diversos segmentos. Por outro lado, de acordo

[19] Concernante a esse acordo secreto, foi na década de 1930 que a criptografia e a decodificação das comunicações começaram a ser objeto de interesse de diversos países. A Suíça, por seu domínio nesse segmento, sempre desempenhou certa liderança e logo após a Guerra Fria, a Crypto AG que vendia suas máquinas em quase toda missão diplomática mundial ganhou destaque, sendo requisitada por vários países, em especial os Estados Unidos que visavam proteger suas mensagens e decodificar as dos soviéticos. Assim, em um acordo secreto fechado em 1955 entre o diretor da NASA na época (William Friedman) e o diretor da referida empresa, este segundo teria concordado em diminuir a qualidade dos dispositivos vendidos no intuito de permitir que os EUA pudessem acompanhar as conversas estabelecidas em 130 países. Esse acordo veio à tona em 1992 com a prisão no Irã do engenheiro da empresa (Hans Bühler), suspeito de espionagem. Vuilleumier (2014: 73) nos chama atenção para a prerrogativa que abrange Geneva, pois essa região abriga uma série de organizações de relevância mundial, o que faz dela um local privilegiado para a inteligência americana. Fonte: VUILLEUMIER, Christophe (2014). Presses Universitaires de France. «Guerres mondiales et conflits contemporains». n° 253- 78.

[20] A nova Lei Federal de Inteligência (LRens) tem como atribuições a prevenção e avaliação da situação, atuando na deteção e combate ao terrorismo, a espionagem, o extremismo violento, a disseminação de armas de destruição em massa, aos ataques cibernéticos direcionados a infraestrutura crítica. (TRIBUNE DE GENÈVE, 2015).

com o SRC[21], apesar de o monitoramento e controle serem a base desse instrumento, a lei garante a liberdade individual dos cidadãos (TRIBUNE DE GENÈVE, 2015). Contudo, alguns políticos do país divergem dessa perspectiva, em especial os partidos de esquerda, gerando debates, temores e insatisfação. Por isso, não nos parece estranho o entrelaçamento dessas dinâmicas no contexto festivo no país.

No que tange à temporalidade, numa perspectiva mais global, temos a "Famadihana". Celebração que tem lugar em Imerina (Madagascar), onde a prática de "virar os mortos" se traduz em uma festa, através da qual exumações são organizadas a cada cinco anos, podendo chegar a intervalos entre sete, nove ou onze no máximo, consoante a conveniência entre as famílias envolvidas, pois muitos elementos são analisados nesse contexto. Esse evento é considerado pelos participantes como um momento festivo, de alegria e respeito e não uma prática triste e fúnebre. Reconhecido como uma celebração de ciclo longo, de natureza modesta, dispõe ainda de um direcionamento enquanto ritual sagrado, através da comunhão entre a massa festiva e seus antepassados, pois no pensamento malgaxe, estes últimos têm grande influência em todos os segmentos da vida cotidiana, por isso essa obrigatoriedade e respeito com os ancestrais e familiares é fulcral. Considerado, ainda, um lugar privilegiado de práticas simbólicas, por meio da transmissão de normas culturais e valores importantes das gerações mais velhas aos mais jovens, bem como a propagação e distribuição patrimonial dos poderes locais (SANDRON, 2011).

A vocação dessa cerimônia seria, portanto, díade do ponto de vista da transmissão, pois, por um lado, o objetivo se pauta em posicionar os jovens na linhagem de seus ancestrais, como também situar a posição social das famílias no contexto local (SANDRON, 2011: 31). O curso da cerimônia, ainda que modesta, demanda uma articulada organização e doações, tendo em vista se tratar de uma região com pouco ou quase nenhum recurso financeiro para a realização do evento, podendo sofrer variações dependendo da região ou localidade, segundo fragmento abaixo alusivo aos relatos recolhidos nos estudos de Sandron (2011: 36-37):

> "Para organizar uma Famadihana, começamos a preparação no início do ano; os chefes de família se reúnem e discutem datas e despesas. Depois, cada família economiza dinheiro para essas despesas. Dois meses antes da data prevista, solicitamos autorização e depois compramos a *lambamena* (roupa fúnebre). Compramos o arroz e os porcos no dia anterior - se não podemos engordá-los com antecedência. Começamos a preparação cozinhando as refeições. No dia seguinte, parte da família atende os convidados, outros registram as doações, os mais velhos agradecem aos convidados [...] e comemos, comemoramos. Depois da refeição, nos

[21] A pesquisa sobre a SRC foi obtida no site oficial da Confederação Suíça Disponivel em: https://www.vbs.admin.ch/fr/ddps/organisation/unites-administratives/service-renseignement.html. Acesso em: 3 de novembro de 2018.

> dirigimos para dançar diante dos túmulos das famílias e enrolamos os restos com a *lambamena*. Agradecemos aos convidados e a festa termina".

Semelhante ao que ocorre com outras celebrações no mundo, a Famadihana tem atravessado algumas dificuldades, sobretudo relacionado ao funcionamento estrutural da própria festa. Nesse caso específico, em função do contexto extremo de pobreza, por se tratar de uma comunidade carente "podemos diferir se houver o acordo da maior parte, mas muitas vezes levamos em conta a escolha daqueles que estão em dificuldade, porque mesmo que devamos assumir suas obrigações, cada um tem sua própria renda" (SANDRON, 2011: 42). Outros entraves estão associados à dispersão dos indivíduos, aos aspectos relacionados à economia familiar, ao componente patrimonial e sua transmissão intergeracional. Por essa razão, a cerimônia da Famadihana tem assistido ao longo das décadas certo encolhimento, tanto no quantitativo de convidados – em especial os jovens, como têm atravessado durante a segunda metade do século XX uma retração na sua dimensçao festiva, bem como um caráter cada vez mais simplista. Essa dinâmica diverge sobremaneira daquela existente na *Fête des Vignerons*, em função de dois aspectos. O primeiro refere-se ao fato de essa festa ser um evento organizado por uma elite local, em um país abastado. Já o segundo se deve em função do fundo cerimonial ser levantado entre os patrocinadores, geralmente grandes empresas e multinacionais da região. Além do mais, com o passar do tempo têm se tornado deveras opulenta, alcançando gradativamente um público cada vez maior, ainda que entre os jovens isso ocorra em proporções menores. Por outro lado, se aproxima em certos contextos, como o longo tempo, tanto na produção como na organização festiva.

Outro exemplo é o *Kumbh Mela*[22], que se constitui numa celebração de natureza religiosa, de caráter espetacular de grande dimensão. Por vezes, esse evento é comparado a uma espécie de carnaval religioso excêntrico que atrai uma multidão de peregrinos. Festa híbrida que combina componentes relativos à astrologia, espiritualidade, rituais de adoração e de iniciação à vida ascética, tradições rituais (*aartis e yagnas, Snaan Shahi* ou banho real), práticas culturais e sociais. Essa celebração, apesar de revelar um contexto bastante distinto da festa em estudo, ainda assim

[22] Há uma lenda bastante conhecida na cultura local que narra que deuses e demônios se digladiaram por causa de um pote que continha o néctar da imortalidade e nessa batalha algumas gotas caíram em quatro cidades da Índia, Prayagraj, Ujjain, Nasik e Haridwar, onde o Kumbh Mela acontece até os dias atuais (ROY & DEVI, 1955: 4-6). Por outro lado, não se sabe ao certo quando a lenda do Kumbh Mela se cristalizou e começou a atrair peregrinos, uma evidência indica que o historiador chinês (Hiuen Tsang) viajou à Índia no século VII, testemunhando a celebração em Prayag (644 a.c) para em seguida produzir um relato onde registrou uma média de cerca de meio milhão de pessoas reunidas na ocasião (incluíndo imperadores, mendigos, chefes de seitas religiosas, filósofos, estudiosos, ascéticos e aspirantes espirituais), com a cerimônia tendo durado cerca de setenta e cinco dias. Cabe destacar que existem algumas variações quanto à periodicidade do Kumbh Mela (ROY & DEVI, 1955: XXI, XXII).

apresenta algumas semelhanças atreladas ao seu modo festivo: a grande temporalidade e a performance do espetáculo. Esse evento é um dos maiores e mais importantes festivais hindus que ocorre quatro vezes a cada doze anos às margens do rio Ganges, na Índia, acolhendo um número vultoso de pessoas, em sua maioria constituídos por visitantes, *kalpavasis* e *sadhus*[23] ou *samsar*.[24] Nesse caso, a justificativa para o espaçamento no seu ciclo festivo é categórica e se condiciona ao calendário indiano e a combinação dos signos do zodíaco[25]. Em 2013 recebeu uma média de cem milhões de pessoas que, independente da casta, do credo e da religião se reúnem para participar dessa celebração, conduzidos pelos mais diversos estímulos e motivações, indo desde a convicção de mergulhar em um rio sagrado (Ganges e Yamuna), ou a possibilidade de encontrar os *sadhus* provenientes de todas as partes da Índia. Porém, o dia que lança as festividades, considerado o mais sagrado, é o "*Purna Kumbha*", pois acredita-se que o banho realizado neste dia garante a absolvição da alma (ROY & DEVI, 1955: XXI).

Nessa celebração, semelhante à *Fête des Vignerons,* encontramos elementos do campo da temporalidade através do espaçamento de quatro anos entre cada evento, evidentes na Festa dos Tabuleiros de Tomar[26] ou, como é comumente conhecida, Festa do Divino Espírito

---

[23] *Sadhus*, no hinduísmo, é um termo genérico comumente empregado para denotar um sábio, vidente, um santo, ou um ascético, um andarilho ou um monge que renunciou à vida mundana. A origem da palavra vem de *sädh*, que significa "alcançar objetivos". Do ponto de vista das práticas rituais os *Sadhus* são *sanyasi* ou renunciantes, que abdicaram de seus bens materiais, por isso vivem nas florestas e templos do Nepal e da Índia. Fonte: MONIER-Williams. «A Sanskrit-English Dictionary». Acesso em: 30 de agosto de 2019.

[24] *Samsar* são pessoas que abandonaram a vida mundana para seguir exclusivamente as práticas religiosas, vivendo de donativos ou de esmolas. Na maioria das tradições na Índia, incluindo o Hinduísmo, o Budismo, e o Jainismo, o ciclo de morte e renascimento é encarado como um fato natural. Esses sistemas diferem, entretanto, na terminologia com que descrevem o processo e na forma como o interpretam. A maioria das tradições observa o Samsara de forma negativa, uma condição a ser superada. Por exemplo, na escola Advaita de Vedanta hindu, o Samsara é visto como a ignorância do verdadeiro eu, e sua alma é levada a crer na realidade do mundo temporal e fenomenal. Por outro lado, algumas adaptações dessas tradições identificam o Samsara como uma simples *metáfora.* Fonte: MONIER-Williams. A Sanskrit-English Dictionary. Acesso em: 30 de agosto de 2019.

[25] A última combinação dos signos do zodíaco ocorreu em 1954 em Haridwar, quando Júpiter entrou em Aquário e o sol em Áries, em Allahabad, quando Júpiter entra em Áries, o sol e a lua em Capricórnio. Fonte: ROY, Dilip Kumar; DEVI, Indira (1955). *Kumbha: India's Ageless Festival. Bharatiya Vidya Bhavan*: Chaupatty Bombay: 3-4.

[26] Festa de «Ação de Graças», apresenta como principal idiossincrasia a procissão que percorre as ruas decoradas para o festejo (verduras dispostas no chão, colchas coloridas suspensas nas janelas, contando com um número distinto de tabuleiros onde estão representadas as dezesseis freguesias do concelho) sendo recebidos com pétalas de flores lançadas pelo povo. Quanto à variedade performática, a festa contempla: o Cortejo dos Rapazes, das Coroas, do Mordomo ou a chegada dos Bois do Espírito Santo, os Jogos Populares, a abertura das Ruas Populares Ornamentadas, os Cortejos Parciais, o Grande Cortejo ou Cortejo dos Tabuleiros, a Pêza, espetáculos populares recreativos e culturais associados ao *savoir-faire* das Associações do Concelho. A ornamentação das ruas também é uma das particularidades, mas ainda uma das formas da população expressar seu sentimento de pertença e orgulho na participação festiva. O evento conta com diversos voluntários que se empenham durante meses na realização de diversas atividades e a festa conserva segredos que são mantidos até a sua abertura oficial. O Cortejo dos Tabuleiros representa um dos principais motivos de ser da festa que adquiriu importância e deu o nome à celebração, sendo o tabuleiro uma oferta de pão que deve estar bem visível. Fonte: CASTRO, Maria de Fátima Simão de (2013). Saúde e Bem-Estar na valorização da Festa dos Tabuleiros. Dissertação de Mestrado. Instituto Politécnico de Tomar. Escola Superior de Gestão: 79-89.

Santo. Ela ocorre em Portugal, sendo uma das manifestações culturais e religiosas mais antigas do país. Sem data fixa para se realizar, ocorre geralmente entre os meses de junho e julho, no início do verão onde os dias são mais longos e atrativos em razão da situação climática. Sob outra perspectiva, de maneira diferente do objeto de estudo, a definição em torno da realização da festa fica a cargo dos habitantes do conselho de Tomar, através de uma assembleia, prática conservada há longas datas. Para tanto, um dos aspectos primeiros após a determinação do período, é a escolha do "Mordomo", ator principal responsável pela constituição de todas as etapas necessárias à organização da cerimônia (CASTRO, 2013). A alegação para essa longa espera é explicada devido à extensa demanda de atividades, o que acaba exigindo certa disponibilidade de tempo dispensado ao planejamento, organização e arrecadação do fundo cerimonial.

Diante disso, faz-se necessário um número considerável de pessoas engajadas nos preparativos que durante meses confeccionam a ornamentação, bem como os instrumentos indispensáveis. Por essa razão, é pensado com um ano de antecedência e realizado no ano posterior. Quanto à sua gênese, ela pode ter se originado nas festas da colheita à deusa Ceres e a sua cristianização provavelmente se deve à Rainha Santa Isabel[27]. Além do mais, essa celebração tem passado por inúmeras mudanças no decurso do tempo, transformando-se num evento de grande porte, espetacularizado, midiatizado, com tendência à Turistificação, sobretudo a partir de 1966. Nota-se ainda, a setorização das funções através da organização, planejamento e produção estruturada das atividades, implicando o aumento considerável no quantitativo de pessoas em todo o processo de imaginação e criação festiva (CASTRO, 2013), componentes análogos ao espetáculo da *Fête des Vignerons*.

Dentre esses diversos eventos, o estudo conduzido por Cunha (2006) retrata uma festa que tem lugar em Campo Maior, reconhecida como "Festas do Povo", decorre "quando o povo quer" (CUNHA, 2006: 165). Essa celebração agrega procissões religiosas, mostras de artesanato, espetáculos musicais e a simbologia da decoração que utiliza como matéria-prima o papel – sentido maior da festa. O evento atravessou inúmeras mudanças, passando de uma celebração "cujo sentido se esgotava na comunidade, tornou-se cartaz turístico, não sendo necessário evocar outra justificação para a sua realização senão a vontade de dar expressão à arte popular das flores de papel" (CUNHA, 2006: 166), alcançando, assim, uma nova

[27] O local onde viveu e foi sepultada se transformou em um importante espaço de devoção à rainha e sua popularidade alcançada em vida se deve em grande parte às beneficências e ações políticas em prol da paz dos reinos, servindo para a preservação de sua memória. Fonte: GIMENEZ, José Carlos (2013). Rainha Santa Isabel: A (Re) construção de uma Hagiografia, Revista Mosaico, v. 6, n. 2: 195-203.

dinâmica orientada sobretudo à crescente projeção e visibilidade mediática, corroborando sua familiarização em outros contextos (CUNHA, 2006). O aspecto da irregularidade dessa festa fica bastante evidente nas narrativas do autor:

> "Sem terem qualquer periodicidade definida, ocorrendo «quando o povo quer», elas consistem basicamente na decoração das ruas da vila com milhões de flores de papel, de todas as formas, cores e níveis de complexidade. Não é, todavia, pequena coisa esta que se enuncia. Na verdade, do que falamos é da transfiguração completa e súbita de uma vila, na qual a luz intensa e crua do verão passa a ser suave, coada pelos tectos de múltiplas cores e onde a placidez do dia-a-dia dá lugar à agitação frenética provocada por muitos milhares de visitantes" (CUNHA, 2006: 165).

A celebração em questão não obedece a nenhuma regularidade, o que inviabiliza a função de marcador temporal defendido por Leach (1961), nem tampouco pode ocupar um lugar definido no ciclo festivo de uma comunidade, conforme esclarece Baroja (1984) (CUNHA, 2006: 166-167). [...] "Desliga-se assim de uma periodicidade previamente definida, já que, no dizer local, o que a gera é um sentimento subjectivo, mas partilhado – o da saudade que a sua não realização provoca" (CUNHA, 2006: 166).

Outra festa de caráter excepcional, pois se processa a cada sessenta anos, perdurando durante sete, é a festa Sigui. Foi através de Marcel Griaule e sua equipe investida na missão Dakar-Djibouti, no final do século XIX (1931), que essa celebração foi descortinada, passando a ser objeto de pesquisas em vários contextos, sobretudo nos campos da arte e do ritual (CALAME-GRIAULE, 2006). Essa população bastante carente, conhecida pela designação de Dogon do Mali, habitam no sudoeste do Niger, na região administrativa de Mopti. Sua produção se baseia principalmente na criação de gado, no cultivo de cereais, arboricultura e jardinagem.

As cerimônias do Dogon do Mali se distinguem sobremaneira da festa analisada nesse estudo. Isso porque, nos deparamos com uma rede emaranhada de códigos, rituais, crenças, performances complexas de culto aos antepassados, monoteísmo, totemismo, além da estreita relação com o meio ambiente, a ordenação do sistema solar, dentre outros. Na concepção de Calame-Griaule (2003: 19), isso ocorre, pois, "o grande mito cosmogônico se desdobra em toda sua complexidade". Em contrapartida, podemos encontrar pontes de comparação, como a dinâmica da temporalidade. Para mais, essa comunidade tem atravessado uma série de transformações no decurso do tempo. Uma delas se refere ao processo de turistificação desse destino que, em função da sua arquitetura, da organização social, cultural e dos rituais sagrados, atrai não apenas estudiosos do assunto, mas também turistas do mundo todo. A própria entrada na lista da Unesco, enquanto Santuário Natural e Cultural em 1989,

possibilitou a grande visibilidade desse sítio. As mudanças processadas nessa sociedade, assim como os problemas decorrentes dela foram percebidas por Calame-Griaule (2006: 9), quando nos indica que:

> "Enquanto nos anos cinquenta a população das falésias e planalto haviam resistido à progressão do Islã e conservado suas práticas animistas, a situação é bem diferente hoje. Além disso, a beleza dos locais, da arquitetura e da arte, bem como o interesse despertado pelas cerimônias tradicionais (em particular as danças de máscaras), e também, devemos reconhecer, por meio do trabalho dos etnólogos, desenvolvemos um turismo invasivo cuja influência infelizmente não é apenas benéfica".

Entre os Dogon do Mali encontramos diversas cerimônias, como o "dama": "culto celebrado em santuários cuja fachada é decorada com pinturas feitas de bouillie de mil, renovadas a cada ano na festa da semeadura para garantir a chegada das chuvas e a fertilidade do solo" (CALAME-GRIAULE, 2003: 25). Ou ainda o culto do "Lébé" ao antepassado "Lébé Serou" que: "em companhia do pai totêmico, celebra a festa das sementes e distribui aos aldeões as sementes de mil do ano anterior que preservam os princípios espirituais dos cereais" (CALAME-GRIAULE, 2003: 26). Existe também "as danças de máscaras que intervém nas cerimônias funerárias" (CALAME-GRIAULE, 2003: 26). Já a festa Segui, para além da temporalidade dilatada, do espetáculo em si e das profusas performances existentes, nessa celebração:

> "A morte de Dyongou Sérou é comemorada através de uma cerimônia espetacular, o Sigui, que ocorre a cada sessenta anos e dura sete anos (a última foi celebrada entre 1967 e 1974). Essa festa marca o renovamento das gerações, sessenta anos é considerado como a duração média de uma vida humana. No plano cósmico, ela corresponde à renovação da estrela Digitaria exilis (que porta o nome do fonio, semente da criação) em torno da "estrela do Sigi" (o planeta Sirius). A cerimônia, celebrada de vila em vila, comporta danças, executadas por homens e crianças, dispostos em fila indiana por classe de idade por seus trajes e emblemas, eles são seres andróginos que lembram a natureza primária do homem de acordo com o mito" (CALAME-GRIAULE, 2003: 27).

Pensar nesses intervalos é acima de tudo levar em consideração que eles também podem funcionar como elementos dissipadores, tanto no que diz respeito aos participantes, como ao seu público alvo, favorecendo ao mesmo tempo a algidez, ruptura, enfraquecimento e até mesmo o esquecimento dessas celebrações. Em contrapartida, também são capazes de legitimar a solidez desses eventos que conseguem manter vivas suas tradições, como no caso da festa em estudo, onde a temporalidade foi paulatinamente distanciando uma festa da outra. Nesse sentido, uma das preocupações seria o fato de essa longa dormência possibilitar a condenação dessa festividade. Imsand *et al* (1999: 158) associa o lapso temporal ao amplo processo de organização do evento quando indica que: "alegrias e tristezas, explosões de vida e luto

antecipado - na terra *Veveysanne*, a lenda dourada diz que os dez anos anteriores a uma *Fête des Vignerons* correspondem a um período de preparação, enquanto os dez que se seguem são os de memória". Já Carruzzo-Frey e Abbott (2019: 11) percebem essa periodicidade como uma condição positiva, favorável à imagem do espetáculo que "uma vez por geração é comemorado em Vevey (...). Entre 1797 e 2019, apenas 12 edições foram organizadas. Essa temporalidade atípica desperta curiosidade".

Esse lapso temporal, bastante imbricado na *Fête des Vignerons,* pode ser percebido no quadro I abaixo, possibilitando compreender os vários aspectos relativos a essa celebração, pelo que nos deteremos àqueles associados à temporalidade.

Quadro 1 - Celebrações da *Fête des Vignerons* entre os séculos XIX e XX

Fête des Vignerons	**Intervalo entre festas**	**Número de lugares na arena**	**Atores e figurantes**	**Representações**	**Preço do bilhete**	**Custo total**	**Resultado final**
1797	**Dados desconhecidos**						
1819	22	2000	730	02 dias (manhã)	1 a 3	16.254	Prejuízo de 9.666
1833	14	4000	780	02 dias (manhã)	1 a 3	27.007	Prejuízo de 8.121
1851	18	8000	900	03 dias (manhã)	1 a 5	64.851	Prejuízo de 20.367
1865	14	10500	1200	03 dias (manhã)	1 a 40	144.464	Prejuízo de 10.861
1889	24	12000	1379	05 dias (manhã)	2 a 40	347.751	**Lucro de 52.810**
1905	16	12500	1800	06 dias (manhã)	2 a 25	625.338	**Lucro de 40.664**
1927	22	14000	2000	06 dias (manhã)	5.50 a 82.50	1.202, 497	**Lucro de 216.215**
1955	28	16000	3857	11 manhãs 02 noites	10 a 70	4.695,229	**Lucro de 120.4927**
1977	22	15576	4250	08 manhãs 06 noites	30 a 160	20.707,011	**Lucro de 507.1423**
1999	22	16000	5050	01 Coroamento 07 manhãs 07 noites	65 a 260	54.000,000	**Lucro de 415.1332**
2019	20	20.000	5.500	20 manhã e noite	79 a 359	100.000,000	Prejuízo de 16 milhões

Fonte: Carruzzo-Frey e Abbott (2019: 62).

Tomando como base a *Fête des Vignerons,* de 1819 até a última ocorrida em 2019, é possível observar não somente a grande irregularidade entre produções festivas, mas ainda a inexistência de celebrações com o intervalo de 25 anos, ainda que essa narrativa seja encontrada, em grande parte, da bibliografia e do marketing. Isso demonstra como a organização do espetáculo se apropria da dimensão temporal, por meio da condição geracional, como estratégia da divulgação da imagem, aspecto que pode ser notado nos recursos comunicacionais que empregam o *slogan*: "*Fête des Vignerons, une fois tous les 25 ans"*. Fica evidente que esse tempo longo de uma festa a outra é algo bastante peculiar, o que lhe confere uma característica singular*,* se comparada às diversas manifestações existentes em todo o mundo.

Além disso, é possível identificar que não somente o período de realização desses eventos foi se distanciando ao longo do tempo, culminando em lapsos cada vez mais longínquos, mas, acima de tudo, que houve um aumento proporcional em diversos segmentos, como a ampliação do espaço da festa, do período festivo, do público participante, dos espectadores, das performances envolvidas, atributos característicos das festas espetacularizadas que, a partir da segunda metade do século XX passam a ser vistas como propulsoras do Turismo, partindo de uma idiossincrasia familiar e comunitária para uma perspectiva de caráter mercantil - visando lucro; com projeção midiática, envolvendo diferentes agentes sociais e espaços, além de determinadas particularidades como a previsibilidade e um ordenado planejamento. Para além dessa lógica, os custos também se expandiram, influenciando na geração de despesas cada vez mais astronômicas, em certos casos insustentável e desproporcional ao lugar festivo e seus atores-sociais. Por isso, essas circunstâncias, agregadas a profusos fatores e interesses atuam como coadjuvantes no processo de descontinuação desse e de outros eventos que apresentam um ciclo irregular.

1.3 Memória Social: Abordagens Teóricas

Os estudos direcionados ao domínio da memória são deveras amplos, além de abranger diferentes disciplinas que vão desde a antropologia, sociologia, filosofia, literatura e história, fator que contribui para um grande debate em torno do conceito e dos distintos pontos de vista. No entanto, entre os temas em evidência podemos citar a correlação entre memória e esquecimento, memórias individuais e coletivas, bem como as divergências entre

memórias oficiais e contra memórias, ou ainda as práticas memorialistas (DI GIOVINE, 2018). Nota-se, a partir da década de 70, na sociedade ocidental, um cenário onde se processa uma ampla comercialização da nostalgia por meio de arquivos, documentários, literaturas memorialísticas e fotografias. Para mais, há certa tendência orientada às concepções acerca da memória, através da intensa procura por práticas memorialistas, culminando com a implantação de museus e uma evidente preocupação com o restauro e a renovação de centros urbanos (HUYSSEN, 2000), levando-nos a supor que "não há dúvida que o mundo está sendo musealizado [...]. É como se o objetivo fosse conseguir a recordação total" (HUYSSEN, 2000: 15). Outras perspectivas são elencadas; "a sociedade é concebida como um repositório de memórias do passado e esse passado é construído tanto no presente como através dele" (URRY, 1996: 48).

Mas, foi através do sociólogo francês Maurice Halbwachs ([1925], 2001), que a percepção acerca da memória enquanto fenômeno coletivo foi principiado por meio dos ensaios intitulados "*les cadres sociaux de la memoire*". Halbwachs ([1950], 2001) definiu os aspectos principais relativos à sua teoria, reforçando que a memória só pode ser concebida mediante "convenções" sociais – *"Cadres sociaux de la mémoire"* e "*la mémoire collective*". O autor retoma alguns de seus conceitos defendendo a ideia de que a memória ainda que pareça pessoal, sua construção se promove socialmente, através do liame entre o coletivo e o individual. Para além, tais recordações dependem dos relatos coletivos dos grupos que, consequentemente são reforçados por intermédio das celebrações existentes no decurso da história. A ritualização alcunhada de *"memórias compartilhadas"* legitima a conversão de cada memorial individual em um ponto de vista da memória coletiva. A função primeira da memória seria, portanto, a promoção da relação entre os componentes de um grupo, levando em consideração o seu passado, pois segundo ele, é a identidade coletiva que constrói a memória, sendo a memória individual condicionada por parâmetros da coletividade (HALBWACHS, [1925], 2001). Assim, "a memória é, em grande medida, uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e das quais a imagem do passado já saiu bem alterada" (HALBWACHS, [1950], 2001: 38).

A Obra de Pierre Nora "*Les Lieux de Mémóire"*, publicada em 1984 também se constitui como referência nos estudos da memória. Do ponto de vista da autora, os lugares de memória são deveras abrangentes, contemplando os mais diversos sentidos do termo, indo desde um objeto concreto e material ao mais simbólico e abstrato:

> "Os lugares da memória pertencem a dois reinos, aos que lhes confere interesse, mas ainda complexidade: simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente abertos à experiência mais sensível e, ao mesmo tempo, fruto da elaboração mais abstrata. São de fato lugares nos três sentidos da palavra: material, simbólico e funcional, mas simultaneamente em diferentes graus. Mesmo um local de aparência puramente material, como um repositório de arquivos, somente pode ser lugar de memória se a imaginação lhe der uma aura simbólica. Um lugar puramente funcional, como um livro didático, um testamento, uma associação de ex-combatentes só se enquadra na categoria se for objeto de um ritual. Um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de um significado simbólico, é ao mesmo tempo o material cortado de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma recuperação concentrada de memórias. Os três aspectos sempre coexistem" (NORA, [1984], 1993: 33).

Ao refletir a respeito, Connerton ([1989], 1999) revela que em função da existência de uma pluralidade tipológica de memórias, onde a expressão "recordar" abrange uma variedade de gêneros e construções gramaticais distintas, a concepção de uma teoria como forma de conhecimento em torno dessa matéria se constitui numa tarefa assaz intricada, segundo o qual:

> "Todos os inícios contêm um elemento de recordação, e isto acontece principalmente quando um grupo social faz um esforço concertado para começar de um ponto de partida inteiramente novo. Existe algo de completamente arbitrário na própria natureza de qualquer início assim intentado. O início não tem absolutamente nada a que agarrar-se, é como se saísse do nada. Por um momento, o momento do início, tudo se passa como se os iniciadores tivessem abolido a própria seqüência da temporalidade e houvessem sido expulsos da continuidade da ordem temporal. Na verdade, os protagonistas registam muitas vezes o sentimento que têm deste facto, inaugurando um novo calendário. Mas o que é totalmente novo é inconcebível. Não é só por ser muito difícil começar de um ponto de partida inteiramente novo, por existirem inúmeros hábitos velhos e lealdades que inibem a substituição de um empreendimento antigo e já estabelecido por um novo. Mais importante ainda é o facto de, em todas as formas de conhecimento, fundamentarmos sempre as nossas experiências particulares num contexto anterior para garantirmos que são de todo inteligíveis, e que, antes de qualquer experiência isolada, a nossa mente se encontra já predisposta com uma estrutura de contornos, de formas conhecidas de objetos já experimentados. Compreender um objeto ou agir sobre ele é localizá-lo neste sistema de expectativas. O mundo do inteligível, definido em termos de experiência temporal, é um corpo organizado de expectativas baseadas na recordação" (CONNERTON, [1989], 1999: 7).

Corrobora, ainda, destacando que é possível por meio da memória recriar o passado, incorporá-lo às vivências sociais, interpretando-o à imagem, necessidade e os anseios do presente. Na sua obra *"Como as Sociedades Recordam"* Connerton ([1989], 1999), explica que a memória é entremeada com práticas sociais, corporais, rituais, através das quais acabamos por adoptar certo tipo de comportamento de acordo com os quadros de referência na qual estamos inseridos em cada momento; mediante o processo de interação social vamos congregando tais práticas nas nossas ações. Numa outra perspectiva, não podemos abordar a memória no contexto atual sem considerar a influência das novas tecnologias nesse processo. Diante desse cenário, assistimos atualmente os diversos meios de divulgação cultural como os

meios televisivos, o cinema, a fotografia e as ferramentas do marketing turístico serem alvo de estudos acadêmicos, na perspectiva de perceber como esses elementos podem moldar a memória coletiva. A obra *"Seduzidos pela Memória*" retrata bem essa narrativa quando afirma que os médias fazem "a memória ficar cada vez mais disponível para nós a cada dia" (HUYSSEN, 2000: 18).

Godinho nos concede um *briefing* significativo sobre as concepções em torno da memória e seu universo antagônico evidenciando que elas: "têm classe, têm gênero, variam conjunturalmente e em escalas diversas [...]. Podem incomodar ou dar alento, ficar retidas ou ser exibidas, serem reconstruídas e re-significadas, ou banidas e regeneradas, utilizadas pra libertar ou para capturar (GODINHO, 2012: 21). Além disso, são:

> "Doloridas, festejadas, inventadas, retransformadas, localizadas e enquadradas em mapas conhecidos. Submergida em uma espécie de onda metafórica ou real -, encerradas numa mina ou numa fábrica desativadas, podem ser recuperadas ou refletir as topografias dos poderes, valorizarem-se ou depreciarem-se, serem introduzidas num mercado patrimonial, ou resgatadas pela *aura da autenticidade"* (GODINHO, 2012: 21).

Os temas relacionados à memória, à narrativa e ao esquecimento foram, também, objetos de interesse do Filósofo francês Paul Ricoeur (2000). Em um dos seus estudos intitulado *"la mémoire, l'histoire, l'oubli*" uma ampla discussão foi apresentada acerca da fenomenologia da memória, do caráter epistemológico da história e a possível ameaça na relação entre elas: o esquecimento. Aborda, ainda, o lugar do arquivo do ponto de vista social, levando em conta sua condição histórica e o prisma físico que resguarda consigo o chamado "vestígio" documental, responsável pela triagem dos documentos designados importantes para serem conservados e lembrados. Nessa lógica, o arquivo deixa de ser apenas o repositório da memória coletiva, passando a ser encarado como um lugar social que guarda os "rastros" do passado, subsumidos nos documentos arquivados (RICOEUR, 1999: 13). No caso específico da festa em estudo, esse rastro documental, sistematizado no século XX, foi instituído através da fundação do Museu da *Confrérie des Vignerons* que, durante esse tempo longo de lapso da *Fête des Vignerons*, atua na preservação dessa memória festiva, mas também como suporte na recolha de referências das celebrações precedentes. Evidências dessas memórias são encontradas em alguns discursos sobre a festa:

> "Durante o processo de organização festiva, tem-se como instrumento os arquivos da confraria que guardam a memória das festas precedentes através de uma série de documentos distintos, coadjuvando no desenvolvimento dos primeiros conceitos, por outro lado é basilar considerar que durante uma geração muita coisa se transforma, por isso esse acaba sendo outro desafio desse evento [...]. Mesmo que a equipe do último festival não esteja mais lá, uma certa lembrança do passado ainda

> está presente. Além das fotos, vídeos e arquivos, no seio da confraria, os membros do Conselho às vezes foram Conselheiros Honorários, implicados na festa de 1999, de bom grado opinam ou dão conselhos. Além disso, os voluntários das comissões sempre voltam ao passado à sua maneira: "como fizemos antes". Líderes de tropas, viticultores que foram atores-extras na festividade precedente, ou mesmo em duas anteriores, no seio das comissões [...] dizem: "mas em 1999" [...]. Isso mostra a que ponto é uma celebração que se repete, mesmo que seus filhos agora tenham filhos e que eles tenham se tornado avós a partir da celebração de 1999. A memória está viva, presente e pesa com toda sua força na preparação da festa futura" (VINCK, 2019: 174-175).

Sob divergentes pontos de vistas, essas múltiplas memórias são narradas pelos participantes, como descreve o professor e integrante de uma família de viticultor, Philippe Commend, em novembro de 2018:

> "Quando falamos sobre memória, há a memória de que todo mundo fala. O que você pode ver ao abrir um livro de lembranças, o que você pode ver nos vídeos antigos etc. Depois, há a lembrança dos sentidos, os cheiros, a lembrança da grandeza. Os odores, lembro-me em 1955, eram o de esterco de cavalo [...]. Em 1977 era o odor de bistrô porque estávamos em bistrôs o tempo todo [...]. E depois em 1999, são os cheiros de figurinos, de tecidos. Eu acho que isso me marcou pelo fato de eu ser responsável por esse setor, vendo tecidos por todas as partes. E depois de ter uma memória ao nível dos sons. 1955 são os cascos dos cavalos. Haviam fezes em toda parte, os cascos (dos cavalos) batiam e os pés (das pessoas) também batiam as fezes. Em 1977 é "a fila de vacas". Você vê todas as pessoas ... nós cantamos [...] e depois víamos pessoas chorando. E isso é tocante. É emocionante e foi em cada apresentação [...]. E então, em 1999, o barulho é [...] como vamos dizer isso? tudo o que não está na festa, todos os ruídos incidentais: os sons das costureiras, os sons dos gerentes de bilheteria, os sons da limpeza dos assentos quando choveu. Todos esses barulhos, todas aquelas mãozinhas fazendo atividades que às vezes esquecemos. Não vou lhe contar coisas que todo mundo disse, estou tentando lhe dar outras coisas que me impressionaram"[28].

Do ponto de vista da memória, Huyssen (2000: 15) traz à tona o esquecimento, contextualizando que "as memórias comercializadas em massa que consumimos são «memórias imaginadas», e, portanto, muito mais facilmente esquecíveis do que as memórias vividas". Nessa lógica, são os meios de comunicação que debordam cada vez mais com um número crescente de informações, resultando num grande quantitativo de memórias que são sobremaneira influenciadas pelas novas tecnologias. O referido autor reitera que o destaque dado à preservação da memória se deve em função de certa suspeição, ao ceticismo no futuro e no progresso na contemporaneidade, onde "o passado está vendendo mais que o futuro" (HUYSSEN, 2000: 24). Assim, tendo em conta que ele é "construído, negociado, contrafeito, cobiçado, o passado é um artefato do presente que não parece servir para preparar o futuro" (LOWENTHAL, 1978 *apud* GODINHO, 2012: 13).

[28] Entrevista concedida por COMMEND, Philippe. [11.2018]. Professor aposentado. Entrevistador: Giselle Schmid, 2018. Arquivo mp3 (55min).

Considerando o lugar festivo da *Fête des Vignerons*, percebe-se não somente a intensa fusão entre a festa, a cidade e os atores-sociais, como ainda a dinâmica imbricada nas memórias recontadas pelos participantes, notada na entrevista realizada em julho de 2017 com a Secretaria Geral da *Confrérie des Vignerons,* Sabine Carruzzo-Frey, conforme excerto abaixo:

> "De fato, em Vevey desde o século XIX a vida da cidade é pontuada pela *Fête des Vignerons*. As pessoas dizem: ah, mas eu já fiz três. E então sabemos que você chega ao fim de sua vida quando fez quatro. É como um marco. Nos casamos antes de uma festa ou depois da outra. Tivemos esses filhos durante uma festa. Então, de fato, as pessoas em Vevey costumam dizer: ah, sim, foi antes de uma festa. Então isso é algo tão profundamente enraizado nessa região que poderíamos fazer isso em trinta anos, isso não mudaria nada, ela reviveria"[29].

Caillois ([1950], 2015: 66-67) põe em evidência a importância social e lúdica que essas celebrações carregam consigo, pois na concepção do autor:

> "A festa, representando um paroxismo de vida e cortando tão violentamente as pequenas preocupações da existência cotidiana, aparece para o indivíduo como outro mundo, onde ele se sente apoiado e transformado por forças que o excedem. Sua atividade diária, coleta, caça, pesca ou agricultura, apenas ocupam o seu tempo e atendem às suas necessidades imediatas. Ele provavelmente traz atenção, paciência, habilidade, mas mais profundamente, ele vive na memória de uma festa e espera pela outra, porque a festa é para ele, para sua memória e por seu desejo, o tempo de emoções intensas e a metamorfose de seu ser".

Essas narrativas da memória carregam consigo um discurso que remete à acepção da festa enquanto marcador temporal da vida onde "todos os avós já conversaram com seus filhos ou netos sobre a *Fête des Vignerons* que eles viveram e isso faz você querer fazê-la e como é apenas uma vez por geração, dizemos que não devemos perder"[30]. Mas, ainda, uma tradição geracional que tem como ancoragem seu faseamento, pois faz uso de um discurso que localiza seu exórdio na "*nuit* des *temps"* (CARRUZZO-FREY e DUPONT*,* 1998*;* CARRUZZO-FREY e ABBOTT, 2019), "um estado emocional que gera grande fusão entre os habitantes de Vevey ao mesmo tempo em que revive os indivíduos e o coletivo, pois, por não querer fazer como antes, ela os mobiliza novamente e os conecta ao passado do lugar" (VINCK, 2019: 22). Pode-se, assim, entender que estamos diante de uma festa de grande dimensão, patronal e popular, com um dilatado lapso temporal, um empreendimento efêmero que enfrenta diversos desafios como a própria transmissão do sentido e do espírito festivo de

[29] Entrevista concedida por CARRUZZO-FREY, Sabine. [07.2017]. Secretária Geral da *Confrérie des Vignerons.* Entrevistador: Giselle Schmid, 2017. Arquivo mp3 (44min).

[30] Entrevista concedida por CARRUZZO-FREY, Sabine. [07.2017]. Secretária Geral da *Confrérie des Vignerons.* Entrevistador: Giselle Schmid, 2017. Arquivo mp3 (44min).

uma geração a outra, tendo em vista que durante esses intervalos ela se afunda em uma longa letargia (VINCK, 2019), "onde um problema de memória singular é repetido a cada nova edição" (VINCK, 2019: 78), numa constante volta ao passado sem perder de vista o cenário e as tendências contemporâneas.

1.4 Tradição, Patrimônio e Turismo

1.4.1 Reflexões sobre a Tradição

> "Acontece que na época, em 1955, nós tínhamos muito poucos televisores, computadores, tínhamos muito pouco esse tipo de coisa e as informações por palavras eram extremamente importantes. E, através das discussões que tive com meu pai, minha mãe, meu avô ou minha avó, consegui obter informações que posteriormente me serviram. Então, quando você se "banha" nessa história de *Fête des Vignerons*, porque você fala sobre isso todos os dias, porque as férias não existiam, porque você frequentava a vinha, os campos e estava constantemente com pessoas que falavam sobre isso. [...]. Nesse caso, em 1955, quando eu era criança e a festa dos viticultores estava lá, havia apenas isso, só conversávamos sobre isso, não havia outra discussão além disso. Então, quando você ouve falar que alguém canta, que saiu na pequena procissão na rua com os amigos, bem, depois você está «vacinado». Então, depois disso, necessariamente na vida profissional, tentei falar sobre isso como professor aos meus alunos, mas eu estava entre as muitas pessoas que sabiam um pouco sobre a festa já que, em nossa tradição todo mundo conhece a *Fête des Vignerons*"[31].

Entre as múltiplas narrativas que a *Fête des Vignerons* põe em voga, estão particularmente evidentes valores associados à autenticidade e tradição, sendo o segundo percebido como componente marcante na região. Embora essa celebração, como tantas outras ao redor do mundo, tenha vivenciado diversas transformações, com o passar do tempo adaptou-se aos novos contextos e propósitos, pois como bem revelou Godinho (2010: 29):

> "As festas tradicionais são também contemporâneas, feitas por pessoas com quem cruzamos na universidade, nas ruas, nas lojas ou nos cinemas. Localmente, convive-se com elas num formato que as populações adequaram às suas possibilidades e interesses, num tempo que foi mudando, com os mecanismos de reprodução social inerentes aos diversos grupos a ajustarem-se, sem que necessariamente os lugares ocupados se esbatam [...]".

Nesse contexto, a tradição pode ser considerada como um conjunto estruturado de sistemas simbólicos dinâmicos (SAHLINS, 1990), apontado por Cascudo (2004) como espaços de permanência e de continuidade, que segundo Shils (1981) e Barth (1987) se

[31] Entrevista concedida por COMMEND, Philippe. [11.2018]. Professor aposentado. Entrevistador: Giselle Schmid, 2018. Arquivo mp3 (55min).

transmite entre as gerações, mas têm assistido continuamente profusas mudanças, desempenha a função de reguladora na dinâmica que organiza no espaço-temporal as relações na comunidade da qual ela é indissociável e inerente. Na opinião de Canclini ([1989], 2011: 239) "a tradição não necessariamente significa uma rejeição à mudança; do mesmo modo, a modernização não impõe a supressão das tradições, o que significa que os grupos tradicionais não estão excluídos da modernidade". A tradição serve ainda para compreender outras culturas, bem como na percepção e interpretação de novos fatos ou emoções com base nas suas tradições (GEERTZ, 1989). Cabe aqui, portanto, uma passagem do que escreveu Joaquim Pais de Brito sobre as tradições:

> "Quase apetece dizer que as tradições são coisas que antes de ser já o eram. Quer dizer que elas supõem um momento em que um grupo dá nome identificando práticas, maneiras de fazer ou dizer, que são supostas repetirem-se e serem próprias daquele grupo em determinadas circunstâncias" (BRITO, 1991: s/p *apud* GODINHO, 2010: 29).

Tomando como base a concepção de Hobsbawm e Ranger ([1983], 1997), o conceito de tradição é algo inventado. Nessa lógica, o autor contextualiza:

> "O termo «tradição inventada» é utilizado num sentido amplo, embora nunca indefinido, abrangendo tanto as «tradições» efetivamente inventadas, produzidas e formalmente institucionalizadas, como também aquelas que surgiram, mas que são improváveis de localizar e situá-las num período limitado e determinado de tempo [...]. Entende-se um conjunto de práticas, no geral reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado" (HOBSBAWM e RANGER, [1983], 1997: 9).

Sob outra perspectiva, nas sociedades consideradas tradicionais faz-se necessário estabelecer a distinção entre a "tradição", incluíndo as inventadas que têm como característica a invariabilidade. Para mais:

> "O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição. O "costume" nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente" (HOBSBAWM e RANGER, [1983], 1997: 10).

A *Fête des Vignerons*, tradição viva que conserva em sua produção festiva costumes oriundos de outrora, está em constante adaptação com o seu tempo e com as mudanças contemporâneas que progressivamente se manifestam. Isso se deve em função da manutenção de um diálogo intergeracional, associado à preservação da tradição, naquilo que se

convencionou chamar de "incontornáveis"[32]. Perspectivas dessa análise podem ser constatadas no trecho abaixo:

> "Vevey **não é mais** a cidade de cunho rural que nasceu nos primeiros desfiles dos viticultores, atualmente ela tomou proporções industrial e comercial e a festa realizada uma vez por geração é vista pelos *Vaudoises* como um símbolo da cultura que resguarda a **memória** e **identidade** da *Confrérie des Vignerons*, combinando as **tradições antigas** e as **preocupações contemporâneas**. Ela desperta em cada espectador **seu passado** enquanto celebra **o presente** do homem que trabalha. Assim, a *Fête des Vignerons* é uma grande canção de amor e esperança, um hino à terra, à pátria, ao homem e às suas raízes. Ela celebra o ciclo da vida" (IMSAND *et al*, 1977: 12, Grifos meus).

Retomando ideias anteriores, a constituição das expressões culturais tradicionais se realiza dentro de uma perspectiva de reprodução simbólica que envolve a combinação de convenções e vivências compartilhadas, comuns a um determinado grupo social ou da comunidade, fundamentados nas tradições e numa memória coletiva que tem como base para sua sobrevivência a natureza conservadora e repetitiva. Ainda que durante o tempo longo a *Fête des Vignerons* atravesse várias alterações, mediante a introdução de novos elementos, formas de expressão ou acepções modernas assimiladas em outros contextos - distantes da sua experiência concreta, essa tradição inventada que está em constante reinvenção tem sua perenidade condicionada a aspectos ligados à sua própria temporalidade cíclica, suas referências e a capacidade em fazer sentido àqueles que dela participam, pois como bem pontua Vinck (2019: 174), um dos grandes desafios com o qual ela se confronta é direcionar-se à inovação, mas conservando o patrimônio com vistas à preservação da tradição.

1.4.2 Concepções gerais sobre a ideia de Patrimônio

> "Patrimônio está entre as palavras que usamos com mais frequência no cotidiano. Falamos dos patrimônios econômicos e financeiros, dos patrimônios imobiliários; referimo-nos ao patrimônio econômico e financeiro de uma empresa, de um país, de uma família, de um indivíduo; usamos também a noção de patrimônios culturais, arquitetônicos, históricos, artísticos, etnográficos, ecológicos, genéticos; sem falar nos chamados patrimônios intangíveis [...]. Parece não haver limite para o processo de qualificação dessa palavra" (GONÇALVES, 2003: 25).

Historicamente, o patrimônio cultural foi palco de múltiplos e intensos debates abrangendo apropriações, novas aquisições, afirmações identitárias, numa tentativa de preservação dos vestígios ou rastros do passado. Para mais, faz parte de uma pluralidade

[32] Incontornáveis são todas as performances que precisam ser conservados em todas as *Fêtes des Vignerons*, considerados elementos ditos tradicionais como o *Ranz des Vaches*, os *Cent Suisses*, o cortejo, o coroamento, o Messager boiteux

semântica através do qual os conceitos são orientados a distintas áreas do conhecimento, podendo abrigar múltiplos olhares, tendo no Patrimônio Cultural Imaterial (PCI), segundo Clara Bertrand Cabral, um dos tipos mais complexos, em termos de compreensão, ainda que ele esteja presente e faça parte do nosso cotidiano:

> "Praticamo-lo quase sem pensar, procuramo-lo em datas pré-estabelecidas e nos momentos de lazer sentimos que faz parte das nossas vidas e memórias, mas quando tentamos definí-lo, determinar porque é importante para nós ou descrever as emoções que em nós suscita, faltam-nos as palavras, baralham-se os conceitos, fica um sentimento vago de familiaridade e de recordações difícil de expressar e transmitir. De fato, é mais fácil viver e sentir o patrimônio cultural imaterial do que falar sobre ele. [...], no patrimônio material, o mais importante são as coisas; no patrimônio imaterial, o principal são as pessoas. É esta mudança de paradigma, o desviar do foco das atenções do objeto para o ser que o executa, que torna o patrimônio cultural imaterial tão difícil de definir e interiorizar – e, é isso que o torna também tão interessante e atrativo. Obra e gesto, dança e bailarino, história e contador passam a ser realidades indissociáveis que devem ser percebidas em conjunto e valorizadas em simultâneo" (CABRAL, 2011: 6-7).

Corrobora a perspectiva acima, Chiara Bortolotto (2011), através do estudo sob sua direção, intitulado *"Le patrimoine culturel immatériel: Enjeux d'une nouvelle catégorie"*. Ela reforça que as dificuldades em torno da percepção do PCI se devem, principalmente, em função de uma incongruência histórica, pois a fundamentação outrora se orientava sob a lógica do "regime do objeto" e não sob o prisma da sua imaterialidade. Jeudy (2001) em *"La machinerie patrimoniale"*, chama a atenção para os limites conceituais a respeito do PCI, considerando a existência de uma "aberração intelectual" que ele chama de "obsessão patrimonial", resultando no ofuscamento da sociedade contemporânea até o extermínio do presente em uma "*retroaction perpétuelle*", o último "*avatar*". Essa narrativa sustenta que:

> "Não se trata apenas dos objetos que são patrimonializados em nome da convenção, mas sobretudo dos valores veiculados pela mesma e as suas interpretações, que facultam a emergência de uma *forma particular de instituição da cultura"* (JEUDY, 2001: 25).

Perspectiva análoga pode ser encontrada nos estudos de Pierre Nora ([1984], 1993: 10) quando declara: "estamos vivendo uma época em que a explosão patrimonial não cessou de desenvolver seus efeitos positivos, num momento em que já começam a serem sentidas plenamente suas consequências negativas, os efeitos de sua implosão". Entre as intervenções em torno do assunto ela propõe respostas à chamada "explosão patrimonial" e a urgência na adoção de medidas a fim de evitar uma degeneração desse fenômeno. Nessa continuidade, Régis Debray (1999) indaga se não houve um exercício prático de treinamento para uma patrimonialização total, naquilo que ele convencionou chamar de "inflação patrimonial" ou ainda um "abuso monumental", na altura em que o culto aos monumentos se tornou deveras

demasiado mundialmente. De maneira complementar, Heinich (2009) assegura que a sociedade chegou à altura onde assiste-se uma indômita política patrimonial orientada a novos sistemas classificatórios, experiências e práticas de patrimonialização, na qual nada se perderia e tudo seria aproveitado, levando-nos a perceber uma crescente difusão e aquisição ao longo das últimas décadas de novos sentidos na categoria do "patrimônio", associados a diversas ações de preservação, abrangendo das catedrais às pequenas colheres de chá. Para Jeudy, "a cidade se tornou o principal alvo dos cuidados patrimoniais e por esta razão passou a sofrer cirurgias plásticas ou *liftings*. Sua restauração permanente é o espelho atual do porvir das sociedades contemporâneas" (JEUDY, [1945], 2005: 10).

Do ponto de vista da correlação entre o patrimônio e os festivais, Fournier vai ainda além afirmando que:

> "Os festivais locais, considerados no passado como rituais imutáveis ou ocasiões banais de relaxamento, são hoje «feitos», construídos, transformados coletivamente em recursos patrimoniais. E paralelamente, o patrimônio serve de pretexto para novas festas" (FOURNIER, 2005: 4).

No entendimento de Marcel Mauss ([1925], 2007), o campo patrimonial aparenta abrigar uma espécie de *"mana"*[33]. Partindo dessa premissa, patrimônios também constituem valores sagrados num circuito cultural cada vez mais mundializado, onde diferentes significados, sensos e perspectivas são transmitidas, propagadas e se combinam numa veemência e dinamismo como jamais visto.

Andreas Huyssen (HUYSSEN, 2000), nos assinala que esse movimento pode estar relacionado a determinadas formas de "excesso", referindo-se a uma virada nostálgica, resultando numa possível disforia marcada pela celeridade e instabilidade contemporânea, levando os indivíduos a espectar o que ficou para trás na tentativa de resgatar um mundo que já passou. Tal nostalgia fica evidente nos estudos de Angé e Berliner (2015) revelando que no cenário atual essa cultura se expressou significativamente em vários contextos da vida em sociedade, sobretudo através do crescimento dos meios de comunicação de massa e da ampliação das estratégias de mercado (1960 e 1970), numa tentativa de se conectar com o irreversível, onde:

> "Em muitas partes do mundo, parece haver uma overdose atual de nostalgia, uma reação ao 'acelerismo' moderno [...], implantada em universos tão diversos quanto o

[33] Mana é uma força superior espalhada na natureza, que habita certos seres e certas coisas às quais confere o poder de dominar outros por sua grande força física, seus dons quase sobrenaturais mantendo elementos sagrados e mágicos podem ser transmitidos para outro membro do clã. [...] "Mana" é um princípio universal da vida e constitui [...] a substância das almas, [...] uma força que vem além e que a alma [...] poderia capturar. Fonte: BERGSON, Henri. Deux sources, 1932: 140.

> nacionalismo, as políticas de patrimônio, o consumismo vintage, a indústria do turismo e os movimentos religiosos e ecológicos" (ANGÉ e BERLINER, 2015: 2).

Tomando a Suíça como base, nesse contexto, alguns dados obtidos no site oficial da "*Commission Suisse pour l'UNESCO*" (UNESCO, 2019) nos dão conta que o país ingressou como membro no quadro da UNESCO em 28 de janeiro de 1949. Em seguida, por decisão do Conselho Federal (maio de 1949), foi instituída a Comissão Suíça da UNESCO (CSU), comitê extraparlamentar ancorado ao Departamento Federal de Relações Exteriores (FDFA), constituído por vinte membros (1949 a 1952) que tinham por atribuição estabelecer o elo entre a organização e a Suíça, comprometendo-se com o suporte na instituição da paz, por meio da educação, ciência, cultura e comunicação[34].

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura, comumente conhecida por UNESCO[35], se constitui numa das entidades de referência no estabelecimento de conceitos e teorias na área da cultura no âmbito mundial e supranacional, tendo sido instituída em 16 de novembro de 1945 como uma agência especializada da Organização das Nações Unidas – ONU. Na ocasião da sua criação o mundo experienciava um momento decisivo de reconstrução pós-guerra, altura em que se disseminavam múltiplas concepções de liberalismo, ocasião oportuna à UNESCO que tinha como escopo o estabelecimento de um sistema contínuo de cooperação multilateral voltado à educação, à ciência e à cultura, propondo contribuir na manutenção da paz e segurança entre os 195 estados membros envolvidos, sendo uma das mais importantes organizações intergovernamentais autônomas representativas ou agência especializada do sistema das Nações Unidas (conforme artigos 57 e 63 da Carta das Nações Unidas): "[...] com amplos poderes internacionais nas áreas econômica, social, intelectual e educacional, saúde pública e áreas afins, vinculado às Nações Unidas por meio de acordos com o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (ECOSOC)". Porta como discurso central o entendimento de que a instauração da paz não pode ser estabelecida apenas mediante acordos econômicos e políticos, mas sobretudo através da "solidariedade intelectual e moral da humanidade", alcançada por meio das sinergias entre

[34] Entre as principais funções estavam a de orientar o governo através de recomendações e indicações sobre as demandas relativas à UNESCO, bem como a difusão do trabalho realizado pela instituição, visando incentivar o interesse pelo tema entre a população. Do ponto de vista financeiro, o FDFA fornece à CSU um orçamento anual de CHF 500.000 para financiar seu trabalho e seus projetos. Fonte: UNESCO. Disponivel em: https://www.unesco.ch/fr/uber-uns/la-commission-suisse-pour-lunesco/histoire/. Acesso em: 20 de junho de 2019.

[35] UNESCO: A Conferência realizada em Londres, resultou na assinatura do Ato Constitutivo (legislação orientadora das ações e do estabelecimento da forma de organização administrativo-funcional por 22 Estados-membros).

as nações. Se constitui como uma entidade normativa, dotada de instrumentalização jurídica, através da implementação de convenções adotadas pelos Estados-Membros, declarações e recomendações, funcionando como um espaço de cooperação internacional, mas também de interação, diálogo e partilha no aprimoramento da *práxis*[36].

Após a institucionalização da UNESCO, enquanto órgão regulador era o momento de seguir os trilhos na construção de um instrumento internacional normatizador no campo cultural. Com isso foi realizada, em 1954, a primeira Convenção para a Proteção de Bens Culturais em caso de Conflito Armado da UNESCO, tomando como base as discussões já empreendidas em torno do assunto tanto na Convenção de Haia (1889 e 1907) quanto no Pacto de Washington (1935). Essa Convenção apresentou um conceito unificador, mediante bens culturais comuns fundamentalmente compartilhados, representando "o primeiro tratado internacional com uma agenda mundial com foco exclusivo na proteção patrimonial em caso de conflito armado" (STANCA-MUSTEA, 2015: 43). De acordo com o artigo 1º do texto da referida entidade, são considerados como bens culturais[37], aqueles do tipo móveis ou imóveis, que apresentem notável importância ao patrimônio cultural dos povos. É relevante destacar que durante a trajetória histórica da UNESCO, para além da Convenção do Patrimônio em caso de conflito armado (1954), inúmeras discussões em torno dessa matéria – o Patrimônio, foram colocadas em prática desde 1946 nas chamadas convenções e conferências, como é o caso do comércio de objetos culturais (1970), o patrimônio mundial (1972), o patrimônio subaquático (2001), o patrimônio imaterial (2003) e a promoção da diversidade de expressões culturais (2005) (GFELLER, 2015).

A Convenção do Patrimônio Cultural Imaterial, promulgada em 2003, transmitia a ideia de uma atuação direcionada em prol dos estrépitos que ambicionavam a inovação e popularização no campo das agências de patrimonialização, tendo como ponto de partida os documentos lançados em 1989 pela UNESCO (Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular), impelindo uma "nova ordem discursiva" e o fenômeno de âmbito mundial da "patrimonialização das diferenças". Essas ações foram alvos de diversas críticas por

[36] UNESCO. Biblioteca numérica da Unesco. Constituição da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Disponivel em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000147273. Acesso em: 4 de abril de 2018.

[37] Os bens culturais do tipo móveis ou imóveis definidos pela UNESCO correspondem aos monumentos de arquitetura, de arte ou de história, religiosos ou laicos, ou sítios arqueológicos, os conjuntos de construções que apresentem um interesse histórico ou artístico, as obras de arte, os livros, os manuscritos, bem como todos os objetos de interesse histórico, artístico ou arqueológico, igualmente as coleções científicas e coleções de livros, de arquivos ou de reprodução. Fonte: ICRC. *Convenção (II) com respeito às leis e costumes da guerra na terra e no seu anexo:* Regulamento relativo às Leis e Costumes da Guerra Terrestre. Haia, 29 de julho 1899. Disponível em: <http://www.icrc.org/ihl.nsf/WebART/150-110001?OpenDocument>. Acesso em: 10 de novembro de 2019.

parte de alguns representantes dos Estados-Membros que alegavam certa "elitização", pois as políticas patrimoniais vigentes favoreciam a salvaguarda dos rastros e legados do passado de determinada elite em seus países de proveniência. Diante dessas discordâncias, o único aspecto considerado inovador foi a intenção em redimensionar as políticas públicas de patrimônio para esferas de circulação das chamadas culturas populares e tradicionais (ABREU, 2007: 15-16). Sobre essas reflexões, encontramos algumas referências no trabalho de Jadé (2010: 3), reforçando que:

> "Na origem da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, a observação do desaparecimento de expressões culturais como danças, canções etc, forneceu evidências tangíveis da força decrescente das culturas em face da globalização e padronização. Dado esse estado de coisas, o objetivo é salvar a diversidade cultural. Desde então, esse desenvolvimento trouxe grandes mudanças. Hoje, o paradigma do patrimônio da consideração única de «bens móveis e imóveis» se rompeu. Uma mudança de visão começou, mas também um verdadeiro ponto de virada histórico. Qualquer manifestação, expressão do homem, pode ser objeto de uma herança".

Portanto, essa dissimetria nas narrativas no período que antecede a Convenção do Patrimônio Cultural Imaterial demonstra a grande dificuldade, por parte da Unesco, em concebê-lo de fato na escala da humanidade, conforme excerto abaixo:

> "No entanto, o desequilíbrio mantido pela Unesco há anos ilustra toda a dificuldade de pensar sobre o patrimônio em escala humana. O desafio é conceber o fato do patrimônio não como um estatuto qualificado para a matéria, mas como um ato humano universal e apreciar sua multiplicidade formal tanto no não-Ocidente quanto no Ocidente. Finalmente, o Patrimônio cultural Imaterial está presente em toda parte na Terra e em todas as comunidades humanas. A universalidade é definida como: «o que deve interessar a todos os homens». Um patrimônio «universal» deve aceitar a multiplicidade de expressões do fato patrimonial do homem, bem como as diferentes maneiras de considerar as filosofias do «*devenir*» (tornar-se) pelas sociedades" (JADE, 2010: 4).

Na mesma perspectiva, Funari e Pelegrine (2006) também apontam essa disparidade ao afirmar que no âmbito da Unesco:

> "[…] Predomina-se o interesse das potências econômicas e a valorização do patrimônio ligado às elites em geral, e à Europa em particular. Isso significa que as grandes civilizações do passado recebem mais atenção do que as sociedades que não dominaram outros povos, nem deixaram construções monumentais. Essa visão vem mudando principalmente nas duas últimas décadas, com o crescente reconhecimento do valor da diversidade humana em qualquer situação, não apenas no campo da potência militar e material" (FUNARI e PELEGRINE, 2006: 26-27).

Ademais, os representantes dos países latino-americanos e africanos pertencentes ao que a UNESCO categorizou como "bloco sul"[38], esclareceram alguns pontos importantes

[38] Estados-membros da UNESCO, composto por países do chamado "Bloco do Sul", que incluem quase todos os países tropicais da América Latina e do Sudeste Asiático, além da China e de vários países africanos. Já o bloco norte abrange os países da Europa e do Atlântico Norte. Fonte: ABREU, R. M. R. M (2007). Patrimônio

quanto aos seus territórios, indicando que a maioria dos patrimônios existentes nesses países encontravam-se associados às performances, como as expressões culturais e artísticas em geral efêmeras, os dialetos, os rituais, o "*savoir-faire*", as festas, em suma, com insignificante ou quase nenhuma sistematização e registro, permanecendo omissas ou com pouca visibilidade, diante de políticas patrimoniais orientadas às realizações das elites (monumentos, igrejas católicas, palácios). Esses debates, por sua vez, receberam a influência de inúmeros pontos de vista, críticas e interesses, coadjuvando na formulação do conceito de PCI, tendo como propósito a ampliação do campo do patrimônio em prol das expressões e manifestações da cultura tradicional popular. Tais ambiguidades na noção de patrimônio antes da convenção são relatadas por Jadé (2010: 3), que declara:

> "No entanto, antes da Convenção para o Patrimônio Cultural Imaterial de 2003, a organização mantinha um forte desequilíbrio entre aqueles que eram chamados de países do Norte e os do Sul. A Convenção da Unesco de 1972 sobre a proteção do patrimônio cultural e natural mundial limitou o patrimônio a «bens móveis e imóveis». De fato, o «Patrimônio Mundial da Humanidade» não era «universal»; universal no sentido daquilo «que diz respeito a todos os homens». Adotada por unanimidade, a Convenção de 2003 para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial assinala a vontade de reequilibrar a situação. Constitui uma verdadeira virada histórica".

No que concerne ao Patrimônio Cultural Imaterial, do ponto de vista da Unesco, a circunstância basilar se deve ao encontro realizado a Paris em 29 de setembro de 2003. Para a concepção do documento de Salvaguarda do PCI foram considerados os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes, mais especificamente a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, o Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais de 1966[39] e o Pacto Internacional sobre Direitos Civis e políticas de 1966[40]. Nessa perspectiva, foi estabelecida – através do artigo 2º, a definição do que seria o "Patrimônio Cultural Imaterial"; ficou convencionado que são: "as práticas, representações, expressões, conhecimentos e *savoir-faire*, assim como os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais a eles associados, que as comunidades, grupos e, conforme o caso, os indivíduos reconhecem como parte de sua herança cultural" (CONVENTION POUR LA SAUVEGARDE DU PATRIMOINE CULTUREL IMMATÉRIEL UNESCO, 2003).

Cultural: Tensões e disputas no contexto de uma nova ordem discursiva. In: Apostila Seminários Temáticos Arte e Cultura Popular. Museu Casa do Pontal, Rio de Janeiro: 15.

[39] Pacte international relatif aux droits économiques, sociaux et culturels (1966). Disponivel em: https://www.admin.ch/opc/fr/classified-compilation/19660259/index.html. Acesso em: 15 de novembro de 2019.

[40] Pacte international relatif aux droits civils et politiques (1966). Disponivel em: https://www.admin.ch/opc/fr/classified-compilation/19660262/index.html. Acesso em: 15 de novembro de 2019.

> "Esse Patrimônio Cultural Imaterial, transmitido de geração em geração, é recriado continuamente por comunidades e grupos de acordo com o ambiente, a interação com a natureza e a história, atribuindo-lhes um senso de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e criatividade humana. Para fins dessa Convenção, foram levados em consideração somente o patrimônio cultural intangível, de acordo com os instrumentos internacionais de direitos humanos efetivos e a exigência de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos e o desenvolvimento sustentável, podendo ser evidenciado nas esferas das tradições e expressões orais, incluindo a linguagem como vetor do patrimônio cultural imaterial; nas artes do espetáculo; nas práticas sociais, rituais e eventos festivos; nos conhecimentos e práticas relativas à natureza e universo e ao *savoir-faire* concernante ao artesanato tradicional" (CONVENTION POUR LA SAUVEGARDE DU PATRIMOINE CULTUREL IMMATÉRIEL UNESCO, ARTICLE 2, 2003).

Diante das inquietudes e conexões em torno do patrimônio, a Unesco empreendeu algumas medidas, dentre elas a fundação do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, a elaboração nos anos 70 do Inventário do Patrimônio Cultural e Natural mundial, além de uma Convenção internacional em 2003, com o objetivo de salvaguardar o Patrimônio Oral e Imaterial da humanidade, com vistas à promoção e o respeito à pluralidade cultural, protegendo tanto o espírito como o sentido de continuidade identitária representativa dos grupos sociais (HEINICH, 2009). Cabe aqui ressaltar que, apesar de a Unesco na convenção sobre o patrimônio (2003) empregar em sua base conceitual termos como a cultura popular e o "folclore"; algumas deliberações estabelecidas na recomendação, notadamente aquelas relacionadas à conservação, preservação, identificação, proteção e divulgação, deixavam de lado os anseios e necessidades das comunidades culturais, haja vista que as práticas tradicionais e populares por vezes eram encaradas, segundo Kurin (2007: 12) como "expressões em certa medida alienadas de um populismo irrefletido, costumes naturalmente praticados que podiam ser abstraídos de outros aspectos da vida e que talvez ficassem melhor preservados nos registros documentais dos acadêmicos ou nas coleções dos museus".

No que alude ao PCI, no caso das festas populares, Fournier (2005: 30) destaca que "os festivais locais, considerados no passado como rituais imutáveis ou ocasiões banais de relaxamento, são hoje «feitos», construídos coletivamente transformados em recursos patrimoniais. E, ao mesmo tempo, a herança serve de pretexto para novos festivais". Vai além ao declarar que atualmente o campo do "novo patrimônio" desperta o interesse de várias esferas do conhecimento, mas também agrega consigo anseios atrelados ao desenvolvimento e questões recônditas:

> "Tomando como base suas variadas extensões, podemos conceber o patrimônio como uma declaração e como um projeto. Corresponde a uma posição ética e faz com que seus gerentes não sejam proprietários, mas meros guardiões. Esconde muitas questões sociais e simbólicas" (FOURNIER, 2005: 30).

Heinich (2009: 725) traz à tona reflexões sobre o patrimônio e as festas, afirmando que:

> "A função patrimonial permite portanto à um objeto qualquer não somente de passar do estado de um bem privado para o de um «bem comum» no sentido dos economistas, isto é, atender ao duplo critério de não-exclusão (sua consumação está aberta a todos) e de não-rivalidade (ela não diminui a quantidade disponível); mas também para se tornar esta «pátria não mortal de seres mortais»".

A autora citada acima, ao falar de "patrimônio", prefere empregar o termo "função patrimonial", ou como nominou Heinich (1993: s/p *apud* HEINICH, 2009: 788-789) de "«*fonction personne*» em conexão com certos objetos. Nessa perspectiva, o patrimônio torna-se o estado no qual se encontram imersos os objetos quando eles são submetidos a certos tipos de operações, gestuais, escriturais, cognitivas, semânticas, jurídicas, financeiras, etc".

Parafraseando Clara Bertrand Cabral (2011), a expressão patrimônio é empregada atualmente de uma maneira bastante multivariada, cabendo em várias esferas do contexto social: meio ambiente, publicidade, cultura e em diversos outros cenários, concebido como algo benéfico na vida dos indivíduos. Segundo ela, trata-se de "um bem precioso que deve ser preservado" (CABRAL, 2011: 25). Além disso, reflete sobre o patrimônio numa perspectiva daquilo que pode ser reconhecido como tal, indicando que essa definição está condicionada aos contextos históricos-culturais, sociais e normativos, onde algo que em um dado momento não se enquadra nessa classificação, poderá vir a ser noutro, pois na opinião da autora:

> "No passado o que era patrimônio correspondia à emanação de uma cultura elitista que valorizava apenas os vestígios materiais dos ditos «vencedores da história», agora o patrimônio engloba também as manifestações intangíveis e informais dos designados «povos sem história». Engloba ainda uma noção de temporalidade que ultrapassa largamente a linearidade histórica. Igualmente dá conta do paradoxo da atual dinâmica do patrimônio cultural e a sua ancoragem num passado que chega a ser presente, sublinhando as intrincadas relações contextuais que existem entre a atual acepção de patrimônio e as preocupações com a diversidade cultural, a criatividade e a autodeterminação nos tempos globais em que vivemos" (CABRAL, 2011: 35).

Sob outra perspectiva, Leal (2009) nos alerta reforçando que o selo enquanto componente institucional e simbólico do PCI passa a ser o centro das atenções, mas ainda que há certa tendência em converter tais manifestações em meras atrações turísticas. Acrescenta ainda que a "[…] consagração do patrimônio cultural imaterial pela UNESCO faz justamente parte desses processos de patrimonialização, mercantilização e turistificação da cultura" (LEAL, 2009: 293). Para ele, o patrimônio deve ser percebido como algo em constante dinamicidade, mobilidade e metamorfose:

> "[…] o Patrimônio Cultural Imaterial tem que ser feito a partir de mobilizações das pessoas reais. Mas também [...] deve partir de uma concepção da cultura como algo que se move, que transita, que circula, feita de fluxos, de transformações no espaço

> e no tempo, em resumo, de mobilidade. Tudo está relacionado com tudo, mesmo a singularidade cultural, que pode ser mais precisamente vista como um mecanismo de distinção que pressupõe sempre um exterior dessa singularidade" (LEAL, 2013: 141).

O grande impasse, de acordo com Leal (2013), é o estabelecimento de percepções que possam considerar o PCI como um canal no estabelecimento de diálogos, levando em conta suas especificidades como parte de um todo e, não apenas como um espaço limitado reservado a reinvindicações singulares.

1.4.3 Patrimônio Cultural Imaterial Suíço

A Suíça, a partir dos anos 60, atravessou uma nova fase quanto ao tratamento das tradições, caracterizada pela revitalização de certas práticas em diálogo com movimentos contra-culturais. Um dos grandes marcos desse processo foi a dinâmica implementada através do movimento mundial conhecido como «*Mai 68*»[41] ou «Maio 68», com a sucessão de uma série de eventos que também sacudiram a Suíça na década de 1960. Consequentemente, as conquistas sociais ganham seu lugar de destaque em toda a europa através do «Estado do Bem-Estar» (*Welfare State*), que surgiu após a segunda Guerra Mundial, associado aos processos industriais e às adversidades sociais atreladas a essa fase. Esse período reflete a ampliação dos serviços assistenciais públicos e os direitos que garantiam padrões mínimos aos cidadãos – como educação, renda, saúde, habitação e seguridade social, com acentuada intervenção na área econômica, visando regulamentar as atividades produtivas. Assistia-se, do mesmo modo, a um perído pós-guerra com transformações em vários segmentos, com um aumento significativo do êxodo rural e no número de imigrantes que, nesse contexto, acabam contribuíndo com a compensação da escassez da mão de obra no país, nesse período. O campo acadêmico se expande a vários setores da sociedade e o capitalismo ou aquilo que Boltanski e Chiapello ([1999], 2009: 39) convencionaram chamar de «espírito do capitalismo». Nessa lógica, traz à tona ideologias que fundamentam o engajamento no sistema capitalista, não apenas apresentando benefícios restritos a um grupo, mas como um «bem comum» orientado a uma coletividade:

> "A qualidade do compromisso que se pode esperar depende, antes, dos argumentos alegáveis para valorizar não só os benefícios que a participação nos processos

[41] As informações sobre o movimento Mai 68 foram obtidas no Dictionnaire historique de *la Suisse*, Hauterive; Gilles Attinger, 2002-2014. Disponivel em: www.dhs.ch. Acesso em: 10 de outubro de 2019.

> capitalistas pode propiciar individualmente, como também as vantagens coletivas, definidas em termos de bem comum, com que ela contribui para todos" (BOLTANSKI e CHIAPELLO, [1999], 2009: 39).

Assiste-se, ainda, a uma plena expansão e profunda transformação do capitalismo, alinhado a novos hábitos como o consumismo que se intensifica em todo o mundo, onde os meios publicitários encontram nos jovens um potencial segmento de mercado na aquisição de bens de consumo.

Em meio a todas essas transformações econômicas, sociais e políticas, eclode em 8 de maio de 1968, na Suíça, uma revolta dos estudantes da Escola Normal de Locarno, que exigiam um novo traçado social e educacional. Esse acontecimento foi o estopim que abriu espaço para diversas manifestações em todo o país, como as lutas pela emancipação feminina, os movimentos de vizinhança, a mobilização antinuclear, associadas ao surgimento de várias correntes ideológicas (1960 a 1970), com severas críticas ao conservadorismo, autoritarismo e à sociedade de consumo. Isso porque, a antiga «política da defesa espiritual»[42] introduzida antes do início da Segunda Guerra Mundial estava longe de ser uma concepção legitimada e aceita por esse público contrário à imposição daquilo que eles alcunhavam de centralidade dos valores suíços, visando extinguir a referência pautada na política cultural nacionalista. Além do mais, essa juventude agora defendia a solidariedade com os países do terceiro mundo (HERTZ *et al*, 2018). Foi também nesse período que o campo cultural ganha destaque, experimentando algumas transformações. Assim, uma série de exigências foram pleiteadas, conforme citação extraída do relatório Clottu[43] de 1975:

[42] A "política da defesa espiritual" se refere ao movimento político-cultural, entre os anos 30 e 60, que visava a afirmação dos valores nacionais, a defesa contra os totalitarismos fascistas, nacional-socialistas ou comunistas. Tendo surgido após a Primeira Guerra Mundial, em razão da necessidade de estender os esforços de defesa a campos não militares, como economia e cultura. O conceito de defesa espiritual apareceu antes da década de 1930, mas foi o surgimento da ameaça nazista (nacional-socialismo) que lhe conferiu um caráter antialemão, particularmente bem aceito na Suíça de língua alemã, pois as autoridades federais, consideravam que a Alemanha nazista representava uma ameaça. Assim, eles demandaram a mobilização dos segmentos artísticos, intelectuais e morais, na luta pela independência do Estado. Esse movimento ganhou visibilidade na Exposição Nacional de 1939 (Zurique) exercendo um forte impacto sobre a população que aderiu em massa ao evento, mas também foi alvo de várias críticas na década de 1960 por parte dos jovens de esquerda, que viam nela um instrumento para doutrinar e acompanhar o ritmo da sociedade, além de ser julgado como uma forma de "totalitarismo suíço" ou "totalitarismo democrático", análogo ao fascismo, nacionalismo, do espírito estreito e patriótico. Fonte: MOHLER, Mathieu (2018). La défense spirituelle: La contre-propagande en suisse pendant la seconde guerre mondiale umr Sirice|Bulletin de L'institut Pierre Renouvin. N° 47. 10p: 111-115. Disponivel em: https://www.cairn.info/revue-bulletin-de-l-institut-pierrerenouvin-2018-1-page-109.htm. Acesso em: 20 de outubro de 2018.

[43] Em 1975, o relatório Clottu, elementos para uma política cultural na Suíça, abriu um amplo debate. Orientado à ideia de um artigo constitucional, conferindo ao Estado Federal uma nova competência. Despertando uma

> "As demandas formuladas pelo movimento maio 68 levaram certos meios a se afastarem da política cultural do passado, que, no entanto, se provou. Como costuma acontecer quando surgem novas tendências, as medidas adotadas antes até o momento foram julgadas restritivas e insuficientes. Os autores do relatório «Elementos para uma política cultural na Suíça» (o chamado relatório Clottu) esboçaram em 1975 seu ideal de política cultural federal. Abandonando a definição restritiva de cultura outrora aceita, a Comissão Clottu foi inspirada nas idéias da UNESCO e do Conselho da Europa para deduzir dessa ampla noção de cultura vários requisitos, como a criação de academias nacionais das artes e de um serviço suíço de documentação e estudo das questões culturais. Ela também propôs a introdução de um artigo cultural na Constituição Federal, a fim de dar à Confederação os meios legais para se envolver fortemente na cultura" (CLOTTU, 1975).

O interesse pelas tradições, por parte das jovens gerações no século XVIII, andava de mãos dadas com disputas políticas radicais. As classes juvenis criticavam arduamente «*les méfaits de la modernisation*» (HERTZ *et al*, 2018: 92), nomeadamente os inconvenientes advindos do processo da modernização capitalista. Num primeiro momento, assiste-se certa orientação às ideologias em torno das questões associadas ao meio ambiente, coadjuvando na valoração de uma imagem de sociedade preocupada com os temas ecológicos, bem como aproximações de alguns movimentos de esquerda por meio de concepções anti-capitalistas, mediante um modelo social em oposição ao consumismo moderno, à cultura de massa, com vistas a um estilo de vida simplista, longe daquilo que Hertz *et al* (2018: 92) alcunhou de «perversão do capitalismo». Foi nessa época também que se assiste a uma revalorização das tradições, da adoção de estilos fora do convencional, o uso de instrumentos e estilos musicais antigos, danças populares tradicionais, culminando com o despertar de festivais que propunham a música «*folk*»[44] em substituição à «*volksmusik*»[45]. Em detrimento do movimento «*folk*» acabaram afluindo novos festivais que se converteram em «tradições vivas»,

---

iniciativa popular, o projeto foi levado às urnas em 28 de setembro de 1986 com 75% de aceitação dos eleitores. A entrada da cultura na Constituição ocorreu graças à sua revisão total em 1999. Fonte: DUFOUR, Nicolas (1975). Relatório Clottu. Suíça, elementos para uma política cultural na Suíça. "Relatório Clottu", Berna.

[44] Segundo Guerrero (2015) o estilo musical "*Folk*" apesar de pensarmos que ele se originou nos Estados Unidos (1960) suas raízes são oriundas bem antes do século XX, provavelmente entre os Celtas. O primeiro a fazer uso do termo foi Williams Thoms (1846) para se referir ao conjunto de tradições, crenças e costumes populares que definiam uma cidade, mas também aos costumes seculares e culturais de um determinado povo ou como descrição de música nacionalista. Teve sua ascensão no século XX com o nascimento da indústria da música e da gravação em 1930. Corrobora Charles-Dominique (2007) quando ressalta que a origem do *"Folk-revival"* europeu e francês deve ser buscada, em parte nos EUA, onde surgiu uma contracultura na década de 1960, entre outras coisas construídas em uma nova música social e política, a música de protesto. Esse movimento (*Folk*) se constitui para a maioria dos músicos contemporâneos o ponto de partida do processo de renascimento da música tradicional. Do ponto de vista musical, *folk* é uma seleção feita a partir de todos os repertórios nacionais tradicionais, criando do zero uma forma de acompanhamento e prática desconhecida na tradição (CHARLES-DOMINIQUE, 2007: 1). Fonte: GUERRERO, David González (2015). Crónica vinculada hacia la expansión estética a Raíz de la música Folk. Tesis. Universidad academia de Humanismo Cristiano Escuela de Musica. Santiago: 31-32. CHARLES-DOMINIQUE, L. (2007). Les emblèmes instrumentaux régionaux du revival français, Coloque Université de Poitiers Musique, langue, identités: 1.

[45] *Volksmusik* é um estilo musical que abrange canções folclóricas e estilos de música instrumental que literalmente pertencem à base cultural das pessoas, no geral acompanhadas por danças folclóricas, proveniente principalmente do repertório de canções que estão vinculadas a um texto da música (CHARLES-DOMINIQUE, 2007).

como o Festival de Lenzburg (1972-1980)[46], a canção Treffen à Soleure[47], o Gurten em 1977[48] e o Festival de Nyon em 1976[49], atualmente conhecido pelo nome de *Paléo* Festival.

Esse período foi marcado pela grande lacuna entre o pensamento de certa elite da época e do mundo científico, tendo nas ciências sociais e humanas severas críticas por parte dos literários, antropólogos, folcloristas, sociólogos e filósofos do país, que desaprovavam os conceitos que julgavam a cultura como algo estático e constante (HERTZ, 2018), tentando mostrar a abrangência das noções de tradição e cultura e sua possibilidade de navegar em diferentes contextos, como reitera Bendix (1992), ao afirmar que é deveras reducionista considerar a existência de uma cultura nacional única, pois há uma pluralidade de práticas e representações culturais, onde seu entendimento está atrelado à análise de fatores de natureza sócio-econômica e política.

Na Suíça, assim como por toda a Europa, as tradições foram classificadas em três fases, conforme nos descreve Hertz *et al* (2018: 61-62):

> "Numa primeira fase que nós qualificaremos de «romântica», as tradições e os costumes populares estavam articulados aos novos imaginários democráticos: a igualdade e a dignidade do povo deveriam se manifestar por meio dos festivais populares, opondo-se ao elitismo dos regimes aristocráticos e oligárquicos. Tais ideais românticos se identificam com algumas concepções existentes na redação da convenção para salvaguarda do PCI que evidenciava a «comunidade» e o «povo». Numa segunda fase, denominada «naturalização», as encenações do passado servem como legitimadores da construção da identidade e unidade nacional, contribuindo para a consolidação do estado federal em 1948. Ao mesmo tempo, assiste-se a uma reapropriação por parte dos atores locais dessas tradições, que paulatinamente adquiriram uma áurea de ancestralidade e autenticidade. [...] É precisamente numa reação à promoção econômica da cultura Helvética e à

[46] O Festival de *Lenzburg* (1972-1980) ou festival de malabaristas de *Lenzburg* foi originalmente fundado por algumas lojas no centro da cidade, com o apoio de uma agência de publicidade. Tendo em vista o sucesso adquirido, a responsabilidade em organizar o evento foi entregue a um comitê organizador independente e voluntário. Desde então, o festival tem crescido constantemente, ganhando novos adeptos e patrocinadores, além da própria cidade de Lenzburg e empresas locais. Nos últimos anos o festival se tornou o maior evento do gênero na Suíça de língua alemã. Fonte: Site oficial do festival. Disponivel em: http://gauklerfestival.ch/geschichte/. Acesso em: fevereiro de 2019.

[47] As informações foram extraídas do Schallplatte von 1974 mit dem gleichnamigen Titel. Laut dem Cover -text wolte man mit dem Chanson-Treffen in Solothurn, ein breiteres Publikum mit dem neuen Lieddgut bekannt machen

[48] O Gurten é um festival de música de quatro dias que ocorre em Berna desde 1977, com bandas que vêm principalmente do cenário do rock e pop (alternativo), especialmente a música *folk*, nos primeiros anos de festival. Posteriormente, ganhou novas configurações com a introdução de estilos que vão do *blues* ao *hip-hop*, transformando-se num grande evento musical. Fonte: Lebendige Traditionen Open-Air-Festival-Kultur Juni 2018. Disponivel em: www.lebendige-traditionen.ch. Acesso em: abril de 2020.

[49] Em 1975, uma associação cultural de Nyon começou a organizar concertos que portavam o nome de *Paléo Arts et Spectacles*. Essa associação cultural sem fins lucrativos desde 1976 produz festivais anuais de verão, ao ar livre (*Paléo* Festival), contando com shows e músicas de diversos gêneros, além de uma variada programação cultural e de lazer, que incluem desde a gastronomia, acampamentos que se formam no espaço da festa, atraindo sobretudo o público jovem. A cada edição o Paléo festival busca agregar valores sociais, ecológicos e vender uma imagem de responsabilidade social. Fonte: Site Oficial do Cantão de Vaud. Disponivel em: https://www.vd.ch/themes/culture/patrimoine-mobilier-non-cantonal-et-immateriel/patrimoine-immateriel-et-traditions-vivantes/arts-du-spectacle/festivals/paleo-festival/. Acesso em: janeiro de 2019.

> estandardização do folclore, durante o período entre guerras, surge uma terceira fase. Teve seu apogeu no início dos anos trinta, coincidindo com o surgimento da «Defesa Espiritual», um movimento político e cultural que celebrava os valores nacionais contra as formas de totalitarismo que circundavam a Suíça nessa época. Esse período conduziu seus representantes a tomarem posições de natureza conservadora, tendo como objetivo a restauração e a defesa da autenticidade dos costumes contra os excessos comerciais".

Assim sendo, cabe destacar que as diversas etapas de formação, legitimação e institucionalização das tradições vivas, corroboraram com o entendimento em torno das dinâmicas processadas no contexto suíço e, consequentemente na compreensão da adesão da Suíça na Convenção para a salvaguarda do PCI.

1.4.4 A dinâmica de implantação do PCI na Suíça

Na perspectiva da trajetória trilhada na dinâmica de inventariação dos bens patrimoniais, nesse caso em particular, as primeiras iniciativas quanto à adesão ao PCI na Suíça não foram tarefa fácil, constituindo-se num processo laborioso e fragmentado. Em 1969 procedeu-se à criação de uma comissão extra-parlamentar encarregada de elaborar um relatório geral sobre a situação e as necessidades dos elementos do campo das artes, da literatura, do cinema, do teatro e da música (CLOTTU, 1975: 6). Por conseguinte, o Conselho Federal aprovou a criação de um Programa Nacional de Pesquisa, denominado «Pluralismo cultural e identidade nacional» (1985-1991) que tinha por objetivo identificar o comportamento real dos Helvéticos[50], em especial as relações entre a maioria germanofone[51] e as minorias francofone e italofone[52] do país. Isso porque, há um abismo muito grande entre cada um desses cantões, pois apresentam características bem peculiares, indo desde o pluralismo lingüístico, com diferentes idiomas dentro de um mesmo país, mas ainda, os

[50] Os Helvéticos ou Helvécios (*Helvetii*) eram os habitantes pertencentes à cultura celta, ocupantes da maior parte do planalto suíço à época de seu contato com Roma no século I a.C. Sua mais ampla descrição que chegou aos dias atuais é a de Júlio César no primeiro livro "*De Bello Gallico*", que descreve a guerra empreendida contra estes enquanto tentavam migrar para o sudoeste da Gália. Fonte: NAPPEY, Grégoire (2016). Histoire Suisse. LEP Loisirs et pédagogie S.A: 10-11.

[51] A Suíça Germanofone é a parte de língua alemã do país (abrange cerca de 65% do território) e deve seu nome aos *Alamans*, uma tribo germânica que se estabeleceu na região a partir do século V. Fonte: NAPPEY, Grégoire (2016). Histoire Suisse. LEP Loisirs et pédagogie S.A: 14-15.

[52] Suíça francofone é o território que adota o idioma francês. Localizado no oeste do país, cobre uma área de 9.508,2 km^2 (23% de todo o país). "*Romandie"* é um termo que designa o território suíço de língua francesa, onde os habitantes são chamados *Romands* ou *Romandes*. Abrange os cantões de Genebra, Jura (com exceção do município de língua alemã de Ederswiler), Neuchâtel e Vaud e parte dos cantões de Berna (Bernese Jura e Biel), Friburgo e Valais. A Suíça italiana possui uma área de 3.796,78 km^2 e abrigava 366.481 habitantes em 2016. É a parte que adota a língua italiana (cantão de Ticino, os vales no sul do cantão de Grisões: *Val Poschiavo, Val Bregaglia, Val Calanca e Val Mesolcina*), bem como o município de Bivio. Fonte: NAPPEY, Grégoire (2016). Histoire Suisse. LEP Loisirs et pédagogie S.A: 14-15.

distintos costumes, as tradições locais, a política interna de cada lugar, a personalidade e as especificidades de cada povo e região. Em meio a tudo isso a Suíça vota (6 de dezembro de 1992) contra a sua adesão ao «Espaço Econômico Europeano" (EEE), resultando em uma crise política, posto que agora o país passa a ser visto como isolado e conservador, fragilizado pela "*Röstigraben*"[53], dividindo a população entre aqueles que eram a favor (Suíça francofone) ainda que fosse a minoria, e a grande parte contra (Suíça Germanofone) na entrada na EEE. Ao mesmo tempo, inúmeras medidas políticas foram colocadas em ação, como a criação de duas comissões parlamentares em 1993; a comemoração dos 150 anos do Estado Federal, o lançamento da Exposição Nacional (2000) e a revisão da Constituição (HERTZ *et al*, 2018), consequentemente refletindo na nova lei que trata do encorajamento da cultura em 2009[54]. Na concepção de Perrin (2017), ela atua na mobilização de uma imagem positiva, no sentimento de pertencimento entre a população local, mas acima de tudo, como instrumento de relações públicas dos atores sociais do governo, na transmissão da ideia de um país democraticamente aberto e atuante nas causas associadas à cultura. Numa outra leitura que Perrin (2013: 52) faz sobre a OFC e a patrimonialização, ela nos indica que:

> "A etnografia do processo de patrimonialização dessas práticas no contexto da implementação Suíça da Convenção da UNESCO de 2003 me levou a analisar como essa convenção internacional foi interpretada na escala cantonal e nacional. A missão da OFC deveria responder a algumas exigências técnicas (definição de uma metodologia e critérios) e sobretudo políticos (equilíbrio intercantonal; cumprimento dos instrumentos legais nacionais em vigor em matéria de política cultural)".

Hertz *et al* (2018) nos indicam que a Suíça apresenta uma rica diversidade de práticas situadas em todo o seu território nacional, e, que, diante da preocupação com seu repertório musical, costumes, jogos e *savoir-faire* artesanal, há tempos, tem atuado na inventariação e

[53] *Röstigraben* consiste na imposição da língua alemã à sociedade outrora. Também diz respeito a um prato rural da Suíça alemã à base de batata e graben (rosti). Nesse segundo caso se constitui como uma espécie de metáfora para diferenciar a mentalidade da Suíça Alemã e da Suíça francofone divergentes em vários aspectos quer seja no contexto econômico, social ou político, onde por um lado temos o urbano versus rural, católico versus protestante, elitista versus popular, industrializado versus artesanal. Ao apresentar essas diferentes categorias sociais de maneira isomórfica, ela tende a simplificar amplamente o cenário cultural suíço e, naturalizar as diferenças entre "tradição" e "modernidade". BONDAZ, Julien; BIDEAU, Florence Graezer; Isnart, Cyril; Leblon, Anaïs (2014). *Les Vocabulaires locaux du « patrimoine ». Traductions, négociations et transformations*. Zurich et Berlin, Lit Verlag, 228 p.

[54] Nova lei que trata do encorajamento da cultura em 2009: A Assembléia Federal da Confederação Suíça, tendo em conta os art. 67a, al. 1 e 3, 69, al. 2 e 70, al. 3, da Constituição, em virtude do Conselho Federal de 8 de junho de 2007 relativas à lei federal de promoção da cultura e à lei federal da fundação Pro Helvetia, decreta o incentivo à cultura nas seguintes áreas: Salvaguarda do patrimônio cultural, a criação artística e cultural, incluindo a promoção da geração futura, mediação artística e cultural, trocas entre comunidades culturais e linguísticas na Suíça; intercâmbio cultural com países estrangeiros e a organização da fundação Pro Helvetia. Fonte: Loi fédérale sur l'encouragement de la culture (Loi sur l'encouragement de la culture, LEC) de 11 décembre 2009 (442.1). Disponivel em: https://www.admin.ch/opc/fr/classified-compilation/20070244/201601010000/442.1.pdf. Acesso em: janeiro 2019.

celebração de tradições, através de inúmeras iniciativas lançadas desde o início do século XIX, objetivando sua valoração e conservação. As iniciativas quanto à adesão ao PCI foram objeto de oposições entre os envolvidos[55], fruto de divergências, enfrentamentos, por vezes objeto de incompreensão, em especial no que diz respeito às matérias sobre a «autenticidade» que dividiu opiniões, visto que uma parcela da elite local exigia a manutenção das tradições no inventário nacional, levando em conta a antiguidade e a suissitude[56].

Além disso, um grupo formado por representantes do mundo acadêmico criticava a visão folclórica da cultura, enquanto outra parte, segundo Hertz *et al* (2018: 99-100), temia a ameaça de uma "burocratização ou mumificação de suas práticas sob os auspícios da convenção". Por outro lado, os atores sociais fulcrais na dinâmica do PCI não foram nem identificados, tampouco ouvidos, ficando a comunidade e grupos importantes fora desse processo, o que denota certa incompreensão no sentido e nas ramificações desse arquétipo. Diante de todas as ambiguidades em torno do conceito do PCI, foram aprovadas pelo Conselho Federal, em 30 de março de 2008, duas convenções da UNESCO – a saber, a Convenção pela salvaguarda do PCI de 2003 e a Convenção pela proteção e promoção da diversidade das expressões culturais de 2005 (Id., 2018). A ordem cronológica do delineamento do percurso suíço no processo de elaboração do inventário está sintetizada na tabela abaixo.

Tabela 1 - Ordem Cronológica do processo de formatação do Inventário na Suíça

ANO	INICIATIVA
1945	A Suíça é representada na Conferência para o estabelecimento de uma organização educativa e cultural da ONU por dois observadores: Jean Piaget (primeiro presidente da CSU e diretor do Bureau International de l'Education à Genève) e Jean Weigle, professor da Universidade de Genève.
1946	A Suíça delega o professor Jean de Salis para participar como observador na primeira Conferencia Geral da UNESCO à Paris onde ele apresentou uma demanda em nome do Conselho Federal de solicitação de

[55] Essas oposições entre os envolvidos durante as etapas de elaboração do PCI foram alvo de intensos conflitos entre a elite local (considerada administradora cultural) que reprovavam os argumentos do campo científico, percebidos como formas de escárnio e deslegitimadores das atividades dessa classe. É tanto que durante as discussões preparativas da adesão da Suíça à Convenção para a Salvaguarda do PCI, um artista que representava o meio cultural expressou o sentimento em alto e bom som, "bradando" – *"Il faut tuer tous les anthropologues*" (HERTZ *et al,* 2018: 96). Esse excerto demonstra o clima de tensão na ocasião em torno dos aspectos relacionados à cultura no país.

[56] *Suissitude* ou *Swiss made* é um rótulo de marketing destinado a associar os produtos suíços às características positivas que o diferenciam [...]. Tendo em conta a realidade econômica e a prática atual de usar a indicação da marca "Suíça", que tem valor por si só (o valor agregado trazido pela referência à origem suíça de um produto pode atingir 20% do seu preço de venda, sendo de grande importância para as empresas do país e para a economia). O projeto legislativo "*Swissness*" visa estabelecer as bases para garantir a longo prazo o valor agregado representado pelo forte potencial comercial do país. Fonte: DOSSIER POLITIQUE (2010). Protection de la «Suissitude» adaptée aux besoins, gage d'une économie forte. N.6: 1.

	adesão da Suíça à UNESCO.
1947	O Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (ECOSOC) não apresenta reservas quanto à adesão da Suíça. O Conselho Executivo da UNESCO em abril de 1947 recomenda a adesão do país à Conferência Geral da UNESCO, sendo aceita em 7 de novembro de 1947. O Conselho Federal cria um comitê de estudo e uma comissão consultiva, responsável pela constituição de uma futura Comissão Suíça para a UNESCO.
1948	O Conselho Federal convoca o parlamento para assinatura da Convenção de 16 de novembro de 1945 (Decreto Federal relativo à adesão da Suíça à UNESCO).
1949	Em 28 de janeiro de 1949, a Suíça torna-se membro da UNESCO e em 6 de maio de 1949, o Conselho Federal cria a Commission suisse pour l'UNESCO (CSU), responsável pelo estabelecimento de elos entre a organização e o país, nomeando Jean Piaget (1949 - 1952) como primeiro presidente.
1959	O conselheiro nacional Ernst Börlin, diretor de educação pública do cantão Bâle-Campagne e presidente da CSU (1958 - 1968) por decisão do Bureau Executivo da CSU (20 de junho de 1959), solicita a Max Petitpierre, chefe do Département Fédéral des affaires étrangères (FDFA), a submeter ao Conselho Federal em 18 de setembro de 1959 um pedido para a criação do cargo de Secretário Geral Permanente da CSU.
1960	O primeiro Secretário Geral em tempo integral da CSU, Jean-Baptiste de Weck (1960 - 1966), nomeado pelo Conselho Federal, toma posse.
1968	Cresce o interesse das jovens gerações às questões ligadas ao capitalismo, meio ambiente e às tradições do país.
1969	O Departamento Federal de Justiça e Polícia inclui a "Défense spirituelle" (movimento político e cultural que, entre os anos 30 e 60, visava a afirmação dos valores nacionais e a defesa contra os totalitarismos fascistas, nacional-socialistas ou comunistas) no Manual de treinamento para recrutas.
1969	O Parlamento cria uma comissão extra-parlamentar para criação do relatório geral sobre a situação e as necessidades da literatura, belas artes, música, cinema e teatro.
1970	De 1970 a 1972, a filósofa de Genebra Jeanne Hersch torna-se membro do Conselho Executivo da UNESCO ao mesmo tempo em que integra a CSU.
1985-1991	O Conselho Federal criou um programa nacional de pesquisa "*Pluralisme culturel et identité nationale*" com vistas a reforçar e estimular o sentimento nacionalista e o pluralismo cultural.
1992	A Suíça vota contra a adesão ao Espaço Econômico Europeano (EEE).
1993	Criação de duas comissões parlamentares nominadas "la compréhension" que se refere a uma Lei Federal sobre línguas nacionais e a compreensão entre as comunidades linguísticas visando o incentivo o intercâmbio, o uso de idiomas oficiais e o apoio aos cantões multilíngues.
1993	Após a renúncia de Edgar Tripet, o Conselho Federal nomeou a ex-conselheira nacional Doris Morf (1993-1996) como presidente da CSU, sendo a primeira mulher a chefiar a CSU.
1997	Em novembro de 1997, Francesca Gemnetti foi nomeada Presidente da CSU, permitindo que a minoria de língua italiana administrasse a CSU pela primeira vez.
2002	A Suíça torna-se membro da ONU.
2006 e 2008	Organização de três sessões intituladas "Forum Suisse para o Patrimônio Imaterial".
2008	O Conselho Federal aprova duas convenções: "Convenção pela Salvaguarda do PCI de 2003 e "Convenção para a proteção e promoção da diversidade cultural de 2005".
2008	Redação de um Guia operacional para a criação dos inventários cantonais.
2009	Criação da Lei sobre o encorajamento da cultura.

2010	Criação de um grupo de direção responsável por avaliar as proposições enviadas pelos cantões referentes às "Tradições Vivas".
2011	A Office Fédéral de la Culture (OFC) recebe 387 proposições de "Tradições vivas" da Suíça.
2011	Publicação da primeira lista das proposições das "Tradições vivas" dos cantões do país ("*Propositions des Cantons*").
2012	Publicação e apresentação ao público em geral da segunda lista com 167 proposições das "Tradições vivas" dos cantões suíços.
2013	A OFC lança a última etapa do processo criado pela Convenção para a Salvaguarda do PCI que visava escolher um número restrito de tradições vivas para submeter à UNESCO.
2014	Seleção pelos peritos de oito "Tradições vivas" da lista nacional.
2014	Aprovação das oito "Tradições vivas" pelo Conselho Federal Suíço.
2016	Recontactação da OFC aos cantões e elaboração de um site público para encorajar a submissão de novas proposições de "Tradições vivas" e a análise das transformações ocorridas nessas manifestações depois de 2010.
2017	Finalização da atualização do inventário com a seleção de 34 novas manifestações, além das 90 proposições cantonais existentes.
2018	Publicação da lista em 2018.

Fonte: Unesco (2019).

Para tanto, foi criada a Comissão Suíça para a UNESCO, composta por vinte peritos. Durante os anos de 2006 e 2008 organizaram-se três sessões referentes ao *"Fórum Suisse pour le Patrimoine Immatériel*", contando com a participação das instituições e associações culturais, dos média e dos profissionais da academia. É importante destacar que, a *priori,* as concepções acerca do conceito do PCI no país foram um tanto intrincadas, pois sua adoção acabou gerando inúmeras interrogações, ambiguidades e incompreensão, principalmente no tocante ao significado e ao desígnio desse termo. Nessa perspectiva, o OFC decidiu denominar de "Traditions Vivantes", tudo o que concernia ao Patrimônio Cultural Imaterial (OFFICE FÉDÉRAL DE LA CULTURE, 2017). A nomeação desse termo segundo Bondaz *et al* (2014: 19), "permite evitar o emprego da noção abstrata de PCI, mas promove a imagem de uma Suíça «tradicional» que veicula os estereótipos românticos de um país alpino, rural, conservador, estável e homogêneo"

Para Bideau (2012), para compreender o grande "*chantier culturel"* suíço – numa alusão à grande diversidade cultural e linguística do país, torna-se fundamental o entendimento da estrutura federalista e a criação em 1848 da Suíça moderna, graças aos interesses imbricados nessas estratégias, que visavam acima de tudo pretensões político-econômica, tendo na organização do sistema federal o reflexo dessa decisão. Assim, as funções clássicas soberanas são de responsabilidade da Confederação - tais como a política externa, os assuntos financeiros e as forças armadas e, as demais atribuições, delegadas aos cantões. Com a instituição da Constituição de 1848,

alguns direitos e deveres, outrora outorgado aos cantões, passam a fazer parte de uma instância superior, a Confederação. Em compensação, essas transferências de competências coadjuvam no desenvolvimento de uma economia nacional que transcende as barreiras das antigas entidades autônomas, gerando transformações em diversos segmentos.[57] Assim, "a insigne frase «uniformidade da unidade» exprime claramente sua dinâmica política, através da qual os vinte e seis cantões existentes partilham a ideia de uma identidade cultural comum atrelada à gênese da Suíça moderna, enquanto trabalha na preservação de sua diversidade cultural" (BIDEAU, 2012: 5).

Certa especificidade é encontrada no sistema federal suíço, no que diz respeito à cultura que, nesse caso, em particular, não é atribuição da Confederação, o que caracteriza uma descentralização do tema, pois cada cantão porta grande autonomia e a responsabilidade de administrar, promover e subsidiar os assuntos culturais do seu território, adotando o "princípio da subsidiariedade", através do comprometimento no incentivo à cultura e na distribuição de competências entre os três níveis – cantonal, comunal e local. Conforme artigo 69, nominado *«article culturel»* (Constituição Federal de 1999) que trata do respeito à "diversidade cultural e linguística" e do princípio das competências entre os cantões e a confederação, "a cultura é responsabilidade dos cantões, enquanto as atividades culturais de interesse nacional, representativas da diversidade cultural e linguística do país são promovidos pela Confederação" (RAPPORT CLOTTU, 1975).

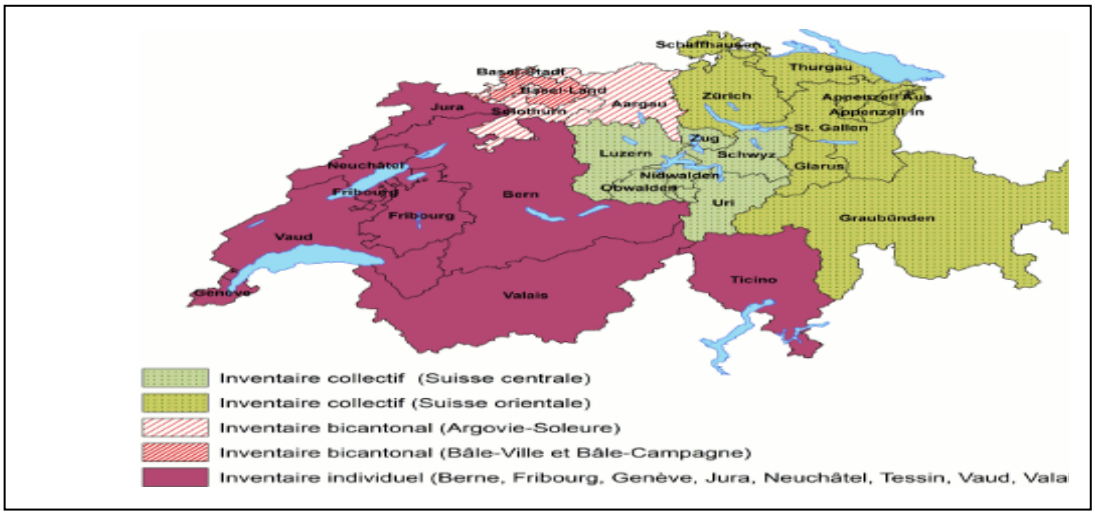
Juridicamente, a lei atual sobre incentivo à cultura, LEC, 2009[58] é o principal instrumento do Ofício Federal da Cultura (OFC), anexado ao Departamento Federal do Interior (DFI), a fim de formular a política cultural da Confederação em nível nacional envolvendo o respeito à diversidade linguística e cultural. Em níveis cantonais, cada departamento implementa

[57] Essas transformações se relacionam a extinção das barreiras alfandegárias internas, levando à celeridade na circulação de bens, serviços e pessoas. No tocante ao plano institucional, houve o estabelecimento da Assembleia Federal de duas Câmaras composta por dois parlamentos com o Conselho nacional constituído por 200 representantes e o Conselho do Estado por 46 pessoas (dois representantes por cantão). Essa Constituição assegurou aos cidadãos a liberdade religiosa, de imprensa e o estabelecimento de um estado federal com propostas de mudanças através do voto popular (democracia direta), onde os cidadãos tem liberdade para se manifestar quanto as decisões do parlamento federal ou propor alterações à Constituição. Além do direito de voto em plebiscitos e eleições, os cidadãos também têm a possibilidade de expressar suas exigências com o auxílio de três instrumentos, que compõem o núcleo da democracia direta: a iniciativa popular, o plebiscito facultativo e o plebiscito obrigatório, bem como o lançamento de referendos e igualmente o direito na apresentação de iniciativas populares. Fonte: Disponivel em: https://www.eda.admin.ch/aboutswitzerland/pt/home/politik/uebersicht/direkte-demokratie.html. Acesso em: 20 de setembro de 2019.

[58] LEC (2009), Loi Federale sur l'Encouragement de la Culture (LEC), (11.12.2009). FF 2007 0244, Disponivel em: http://www.admin.ch/ch/f/ff/2007/4607.pdf . Acesso em: 20 de janeiro de 2018.

sua própria política associada às autoridades intercantonais, municipais e federais, enquanto a Confederação se ocupa da promoção das atividades que representam o interesse nacional. Por meio da OFC foi elaborado um guia operacional para a criação dos inventários dos cantões do país, que estabelecia o limite de até quinze elementos figurativos na lista do inventário por cantão, tendo como base na redação do documento as diretrizes operacionais da secretaria da UNESCO para o PCI. Somente após o princípio de "subsidiariedade", os cantões tiveram a liberdade para estabelecer seus próprios inventários cantonais sem as limitações impostas anteriormente, dotados de certa liberdade, diversidade nas formas de seleção e nas lógicas de organização. Assim, foram redigidas doze listas das "Tradições vivas" concernantes aos vinte cantões, sendo duas coletivas (Suíça oriental e Suíça central), duas bi-cantonais (Bâle vila e Bâle Campagne, Argovie-Soleure) e oito listas cantonais (Genève, Berne, Fribourg, le Jura, Neuchâtel, Le Valais, le Tessin e Vaud) (BIDEAU, 2012), conforme mapa abaixo.

Mapa 1 - Doze listas das "Tradições vivas" com suas divisões por cantão



Fonte: Bideau e Munafò (2012).

O livro *Les Vocabulaires Locaux Du "Patrimoine" Traductions, Négociations et Transformations* de 2014, resultado de um colóquio internacional realizado na Universidade de Évora em 2012, buscou fazer uma analogia no âmbito internacional da literatura e das variações na utilização de vocabulários e usos locais relacionados ao "patrimônio", bem como a sua relação com as organizações internacionais como a UNESCO e os seus normativos reguladores. Os pontos evidenciados centram-se na ideia da desconstrução de que o campo patrimonial se concebe como algo globalizado, contínuo e homogêneo, pela crítica ao sistema

federalista na imposição de um número idêntico de propostas das tradições por cantão, desconsiderando as especificidades de cada lugar como o tipo de paisagem, tamanho, demografia ou desenvolvimento econômico. De outro modo, a autonomia dispensada aos cantões na aplicação de estratégias na organização dos inventários coletivos (regionais) ou individuais (locais) implica uma grande heterogeneidade dos dados coletados, resultado de abordagens cruzadas, reflexo direto do sistema federalista. Simões (2020: 347) nos alerta para os possíveis perigos e os grandes desafios no campo da cultura:

> "O nosso olhar deve estar atento aos processos políticos que reduzem práticas da cultura a categorias e inventários descritivos que ignoram o seu impacto na vida das pessoas. Compete-nos questionar os usos políticos da cultura e a diversidade de interesses que estão em jogo" (SIMÕES, 2020: 347).

Em 2010 foi composto um grupo de gerenciamento com representantes de vários segmentos da sociedade Suíça – universo acadêmico, da administração cultural cantonal, federal e da sociedade civil, responsáveis por avaliar as propostas enviadas por cada cantão. Progressivamente, foram surgindo novas convicções em torno do conceito de tradição, tendo como missão fornecer uma imagem "representativa" do país, na qual cada um desses cantões e seus habitantes pudessem se reconhecer. Em março de 2011, a OFC recebeu uma lista com 387 proposições de "tradições vivas", corroborando com o incentivo para o lançamento da segunda etapa da constituição do inventário federal. Em 2012, o documento completo resultou em 167 tradições, uma média de mais de cinco por cantão, culminando em 16 de julho de 2008 com a adesão do país à Convenção da Unesco para a salvaguarda do PCI (HERTZ *et al*, 2018). O quadro abaixo traz algumas das "tradições vivas" do país.

Quadro 2 - Lista definitiva das "Tradições Vivas" da Suíça

TRADIÇÕES VIVAS	FESTAS	CANTÃO
Abbayes de tir	L'arbre de mai des fontaines	AR
Almanach romand Messager boiteux	Le Bachfischet à Aarau	AR
Automates et boîtes à musique	Badenfahrt	AR
Découpages du Pays-d'Enhaut	Culture des festivals Open Air	AR, AI, AG, BE, BL, BS, FR, GE, GL, JU, GR, LU, NE NW, OW, SG, SH, SZ, SO, TI, TG, UR, VS, VD, ZG, ZH
Fête des Vignerons	Fêtes de la jeunesse en Argovie et à Soleure	AG, SO
Fêtes des Jeunesses campagnardes	Jass	AR, AI, AG, BE, BL, BS, FR, GE, GL, JU, GR, LU, NE, NW, OW, SG, SH, SZ, SO, TI, TG, UR, VS, VD, ZG, ZH
Le guet du beffroi de la cathédrale de Lausanne	Fête de la Lutte	AR, AI, AG, BE, BL, BS, FR, GE, GL, JU, GR, LU, NE, NW, OW, SG, SH, SZ, SO, TI, TG, UR, VS, ZG, ZH
Haute horlogerie	Meitlisonntig (Meitlizyt, Meitlitäg) ou le dimanche des femmes	AG
Tavillonnage	San Giuseppe à Laufenburg	AG
Voyage Belle-Epoque	Fête Tir federal em campagne	AR, AI, AG, BE, BL, BS, FR, GE, GL, JU, GR, LU, NE, NW, OW, SG, SH, SZ, SO, TI, TG, UR, VS, ZG, ZH
	Procession de la Fête-Dieu en Appenzell	AL
	Silvesterchlausen	AR
	Chienbäse	BL
	Nünichlingler	BL
	Le Carnaval de Bâle	BS
	Vogel Gryff (le Griffon)	BS
	La fête d'Unspunnen	BE
	Foire de Chaindon	BE
	Marché aux oignons	BE
	La Bénichon	FR
	La Saint-Nicolas à Fribourg	FR
	Solennité de Morat	BE, FR
	Feuillu	GE
	Procession de Näfels	GL
	Chalandamarz	GR
	Pschuuri	GR

	Carneval jurassien	JU
	Saint-Martin en Ajoie	JU
	Carnaval en Suisse centrale	LU, NW, OW, SZ, UR, ZG
	Coutumes de saint Nicolas en Suisse centrale	LU, NW, OW, SZ, UR, ZG
	Fête de la Gansabhauet	LU
	Fête-Dieu des canonniers	LU
	Kermesse des armaillis (Älplerchilbi et Sennenchilbi):	LU, NW, OZ, SZ, UR
	Procession équestre de l'Ascension à Beromünster	LU
	La Fête des Fontaines	NE
	Commémoration de Saint Nicolas de Flüe	OW
	La Fête des enfants de Saint-Gall	SG
	No e Wili (spectacle de plein-air)	SH
	Carnaval de Soleure	SO
	Corso fleuri de Neuchâtel	NE

Fonte: Confederação Suíça (2011).

Os dados da Unesco relativos ao ano de 2018[59] indicam que atualmente fazem parte da lista do Patrimônio Mundial 1.092 propriedades culturais e naturais pertencentes a 167 países. Nesse contexto, a Suíça conta com treze bens classificados entre transnacionais, culturais e naturais, inscritos na lista representativa do Patrimônio Mundial da Unesco. Em 2014, o Conselho Federal divulgou o resultado do trabalho realizado por uma comissão de nove especialistas que elaborou o inventário com oito tradições selecionadas para serem objeto de candidatura do país à "lista representativa do Patrimônio Cultural Imaterial da Unesco". No entanto, entre essas tradições, cinco delas até a altura da pesquisa não haviam recebido a aquiescência da Unesco: a procissão da Semana Santa em Mendrisio, o *Savoir-Faire* da arte mecânica da relojoaria, o desenho gráfico e tipográfico, as estações alpinas e o *Yodel*, com apenas três aceitas, dentre elas a *Fête des Vignerons* que entrou para a afamada lista em 1 de dezembro de 2016, seguidos do carnaval de Bâle e da Gestão de Avalanches. O quadro a seguir apresenta essas manifestações.

Quadro 3 – Lista do Patrimônio Mundial suíço inscrito na lista representativa da UNESCO

PATRIMÔNIO MUNDIAL	TIPO	ADESÃO	LOCAL
Cidade velha de Berna	Bem cultural	1983	Berna
Convento Beneditino Saint-Jean à Müstair	Bem cultural	1983	Müstair, cantão de Grisões
Domínio Conventual de Saint-Gall	Bem cultural	1983	Saint-Gall
Três castelos, muralhas e muros da cidade de Bellinzone	Bem cultural	2000	Bellinzona, cantão do Tessin
Alpes suíços Jungfrau-Aletsch	Bem natural	2001, 2007	Alpes Suíços
Monte San Giorgio	Bem natural	2003	Ao sul do cantão do Tessin
Vinhedo em Terraços de Lavaux	Bem cultural	2007	Lavaux
Centro tectônico suíço Sardona	Bem natural	2008	Sardona, na parte noroeste da Suíça
Ferrovia Rhétique na paisagem de l'Albula et de	Bem cultural e site transnacional	2008	l'Albula et de la Bernina

[59] Convenção e Protocolo para a Proteção de Bens Culturais em caso de Conflito Armado, Haia, 1954. Disponível em: http://www.unesco.org/culture/natlaws/media/pdf/bresil/brazil_decreto_44851_1_11_1958_por_orof.pdf. Acesso em: 18 de agosto de 2018.

la Bernina			
La Chaux-de-Fonds Le Locle, Urbanismo relojoeiro (2009)	Bem cultural	2009	La Chaux-de-Fonds, cantão de Neuchatêl
Sítios palafíticos pré-históricos ao redor des Alpes	Bem cultural e site transnacional	2011	Alpes
Obra arquitetônica de Le Corbusier	Bem cultural e site transnacional	2016	Corseaux (VD) e um imóvel Clarté à Genève.
PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL	**TIPO**	**DATA DE ADESÃO**	**LOCAL**
Fête des Vignerons	PCI	2016	Vevey, cantão de Vaud
Carnaval de Bâle	PCI	2017	Basel, Cantão Alemão
Gerenciamento de risco de avalanche	PCI	2018	Suíça

Fonte: Unesco (2019).

No que concerne à formatação do PCI, é interessante destacar alguns pontos relacionados às festas populares. Em primeiro lugar, o grupo de direção encarregado da análise das proposições dos cantões selecionou principalmente as práticas e performances comunitárias que envolviam grupos de artistas locais ou associações, em oposição às manifestações espetacularizadas (HERTZ *et al,* 2018). Algo bastante contraditório se considerarmos a FDV e sua performance espetacular. Um segundo elemento nos revela que tanto a lista nacional de tradições vivas, como a lista indicativa destinada à UNESCO, refletem que a tradição na Suíça é permeada por conotações e interesses políticos como bem expressou Hertz *et al* (2018: 123): "longe do fermento revolucionário do século XIX ou dos movimentos contestatórios do XX, as tradições do século XXI são colocadas a serviço da busca pelo equilíbrio político interno e do posicionamento diplomático internacional do país". Além disso, a Suíça e a UNESCO durante muito tempo partilharam trocas entre si, através dos intercâmbios facilitados em razão das afinidades relativas à política cultural entre ambos, estando a Suíça ativamente envolvida na agência onusiana (HERTZ *et al,* 2018).

1.4.5 A *Fête des Vignerons* na lista do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade da UNESCO

A *Fête des Vignerons* lançou sua candidatura em março de 2015, sendo elevada à categoria representativa de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Unesco em 1º de dezembro de 2016. Para tanto, a *Confrérie des Vignerons* efetivou uma mobilização local por meio de uma consulta pública da população, onde diversas narrativas das memórias das festas precedentes foram colocadas em evidência pelos atores-sociais, sendo em seguida selecionados aqueles que integrariam o dossier de candidatura (109 cartas e 222 e-mails foram recebidos com testemunhos de experiências festivas passadas). Os relatos manifestos compreendiam depoimentos de personagens dos diversos segmentos sociais da região, como da Síndica de Veytaux Christine Chevalley que escreveu:

> "Em primeiro lugar, claro, como Conselheira da Confraria, depois como Síndica de Veytaux, território do *Chateau de Chillon*, símbolo patrimonial da Suíça, mas também como deputada do Grande Conselho Vaudois, tendo tido a oportunidade de presidir os trabalhos da nova lei do patrimônio imaterial. O engajamento, o empenho e o entusiasmo dos habitantes da região impressionam a cada edição e, por isso, demonstram um apego especial, que se renova geração após geração. A evocação pela *Fête des Vignerons* do valor do trabalho dos viticultores, o trabalho nas vinhas, o realce dos vários produtos das nossas encostas, bem como o apego à nossa terra e às suas tradições fazem claramente parte do nosso patrimônio e como tal merecem o reconhecimento hoje exigido. Eu e minha família também participamos como figurante nas festas de 1977 e 1999, estou muito contente de ver chegar a de 2019 e espero muito poder participar" (Carta enviada ao Dossier de candidatura, 6 de fevereiro de 2015).

Mas ainda da Síndica da gestão de 2019 e conselheira da *Confrérie des Vignerons*, Elina Leimgruber que relatou:

> "Na minha dupla qualidade de Municipal de Vevey e Conselheira da *Confrerie des Vignerons* de Vevey, apoio sem reservas a candidatura da *Fête des Vignerons* ao Patrimônio Cultural Imaterial da UNESCO. Como municipal, pude medir o profundo apego que a população de Vevey, Cantão e Suíça têm por este evento. Enquanto Síndica e Conselheira da confraria pude medir o profundo apego que a população de Vevey, o Cantão e a Suíça têm nesse evento. Constitui uma ligação muito forte, robusta e profunda entre gerações, entre as pessoas da cidade e as do campo, entre o sol e a terra" (Carta enviada ao dossier de candidatura em 23 de fevereiro de 2015).

O viticultor e Síndico de Rivaz, Pierre Monachon, também contribuiu com o documento destinado à UNESCO:

> "Senhoras e senhores, A *Fête des Vignerons* de Vevey é um evento excepcional que transcende toda uma região durante a sua preparação e deixa memórias inesquecíveis para todas as gerações que têm o privilégio de participar. Como viticultor do meu estado atuando nesta região inscrita desde 2007 no Patrimônio Mundial, posso apenas encorajar os órgãos de decisão a incluir este evento secular

> na lista das Tradições Vivas. Tive o privilégio de participar com meus irmãos e irmãs em 1977, bem como com minha esposa e meus três filhos como atores-extras em 1999. Faço parte do Conselho da *Confrérie des Vignerons* de Vevey e tive o prazer de participar na organização da tropa de verão em 1999. Já desejando fazer parte da futura celebração de 2019, apoio de todo o coração e com todas as minhas forças esta candidatura" (Carta enviada ao dossier de candidatura em 23 de fevereiro de 2015).

Do mesmo modo, a Associação Lavaux Patrimônio Mundial foi favorável à inscrição da FDV na lista representativa da UNESCO, conforme trecho abaixo:

> "Informamos por este meio, o apoio da 'Associação Lavaux Patrimônio Mundial' à inscrição da *Fête des Vignerons* na lista representativa do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. A *Fête des Vignerons* incorpora magnificamente a herança viva da paisagem cultural de Lavaux e esta inscrição complementam admiravelmente os valores do patrimônio edificado das vinhas em terraços da nossa região. Com efeito, as atividades da *Confrérie des Vignerons* e a consequente festa são a força motriz na vida dos viticultores e contribuem grandemente para a excepcional qualidade da paisagem de Lavaux. É, portanto, com convicção que a Associação do Patrimônio Mundial de Lavaux apoia esta candidatura" (Carta enviada ao dossier de candidatura em 23 de fevereiro de 2015).

No processo de constituição do dossier, duas circunstâncias foram fulcrais. Em primeiro lugar em função da estreita relação existente entre "Lavaux *Vignoble en Terrasses*", desde 2007, integrante da lista da UNESCO, e a *Confrérie des Vignerons*. Isso se deve, principalmente, em função da vinha de Lavaux ser um dos fundamentos da existência da confraria, tendo impulsionado a *Fête des Vignerons*, pressupondo certa interdependência entre o patrimônio imaterial e material nesse caso específico, dando destaque e importância ao papel da confraria na salvaguarda desse patrimônio, o que acabou contribuíndo favoravelmente para o processo de reconhecimento. Em segundo lugar, o apoio e as alianças estabelecidas entre as autoridades municipais e a associação "Lavaux *Patrimoine Mondial*" foram essenciais nos rumos dessa trajetória. Assim, o dossier de inscrição foi reconhecido como em consonância com os critérios exigidos, sobretudo em função dos seguintes componentes citados abaixo (UNESCO, 2016):

- O conhecimento e as habilidades associadas ao elemento são transmitidos de geração em geração, em reuniões organizadas pela confraria, em famílias ou em grupos de amigos.
- O elemento ser gerenciado pela *Confrérie des Vignerons* de Vevey, com a colaboração de outros membros da comunidade.

- O planejamento a longo prazo entre as férias é uma prova do envolvimento da comunidade.
- É dada atenção ao uso sustentável dos recursos e ao respeito pelo bem-estar animal.
- O elemento contribui para a vida artística local e para a preservação de sua identidade, além de estimular o *savoir-faire* dos viticultores.
- Promove a coesão social, incentivando o espírito coletivo do voluntariado, além de desempenhar o papel de marcador cronológico determinante.
- O Dossier indica que o elemento está em conformidade com os instrumentos de direitos humanos e com a exigência de respeito mútuo, por sua natureza não discriminatória, que permite a participação de todos (independentemente de sexo, profissão, origem, nacionalidade ou religião).

De acordo com o dossier N° 01201 que trata da inscrição, em 2016, na lista representativa do patrimônio cultural imaterial da humanidade da UNESCO, durante o tempo longo da festa, a *Confraria des Vignerons* se ocupa da execução de vários projetos direcionados ao evento, contemplando ainda uma programação de ações secundárias de salvaguarda no decurso dos anos precedentes, tais como a criação de documentários das edições passadas, filmes sobre a gênese da festa de 2019, organização de exposições temporárias no museu da confraria, exposições itinerantes, participação em 2016 no festival da música de Montreux[60] e no *Unspunnen*[61] em 2017.

Além disso, foram propiciadas importantes interações, por meio das reuniões empreendidas entre as autoridades municipais e a comunidade. Em setembro de 2015 foi criada uma plataforma de intercâmbio em redes sociais, objetivando a produção de cápsulas de multimídia e uma tv *web*, a fim de permitir a divulgação de arquivos e possibilitar o diálogo direto com a comunidade e usuários de redes sociais, incluindo a atualização digital e

[60] Essa comuna turística da Suíça, antes conhecida pelo termo alemão *Muchtern*, pertence ao cantão Vaud, com cerca de 25.199 habitantes. Estende-se por uma área de 33,40 km², de densidade populacional de 754 hab/km². Localiza-se na margem setentrional do Lago Léman, abriga os vinhedos, além de ter como pano de fundo os Alpes e o Festival de Jazz. Fonte: Disponivel em: http://www.myswitzerland.com/pt/destinos-de-verao-montreux-riviera.html. Acesso em: 14 de maio de 2017.

[61] Festa tradicional intervalada de caráter político. Se orientava na conciliação entre a cidade e o campo, pois esse segundo reclamava das discrepantes desiguldades presentes. Tendo ocorrido pela primeira vez em 1805 em *Unspunnen*. Fonte: Disponivel em: http://www.unspunnenfest.ch/fr/informations-sur-la-fete/histoire-et-faits.html. Acesso em: 14 de maio de 2017.

impressão do livro histórico das festas precedentes, a digitalização contínua de arquivos relativos à confraria, o trabalho de divulgação do Dossie Pedagógico nas escolas da região, as atividades integrando o meio acadêmico, dentre outros (UNESCO, 2016). Esse cenário expressa a variedade de atividades a cargo dessa instituição durante todo o longo tempo de suspensão do evento principal, porém, grande parte delas se relacionam diretamente com a *Fête des Vignerons*, mantendo a festa viva na memória da região.

A FDV atuou, ainda, paralelamente em associação com Lavaux[62] por meio de projetos relacionados à salvaguarda do vinho, enquanto patrimônio imaterial, por meio de cursos de formação orientados às atividades da confraria, a constituição progressiva de um sistema de monitorização da viticultura, conferências na esfera vitícola, abertura do "Centro do Patrimônio Mundial Lavaux" com exposições da paisagem de Lavaux e da *Confrérie des Vignerons* em 2016, além da análise das mudanças relativas ao turismo. A UNESCO também levou em consideração que há tempos a confraria se ocupa de atividades relacionadas à salvaguarda da sustentabilidade dos recursos humanos e financeiros necessários à organização e manutenção dos negócios vitícolas na região de Lavaux e Chablais Vaudois[63], bem como, pelo fato dos meios necessários à realização da *Fête des Vignerons* serem advindos do capital da confraria, principais atores no processo de articulação e desenvolvimento das condições que garantam a longevidade e popularidade do evento, sendo essencial a manutenção da sua autonomia patrimonial e financeira, juntamente com a liberdade de ação na organização do evento (UNESCO, 2016):

> "A festa oferece um espaço de interação para grupos de diferentes regiões, gerações, campos artísticos, comunidades linguísticas e países de toda a Europa, incentivando o diálogo e o respeito mútuo. A presença deles também promove criatividade e diversidade cultural. A viabilidade do elemento é assegurada pela *Confrérie des Vignerons* de *Vevey*, responsável pela transmissão do conhecimento associado à festa. Ela é igualmente apoiada por muitos voluntários e participantes. O Estado

[62] Lavaux é a região vinícola do Cantão de Vaud na Suíça, conhecida por suas vinhas em terraços nas margens do lago Léman. Foi elevada à categoria de Patrimônio Mundial da UNESCO em 28 de junho de 2007. Abriga uma diversidade de atrativos turísticos como as trilhas na vinha com degustações das safras, o pequeno trem que faz o circuito vitícola, as caminhadas em família ou em grupo, ou ainda os roteiros temáticos para conhecer as técnicas de vinificação, experiências nas vindimas, etc. Fonte: Disponivel em: http://www.lausanne-tourisme.ch/fr/loisirs/incontournables/vignoble-de-lavaux.html. Data da publicação: 14 de maio de 2017. Acesso em: 20 de janeiro de 2019.

[63] Chablais Vaudois é uma região que se localiza no extremo leste do cantão de Vaud entre lago, planície, vinhedos e montanhas. A região abriga cinco cidades diversificadas: Villeneuve-Noville, Aigle, Ormonts-Leysin, Ollon-Villars e Les Avançons (Bex-Gryon). Fonte: Disponivel em: http://chablaisvaudois.eerv.ch/. Data da publicação:14 de maio de 2017. Acesso em: 20 de janeiro de 2020.

> fornece recursos públicos e pessoal de segurança, além de uma estrutura jurídica favorável. [...]. Durante o processo de candidatura, uma série de reuniões entre membros da confraria e representantes da comunidade que, juntamente com outras associações e autoridades regionais, concoradaram prontamente" (UNESCO, 2016).

No entanto, cabe revelar que graças à dimensão que a festa adquiriu com o passar do tempo - de um espetáculo que exige altas somas, é pouco provável que apenas o capital da confraria possa contribuir na sua produção e perenidade, por isso, ela necessita de uma ampla rede de patrocinadores que invistam numerários e a contrapartida de voluntários determinados a atuar nos diversos segmentos festivos, pois somente assim a festa pode ser possível.

Assim, na condução da candidatura, a confraria deixou claro que seu objetivo primeiro não se traduz na transformação das uvas em vinho, tampouco na promoção de produtos locais – ainda que ambos sejam importantes e contemplados nesse processo, pois ela se dedica aos aspectos relacionados à viticultura, nomeadamente na qualidade do solo e da vinha, com vistas a celebrar o trabalho executado com primazia pelo *vignerons-tâcherons* e sua culminância com a performance da *Fête des Vignerons* por meio dos temas tradicionais: ciclo das estações, o trabalho da terra e das vinhas, a fraternidade e o patriotismo, dando destaque ao elemento de distinção dessa tradição que repousa no longo interstício entre cada edição desse evento, sendo conduzida por um número elevado de voluntários implicados durante todo o processo, quer seja na condição de atores-figurantes ou no papel de trabalhadores não-remunerados, encorajando o espírito de coesão social entre a comunidade local. Segundo Vinck (2019), a entrada na lista representativa da Unesco é vista pela *Confrérie des Vignerons* como algo benéfico e importante em função de vários aspectos. Isso porque, essa admissão oportuniza o reconhecimento de outros eventos de natureza similar, do trabalho vitícola, do labor da terra, do ruralismo e o *savoir-faire*, além de toda visibilidade.

1.5 Recortes Históricos sobre o Turismo na Suíça

Historicamente, o Turismo na Suíça baseou-se na exploração literária e esportiva da paisagem alpina. No que se refere ao enfoque literário, é importante destacar que alguns escritores, por meio dos seus livros[64] célebres no mundo todo, não só contribuíram para a

[64] Entre as obras literárias que evidenciaram a Suíça em outros contextos, podemos citar a contribuição advinda do poeta bernois, Albrecht von Haller que por volta de 1730, descreveu em 490 versos uma publicação intitulada "*Restés célèbres Les Alpes*", resultando no grande interesse turístico pelo país com vistas a conhecer as afamadas montanhas alpinas. Este texto inspirou Jean-Jacques Rousseau, que no final do século XVIII, publicou a "*Nouvelle Héloïse"*, um romance que evidenciou os Alpes vaudoises e a região de Clarens. Entre os visitantes, o poeta inglês, Lord Byron, que inspirou e despertou o interesse de turistas pela região de Montreux, ao escrever

atração e divulgação da Europa literária ao lago Léman, mas também despertaram a curiosidade de turistas por vários destinos nessa localidade. Já o segundo aspecto se relaciona às viagens com motivação esportiva, em sua maioria favorecidas pelas práticas associadas à hidroterapia e ao alpinismo. Em contrapartida, o crescimento deste setor econômico também se beneficiou do desenvolvimento dos seus principais componentes, tais como a indústria hoteleira e de restauração e no progresso alcançado nas vias de comunicação no final do século XIX. Assim, entre 1945 e meados da década de 1970 se processa uma grande expansão na estrutura hoteleira da Suíça; porém, após esse período, o número de hotéis começou a declinar. O Turismo corresponde, em média, entre 3 e 6,5% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional do pais, com o segmento hoteleiro representando um terço desse valor e a restauração uma média de 15%. No entanto, é importante destacar que por mais de uma década a participação do turismo no PIB estagnou, declínio que durou entre os anos de 1992 e 2002, retomando novamente sua ascensão nos anos seguintes a esse período, refletindo, em particular, os esforços dos profissionais desses setores na sua promoção enquanto destino turístico internacional, em particular em países como a Ásia e a Europa Oriental (LES CAHIERS DE L'ÉCONOMIE VAUDOISES, 2006).

Segundo Tissot (2017), no final do século XIX a Suíça era conhecida como o país do turismo, atraindo inúmeros visitantes motivados pela oferta turística enquanto objeto de contemplação: montanhas, os alpes, os lagos, os vales, as vinhas. Convêm destacar que desde meados do século XVIII o país era apreciado por viajantes ingleses, apesar desses deslocamentos serem reservados a uma minoria que podia desfrutar do chamado "*Grand Tour*". Essa modalidade de turismo se definia por uma grande viagem ou circuito que integrava algumas vilas da europa ocidental, normalmente realizada por membros da alta e média nobreza, motivados por razões diversas: educativas, culturais ou lúdicas.

Divergindo de países como a Alemanha, França e Inglaterra que contam com uma significativa demanda interna, o turismo helvético advém principalmente do fluxo externo, sendo um país receptor - cenário que começa a se alterar em 1930, com a adoção de algumas medidas e estratégias internas. Além disso, não podemos obliterar o importante papel que desempenhou a Inglaterra no processo de desenvolvimento do turismo, em particular na Suíça, se destacando não somente como um país receptor, mas acima de tudo um forte emissor de turistas que elegeram os Alpes como destino favorito em razão da sua conotação

em 1830 "*The prisoner of Chillon*", obra que ficou conhecida no mundo todo, descortinando a Suíça internacionalmente (TISSOT, 2017).

esportivo-terapêutica e romântica, mas também pela diversidade encontrada nesse país, constatadas no trecho abaixo:

> "A Suíça não existe. Foi com essa frase-chave que a Suíça se apresentou na Exposição Universal de Sevilha em 1992. Porque não é a unidade, mas a diversidade em uma superfície muito pequena que distingue a Suíça. E isso é explicado cultural e geograficamente. Neste pequeno país, falamos quatro idiomas nacionais aos quais são adicionados muitos dialetos. Além disso, a cultura nas montanhas e no platô sempre foram diferentes, a vida nas montanhas é totalmente divergente das grandes cidades. Assim, existem poucos costumes nacionais se comparado às muitas tradições regionais. Mas com o tempo e com o desenvolvimento do turismo, certos costumes locais são conhecidos fora de sua região de origem" (TISSOT, 2017: 17-20).

Por outro lado, segundo Risi (2003), a frase: "A Suíça não existe" suscitou uma série de críticas, principalmente em um momento onde os debates em torno da cultura eram tema de destaque e questionamentos:

> "[...] Em alguns casos, eles desmontam o pedestal da «cultura tradicional» canônica usando uma ironia (mais ou menos) sutil; «*ailleurs ils abattent la vache sacrée de l'identité nationale avec fracas»*. Muitos escritores desmantelaram o mito de um «povo de pastores» (Max Frisch, Hugo Loetscher, Thomas Hürlimann e outros). «*Rasez les Alpes, qu'on voie la Méditerranée!*», O grito de guerra do movimento juvenil de Zurique em 1980, dirigido na época contra uma política de cultura burguesa e elitista, faz agora parte do repertório atual de críticas à sociedade popular e nacional , assim como a afirmação de Ben Vautier, *«A Suíça não existe»,* que o artista vaudoise havia projetado para o pavilhão suíço da Exposição Universal de Sevilha em 1992 e que desencadeou uma onda de discussões tempestuosas no país" (RISI, 2003: 104, Grifos meus).

Do ponto de vista econômico, o turismo ocupa um importante papel, sendo o responsável pela geração de 44,7 bilhões de francos da receita total em 2017[65], de acordo com o Office Fédéral de la Statistique*, Indicateurs annuels du compte satellite du Tourisme - TSA* 2017, dos quais 25,2 bilhões de francos, ou quase 56,5%, se referem ao setor de A&B (Alimentos e Bebidas), transporte de passageiros e acomodações, tendo na convergência desses três componentes a representação de 62,3% do valor total agregado ao Turismo (FÉDÉRATION SUISSE DU TOURISME, 2019). Não é à toa que Barreto, em seu estudo sobre as *"Novas Abordagens do Turismo e da Antropologia*", nos destaca o papel lucrativo desse segmento:

> "A indústria turística é uma das mais produtivas do mundo moderno, recria sítios históricos e arqueológicos para turistas mais sérios e nostálgicos, empacota cuidadosamente para consumo fácil a diferença étnica ou nacional e elabora parques

[65] Os dados relativos ao Turismo na Suíça foram obtidos no site do *Office Fédéral de la Statistique* (OFS). Fédération Suisse du Tourisme (FST). Disponivel em: www.stv-fst.ch/fr/le-tourisme-suisse-en-chiffres. Berne, julho de 2019. Acesso em: 20 de agosto de 2018.

> temáticos "pós-modernos" para aqueles interessados no mundo da fantasia" (BARRETO *et al*, 2009: 30).

A World Tourism Organization (UNWTO), agência das Nações Unidas mandatada para assegurar a promoção do Turismo, em um estudo de 2016, fez um levantamento da demanda mundial de turistas internacionais que visitaram vários países entre os anos de 2010 a 2015. A Suíça, que no estudo faz parte da Europa Ocidental com mais oito países[66], alcançou a quinta colocação com 9,305 turistas em 2015 e nos anos precedentes, como em 2010 totalizou 8,628 turistas, tendo um leve aumento em 2013, com 8,967 viajantes e em 2014 o quadro se manteve em ascendência, chegando ao total de 9,158 visitantes. Os dados relativos à receita total em 2018[67] representou 44,7 bilhões de francos, sendo 16,6 bilhões concernentes aos turistas estrangeiros que visitaram o país. Esse panorama serve para mostrar que apesar de pequeno, o país retém uma boa fatia do mercado turístico, através de uma demanda internacional, resultado de motivações em divergentes contextos, em especial a pitoresca paisagem rural; o clima, responsável pelo aumento significativo nas estações para a prática de esportes de inverno, e também por sua diversidade cultural.

1.5.1 O papel do Turismo na *Fête des Vigenrons*

No que concerne à "indústria" turística, podemos considerá-la como uma entre as mais produtivas do mundo; gerando empregos e captando receitas, além disso, é incontestável sua relação com os eventos festivos, tendência promissora que gera desenvolvimento econômico e social para as comunidades receptoras, atuando como intermediária no período de sazonalidade turística - minimizando a escassez de demanda no período da baixa estação. Em alguns casos, servindo como instrumento de marketing entre as entidades promotoras publicas e privadas no posicionamento da imagem dos destinos turísticos. Analisando sob essa óptica, parece que na sociedade moderna, o "consumo cultural" passa a ser objeto de divergentes interesses, paulatinamente, alcançado lugar de destaque no incremento da atividade turística, convertendo-se no novo paradigma de fomento e promoção dos espaços urbanos, graças à

[66] Entre esses oito países, temos a França como a primeira do ranking na recepção de turistas em 2015, perfazendo um total de 84.452 milhões, seguida pela Alemanha com 33.005, a Áustria com 26.719, os Países Baixos com 15.007. Por conseguinte, temos a Bélgica com 8.033, Luxemburgo com 1.090, Mônaco com 331 e Liechtenstein com 57 (UNWTO, 2016: 8).

[67] Os dados referentes à receita total do Turismo na Suíça em 2018 foram obtidos no site da Fédération Suisse du Tourisme FST (2019). Le tourisme suisse en chiffres 2018: Chiffres structurels et de branche. Disponivel em: www.stv-fst.ch/fr/le-tourisme-suisse-en-chiffres. Berne, juillet, 2019. Acesso em: 20 de agosto de 2018.

criação de espetáculos, como no caso da *Fête des Vignerons* que durante seu processo de concepção caminha lado a lado com empresas do setor turístico local, nacional e internacional. Isso porque esse evento se internacionalizou, ultrapassando as fronteiras regionais, atraindo demandas advindas de outros países, atuando no incentivo ao turismo e na geração de receitas.

A *Fête des Vignerons* representa uma tradição que se reinventou com o passar do tempo, quer seja pela sua dimensão espacial, ou, mais ainda, pelo processo de internacionalização do evento que possibilitou seu reconhecimento para além das fronteiras da Suíça. Essa abertura ao mundo se deu sobretudo a partir da celebração de 1955, mediante a adoção de estratégias publicitárias e a contratação de artistas internacionais com vistas a atrair um público maior, em especial advindos da Suíça alemã e do exterior. Desse modo, a festa ganhou novos recursos e formatos, sendo considerada em algumas edições passadas como bastante *Hollywoodiana* e criticada pela perda da autenticidade (CARRUZZO-FREY e DUPONT, 1998). As estratégias de marketing são adotadas tradicionalmente em todas as festas contemporâneas, onde todas as ações são planejadas sistematicamente por profissionais habilitados. Na celebração de 2019 isso não foi diferente, pois foi imprescindível a sua difusão entre os meios publicitários, no *merchandising* e da promoção por meio do *tour* promocional em 2018, num circuito que percorreu várias cidades do país: Berna, Zurique e Bâle em maio; os festivais de verão como Montreux Jazz, Paléo e o Tessin em julho; a Festa das Vindimas de Neuchâtel em setembro; a Feira do Valais e a Olma de St. Gallen em outubro. No exterior, levou a imagem da festa a países como a Alemanha, França e Itália, numa tentativa de divulgar o espírito festivo e a história dessa celebração, mas acima de tudo alcançar potenciais participantes, pois este espetáculo que agrega consigo componentes alusivos à mercantilização e turistificação, depende sobretudo da massa festiva.

Do ponto de vista da FDV, numa análise comparativa entre os anos 2018 e 2019, foi possível perceber neste último um aumento no número da taxa de ocupação nos meios de hospedagem em Vevey e seus arredores, conforme quadro abaixo:

Quadro 4 – Total de noites em meios de hospedagem em Vevey e arredores em 2018 e 2019

JULHO 2018	TOTAL DE NOITES EM MEIOS DE HOSPEDAGENS	JULHO 2019	TOTAL DE NOITES EM MEIOS DE HOSPEDAGENS
Vevey	11.049	Vevey	13.017
La Tour-de-Peilz	3.517	La Tour-de-Peilz	4.145

Bourg-en-Lavaux	3.462	Bourg-en-Lavaux	4.048
Villeneuve	1.053	Villeneuve	1.090

Fonte: Office Fédéral de la statistique de l'hébergement touristique (2019).

Apesar da internacionalização desse evento, os dados mostram sua dimensão regional e nacional. Essa constatação foi revelada nas aquisições dos bilhetes da festa de 2019, com 37% tendo sido adquirido na própria região de Vevey, 53% no restante da Suíça de língua francesa, 7% foram comprados pela Suíça Alemã e apenas 3% pelo cantão italiano e por pessoas do estrangeiro (UNITÉ D'ENSEIGNEMENT ET DE RECHERCHE EN TOURISME, 1999). Em contrapartida, em termos econômicos a festa oportuniza um positivo impacto regional sob vários aspectos, conforme balanço da celebração de 1999:

Quadro 5 – Aspectos econômicos em torno da FDV 1999

VALORES	OBJETIVOS
40 milhões	Receitas provenientes dos espetáculos e cortejos.
20 milhões	Despesas com os serviços de restauração e bebidas.
5 milhões	Receitas com a venda de produtos derivados.
4 milhões	Despesas relativas aos atores-figurantes.
3 milhões	Receitas advindas de outras despesas.
7.000 pernoites	Uso da rede hoteleira adicional durante a duração da festa produzindo 1,5 milhões de francos.

Fonte: Unité d'Enseignement et de Recherche en Tourisme (1999: 3).

Efetivamente, o turismo favorece esses intercâmbios, pois, para além dos fatores sócio-econômicos, tais deslocamentos também contribuem para colocar em evidência as tradições locais, graças às interrelações entre indivíduos de contextos e sociedades distintas, oportunizando o compartilhamento de costumes, valores, crenças, *savoir-faire*, tradições, predileções, pois como bem disse Rojek e Urry ([1997], 2003: 11) "as culturas viajam tanto quanto as pessoas", tendo nos turistas os principais intermediários nessa dinâmica.

Esse setor econômico está em constante transformação em razão do desenvolvimento dos meios de transportes, das telecomunicações, em especial das transformações tecnológicas em seus mais diferentes contextos. Sua base de interesse se conduz aos aspectos naturais ou culturais existentes nas destinações, constantemente reformuladas por meio de políticas públicas, orientadas para a concepção de novos atrativos turísticos. Assim, a cultura popular, acaba sendo cooptada para a transformação e formatação de produtos turísticos, como as

festas populares que paulatinamente foram sendo substituídas pelos mastodônticos espetáculos.

Parafraseando Caponero e Leite (2010), é importante analisar o verdadeiro papel e a importância das festas populares na perspectiva do turismo, sobretudo nos locais onde essas celebrações se converteram em eventos espetacularizados, consequentemente atraindo uma massa festiva que muitas das vezes transcende a capacidade de carga suportável. Outra ameaça ocorre quando os interesses financeiros se sobrepõem aos da coletividade, considerando apenas os benefícios, ignorando aspectos importantes nessa dinâmica, tais como: a comunidade local, os recursos, os problemas derivados da poluição sonora, ambiental, a capacidade de carga, os inconvenientes decorrentes dos diversos excessos e toda mudança atrelada a isso. Nesse caso, a presença dos visitantes passa a ser vista segundo Caponero e Leite (2010: 108-109) "como um «mal necessário», por trazerem consigo recursos financeiros, e não mais como hóspedes bem-vindos, fazendo com que o turismo passe a ser visto como uma experiência de confronto com o «outro»".

Lee *et al* (2004) reconhecem o mercado de eventos como um dos negócios do turismo em ascenção e com rápido crescimento em todo o mundo. Sob outra perspectiva, Murta (2002) nos alerta para os problemas centrados no interesse mercadológico e sua capacidade de transmutar o cenário do turismo, podendo convertê-lo em:

> "(...) Meros cenários e as comunidades que aí vivem em museus performáticos de práticas patrimoniais, fazendo com que os patrimônios históricos sejam tratados como um (...) parque de diversões para o deleite de visitantes, que aí deixam seu dinheiro" (MURTA, 2002: 108-109).

Uma crítica aos excessos da sociedade americana na década de 1960 foi tema da publicação "*Le triomphe de I'image. Une histoire des pseudo-événements em Amérique"* de Boorstin ([1962], 1992), que colocou em voga um estudo que fazia duras críticas às mudanças processadas na sociedade midiática e espetacular do turismo de massa e do entretenimento, onde os produtos e eventos tentam de toda forma suplantar as expectativas turísticas cada vez mais corpulentas nas quais, segundo Boorstin ([1962], 1992): 68), "as ilusões são mais reais do que a própria realidade". Outrossim, assiste-se certa inversão, onde o lúdico e o espontâneo dão lugar ao espetáculo, ao *show,* resultando na redução ou até mesmo na supressão do protagonismo dos atores sociais.

É importante destacar que outrora a *Fête des Vignerons* era um evento essencialmente regional. Sua abertura para fora se deve principalmente aos avanços tecnológicos, como por exemplo a inauguração da estação de trem de Vevey (1861), mas também dos barcos a vapor

na região (1907), possibilitando o deslocamento de pessoas de outros cantões e a visibilidade festiva. Com o passar do tempo ela foi se internacionalizando e midiatizando, tanto através da contratação de personalidades advindas de outros países, como da adoção de estratégias de divulgação da imagem do evento no exterior.

A *Fête des Vignerons* em 2019 contratou uma empresa de marketing para dar conta do evento, antes, durante e após – com projeções para os vinte e cinco anos subsequentes. O objetivo era trabalhar as várias demandas de público e atrair outros segmentos sociais nacionais e internacionais, do mesmo modo, deixar um legado de informações desse estudo para as futuras gerações. A organização festiva e o marketing caminharam lado a lado na composição de produtos turísticos para a referida ocasião. Assim, alguns componentes da destinação turística foram levados em consideração na formatação dos pacotes, como os roteiros de acesso ao espetáculo da FDV com pernoites em hotéis da região; a imersão vitícola com visitas aos terraços de Lavaux; ou ainda a exploração da vinha no trem Lavaux Express; ou para conhecer as regiões vizinhas a Vevey, como Montreux, Lausanne, os Alpes, etc; as visitas às instalações da arena (foto 1) ou do restaurante da *Confrérie des Vignerons*, com possibilidade de degustar pratos da gastronomia local e os vinhos da região; os pacotes gastronômicos para o *tour* nos barcos da CGN de Vevey, ou no catamarã da FDV; as visitas aos Museus ou à sede da Nestlé e do Museu da Alimentação; a gratuidade nos transportes públicos, como forma de incentivar os visitantes, além dos vários eventos paralelos e festividades pensadas para esse período. A *Fête des Vignerons* foi exatamente a ocasião que se processou um leque de opções e circunstâncias tanto positivas como negativas e onde o consumo teve seu ponto alto em todos os sentidos do termo. Dito isto, como sugeriu Baudrillard ([1970], 1995), para além do elo existente entre a sociedade da imagem e o espetáculo, o consumo não pode ser concebido meramente como mercancia, pois abrange uma perspectiva bem mais ampla, envolvendo em sua essência a manipulação e o consumo de signos, onde a relação produção *versus* consumo se converte num processo de significação e valorização cultural, como por exemplo no caso de uma festa.

Foto 1 – Arena pronta para visitas

Fonte: Autora (2019).

2 A CONFRARIA, OS PRODUTORES E O PRODUTO: A celebração do vinho

2.1 Breve histórico da região de Lavaux

A paisagem de Lavaux, localizada no cantão de Vaud, às margens do lago Léman, entre as cidades de Lausanne e Vevey, se caracteriza como uma fértil faixa de terra de 827 hectares (denominação Lavaux), dedicada exclusivamente à monocultura da videira (DE FOSSEY, 2004). No que diz respeito a seus limites territoriais, Demaurex (2006) afirma ser algo um tanto impreciso, definindo a delimitação geográfica da região com base em três aspectos distintos: o distrito de Lavaux e suas doze comunas, a apelação vitícola e a vinha a partir do seu ângulo paisagístico (REYNARD e PRALONG, 2004; DEMAUREX, 2006). Em 2007, a vinha "Lavaux, Vignoble em Terrasses" foi inscrita na lista do Patrimônio Mundial como paisagem cultural. Essa região, há milênios, é fruto do processo antrópico e histórico das interrelações estabelecidas entre o homem e a natureza, resultando na criação dessa paisagem vitícola rural, cujos elementos se contrastam entre o lago, os Alpes e os terraços, características que possibilitam a afirmação desse cenário que se preserva até os dias atuais, com a arquitetura urbana envolvendo certa uniformidade, a diversificada paisagem, além da morfologia com a sistematização dos muros de vinha ou terraços, que segundo Ruffy (1964: 127), se constitui em uma "armação do terreno que permitiu o cultivo nas costas íngremes, que servem como pequenos edifícios e barreiras na contenção e retardamento do fluxo da superfície, evitando, desse modo, a erosão das encostas". Assim, "de uma terra frágil, de característica singular, com inclinação abrupta para o lago, Lavaux se tornou, em sua essência, o *terroir* do vinho" (COUTAZ, 2018: 31).

Do ponto de vista da sua gênese, um conjunto de narrativas nos revela que é difícil precisar quando a cultura da vinha foi de fato estebelecida em Lavaux; provavelmente ela já existia por volta do ano 3000 a.C. O vinho foi introduzido no país e nos costumes alimentares a partir da colonização dos romanos, culminando com o cultivo da videira que, nessa época, podia ser encontrada em diferentes locais no cantão de Vaud: às margens do lago Léman entre Lausanne e Geneva; a Eclépens e Lutry. Assim, no contexto específico da região de Lavaux, as ordens monásticas foram essenciais na exploração dessa cultura, se estabelecendo no século XI, mais especificamente em 1079, graças às doações de diversos bens e propriedades de terras realizadas pelo imperador Henri IV ao bispo de Lausanne, Bouchard d'Oltingen (1056-1089), cujo sucessores trabalharam na construção de um vasto território vitícola na

extensão de Lausanne. No século XII, a vinha se fazia presente em vários pontos de Lavaux, em especial nas áreas com terreno inclinado, comumente conhecido na língua local como "*les replats"*. Durante a idade média houve um evidente desenvolvimento da viticultura, sobretudo em função do Cristianismo e da imagem simbólica atribuída ao vinho. Outra narrativa nos dá conta que no segundo quarto do século XII, as ordens monásticas, na época grandes latifundiários, se estabeleceram na exploração da vinha, tendo à frente os bispos de Lausanne, auxiliados pelos monges beneditinos, atuaram no cultivo de uma planta de proveniência autóctone conhecida pelo nome de *Chasselás*[68] (COUTAZ, 2018).

As abadias, na época, eram instituições que portavam certo deferimento e importância, estando inclusive envolvidas nas relações políticas da região, sendo também grandes latifundiários e possesores de vinhas até o século XVI, pois após a Reforma grande parte das propriedades foi então alocada para a cidade de Lausanne e de Friburgo (DE FOSSEY, 2004; COUTAZ, 2018). A publicação "*Acteurs de la Vigne*" de Gilbert Coutaz, obra que reúne diversos artigos sobre a viticultura na região de Vaud, traz uma passagem sobre esses entrelaçamentos políticos no contexto histórico:

> "Em nome dos frágeis equilíbrios políticos, em particular os *bailliages* comuns de Grandson, Orbe, Échallens, engendrados pelas guerras confessionais, as repúblicas de Berna e Friburgo concordarão com a manutenção em Lavaux, terra protestante a partir de 1536, das propriedades pertencentes a instituições católicas" (COUTAZ, 2018: 31-32).

As práticas de doários ocorridas na idade média tiveram como grandes concessores os nomes das famílias Blonay e Grandson, que doaram em 1142 algumas videiras aos monges de Montheron; igualmente, em 1164, membros dos Blonay outorgaram como forma de dízimo suas vinhas do Dézaley ao Convento de Hautcrêt. Embora essas condutas se constituíssem casos isolados e singulares, permitiram ao pontífice da região, segundo Coutaz (2018: 32), "construir uma espécie de «Estado Episcopal», através de uma sólida base territorial em torno da sua diocese, por meio das inúmeras terras de sua propriedade e outras que recebera mais tarde". Assim, no decurso dos anos 1228 as terras de Lavaux eram partilhadas entre quatro paróquias que detinham certa autonomia, sendo regidas e dependentes das normas de Lausanne, sendo elas Saint-Saphorin, Vevey, Lutry e Villette (Ibid., 2018). Diante disso, sob

[68] *Chasselás* é cultivado exclusivamente na região do Lago Léman e no vale do Rhône por entre as encostas íngremes, ocupando 80% da superfície. Com rendimento controlado, dá origem a um vinho branco cujos caracteres variam em função do *terroir*. Fonte: Disponivel em: http://www.vins-de-lavaux.ch/les-cepages.html. Acesso em: 12 de março de 2020.

a liderança dos religiosos da época, privilegiados pelas mais diversas doações de terra, a viticultura se desenvolveu na região (DEMAUREX, 2006).

Levando em consideração essa dinâmica, podemos destacar dois contextos distintos, pois por um lado as terras eram utilizadas como categoria de pagamento de benefícios e dízimos, com grande parte desses domínios nas mãos do clero e, em alternativa, havia um grande jogo de interesses de cunho financeiro nessas propriedades por parte do governo - na época conhecidos pela designação de *"Leurs Excellences de Berne"* LLEE. Nessa perspectiva, em 1536, após a dominação bernois o governo passa a submeter todos os domínios ao controle político de Berna, além da cobrança pelo recebimento do dízimo e pelos benefícios feudais. Em contrapartida, mantinham-se omissos quanto às negociações de ordem religiosa, evitando questionar a organização episcopal (1536-1798), tampouco as diversas aquisições em forma de doário. Assim, a estrutura administrativa e territorial se manteve inalterada, para, por conseguinte (entre 1810 e 1829) a conjuntura paroquial desaparecer, abrindo espaço aos dezesseis municípios que ocuparam a vinha de Lavaux (COUTAZ, 2018).

Apesar de os processos de vinificação serem ainda bastante primitivos, exigindo dos viticultores um empenho maior no seu *savoir-faire*, no século XVIII a vinha e o comércio eram os componentes essenciais da economia de Vevey (HILFIKER, 1966: 73). Sobretudo em razão da grande rentabilidade vitícola na época, se comparado ao trabalho no campo, o que levou diversas famílias a investir na aquisição de bens na região, gerando o fenômeno de especulação de terras e o processo acelerado de urbanização, tendo esse segundo ocorrido de maneira desordenada entre os cantões durante os séculos XIX e XX. No caso da região de Lavaux, assiste-se a um desenvolvimento substancial, conforme o *Office Vaudois pour le développement du Commerce et de l'indústrie* de 1975-1976,[69] com o empreendimento de diversas obras de construção de casas residenciais, tendo como resultado a divisão do espaço urbano com a paisagem de Lavaux, além da classificação social em razão da localização dos bairros, onde os distritos mais prestigiados e onerosos se localizavam nas margens do lago Léman (Lutry e Cully); no meio ou na área central se estabeleciam exclusivamente os viticultores (Grandvaux, Riex, Epesses, Aran, Corsy, Savuit, Rivaz) e nas montanhas as fazendas que, outrora, eram essenciais à complementação da economia do vinho através da produção de bens de consumo. Atualmente, do ponto de vista geográfico, esse cenário não

[69] Dados extraídos do Office Vaudois pour le développement du Commerce et de l'indústrie de 1975-1976. Disponivel em: https://www.vd.ch/toutes-les-autorites/departements/departement-de-leconomie-de-linnovation-et-du-sport-deis/service-de-la-promotion-de-leconomie-et-de-linnovation-spei/. Acesso em: 10 de março de 2020.

apresenta grandes mudanças, se estabelecendo ainda dessa forma, com exceção das vinhas que se tornaram mais autossustentáveis, produzindo os insumos necessários à sua cultura e produção vitícola (RUFFY, 1979).

Lavaux, sobretudo, uma das vinhas mais afamadas da Suíça; isso se deve, portanto, pela combinação do valor estético evidente na harmonia arquitetônica, no estilo, nas cores e formas, como nos múltiplos pontos de vista para dentro e para fora do local, igualmente os aspectos culturais e patrimoniais frutos de um longo processo de trabalho agrícola, do investimento de capital humano e financeiro, condição que coadjuvou na distinção e agregação de valor a essa paisagem. A viticultura, outrora tradicionalmente ligada às fazendas camponesas, atualmente faz parte de uma atividade autônoma de pequenas vinhas que conservou sua base familiar por gerações, sendo um tipo de cultura caracterizada pelo trabalho intensivo durante determinado período do ano, estando diretamente relacionada e dependente das estações do ano e dos aspectos climáticos (TORTELLI, 1997). Para mais, além do turismo, das relações comerciais vitícolas no mercado interno e externo, do desenvolvimento urbano regional e do *marketing* na região de Lavaux, um relevante propósito se centra principalmente na ideia de agregar valor, posicionamento, vinculando a paisagem ao produto, ou seja, a imagem da vinha em *"terrasses"* e seus componentes: lago, Alpes, montanhas, aos vinhos produzidos nessa região, pois segundo De Fossey (2004: 40) "existe uma consciência regional de que o produto está vinculado à imagem e, portanto, à paisagem".

2.2 De paisagem de Lavaux a Patrimônio Vitícola

Um conjunto de narrativas trabalhadas no decurso desse capítulo nos dá conta de que o processo de transição da paisagem de Lavaux a patrimônio vitícola atravessou várias fases, passando por inúmeras discussões, conflitos e o estabelecimento de leis de salvaguarda e proteção, acompanhadas de interesses de natureza diversa.

> "A beleza construída da paisagem, feita de rigor e pureza, a sua precisão, a sua homogeneidade, o contraste com os espaços limítrofes, tudo contribui para o brilho desta Performance Social. A paisagem tornou-se um símbolo de perseverança, de vitória sobre o ambiente natural, de manutenção de uma tradição" (RUFFY, 1979: 129).

A paisagem de Lavaux pode ser concebida como paradoxal, revelando um cenário que abriga ao mesmo tempo o contraste e a harmonia. Além de componentes da paisagem natural, artificial e da herança cultural, abriga o lago Léman, os Alpes, as colinas esculpidas em terraços

e as construções tradicionais, resultando na sua atipicidade. Se caracteriza por um relevo estrutural, cujas formas refletem a estrutura geológica do substrato rochoso (GUIDE PAYSAGE LAVAUX, 2016), onde a alternância de camadas resistentes à erosão culminou com a criação de uma morfologia em forma de escadas onde se desenvolveu a vinha (REYNARD e PRALONG, 2004), conforme pode ser notado na Foto 2, logo a seguir. Essa paisagem abrange em sua organização espacial as áreas vitícolas, formando um ambiente agrícola periurbano, mais ainda na edificação de construções, determinantes no olhar acerca da região, como nos confrontamentos entre os atores e as políticas públicas de proteção (JARRIGE *et al*, 2003).

Foto 2 – Vista dos terraços suspensos de Lavaux

Fonte: Autora (2020).

Muito antes de Lavaux ser selecionado para compor a lista do Patrimônio Mundial da Unesco, em 2007, as questões e inquietações direcionadas à paisagem e ao patrimônio sempre foram temas em evidência no cantão de Vaud, fato que pode ser atestado por volta de 1950, nas primeiras disposições municipais de proteção da vinha na região em razão da expansão das construções residenciais, em especial na zona ocidental da paisagem vitícola. A Suíça vivenciou em 1960 um período glorioso, ocasião em que se processava um notável crescimento econômico, acompanhado da grande mobilidade entre os indivíduos, do desenvolvimento urbano, dos salários vantajosos e de uma acentuada expansão territorial. Assim, em virtude da intensa especulação imobiliária orientada em torno da vinha, do aumento populacional, do crescente processo urbanístico, da mecanização agrícola, das doenças provenientes da videira e dos problemas ambientais, foram tomadas medidas regulatórias (DE FOSSEY, 2004), cronologicamente descritas no quadro 6 abaixo. Em 1960,

também conhecido como "Era Ecológica Helvética" (BISANG *et al*, 2000: 43), tem início uma série de procedimentos com o propósito de proteger a paisagem de Lavaux, onde a conservação ambiental tornou-se tema de destaque e discussões entre os vários segmentos sociais, passando a ser vista como preocupação primordial no campo político com o entendimento que se fazia imprescindível a preservação desse sítio (DEMAUREX, 2006), tendo em vista que a lei vigente era deveras permissiva nesse período.

Quadro 6 - Procedimentos e medidas institucionais para a proteção de Lavaux

DATA	AÇÕES
1950	Os municípios de Cully, Epesses e de Riex adotam leis municipais visando a proteção de suas áreas vitícolas.
1959	Um plano de extensão cantonal coloca sob proteção as vinhas do Dézaley.
1964	Interdição de construção de habitações residenciais em áreas vitícolas. Um capítulo da lei cantonal de Vaud referente ao planejamento espacial insere a comuna de Lavaux a este decreto.
	Entrada em vigor da Lei Vouga, idealizada pelo arquiteto do Estado Jean-Pierre Vouga. Legislação cantonal que proíbe a construção de edifícios em lotes com área inferior a 4.500 m^2.
1966	Adoção da LPN (lei de proteção da natureza e da paisagem), inscrita na Constituição Federal tendo como objetivo a conservação e a diversidade da fauna e da flora do meio ambiente.
1970	Adversidades relacionadas à sulfatização aérea com a oposição dos protetores da paisagem devido a poluição intensiva pelo uso de produtos químicos.
1971	Fortalecimento da Lei Federal de Proteção das Águas.
1973	Lançamento da iniciativa constitucional "Sauver Lavaux" após a mobilização de Franz Weber e da associação Helvetia Nostra.
1977	A iniciativa "Sauver Lavaux" teve a aceitação de 56,8% dos cidadãos do cantão de Vaud.
	Registro de Lavaux no inventário de paisagens e sítios naturais de importância nacional (IFP).
1979	Entra em vigorar a LPPL (Lei sobre o Plano de Proteção de Lavaux).
	Nova Lei de Planejamento do território (Loi Aménagement du Territoire - LAT).
1983	Lei da proteção ambiental (Loi sur la Protection de l'Environnement - LPE).
1984	Divergências associadas à insatisfação quanto a questão estética da consolidação dos bancos rochosos e a aparência dos grandes muros de contenção, resultando na alteração das diretrizes sobre a construção de estruturas de contenção, através da intervenção nos anos 90 da Comissão Federal para a Proteção da Natureza e Paisagem (CFNP).
1991	Lei Federal de proteção das águas (LEAUX).
1993	Alteração da Lei que trata da Agricultura com a inclusão da proteção da paisagem.
1998	Revisão da LAT (Lei de Planejamento).
	Introdução da Lei Federal de Agricultura (LAgr).
2002	Revisão da Constituição Vaudoise adotada em 2003 (nessa nova configuração o artigo que tratava da proteção de Lavaux é excluído).
2003	Exclusão do artigo da Constituição de Vaud relativo à lei "Sauver Lavaux" tendo reação imediata do público defensor no sentido de pressionar o governo, com isso uma segunda iniciativa foi lançada "Sauver Lavaux II".
2005	Votação e aprovação por mais de 80% da população em prol da segunda iniciativa – "Sauver Lavaux II".
2009	Lançamento de uma terceira iniciativa nominada "Sauver Lavaux III" que recolheu mais de 20.000 assinaturas em quatro meses.
2010	A iniciativa "Sauver Lavaux III" teve seu texto validado pelos deputados Vaudoises.
2011	O Tribunal Federal concede a liberação de uma nova votação popular.
2013	A revisão da lei sobre o planejamento territorial (Loi sur l'Aménagement du Territoire - LAT) foi aceita pela população Suíça em 3 de março de 2013.
	O Conselho do Estado lançou um novo procedimento de consulta que acabou por adiar a votação para setembro de 2013.

Fonte: Badoud (2013: 17).

Tomando como base o quadro acima, podemos perceber a existência de diversas diretrizes e procedimentos de salvaguarda e a importância do papel que cada uma delas representou no processo histórico de Lavaux, entretanto, nos limitaremos àquela que repercutiu sobremodo na região, gerando debates entre os diversos segmentos sociais, enfrentamentos longos e tumultuosos e divergências, tendo como personagens centrais Edmond Chollet e Franz Weber. Em meio a toda essa dinâmica, acompanhada por medidas protetivas, regulamentações, o estabelecimento de novas leis e diretrizes, em uma época onde as construções se produziam a "passos largos" dois homens foram fulcrais na defesa da paisagem em Lavaux. De um lado Edmond Chollet, viticultor originário de uma família de vinheteiros da região de La Côte. Considerado nos anos 70 a mais jovem autoridade municipal do cantão de Vaud, foi nomeado aos 29 anos gestor municipal de Villette, localizado no distrito de Lavaux-Oron. Ele idealizou em 1960 um plano de proteção da paisagem de Lavaux que tinha como princípio a adoção de medidas que pudessem desenvolver o território, levando em conta a criação de zonas construtíveis e protegidas, evidenciado no documentário de Thierry Bovay e Marc Comina, "*Le plan Chollet pour sauver* Lavaux*"* (2014). O princípio básico desse plano defendia a interdição de construções em 93% do vinhedo e os 7% restantes do território seriam zonas construtíveis com base no dinamismo da região, haja vista que o cenário na época mostrava que a infraestrutura local além de ser minimalista - contando com apenas uma padaria, um bistrô e uma mercearia, aos poucos estava entrando em colapso com o fechamento dos poucos negócios existentes. Por isso, com vistas a salvaguardar não somente a zona vitícola, mas também cultivar o caráter social local, tornava-se indispensável a manutenção da infraestrutura existente em *Villette* na sobrevivência da própria vila, conforme declara Edmond Chollet na entrevista realizada em fevereiro de 2020:

> "Nós sabíamos que o padeiro ia se aposentar e que ele estava procurando alguém para alugar o ponto e não encontrava e já fazia muitos anos que ele procurava. E, nesse momento nós dizíamos, se nossa cidade continuar como hoje será uma vila morta, porque logo não haverá padaria, nem mercearia e o bistrô vai desaparecer também. No nosso espírito nós dizíamos, a nossa vila precisa continuar viva e para ela continuar viva é preciso aumentar a população do entorno [...], então havia também um projeto não apenas de planejamento do território, mas ainda de preservar a vida na cidade".[70]

No outro extremo tínhamos Franz Weber, jornalista e ambientalista, que não concebeu esse projeto com bons olhos, visto que ele não pleiteava a proteção total da vinha. Foi

[70] Entrevista concedida por CHOLLET, Edmond. [02.2020]. *Vignerons-Encaveurs* aposentado Entrevistador: Giselle Schmid, 2020. Arquivo mp3 (3h13min).

responsável pela projeção de Lavaux em escala midiática no país e no exterior, tendo grande visibilidade na década de 1970, desestabilizando, assim, a estrutura usual do sistema político do cantão de vaud, num momento em que a vinha estava ameaçada pela pressão do *habitat* disperso que se expandia de Lausanne em direção a Vevey e pela conduta de favorização da lei (DE FOSSEY, 2004). Era conhecido, também, por seus enfrentamentos em prol das políticas internacionais de preservação ambiental e animal, ganhador de vários prêmios e criador das três iniciativas conhecidas na região: "Sauver Lavaux" (1977), "Sauver Lavaux II" (2005) e "Sauver Lavaux III" (2009). O estopim que desencadeou tais iniciativas deve-se principalmente em razão do intenso processo de urbanização, da especulação imobiliária na área da vinha e ao projeto de construção de casas em uma área de 2,2 hectares em Villette (DE FOSSEY, 2004; DEMAUREX, 2006). É importante destacar que o Plano de Proteção de Lavaux é marcado por um intenso processo de idas e vindas, do jogo de poder e interesses recônditos naquilo que Ruffy (1964) adjetivou de "raisins de la colère", onde:

> "Desejando salvaguardar a maior parte da vinha [...], desejoso de introduzir uma área vitícola inconstrutível, ele propôs conseguir isso a amálgama de muitos direitos de construção existentes espalhados na extensão da atual vila. Para salvaguardar o estilo arquitetônico, a realização desses direitos de construção deveria estar sujeita a um plano de vizinhança. No entanto, deplorando a importância das construções (43 vilas contíguas), criticando a invasão da vinha [...], um movimento de oposição tomou forma, declarando qualquer nova construção nas vinhas como inútil e, portanto, injustificada. Fazendo pouco da situação jurídica preexistente, ignorando deliberadamente o peso das instituições em vigor, o movimento "Sauver Lavaux" presidido por Franz Weber parte em campanha sem se preocupar com os interesses fundiários que estavam em jogo" (RUFFY, 1979: 131-132).

Dessa forma, a primeira petição em favor da proteção da vinha conhecida pela designação "Sauver Lavaux", com vistas ao gerenciamento restrito da paisagem foi lançada em 1972 (DE FOSSEY, 2004; DEMAUREX, 2006). Para tanto, uma votação popular cantonal foi realizada, com sua anuência, em 12 de junho de 1977, acompanhada em 12 de fevereiro de 1979 da adoção pelo Grande Conselho vaudoise da lei do Plano de Proteção de Lavaux (LPPL), portando regulamentos que protegiam a maior parte da vinha, visando a preservação da identidade e das características regionais. Em 2003 assiste-se um novo cenário com a sua exclusão do artigo da Constituição de Vaud, gerando reação imediata por parte dos defensores, de modo que a associação lançou no mesmo ano um novo procedimento, "Sauver Lavaux II". Essa nova iniciativa exigia a inclusão de regulamentos em favor da proteção na Constituição cantonal como um "sítio protegido", onde qualquer violação pudesse ser objeto de processo, alcançando aprovação por meio da votação (DE FOSSEY, 2004). Em 2009, apesar da existência da lei que regulava os procedimentos de preservação, a região passava por uma intensa especulação imobiliária, provocando a empreitada da terceira iniciativa de

salvaguarda da vinha e seus arredores, "Sauver Lavaux III", remetida ao voto popular em 2013, mas recusada pela população que optou pela adoção do contra-projeto do Conselho de Estado. Em razão dos interesses imbricados, das questões sociais, ecológicas, patrimoniais e econômicas associadas à Lei do Plano de Proteção de Lavaux, o dossiê legislativo atravessou várias fases e foi fruto de diversas polêmicas (BADOUD, 2013). É importante notar que haviam diferentes cenários, pois alguns proprietários vitícolas temiam as medidas restritivas de Franz Weber e como isso poderia prejudicar os negócios na vinha e a economia local, sendo contrários às suas convicções, e, de maneira oposta, um pequeno número de viticultores, ainda que concordassem com as ideias de Weber, preferiam manter-se discretos por medo de retaliações e perda da clientela.

Entre as idas e vindas das demandas empreitadas por Franz Weber, Lavaux entra para a lista do Patrimônio Mundial da UNESCO, em 2007, como paisagem cultural viva. A ideia em inscrever a vinha surgiu através do historiador Marc-Antoine Barblan, em 1999, que chamou a atenção para a importância dessa candidatura, porém somente em 2000 o deputado Alain Parisod convocou o Grande Conselho para tratar do tema, mas ainda foi necessário aguardar até 2003, sob o comando de Philippe Biéler, para que se considerasse a emergência de um estudo preliminar com vistas a analisar tanto a viabilidade dessa filiação como as consequências advindas dela. Assim, em 2003 foi lançada a primeira abordagem da proposição do sítio *"*Lavaux*, Vignoble en Terrasses"* à lista do Patrimônio Mundial. Nesse processo, buscou-se demonstrar sua excepcionalidade, autenticidade, as medidas legais de manutenção e o atendimento dos critérios pré-estabelecidos pela UNESCO (DEMAUREX, 2006). Numa entrevista concedida à RTS em 2007, Franz Weber descreve a importância dessa entrada de Lavaux à lista da Unesco:

> "A luta é suficiente, é preciso ir ao combate, lutar todo dia. Nesse momento nós ganhamos, nós posicionamos Lavaux sobre proteção, pois sem essa proteção nós jamais poderíamos apresentá-la à Unesco e, isso é formidável. Os vaudoises votaram massivamente a favor de Lavaux [...]. Isso é importante para o vinho e para o viticultor, isso é formidável, para o turismo também. E isso muda também a mentalidade das pessoas que percebem que é preciso proteger para as gerações que virão após nós" (RTS, 2007).

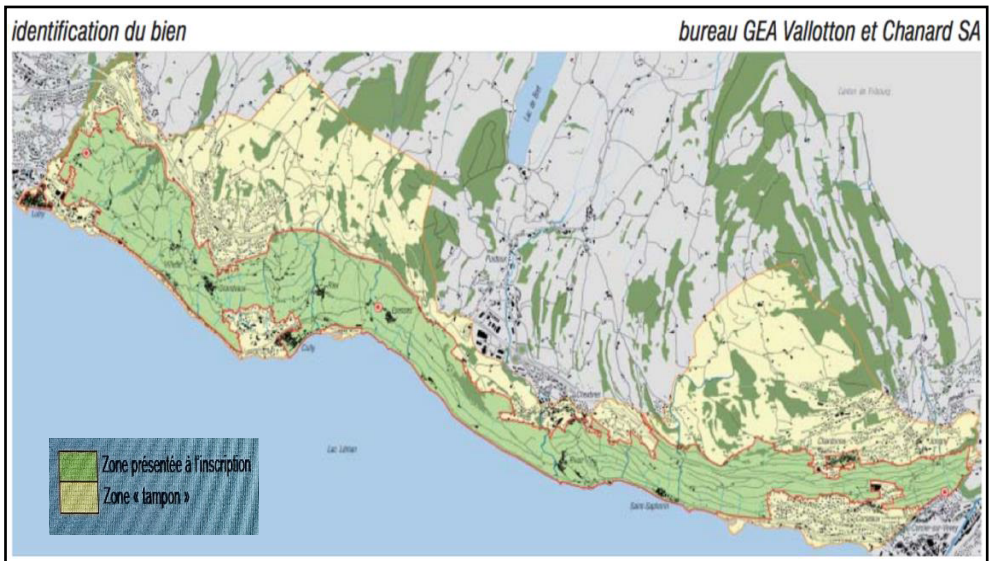
Na opinião de Badoud (2013), três componentes foram fulcrais no reconhecimento desse sítio enquanto patrimônio. O primeiro se refere ao valor econômico, visto que a paisagem de Lavaux representa um fator potencial de agregação de valor, de distinção em termos de imagem aos vinhos da região. O segundo tem a ver com o valor estético, relacionado à *"morphologie en terrasses"*, por conta dos extensos muros de vinha que se combinam e se fusionam em meio à paisagem lacustre, as montanhas alpinas e suas encostas

íngremes, fazendo desse sítio um cenário singular. Por fim, o terceiro tem relação com o valor cultural, seu caráter antrópico no desenvolvimento e na construção da região, naquilo que se convencionou chamar de "característica exclusiva", mas também, em função do longo trabalho laboral e técnico, associados aos aspectos históricos (DF, 2013 *apud* BADOUD, 2013).

Para isso, foi elaborado um plano de gestão, em 2004, evidenciando a utilização tradicional do território, dando destaque a alguns atributos importantes nesse contexto. Entre as justificativas apresentadas tínhamos o fato de atuar na representação de uma cultura, em função das interrelações e da interação humana com o ambiente; enquanto testemunho excepcional de uma tradição cultural e sua paisagem que ilustra um período significativo da história humana, além das atribuições indispensáveis às dinâmicas de manutenção da vida social e econômica do perímetro, como a produção da *Fête des Vignerons* e, sobretudo, a conservação das qualidades excepcionais que legitimam a adesão desse sítio, acompanhado da criação da Associação para a inscrição de Lavaux ao Patrimônio Mundial da UNESCO (AILU) em 2005. O estabelecimento do processo piloto de abertura e gerenciamento da candidatura foi submetido à apreciação em 2005 e aceito na lista de Patrimônio Mundial da UNESCO em 28 de junho de 2007 (DEMAUREX, 2006), “abrangendo uma área que ficou convencionada em duas zonas, a central constituída de 900 hectares com aproximadamente 5.300 habitantes e a zona tampão[71] que abriga 1400 hectares e cerca de 9100 moradores” (COUTAZ, 2018: 2-3), detalhados na figura abaixo.

[71] Zona tampão é um espaço intersticial da paisagem rural, mantido ou expressamente implantado para garantir uma função de interceptação e atenuação das transferências de contaminante de origem agrícola. Fonte: Disponivel em: http://zonestampons.onema.fr/qu-est-ce-qu-une-zone-tampon. Acesso em: 20 de junho de 2020.

Figura 1 - Identificação do bem inscrito no Patrimônio Mundial da UNESCO



Fonte: Monachon (2017: 9).

Fica evidente no estudo de Demaurex (2006) que os efeitos almejados entre os envolvidos na inscrição de Lavaux ao patrimônio da UNESCO não escondem seus reais objetivos, pois a grande maioria tencionava a possibilidade de desenvolvimento econômico e turístico regional, "como o que se processou no vinhedo de St-Emilion, classificado como Patrimônio Mundial em 1999 com o aumento dos turistas em 10%" (DEMAUREX, 2006: 41), pois acreditava-se que o "rótulo" de patrimônio mundial teria um peso e impacto positivo em vários segmentos, para além do prestígio e visibilidade, atuaria como ferramenta na promoção e recuperação de mercados, possibilitando o aumento na notoriedade dos vinhos de Lavaux, a conquista de clientes e o possível aumento no fluxo de visitantes à região e no setor hoteleiro local, estando igualmente orientados ao reconhecimento mundial e à preservação a longo prazo do referido sítio.

Entretanto, contrariamente a essas perspectivas, o cenário não sofreu grandes alterações após sua adesão, apresentando um modesto aumento no número de visitantes, através do "*tourisme doux*", manifesto de forma discreta. Em contrapartida, essa anuência coadjuvou no desenvolvimento de alguns meios de hospedagem em sítios vitícolas, nas visitas guiadas pelos domínios, na intensificação dos eventos organizados nas *caves* de vinho, na oferta e implementação de infraestrutura por atividades de lazer, no estabelecimento de sistemas eletrônicos em pontos específicos de Lavaux, no surgimento de projetos orientados à vinha e aos vinhos como o "Lavaux Passion" – evento itinerário que celebra o vinho e a vinha; no maior planejamento nas áreas destinadas ao acolhimento de turistas, no desenvolvimento de

novas formas de enoturismo, culminando com o surgimento de profissionais capacitados e guias especializados, além da oferta de cursos sobre a temática, como forma de evocar não apenas o sentimento de pertencimento na população, mas ainda a difusão do conhecimento sobre essa região (DRESCO *et al*, 2018).

Numa aproximação das festas e do patrimônio numa lógica econômica, temos o seguinte excerto:

> "Como qualquer outro elemento de conhecimento sobre as festas, também pode ser um ponto de partida para o considerável trabalho científico, social, cultural e mediático que se necessita para construir e impor uma candidatura à UNESCO - mas apenas se os vários atores locais entenderam que seria desejável, depois de esclarecer as demandas e implicações inerentes a tal aventura. Aqui, como em todas as situações do mesmo tipo, as esperanças de reconhecimento institucional não estão isentas de considerações de valorização econômica. Em outras palavras, como muitas vezes se ouve, pretende-se usar o patrimônio como recurso" (DURAND e CUNHA, 2014: 366).

Para Demaurex, o novo "rótulo" de Patrimônio Mundial da Unesco conferiu prestígio e notoriedade aos vinhedos da região, tanto no mercado interno quanto externo, gerando, consequentemente, uma revalorização da imagem do *Chasselás* (DEMAUREX, 2006: 88-89). No meio vitícola, a admissão dessa candidatura representa uma grande vitória, mas longe de impelir a clientela, discurso corrente na entrevista realizada com o viticultor e Conselheiro Honorário da *Confrérie des Vignerons* Jean-Pierre Chollet (2020):

> "O reconhecimento pela Unesco é extraordinário, mas não sob o plano prático, sob o plano prático o que se passa é que se você discutir com as pessoas do Dézaley [...] você vai ter um numero inacreditável de visitantes que atravessam o vinhedo a pé, mas nós não vendemos praticamente o vinho. As pessoas vêm visitar a vinha e ver a paisagem, mas não compram o vinho [...], e se você observar bem, nós não vimos nenhum aumento nas vendas depois que os turistas foram atirados por Lavaux. O que é inacreditável é que nós atiramos um monte de gente, mas não atiramos a clientela [...] nós pensamos que isso também nos atiraria a clientela, mas não, não diretamente"[72].

Os próprios dados relativos ao nível de ocupação nos meios de hospedagem em Lavaux constatam que os números não sofreram grandes interferências no intervalo entre 2006 e 2016, conforme as taxas de pernoites representadas na tabela 2, o que acaba sustentando o ponto de vista dos viticultores.

[72] Entrevista concedida por CHOLLET, Jean-Pierre. [02.2020]. Viticultor e Conselheiro Honorário da *Confrérie des Vignerons*. Entrevistador: Giselle Schmid, 2020. Arquivo mp3 (1h e 43min).

Tabela 2 - Repartição sazonal de pernoites em meios de hospedagem a Lavaux

ANO	VERÃO	INVERNO
2006	67,5%	32,5%
2007	67%	33%
2008	63,1%	36,9%
2009	65,6%	34,4%
2010	68%	32%
2011	64,4%	35,6%
2012	66,4%	33,6%
2013	66,9%	33,1%
2014	65%	35%
2015	65,7%	34,3%
2016	65,7%	34,3%

Fonte: Clivaz e Reynard (2017: 26).

A paisagem de Lavaux foi fruto de diversos enfrentamentos, da luta de poderes e "egos", abrangendo interesses gerais e particulares. Cabe destacar que cada autoridade distrital adotava sua própria política de desenvolvimento local, pois as comunas detinham grande autonomia nas decisões, estando sob sua responsabilidade os regulamentos que orientavam sobre as regras, proibições, autorizações ou desautorizações de construções no referido sítio. Além disso, estamos falando de uma área privilegiada em termos paisagísticos, por integrar uma situação geográfica que abriga componentes distintos em um mesmo cenário (alpes, lago, vinha em terraços, construções residenciais), contribuindo com a especulação imobiliária e os altos valores dos imóveis nessa região, que segundo Demaurex (2006: 85) "viu a estrutura social local ganhar novas formas com o processo de urbanização progressiva culminando com a inserção de uma população cada vez mais abastada". Por outro lado, atuou na formulação de medidas basilares de proteção, impedindo que esse sítio se tornasse um aglomerado urbano de edificações na zona vitícola. Assim, "a prioridade passa a ser a manutenção da paisagem e não somente a produção de vinho" (DEMAUREX, 2006: 88). Outrossim, todas essas iniciativas auxiliaram no processo de adesão da vinha ao Patrimônio Mundial da Unesco, conferindo-lhe visibilidade através da midiatização da viticultura, do vinho e, consequentemente, da agregação de valor à *Fête des Vignerons*.

2.3 O Vinho, Os Viticultores, A Confraria: Contexto da festa ou escopo secreto?

2.3.1 Aspectos gerais sobre o vinho na Suíça

> "Uma vinha é a planta na qual o homem possui a maior afinidade. É o vegetal que mais se assemelha ao homem no seu modo de funcionamento. Eu encontro muita semelhança entre o que uma vinha pode viver na sua vida de vegetal e o que um homem pode viver em sua vida de homem [...]. Tipicamente, um elemento que podemos comparar é o granizo que é algo que ocorre inesperadamente e destrói todo o vegetal [...] e na vida humana nós temos esse momento também, de repente nós somos confrontados com um problema ou um evento que nos destrói igualmente. Eu penso que todo viticultor tem um tipo de filosofia que se desenvolve"[73].

A videira, pertencente à espécie *vitis vinifera*, da família dos *ampélidées* (*de Cand. Penlandr. monogyn. Linn*), compreende mais de 6000 tipos de uvas diferentes, normalmente originária da Ásia e, após mais de vinte séculos acabou por se adaptar ao clima suíço (CURCHOD, 1860). Assim, com exceção dos cantões de Zug, Glaris e Oberland Bernois a vinha é cultivada em todo o país (CURCHOD, 1860: 6), mas é a parte ocidental, localizada no cantão de Vaud, que nos interessa no referido estudo, razão pela qual nos deteremos aos aspectos da viticultura nessa zona.

Lavaux, zona do estudo em questão, faz parte da região vinícola do cantão vaudoise que conforme Reynard e Pralong (2004: 36) forma um *"territoire-terroir*". De base rural, intimamente ligada ao cultivo da videira, se posiciona entre as cidades de Lausanne e Vevey-Montreux. Bastante conhecida pelos seus atípicos muros de vinha - *"Terrasses en* Lavaux*"*, formam, conjuntamente o domínio pertencente à "*Appellation d'Origine Contrôlée de* Lavaux" (AOC) (LINDER *et al,* 2006). Abrange uma superfície de 736 hectares, onde a vinha se estende na margem direita do Ródano, entre Villeneuve e Bex (OFAG, 2018). Do ponto de vista da sua delimitação, podemos dividí-la em oito regiões vitícolas (RÈGLEMENT SUR LES VINS VAUDOIS, 2019), conforme quadro 7, abaixo. No levantamento estatístico do "Office Fédéral de l'Agriculture" (OFAG, 2018: 5) a área total de vinhedos em 2018, na Suíça, era de quase 14.712 hectares. O país conta com uma produção que abrange uma variedade de uvas de natureza autóctones (clássicas e nativas), conferindo à viticultura do país uma identidade singular. Apesar dessa variedade, evidencia-se principalmente uma tendência orientada aos vinhos brancos e frutados da casta *Chasselás,* perfazendo 2.267 hectares (60.25%), dotados de múltiplos aromas, fruto da grande diversidade de solos existentes;

[73] Entrevista concedida por CHOLLET, Alain. [18.02.2020]. *Vignerons-Encaveurs*. Entrevistador: Giselle Schmid, 2020. Arquivo mp3 (1h50min).

seguidos pelo *Chardonnay* com 43 hectares (1.15%), tendo a safra de 2018 obtido um nível como nunca visto desde 2011 (OFAG, 2018: 5), fator que se deve em grande parte em razão da *Fête des Vignerons* de 2019, na qual a produção obteve um aumento considerável.

Fortemente influenciada e beneficiada pela diversidade de climas e solos na região, por um lado os lagos criam microclimas particularmente propícios ao cultivo das uvas e, por outro, os esforços conjuntos de geleiras, montanhas e rios originaram os mais diversos solos. Assim, a videira cresce alto o suficiente, por entre as encostas íngremes, aproveitando os microclimas favoráveis e a reverberação dos lagos (OFAG, 2018). Constitui-se numa das vinhas mais afamadas do cantão, cuja tradição remonta à Idade Média por meio dos monges cistercienses (OBSERVATOIRE DE L'ÉCONOMIE VAUDOISE, 2006). Ela evoluiu gradativamente sob a influência das aglomerações testemunhadas nas cidades de Lausanne e Vevey, constituindo uma paisagem periurbana típica composta por várias comunas que hospedam "subdivisões de casas individuais", onde vive geralmente uma população localizada no topo da hierarquia social (BASSAND, 2004), em especial por se tratar de uma área onde o metro quadrado é elevado e as casas individuais portam valores astronômicos.

Quadro 7 – Delimitação das regiões vitícolas de Vaud

REGIÃO	COMUNAS ABRANGIDAS	HECTARES
Região do Chablais	Comunas vitícolas do distrito d'Aigle.	583
Região de **Lavaux**	Comunas vitícolas do **distrito de Lavaux-Oron,** da **Riviera-Pays-d'Enhaut** e da **comuna de Lausanne.**	736
Região de La Côte	Comunas do distrito do Oeste lausannois, Nyon e Morges (excetos comunas de La Sarraz, Pompaples, Orny et Eclépens).	2.000
Região de Côtes-de-l'Orbe	Comunas pertencentes a Agiez, Arnex-sur-Orbe, Baulmes, Bavois, Belmont-sur-Yverdon, Chamblon, Champvent, Chavornay, Corcelles-sur-Chavornay, Eclépens, Essert-sous-Champvent, La Sarraz, Mathod, Montcherand, Orbe, Orny, Pompaples, Rances, Suscévaz, Valeyres-sous-Rances, Villars-sous-Champvent, Yverdon-les-Bains e Yvonand.	172
Região de Bonvillars	Comunas de Bonvillars, Champagne, Concise, Corcelles-près-Concise, Fiez, Grandson, Montagny-près-Yverdon, Onnens et Valeyres sous-Montagny.	188
Região de Vully	Vully-les-Lacs e as comunas vitícolas determinadas pela legislação fribourgeoise, Bas-Vully e Haut-Vully.	52
Região de Dézaley	Puidoux delimitada a oeste pela coulisse de la Chenalettaz até a rota de Corniche e pelo limite comunal até o lago; ao norte pelo chemin de la Tour de Marsens até la coulisse de la Chenalettaz, le chemin de la Chapotannaz, la route de la Corniche até o chemin de la Dame e de lá até o ruisseau du Forestay. As vinhas ao norte da rota de la Corniche, entre o caminho público e a Croix de Notre Dame e la Chapotannaz.	54
Região do Calamin	Comuna de Epesses ao sul da estrada de Corniche.	16

Fonte: Règlement Sur Les Vins Vaudois (2018: 2, Grifos meus).

Um aspecto bastante evidente da viticultura em Vevey se caracteriza por sua economia autônoma de base familiar, através do qual não somente os ensinamentos, mas também os domínios são repassados de geração em geração e a apropriação da vinha revela o *savoir-faire* do vinho. Composta por uma elite local, geralmente abriga empresas de pequeno porte, formada em sua grande maioria por empresários proprietários do domínio, mais conhecidos pela designação de *vignerons-encaveurs,* responsáveis por todo processo de produção, desde o cultivo até a venda do produto final. De acordo com o "Observatoire de l'économie vaudoise" (2006), no final de 2004 o mercado vitivinícola vaudoise era representado por 6.873 proprietários de vinha, dos quais 634 eram *encaveurs*, 44 comerciantes e 17 cooperativas, contando com instalações para a produção, armazenamento e estocagem do vinho, mas também o espaço das adegas ou *caves* para a recepção de clientes e eventos. Nota-se, ainda, que é bastante notória e imbricada nessa região a prática de transmissão dos domínios entre os familiares, como o testemunho do viticultor e Conselheiro Jean Pierre Chollet que nos revelou no decurso de uma entrevista a seguinte dinâmica:

> "O domínio da família é transmitido sempre entre a família [...] É feito sempre dessa forma na família, nós transmitimos o domínio sem jamais ganhar dinheiro. Isso quer dizer que a gente nunca vende aos filhos, nós transmitimos, [...], como por exemplo meu irmão [...] que ficou com o domínio, o valor do seu trabalho é poder viver no domínio junto com sua esposa até sua morte, e por isso a gente não faz dinheiro com isso e, assim, isso permite que se prolongue por várias gerações, porque se você vender, pode ser que haja uma outra geração que não poderá pagar. Não há aspecto especulativo, nós simplesmente decidimos. Meu pai, no momento em que éramos jovens ainda, ele nos reuniu e disse: eu gostaria que fosse Edmond que desse continuidade ao domínio, ele trabalhou comigo desde os seis anos, ele não pôde fazer seus estudos, ele não pôde fazer o que ele queria, então eu penso que isso é normal, vocês estão de acordo? [...] e depois de lá nós nunca e jamais falamos sobre isso, jamais. E, nós temos inclusive uma legislação no cantão de Vaud que permite isso. Na família nós não discutimos sobre isso, a princípio isso não causa nenhum problema"[74] .

No passado, a vinha exercia estreito papel nas relações sociais na comunidade, fazendo inclusive parte dos costumes da região, pois mesmo o calendário escolar estava condicionado às atividades agrícolas. Na entrevista realizada com o viticultor Alain Chollet em fevereiro de 2020 (Apêndice C), foi possível perceber alguns aspectos desse cenário, atualmente bastante diferente, onde as relações são bem mais dispersas.

> "Antes, quando eu era criança nos anos 70, as férias eram calculadas em conformidade com o trabalho da vinha, na época da colheita os alunos tinham férias para fazer as vindimas. As escolas locais primárias em Lavaux e em comunas onde havia a vinha e as batatas também tinham suas férias programadas [...], e eram

[74] Entrevista concedida por CHOLLET, Jean-Pierre. [02.2020]. Viticultor e Conselheiro Honorário da *Confrérie des Vignerons*. Entrevistador: Giselle Schmid, 2020. Arquivo mp3 (1h43min). A legislação citada na entrevista refere-se aos artigos 1.075 e 1.078-1 do Código Civil e o artigo 793 CGI.

> adaptadas em razão disso. Ocorreram muitas mudanças, as famílias viticultoras diminuíram se comparado a antes, muitas deixaram a vinha por causa da idade ou de outras motivações e, hoje é um pouco mais complicado os elos entre os viticultores e as novas pessoas. Há sim uma comunidade viticultora muito ligada, onde há partilha, existe a *cave* de vinho que são sempre animadas e as festas que são organizadas na maior parte do tempo pelos viticultores. Porém, entre a comunidade viticultora e a comunidade local há menos esse espírito comunitário"[75].

Cabe destacar que o labor empenhado na vinha que tem na *Confrérie des Vignerons* o órgão de fiscalização, segue uma orientação que visa não apenas trabalhar a cultura, mas acima de tudo executar com esmero e primazia todas as etapas do processo, indo das técnicas empregadas na plantação até a manutenção e disponibilização de espaços para a comercialização e o acolhimento dos visitantes. Essa tendência à perfeição foi descrita no excerto de Dubois (1943: 23) através do relato de um viajante francês em meados do século XIX: "nada é melhor plantado, dobrado, recortado, alinhado, limpo, aparado, lavrado, cortado, capinado, arado, fumado que uma vinha Suíça às margens do lago Léman".

Os vinhos suíços são conhecidos, portanto, pelos altos valores que podem ser explicados em razão dos grandes custos envolvidos em todo o processo de fabricação, variando em função do tipo de plantio e das possibilidades de mecanização. Do ponto de vista dos sistemas regionais de Lavaux/Chablais seu preço difere em função dos inconvenientes resultantes do terreno acidentado e do difícil acesso, inviabilizando o uso de mecanização no espaço da vinha, razão pela qual o preço médio de produção por hectare varia entre 40.000 e 55.000. O valor de fabrico em francos por garrafa de 0,75 litros é descrito na tabela a seguir (OBSERVATOIRE DE L'ECONOMIE VAUDOISE, 2006).

Tabela 3 – Custo de produção em francos por garrafa (0,75l)

PROCESSOS	EMPRESAS 1000hl	EMPRESAS 1000 – 10.000hl	EMPRESAS > 10 000 hl
Prensagem	0,62	0,33	0,27
Vinificação	0,70	0,46	0,32
Engarrafamento	Não informado	0,41	0,30
Armazenamento	1,22	0,12	Variável
Etiquetagem e design	0,86	0,61	Variável
Comercialização	2,12	1,06	Variável
TOTAL	5,52	3,00	Variável

Fonte: Observatoire de L'economie Vaudoise (2006: 39).

[75] Entrevista concedida por CHOLLET, Alain. [18.02.2020]. *Vignerons-Encaveurs*. Entrevistador: Giselle Schmid, 2020. Arquivo mp3 (1h50min).

O volume de vendas de quatro vinhos vaudoises por região AOC, referente aos anos de 2017 e 2018, levando em consideração as vendas por litro e o preço médio, por ano, está representado na tabela abaixo:

Tabela 4 - Crescimento volume dos vinhos Vaudoises AOC (PAINEL NIELSEN e OFAG)

	2017		2018		
REGIÕES	**VOLUME**	**PREÇO**	**VOLUME**	**PREÇO**	**CONSUMAÇÃO GLOBAL OFAG 2018**
Chablais AOC	958	20.16	1.166	19.13	- 4,1%
La Côte AOC	4.911	10.22	4.711	10.36	- 14,5%
Lavaux AOC	887	15.63	1.149	14.40	- 0,3%
Bonvillars AOC	75	12.98	109	12.14	11,2%
Total Vaud AOC	7.226	12.15	7.660	12.29	0,5%

Fonte: Rapport Annuel (2018: 4).

Cabe destacar que o país é formado por seis regiões vitícolas, cada uma com identidades específicas definidas por seu relevo, sua geologia e seu clima característico (OFAG, 2018), sendo o Valais o maior produtor com 33%, seguidos pela região vinícola de Vaud com 25%, a Suíça Alemã apresentando 19%, Genebra com 10%, o Tessin com 7% e, por fim, os três lagos estabelecidos nos flancos do Jura com apenas 5% (OFAG, 2018). Tomando como base o cantão de Vaud, segunda maior zona de vinhas, a área que corresponde às oito apelações AOC somam 3.801 hectares, com a média do custo de produção estimada entre 378 a 461 milhões e o fabrico de 338.800 hectolitros por ano (OBSERVATOIRE DE L'ÉCONOMIE VAUDOISE, 2006).

No que se refere à comercialização, a grande fatia fica a cargo do próprio mercado interno, com uma pequena participação no comércio internacional, visto que a idiossincrasia marcante nos habitantes é a preferência e o apoio ao *terroir*. Referências dessa perspectiva podem ser encontradas na estatística disponibilizada pelo OFAG (2015) onde a consumação de vinhos suíços representou 35%, apesar dos altos valores, se comparados aos vinhos provenientes de outros países; seguidos pela Itlália com 24%, França com 15%, Espanha com 10%, outros países da Europa com 6% e 10% relativos ao Novo Mundo. Uma pesquisa realizada pela Mis Trend S.A (2017) sobre os hábitos de consumação de vinho, intitulada "*Étude sur le marché du vin en Suisse* 2017, esclarece que essa bebida alcoólica continua sendo uma das mais consumidas entre as pessoas na faixa etária entre 18 e 74 anos, com 77%

representando os consumidores de vinhos, seguidos por 64% dos apreciadores de cerveja, 47% de álcool destilado e 43% de coquetéis com álcool. Quando nos direcionamos ao cantão de Vaud, os dados nos mostram que essa região se define como uma das maiores consumidoras de vinho, somando o total de 82% em 2017, ficando inclusive à frente da Suíça Alemã, que representou em 2017 o percentual de 76%, fator que acaba contribuindo positivamente com a produção da *Fête des Vignerons* nessa região.

Cabe assinalar que as questões políticas e econômicas são igualmente sensíveis à vinha, sendo um dos setores dinâmicos da agricultura Suíça; ocupa lugar de destaque e importância, tendo adquirido, com o passar do tempo, além do aperfeiçoamento e profissionalização do trabalho, diversas regulamentações e medidas de proteção, somadas à agregação de valor à paisagem com a prática do enoturismo, por meio da organização e estruturação de rotas do vinho e a manutenção da tradição local com a celebração que se sucede uma vez a cada geração, a *Fête des Vignerons*. O vinho, grande anfitrião dessa celebração, acompanhado da performance do coroamento do trabalho do melhor *vignerons-tâcherons* exerce papel fundamental, pois é através dele que o público pode conhecer a região e seu *terroir*, momento propício ao trabalho do *marketing* do produto e a impulsão do turismo, mas em especial a comercialização, onde as expectativas de venda e reconhecimento aumentam entre os vinheteiros após a nomeação do rei da festa e, acima de tudo, a sobrevivência do lugar que tem atravessado momentos difíceis de crise do setor.

2.4 Contextualização histórica das Confrarias

Embora a *Confrérie des Vignerons* de Vevey tenha como propósito a arte do *savoir-faire* do vinho, a gênese das confrarias no mundo estava atrelada a profusos interesses. Lacroix-Ouin (1850: IV) concorda, evidenciando que:

> "Na Europa, ao longo da idade média, elas se configuravam como instituições que surgiram através de mercadores dos vários estados que, reunidos em comunidades através do objetivo comum de unir forças contra as fortes opressões na época, agregavam seus esforços para se defender contra os abusos. Além disso, no intuito de tornar essa garantia mais poderosa deram a ela um caráter religioso, ao fazer de sua comunidade uma fraternidade piedosa, dotada de regulamentos, com a adoção de um patrono e sua bandeira".

Fontbonne (2015: s/p), em suas narrativas sobre as confrarias aponta que:

> "Na Idade Média, o ponto de vista dominante - isto é, aquele cujas concepções explicam em grande parte o funcionamento de uma confraria - é o de uma concepção comunitária. Com este termo queremos dizer que a fraternidade é pensada pelos seus

> membros como um fim em si mesma, um lugar e um tempo onde o fato de ser cristão é vivido de forma concreta".

Num olhar sobre as confrarias no contexto suíço, Bagliani (1987: 6), nos relata as relações estabelecidas nesse contexto:

> "A obra do Padre Meersseman sublinhou repetidamente a existência de relações extremamente estreitas entre as confrarias e o poder. Permitam-me referir-me rapidamente ao exemplo de Lausanne: em todas as suas diferentes fases, a história das confrarias de Lausanne que começamos a conhecer melhor graças a pesquisas muito recentes, nos conduz inexoravelmente ao campo das estruturas do poder: quer na época da gênese do município de Lausanne, [...] no século XIV; ou no início do século XV, quando o bispo decidiu impedir a proliferação de associações fraternas, proibindo todas as irmandades existentes, exceto duas, pois as irmandades teriam obviamente se tornado suspeitas aos olhos do bispo".

Em contrapartida, cabe ressaltar que a constituição de tais associações foi primordial em um momento onde muitas camadas sociais ficavam à margem da sociedade, desprovidos de garantias e direitos essenciais. Por essa razão: "Talvez fosse necessário, como disse A. Chéruel, em sua história do domínio inglês em Rouen, de formar tais associações em uma época em que a lei era frágil e onde só o sindicato poderia defender os pobres artesãos contra a opressão feudal" (LACROIX-OUIN, 1850: X). O documentário "*Sociétés Secrètes*" (2003), explica que essas sociedades funcionavam como forma de refúgio na época, contemplando todo tipo de pessoas atípicas. No caso de uma confraria, ela podia se exprimir e discutir suas ideias sem medo de perseguições. Por isso o grande atrativo por esse tipo de organização, por vezes definidas como instituições de descrição absoluta, seita de reunião esotérica, sociedade que pregava teorias de complô, grupo de maçons. Contemplavam ainda termos como conspiração, sigilo cabal, sociedades do mal, igualmente acusadas de querer dominar o mundo.

As confrarias apresentavam um sentido bastante antagônico, em alguns casos com atribuições bem definidas, através de uma agenda bastante orientada, e, noutros, transcendendo seu próprio propósito através de objetivos que se definiam no exterior dessas instituições enquanto tal (CUNHA, 2018: 757). Por isso, parafraseando Cunha (2018), podiam até mesmo se mobilizar em razão de causas que se distanciavam sobremodo do seu objeto principal, transitando em diversos contextos, envolvendo um universo de questões de natureza econômica, social, política, promocional, possibilitando, assim, a expansão da sua capacidade de inserção entre os grupos sociais. Essas irmandades conheceram o apogeu entre o século XIII e final do século XV, com o aumento considerável dessas corporações de norte a sul do ocidente, como também adquirem novamente a importância que haviam perdido em toda a antiguidade.

> "Entretanto, as suas bases agora não estavam apenas alicerçadas na indústria, mas também na religião e até mesmo na política. Os efeitos dessa conjuntura resultaram em um direcionamento ao sagrado com instituições de base religiosa, visto que a regulamentação da confraria determinava a cada associado a adoração a Deus, a observância dos preceitos, deveres de piedade; a moral, pela vigilância que exerciam sobre as maneiras; a conduta de cada membro através da sua intervenção nos movimentos populares. Como resultado dessas diferentes características, elas foram intituladas corporações, em razão das alianças dos artesãos de igual profissão; e confrarias, por conta do espírito de fraternidade e do vínculo sagrado que os unia sob a bandeira do mesmo patrono e do juramento que congregava cada membro" (LACROIX-OUIN, 1850: 3).

No entanto, fazia-se urgente encontrar meios capazes de legitimar essas instituições, por meio de medidas que assegurassem seus propósitos e a sua relevância social, por esse motivo:

> "Foi nessa perspectiva que surge a ideia de regularizar essas organizações, com vistas a assegurar sua própria existência, perfilhando-se estatutos especiais, muitas vezes códigos bastante extensos regulamentando os deveres de cada membro, das autoridades e dos senhores, estabelecendo acuradamente a hierarquia do corpo. Eram frequentemente redigidos pelas próprias corporações e, posteriormente, submetidos à anuência das autoridades, na época composta por magistrados, reis ou senhores. Ademais, artigos especiais determinaram os limites de cada irmandade, garantindo que cada ofício permanecesse constantemente isolado, portando regulamentos separados, onde as violações de estatutos eram alvos de repressão" (LACROIX-OUIN, 1850: 4-5).

Em contrapartida, os primeiros regimentos elaborados nos séculos XV, XVI e XVII, *a priori,* assumem uma forma confusa e incerta. Com o passar do tempo começam a ficar mais pragmáticos, precisos e perceptíveis, dotados de artigos encarregados de assegurar a garantia dos direitos e deveres, que na concepção de Lacroix-Ouin (1850) foram relevantes do ponto de vista da defesa dessas garantias e concessões:

> "Os magistrados leigos, os eclesiásticos ou as corporações tomaram pela força o privilégio de sancionar esses regimentos por uma necessidade de proteção efetiva nos séculos tempestuosos [...], além do estatuto industrial e administrativo, as corporações adotaram várias regras de caráter religioso sem as quais eles acreditavam não ter como desfrutar tanto da segurança pessoal como dos privilégios concedidos pela igreja" (LACROIX-OUIN, 1850: 5).

As confrarias abrangem uma realidade bastante multifacetada e complexa, vinculadas a diferentes aspectos e valores da vida social, renovados através dos tempos. Formada por indivíduos com objetivos comuns e distintos, são, na contemporaneidade, tema de debates e inquirições. Em todo caso, qualquer que seja a confraria ou ordem secreta, elas fazem parte da nossa cultura há milênios e continuam a existir entre nós, seja atuando em prol de um objetivo específico ou alinhadas a um determinado grupo social, tal como a *Fête des Vignerons* e a vinha.

2.5 Narrativas de origem e transição: De Abadia à *Confrérie des Vignerons*

Historicamente o cantão de Vaud foi palco da criação de inúmeras confrarias, descritas no estudo de Jean-Jacques Fietcher "*Les Abbayes vaudoises*" de 1991. Na origem dessas corporações os tipos mais comuns eram aqueles que agrupavam pessoas que praticavam algum tipo de comércio, geralmente constituídas por burgueses e notáveis que realizavam tarefas militares ou de utilidade pública (GÉTAZ, 1969). Essas associações laicas, com princípios religiosos orientados às práticas caritativas e assistenciais, estavam envolvidas em diversas atividades sociais, em especial na celebração de missas, com o intuito de afugentar as pragas e epidemias que assolavam a Europa nessa época. Do mesmo modo, integravam condutas relativas ao temor a Deus, à salvação das almas e às regras de convívio entre os confrades que deviam obediência aos preceitos e às convenções tanto em vida, quanto após a morte, carregando consigo duas vertentes distintas: de um lado se definiam como organizações que dependiam dos donativos cedidos em forma de doário pelos fiéis, e, por outro, se assentavam em práticas de voluntariado, pautando-se na mutualidade, servindo-se das rendas obtidas para prestar caridade aos indigentes e celebrações em memória dos falecidos (RECORDON, 1970).

Reportando-nos a Vevey, um aspecto curioso se pauta no fato de algumas dessas associações se beneficiarem de doações de terras, como a confraria da Virgem Maria que recebeu de dois membros do Capítulo de Lausanne, em 1352, um terreno de videira e a confraria do Santo Espirito, a qual obteve, no século XII, do nobre Vaucher de Blonay, a transmissão de vários bens (RECORDON, 1970). Era constituída por membros dotados de status social, pertencentes à classe de pessoas abastadas, de importância e relações no meio político, sendo bastante popular em razão dos seus doários aos desvalidos e por suas festas, momento onde eram realizadas diversas práticas e protocolos descritos no trecho do livro "*Bailliage de Vevey e Chilon"* (JOFFREY, 1861 *apud* RECORDON, 1970: 272-273), conforme fragmento da cerimônia da festa anual da Confraria do Santo Espírito:

> "Havia no meio da praça em frente à ponte Veveyse - a atual praça da Estação de trem, uma capela pública, fundada e estabelecida em homenagem ao Espírito Santo pelos *gentilshommes* - homens que possuíam poderes e um título de honra da cidade, na qual havia uma irmandade ... E havia um dia de festa, todos os anos, em que toda a dita nobre irmandade se encontrava, sob pena de pagar uma multa. E, na manhã do dia mencionado, eles desfilavam, dois a dois, a cavalo, com a lança e o escudo [...], até a porta da referida capela, onde eles entravam para assistir a missa do Espírito Santo e, após seu término [...] todo jantavam juntos com o Grão-Mestre da referida Ordem, que analisava a receita da Companhia e não partia sem examinar a vida de

> cada irmão, que no caso de ter cometido alguma irregularidade era revelada no local [...]. A referida capela com sua Irmandade é extinta na época da conquista do país".

Apesar do reconhecimento do papel e importância que cada uma das confrarias representou no percurso histórico da região de Vevey, nos deteremos àquela que integra a pesquisa em questão, a *Confrérie des Vignerons* ou irmandade dos viticultores, também conhecida ao longo dos séculos pelas designações de *Abbaye de Saint-Urbain*, *Abbaye d'Agriculture, Société d'agriculture et Abbaye des Vignerons* (APOTHÉLOZ, 1977*)*. Essa associação voluntária provecta e afamada era constituída, em sua maior parte, por cidadãos nativos da região, geralmente pertencentes a uma mesma família, conhecidos por confrades, afiliados ao seio da confraria por gerações, dotados de certo prestígio, geralmente pertencentes a uma camada social elitizada, formada por proprietários de vinha, magistrados, funcionários da comuna, médicos, militares, comerciantes e empresários. Portam seu próprio estatuto, obedecendo a um nível hierárquico, tendo igualmente seu propósito e dinâmica organizacional bem definidos desde os primórdios da irmandade. Reúne membros com objetivos comuns, que, nesse caso específico, orientam-se na verificação e controle do trabalho realizado nas vinhas (APOTHÉLOZ, 1977; CARRUZZO-FREY e ABBOTT, 2019). No passado, a mentalidade era outra e a *Confrérie des Vignerons* de Vevey tinha como propósito a punição do mau labor nos domínios vitícolas; hoje ela se orienta principalmente na promoção da sua imagem enquanto sociedade preocupada com o esmero no trabalho dispensado na vinha e no apoio aos proprietários desses domínios, culminando com o coroamento dos melhores trabalhadores através da *Fête des Vignerons*. Deveras seletiva na escolha dos seus "santos" - pessoas que exercerão o papel de membros, testemunhado na entrevista realizada em maio de 2018 com um morador de Vevey que, estabelece uma metáfora entre as *caves* e a cooptação dos seus afiliados pela *Confrérie des Vignerons*: "Existem as *caves* de vinho e se você é bem visto e bem conhecido você pode ir, mas nem todo mundo é convidado, precisa fazer parte da equipe, entrar no jogo para poder ser credenciado"[76].

No que se refere à *Confrérie des Vignerons*, tal conjuntura nos leva a crer na existência de dois aspectos divergentes. Por um lado estamos diante de uma sociedade fechada, seletiva e elitizada, pois "a menção de classe social – burguês, pequeno burguês aparece, portanto, de maneira regular nas descrições dos novos membros" (CARRUZZO-

[76] Entrevista concedida por ONIX, [08.05.2018]. Empresário. Entrevistador: Giselle Schmid, 2018. Arquivo mp^3 (45min).

FREY e ABBOTT, 2019: 26-27) e, de outro, combina certo jogo de interesses em função dos associados serem proprietários de vinhas, empenhados em aprimorar a arte do *savor-faire* e a primazia nos trabalhos desenvolvidos, com vistas a proporcionar maior visibilidade tanto à imagem do domínio vitícola, quanto ao vinho produzido, mas também pelo caráter seletivo na escolha dos membros do conselho, num processo de cooptação haja vista que eles não escolhem; eles são escolhidos.

> "Quando eu fui convidado a entrar no Conselho, é assim mesmo, as pessoas vêm buscar você e te colocam lá [...] se você pede para entrar, você não entra [...] eu tenho amigos que disseram eu gostaria muito de entrar, mas é o Abade presidente e seus amigos que vem vos buscar e diz – ei, nós precisamos de você, "monte na mesa", mas se você mesmo diz eu gostaria de subir na mesa, você é excluído, funciona assim. Isso é uma função de honra onde para a maioria as pessoas vêm te buscar [...] eu engajei muitas pessoas para a confraria, para o conselho, nós buscamos um valor, uma pessoa de valor, um profissional de valor, alguém com qualidade é a qualidade das pessoas que nós vamos buscar, nós buscamos pessoas que fazem parte das autoridades ou que fazem parte do tecido econômico, uma pessoa da hospitalidade, um advogado, engenheiro, uma série de viticultores e viticultoras, mas também nós escolhemos pessoas que representem uma região e que são capazes de representar o conjunto da população."[77]

Por essa razão, cada indivíduo selecionado para compor o afamado conselho é, acima de tudo portador de uma responsabilidade diretamente associada tanto à FDV, como às diversas atribuições que fazem parte dessa instituição. Assim, essa escolha é criteriosamente avaliada, pois muitas contrapartidas devem ser levadas em consideração, em especial, o papel de cada um desses atores sociais no momento onde eles serão fulcrais na realização de atividades específicas e nas contribuições a partir de ideias criativas, sugestões e experiências.

Sobre o escopo e a missão da referida irmandade, a publicação de Georges Renard (1889: 27-28) traz uma narrativa:

> "Isso não é uma simples tarefa de reunir e fazer funcionar em conjunto centenas e centenas de figurantes e extras que são, com duas ou três exceções, voluntários. Mas também a louvável confraria não perdeu de vista seu propósito original. Ela tem até hoje em sua bandeira o antigo lema "ora e labora". Ela continua a monitorar o cultivo das videiras; ela as visita duas vezes por ano; ela garante que o trabalho regulamentar seja concluído; ela não permite que seja plantada entre as fileiras de videiras morangos ou legumes; ela dá notas aos viticultores que vão de muito bom a muito ruim; ela distribui prêmios a cada três anos, sem prejuízo das coroas e medalhas que ela concede em sua grande solenidade, a *Fête des Vignerons*; reservando o lugar de honra no cortejo".

Na tentativa de esclarecer o propósito da *Confrérie des Vignerons*, Apothéloz destaca a fidelidade secular tanto na inspeção da vinha quanto na distinção entre os melhores

[77] Entrevista concedida por CHOLLET, Jean-Pierre. [26.02.2020]. Viticultor e Conselheiro Honorário da *Confrérie des Vignerons*. Entrevistador: Giselle Schmid, 2020. Arquivo mp3 (1h43min).

trabalhadores, mas ainda no caminho traçado por essa confraria no desenvolvimento da tradicional *Fête des Vignerons*:

> "Foi, portanto, pela fidelidade secular de uma instituição, a confraria e as missões de proteção da vinha e a distinção de seus melhores trabalhadores. Essa lealdade muito realista investiu seu conhecimento, na vocação espiritual de expressar ao povo Vaudoise, através da celebração de seus trabalhos e dos dias em que estava inscrita a promessa de uma pátria única para todo o gênero humano. [...]. Em cada uma das festas, a festa gerou a força e os homens capazes de fazê-la ser o que ela tem sido desde suas origens, pela descoberta do caminho traçado diante deles pela tradição" (APOTHÉLOZ, 1977: 111).

Do ponto de vista da sua origem, é bastante duvidoso afirmar com precisão sobre a possível data da sua fundação, isso porque um incêndio ocorrido em seus arquivos, em 1688, ocasionou a perda de muito do que existia documentado, coadjuvando com a dificuldade em encontrar uma resposta precisa quanto à sua criação, ou, do mesmo modo, assegurar com exatidão a realização da primeira *Fête des Vignerons*. Por outro lado, divergentes narrativas tentam dar conta desses fatos, como Vernes-Prescott (1890) que aponta que a irmandade remonta ao século XIII, quando os monges de *Haut-Crêt* e *Haute-Rive* chegaram para limpar as encostas de Lavaux e plantar a vinha, altura em que já se adotava a prática de recompensas, a fim de encorajar os viticultores na diligência em seu trabalho vitícola. Outra perspectiva é a presença do Santo Urbano nas chamadas *"parades*" ou desfiles, levando a crer que sua existência seja anterior a 1536, pois é improvável que os viticultores estivessem sob o patrocínio de um santo patrono após a introdução da Reforma no país, momento em que a região havia sido invadida por militares bernoises, visando pôr fim ao regime catolicista e à adoção do protestantismo.

Nessa lógica, o mais aceitável foi o fato de os primeiros reformadores, em busca de novos convertidos, terem mantido em seus direitos um santo católico e que o governo de Berna havia tolerado essa circunstância (ROD, 1905: 12). Ele revela que possivelmente ela foi criada no início do século XVII, provavelmente no ano de 1644, período em que o Lorde Bernoise Bailli de Watteville exigiu dados relativos à história e origem dessa irmandade, período em que foi elaborado um memorial detalhado (ROD, 1905). Carruzzo-Frey e Dupont (1998) nos assinalam para a sua primeira menção no ano de 1647, baseados nos registros que mencionam seus "*Actos*", embora seja reconhecida como uma tradição de origem medieval, provavelmente *"paroit être de la plus haute antiquité et se perdre dans la nuit des temps"* (CARRUZO-FREY e ABBOTT, 2019: 15).

Apesar de a confraria há tempos fazer parte da paisagem de Vevey, estando intimamente envolvida com a inspeção do trabalho na vinha, nas relações com os vinheteiros, no aperfeiçoamento da videira, nas políticas de melhoria e medidas de qualidade, sua legitimação se deu a partir do momento em que ela ganha visibilidade por meio da

internacionalização da *Fête des Vignerons* em 1955, embora as narrativas em torno do papel da *Confrérie des Vignerons* não fossem tão evidentes entre a população local, representando uma incógnita. Considerando as diversas percepções encontradas nos discursos regionais, trata-se de uma sociedade secreta, uma organização política, a instituição que organiza a *Fête des Vignerons* ou até mesmo um grupo de maçons (CARRUZZO-FREY e DUPONT, 1998: 13), existindo divergentes entendimentos e interpretações, onde:

> "Para alguns, é uma sociedade que organiza a *Fête des Vignerons*. Para outros um grupo de notáveis que se reúne no Castelo para discutir de seus negócios. Para outros ainda, um grupo discreto - para não dizer secreto - de atividades pouco conhecidas. A realidade, notavelmente, é, em última análise, muito simples, uma vez que o objetivo estatutário da confraria é incentivar e aperfeiçoar a cultura da vinha, organizar visitas aos domínios, distribuir recompensas aos viticultores e organizar a *Fête des Vignerons*. Ligada às estações da vinha e ao trabalho dos viticultores, essa atividade tem sido há séculos a razão de ser da confraria" (CARRUZZO-FREY e DUPONT, 1998: 13).

Na entrevista realizada em abril de 2019, o Abade Presidente esclarece essas percepções em torno da *Confrérie des Vignerons* de Vevey:

> "A reputação enquanto sociedade secreta se deve em grande parte à maneira, como no exórdio os homens que a representavam foram percebidos e o modo como isso acabou sendo propagado, pois dependendo da atitude dos membros que integram e dirigem uma organização ela pode dar a impressão de ser mais ou menos fechada ou até mesmo secreta"[78].

A sede da instituição foi adquirida em 1986, graças ao benefício alcançado na festa de 1977, um imponente castelo bernoise de três andares. Traz gravado na fachada o ano de 1599, incluindo, na entrada, a figura de dois homens carregando um cacho de uva de Canaan (HOFMANN, 2019: 10). Abriga o Museu da *Confrérie des Vignerons*, os arquivos da referida instituição e o Museu Histórico de Vevey, além de outras áreas que são alugadas por empresas particulares. Esses espaços são importantes, pois servem tanto como lugar de memória das festas precedentes, como para pôr em evidência a confraria e suas atividades, estreitando os laços e contribuíndo na aproximação com a população local. Como no caso do museu – inaugurado em 1897, que testemunha muito da história e da memória das atividades precedentes e da sua tradição através dos diversos documentos e depoimentos existentes, como os atos da instituição, o estado nominativo dos membros, os estatutos, os relatórios, os balanços das atividades e os processos-verbais, além dos objetos ancestrais que preservam

[78] Entrevista concedida por MARGOT, François. [16.04.2019]. Abade Presidente da *Confrérie des Vignerons*. Entrevistador: Giselle Schmid, 2019. Arquivo mp3 (39min).

consigo um rico e excepcional acervo iconográfico[79] que testemunham traços da existência dessa irmandade (APOTHÉLOZ, 1977). Podemos visualizar a fachada da sede da *Confrérie des Vignerons* na foto 3 e a parte interna do museu na foto 4, logo abaixo:

Foto 3 – Fachada da *Confrérie des Vignerons*

Fonte: Autora (2018).

Foto 4 – Espaço de exposições do Museu da confraria

Fonte: Autora (2018).

[79] Entre os objetos do acervo iconográfico temos a taça de *Bacchus* (1714), o diploma de agregação à sociedade (1756) e dois dos mais antigos objetos, uma taça em madeira de buxo (1618) e três estátuas em madeira, conhecidas na língua francesa pela designação de *marmousets* (1615) (APOTHÉLOZ, 1977).

Entre a vinha, os viticultores e a confraria sempre existiu uma estreita relação, porque não dizer quase que indissociáveis, tendo na agregação desses três elementos a força motriz que coadjuva na perpetuação dessa sociedade, bem como no processo de reprodução da *Fête des Vignerons*, pois como diz Carruzzo-Frey e Abbott (2019: 37) "sem vinha e sem viticultor, não há festa", perspectiva endossada por Apothéloz (1977: 20), categórico ao afirmar que, "sem as visitas nas vinhas, a *Confrérie des Vignerons* já haveria sido extinta". No percurso histórico dessa instituição algumas medidas foram tomadas no desenvolvimento e alcance dos seus objetivos, porém, à medida que os ganhos foram sendo favoráveis, em especial na celebração de 1889 e 1955, ampliando o capital da instituição, a taxação de impostos cobrados pelo governo também ganharam proporções cada vez maiores, preocupando os membros.

Por essa razão, em dezembro de 1984 foi solicitado a exoneração desses tributos junto ao Tribunal Federal, embora sem êxito. Diante disso, a solução para a erosão financeira e a possível isenção de impostos estaria na mudança de certos objetivos estatutários, por meio da revisão do regimento, passando ao estatuto de sociedade de utilidade publica sem fins lucrativos, com a designação de Fundação da *Confrérie des Vignerons*, regida pelo artigo 60[80] do Código Civil (CARRUZZO-FREY e DUPONT, 1998).

Essa confraria que há gerações se ocupa do controle na vinha e da festa resultante dessa atividade, se desvela e se descortina a cada 25 anos, para em seguida se manter discreta e comedida em suas relações orientadas ao mundo vitícola, guardando consigo seus segredos, o que faz dessa instituição objeto de curiosidade, estimulando o imaginário. Também não podemos olvidar que seus integrantes criam e reproduzem seus próprios sistemas de significados e tecem seus princípios, padrões e lógicas de ação, atuando através do princípio da lealdade, onde os membros possuem sólidos vínculos de compromisso e solidariedade mútua, movendo-se em torno de objetivos comuns, ao mesmo tempo em que apresenta um caráter excludente, tendo em vista sua tendência em reunir grupos de segmentos sociais específicos a fim de garantir e fortalecer seus laços de coesão.

[80] Regida pelo artigo 60 do Código Civil, mais tarde, ela se questiona quanto às imposições de sociedade sem fins lucrativos e sobre o uso do dinheiro no financimanto das atividades da irmandade. Portanto, ela divide suas obrigações em dois segmentos, de um lado a fundação responsável pelo ofício na vinha em 1961 e, de outro, a instituição encarregada da organização da *Fête des Vignerons*.

2.6 Inspeção na Vinha: Entre Punições e Recompensas

As inspeções nas vinhas em Vevey são práticas que foram implementadas há muitos anos, sendo realizadas até os dias de hoje. Portam como propósito a aprimoração constante do trabalho dos *vignerons-tâcherons*, descritas como um dos fundamentos da realização da *Fête des Vignerons*. Portanto, é mediante a mensuração do labor executado nas parcelas que são selecionados e coroados os melhores trabalhadores (APHOTÉLOZ, 1977; CARRUZZO-FREY e DUPONT, 1998). Essas expertises têm por objetivo "[...] visitar os domínios vitícolas, controlar e anotar para o conhecimento do proprietário da terra o trabalho do *vignerons-tâcherons* que recebera a missão da manutenção das parcelas que lhes foram confiadas"[81]. Segundo o vinheteiro e membro da Comissão de vinha, Jean-François Chevalley, no que concerne às inspeções, a direção da *Confrérie des Vignerons* conta com uma série de procedimentos e propósitos bem definidos, onde algumas exigências são fundamentais:

> "Se o vitivinicultor cultiva a vinha de maneira racional, evitando todo excesso, visando obter uma recolta de boa qualidade e, se possível regular a cada ano, mantendo a vinha em bom estado para assegurar a longevidade e evitar com todo cuidado qualquer degradação do solo, mantendo tudo em ordem para proteger o meio ambiente de maneira durável"[82].

As punições eram componentes integrantes da viticultura em Vevey. Adotadas pela *Confrérie des Vignerons* durante o século XVII, essa situação constrangedora e aviltante da aplicação das sanções públicas, tanto aos proprietários de vinha como aos *vignerons-tâcherons*, eram motivo de temor entre os atores-socias. Isso porque, na qualidade de imprudentes no trabalho eles podiam ter seus nomes anunciados em praça pública, como negligentes, morosos e até indolentes. Além disso, os relatórios das vinhas eram lidos oralmente nas assembleias diante dos confrades e dos habitantes de Vevey, altura em que todos os moradores podiam saber que determinado *vignerons-tâcherons* e o proprietário do domínio estavam sendo penalizados. Assim sendo, podemos perceber dois cenários divergentes. Num primeiro momento, relacionado à repreensão e punição pública, enquanto

[81] Entrevista concedida por CHEVALLEY, Jean-François. [19.12.2018]. *Vignerons-Encaveur,* Presidente da Comissão de Vinha e Conselheiro da *Confrérie des Vignerons.* Entrevistador: Giselle Schmid, 2018. Arquivo mp3 (1h e 28min).

[82] Entrevista concedida por CHEVALLEY, Jean-François. [19.12.2018]. *Vignerons-Encaveur,* Presidente da Comissão de Vinha e Conselheiro da *Confrérie des Vignerons.* Entrevistador: Giselle Schmid, 2018. Arquivo mp3 (1h e 28min).

método eficaz no desenvolvimento e primazia do trabalho. Já o segundo ponto indica que essas dinâmicas acabavam contribuindo para que os colaboradores ficassem mais diligentes em seus ofícios e os problemas decorrentes das vinhas descuidadas no século XVII fossem menos frequentes e sutis, como reitera Carruzzo-Frey e Dupont (1998: 51-52), "[...] meramente alguns pormenores como um muro defeituoso, frutas e legumes plantadas em locais considerados ilícitos e determinadas vinhas que não conseguiam desfolhar". Ainda assim, entre os envolvidos, sentimentos associados ao competititivismo e rivalidade eram constantemente manifestos, numa disputa permanente pela busca da pontuação capaz de promover esse profissional à categoria de rei da vinha e ao mesmo tempo agregar valor e visibilidade ao vinho produzido por esse vitivinicultor.

No que diz respeito à delimitação geográfica, atualmente a área de visita da confraria corresponde a 286 hectares, se estendendo da entrada de Lausanne até Lavey. Compreende a vinha de Lavaux ao Chablais Vaudoise, com uma média de 600 parcelas pertencentes a 25 comunas, estando dividida em sete setores, abrigando 70 proprietários de vinha, 94 *vignerons-tâcherons* e 11 perítos responsáveis pela realização de três visitas anuais no mesmo setor. Em alternância, mudam de área no ano posterior, sendo o perito desautorizado a inspecionar uma vinha no raio de abrangência da sua residência, a fim de evitar conflitos, contestações e suspeitas de compadrio. Além disso, cada perito é auxiliado em sua excursão por um membro da Comissão de Vinha e do Conselho da Confraria, tendo basicamente dois propósitos. O primeiro tem por objetivo ajudar o especialista na identificação dos piquetes nas várias parcelas e o segundo se relaciona ao testemunho do trabalho de análise junto aos inspetores, visando a transparência no processo. A primeira visita se realiza no período da primavera, a segunda no verão e a terceira no outono (CARRUZZO-FREY e DUPONT, 1998). Os processos de inspeção "podem ser concebidos como uma competição de excelência na busca pela perfeição do trabalho do viticultor" (CARRUZZO-FREY e DUPONT, 1998: 101-102). Porém, se olharmos para o passado histórico dessas visitas, especialmente no Antigo Regime, veremos algumas diferenças importantes. Uma delas concerne à sua periodicidade, sendo realizada apenas uma vez ao ano, geralmente nos meses de junho, em torno do São João. Para mais, havia a exigência do pagamento de uma contribuição anual à confraria pela prestação desse serviço. Até o final do século XVIII os inspetores eram geralmente membros da confraria e proprietários de terras, circunstância que acabou por se alterar no início do século XIX com a admissão de profissionais especializados na arte do *savoir-faire* vitícola, sejam eles membros ou não, designados pelo conselho da confraria, estando subordinados às

regulamentações do Comitê de Vinha (CARRUZZO-FREY e DUPONT, 1998). Notas sobre essas visitas são descritas no manual da irmandade:

> "Como essa Confraria foi fundada e estabelecida, principalmente para garantir o bom e adequado cultivo da terra e, principalmente, das vinhas deste território, que são o maior objeto da renda deste lugar, o que seria apropriado, por corresponder à intenção dos Fundadores, de dar emulação aos viticultores que a cultivam, de fazer três visitas ao território por ano, pelos membros desta sociedade, especialistas reconhecidos e nomeados cada vez pelo Abade ou seu Conselho. E que no relatório dos referidos visitantes, foram dados cinco a seis notas aos viticultores considerados os melhores" (MANUAL 1, 8.8.1759).

Do ponto de vista financeiro, *a priori*, essas visitas não contavam com remunerações. Somente a partir do século XIX, com o equilíbrio nas finanças, o trabalho dos peritos começou a ser restituído em forma de salários. Porém, em alguns casos esses honorários eram recompensados por meio da comensalidade, através dos banquetes ofertados, geralmente envolvendo convidados ilustres, como as autoridades políticas locais. Esses eventos serviam como meio para vários propósitos. Um deles refere-se ao ato de convidar os peritos como forma de retribuição pelo seu trabalho. Essa invitação, além de saldar a dívida com a confraria, gerava certa honradez, tendo em vista os convidados ilustres que se faziam presentes nesses banquetes, promovendo a visibilidade desses profissionais. Outra finalidade revelava as estreitas relações imbricadas entre o meio político e a irmandade, pois nessas ocasiões sempre havia a oferta de doários, uma soma em dinheiro concedida à confraria como forma de reconhecimento (CARRUZZO-FREY e DUPONT, 1998; CARRUZZO-FREY e ABBOTT, 2018).

Após as visitas, se encontrado um problema, era estabelecido um prazo para a regularização da situação e a efetivação de uma segunda inspeção; no entanto, caso persistisse a falha, certo número de frades era nomeado pela abadia para se deslocar até a vinha e realizar o trabalho de recuperação da parcela. Em todo caso, ao sublinhar que pessoas estavam sendo auxiliadas através da reabilitação das suas parcelas, a confraria acabava se beneficiando dessa ação, promovendo a imagem de uma organização preocupada e enjagada com o meio social, tendo em vista o trabalho assistencial dispensado aos colaboradores, evitando a ruína e deserção dos vinhedos que, durante anos serviram como fonte de renda substancial para a cidade e para o governo (CARRUZZO-FREY e DUPONT, 1998).

Todavia, cabe destacar que o controle vitícola não era exclusividade da referida confraria, pois algumas instituições dispunham de seus próprios supervisores, o que nos leva a perceber certa liberdade e autonomia entre os vinheteiros da região. Se por um lado não havia a imposição da fiscalização e vistoria nos domínios, por outro "mesmo que na época esse

controle fosse desprovido de base institucional, o julgamento dos representantes da abadia tinha força de lei e a irmandade detinha inclusive a aquiescência de se apropriar da colheita de uma vinha negligenciada" (APOTHÉLOZ, 1977: 19). Como consequência, a políca de recompensas, agregada à exaltação dos melhores trabalhadores e a valorização da imagem do vinhedo, acabavam não somente influenciando, mas também incentivando a adesão de outros proprietários nas práticas de visitas aos domínios.

Sobre a atribuição de notas, há que se considerar que embora bastante elementar, ela existia desde o exórdio dessas inspeções, se constituindo numa carta sucinta com informações sobre o trabalho dos vinheteiros, porém extremamente subjetiva, sem grandes fundamentações e justificativas. Por conseguinte, os inspetores sentiram a necessidade em buscar outros meios de mensuração do ofício do profissional. Assim, a partir de 1833 a escala matemática começou a ser utilizada, visto que a confraria pretendia diferenciar os homens que realizavam um trabalho exemplar e lhes conceder honrarias (CARRUZZO-FREY e ABBOTT, 2018: 42-43). Com isso, o julgamento dos melhores trabalhadores na avaliação dos inspetores, concedia-lhes posição de destaque no cortejo e uma bonificação, na qual se convencionou chamar de pacote ou "*paquet*", correspondente a uma soma em dinheiro.

Em contrapartida, não há dúvidas que as recompensas concedidas aos vinheteiros distintos eram igualmente elementos importantes, servindo como incentivo no processo de excelência no *savoir-faire* vitícola. Contudo, os altos custos envolvidos representavam os grandes problemas, dificultando cada vez mais essa performance. Por essa razão, a confraria precisou recorrer, em 1773, ao governo de Berna, a fim de solicitar a autorização de uma loteria para arrecadação de capital, tendo que aguardar durante três anos pela resposta negativa dada em 1776; em contrapartida o governo concedeu uma doação em dinheiro, que não fora suficiente. Diante das dificuldades, o Conselho da Confraria propôs a criação de um fundo de rendimento, alimentado por uma assinatura pública em 1791. Essa estratégia de arrecadação, permitia a admissão de qualquer pessoa que pudesse contribuir com uma soma em dinheiro, estipulada no valor de setecentos francos. Isso causou uma reação imediata, culminando com o aumento no volume apurado, contou igualmente com o apoio das autoridades políticas cantonais e federais que financiaram um terço dos prêmios, em 1889, como forma de demonstrar seu engajamento, o interesse pela viticultura e pela *Fête des Vignerons* (CARRUZZO-FREY e DUPONT, 1998). Em 2019 esse cenário não foi diferente, isso porque, como a festa obteve prejuízos ela precisou recorrer ao governo local e aos atores-sociais envolvidos diretamente na festa. Para tanto, nesse segundo caso, foi fundada a

"Association des Amis de la *Fête des Vignerons"*, visando a admissão de mais afiliados, em contrapartida era exigida a transferência anual de determinados valores à referida confraria. Essa estratégia objetivava saldar as dívidas deixadas pela FDV.

É importante destacar que o trabalho de inspeção e monitoramento da vinha não contava com a anuência de todos, sendo motivo de diversos pontos de vista. Existiam aqueles produtores de vinho que submetiam suas parcelas às visitas, pois consideram o ofício da irmandade útil e estimulante, se orgulhando do jogo da competição; outros, porém, questionavam os métodos desses controles, criticando o trabalho extra envolvido, pois, em alguns casos, para se conseguir findar o trabalho em tempo hábil era necessário a contratação de um maior quantitativo de mão de obra ou até mesmo a negligência de áreas não contempladas na inspeção. Contudo, ainda que alguns proprietários vitícolas não recebam os fiscais da confraria, a primazia empregada na execução das atividades parece influenciar aqueles que dividem esse espaço. Provavelmente, isso ocorre em função da própria concorrência que se forma em torno do vinho nessa região e da necessidade em se ajustar à essa dinâmica, a fim de não perder mercado e posicionamento, onde o essencial é a excelência. Tal perspectiva foi relatada pelo viticultor Alain Cholet, na entrevista realizada em seu domínio em 2020 (Apêndice C), onde informou que com o passar do tempo houve o aperfeiçoamento constante e o direcionamento exclusivo à cultura da vinha:

> "Eu faço parte de uma família de viticultores há muitas gerações. [...] o domínio sobre o qual nós estamos hoje, foi o meu bisavô que fez a aquisição em 1921, então há uma centena de anos que a nossa família trabalha essa vinha de 2 hectares que era perfeitamente agrupada até 1930. Esse era um domínio polivalente, havia a cultura de frutas, agricultura, vacas, suínos, frangos e, pouco a pouco o domínio se especializou nos anos 30 na vinha unicamente, então, é a partir desse momento lá, após a Segunda Guerra Mundial que o comércio de vinho se desenvolveu e que meu bisavô começou a explorar a vinha, a produzir o vinho e a vendê-lo".

Assim, em 1998, seis peritos nomeados pela Comissão de Vinhas, e aprovados pelo conselho, partilhavam cinco áreas geográficas apresentadas no quadro a seguir:

Quadro 8 - Setores geográficos da vinha

SETOR GEOGRÁFICO	LOCALIDADE	QUANTIDADE DE PIQUETS	ÁREA M^2
Oeste II	Pully – Cully	114 piquets	352 416 m^2
Oeste I	Cully – Moulins de Rivaz	99 piquets	207 823 m^2
Centro II	Moulins de Rivaz – Collège de Chardonne	97 piquets	329 536 m^2
Centro I	Collège de Chardonne – Villeneuve	130 piquets	569 898 m^2
Leste	Clos de la George – Bex	129 piquets	791 597 m^2
Total		569 piquets	2 251 270 m^2

Fonte: Carruzzo-Frey e Dupont (1998: 102).

Assim, muitas mudanças se processaram, e, por isso, os critérios levados em consideração nas avaliações ficaram mais sistemáticos e rigorosos, a começar pela admissão dos peritos que deviam dispor de capacidade técnica na área, mas também da evolução das técnicas vitícolas, influenciando um controle mais eficaz nos domínios, a revisão do manual de inspeção a cada dez anos, além dos diversos pontos que surgiram e foram adaptados paulatinamente (CARRUZZO-FREY e DUPONT, 1998). Ocorre agora a inversão dos princípios, onde ao invés de colocar em evidência os pontos negativos do trabalho na vinha, foram pensados meios de encorajar o esmero nas atividades desenvolvidas, tendo no processo de recompensas dois propósitos distintos. De um lado, funciona como meio de incentivo, e, de outro, enquanto instrumento de pressão na busca pela excelência, promove a concorrência e rivalidade entre os atores envolvidos nessse processo. Nesse seguimento, a mudança de mentalidade de uma instituição que punia seus viticultores em função do mau desempenho, transformou-se no decurso do tempo, dando origem a uma festa de honra ao trabalho na vinha, legitimada na performance do coroamento do *vignerons-tâcherons* distinto, fruto do trabalho na terra e do cumprimento das exigências impostas pela confraria, mensuradas através de um longo processo geracional de fiscalização no terreno.

2.7 O papel da *Confrérie des Vignerons* na contemporaneidade

A *Confrérie des Vignerons*, sociedade tradicional, restrita e que conserva certo mistério, atravessou profundas mudanças com vistas a acompanhar a própria evolução da humanidade, permanecendo em harmonia com o seu tempo, em especial no século XX, porém ela sempre buscou preservar sua missão primeira – o controle do trabalho dos viticultores, a atribuição de recompensa e a organização da *Fête des Vignerons*. Isto posto, das transições que se sucederam, uma delas se processou em 1961, momento em que a confraria modificou seu estatuto social com vistas a instituir uma fundação de utilidade pública denominada "*Fondation de la Confrérie des Vignerons de Vevey*". Nesse caso específico, tal interesse se associava estritamente ao fator financeiro, mais precisamente à possibilidade de exoneração fiscal.

Ademais, durante muitos anos ela se constituiu numa associação de caráter masculino, apesar de essa matéria ter sido objeto de discussão desde 1982. Porém, foi somente através da votação realizada na bienal da confraria em junho de 2007, e da mudança estatutária em 29 de

janeiro de 2008, que a confraria expandiu seus horizontes ao universo feminino. Ainda assim, a participação das mulheres é bastante discreta, se levarmos em consideração a admissão da primeira na função de Secretária Geral em 2001, seguida, em 2009, da nomeação das pioneiras ao Conselho da Confraria: Janine Huber e Isabelle Raboud (TRIBUNE DE GENÈVE, 2015). No entanto, ainda hoje o conselho da confraria é constituído em grande parte por pessoas do sexo masculino. A feminização do mundo vitícola em Vevey foi acompanhada tanto da mudança de mentalidade, como no espaço que as mulheres alcançaram com o passar do tempo, explica Sabine Carruzzo-Frey, em entrevista ao Jornal La Liberté:

> "As mentalidades mudaram bastante [...]. Há uma margem de progressão. A situação pode mudar rapidamente. Um bom número de conselheiros se aproxima do limite de idade de 70 anos. A renovação será feita gradualmente. Além disso, as mulheres trouxeram muita convivência à Confraria, estima a Secretária geral. Anteriormente, as bienais, assembleias gerais que acontecem a cada dois anos e que elegem o Conselho eram muito rigorosas. A assembléia ouve religiosamente o Abade-Presidente. Isso permaneceu formal. Hoje, chegamos lá com a família, o avô e a neta. As mulheres magnificamente se integraram muito bem" (LA LIBERTÉ, 2019).

Parafraseando Isabelle Raboud, o *savoir-faire* do mundo vitícola ficou durante muito tempo restrito aos homens, restando às mulheres os trabalhos das vindimas e as pequenas tarefas ou *petites mains*. Embora algumas delas atualmente tenham assumido os domínios familiares, outrora os ensinamentos repassados de pai a filho foram, no decurso do tempo, transmitidos somente aos homens (LA LIBERTÉ, 2019). Em uma entrevista ao Journal *La Liberté* a viticultora Marie-Thérèse Chappaz revelou que havia mesmo um chavão dirigido às mulheres onde a máxima aludia que as caves não eram ambientes para elas, "diziam até que as mulheres não deveriam entrar em uma adega, pois o vinho podia estragar. Não faz muito tempo, as mulheres cortam, sulfatam, fazem todo o trabalho. Isso se deve em parte graças à chegada das máquinas" (LA LIBERTÉ, 2019).

O ângulo feminino ganhou destaque na *Fête des Vignerons* de 2019, sob a direção de Finzi Pasca e sua esposa Julie Hamelin, destacando a equivalência na representação dos papéis entre homens e mulheres, elemento manifesto na inclusão da tropa feminina, tradicionalmente desde sua gênese até 1999, exclusivamente composta por homens, denominada "*Cent Suisses*", ou na feminização do papel do "*Messager Boiteux"* que foi interpretado por uma jovem paratleta, mas também da inserção de pessoas com mobilidade reduzida. De fato, a celebração de 2019 foi o palco das mulheres. Nessa edição elas estavam envolvidas em diversos segmentos do evento, inclusive em cargos importantes e essenciais, quer seja em funções remuneradas ou como voluntárias, nos bastidores ou como figurantes, antes, durante ou após a celebração. Essa perspectiva feminista incomum repercutiu internacionalmente, tendo num artigo do Jornal Francês *"Le Monde"* a

estampa na primeira capa: “La *Fête des Vignerons* de Vevey s’ouvre aux femmes”. Realmente, a premiação da vinheteira Corinne Buttet (foto 5), como medalha de ouro, juntamente com outras duas na categoria medalhas de bronze (Mélanie Weber e Barbara Skorzynska), é de fato inédita entre os *vignerons-tâcherons* e quebrou um antigo paradigma na história dessa celebração. A própria Corinne Buttet sentiu na pele a desaprovação na escolha pela profissão. Censura que partiu da própria família, haja vista que seu pai sempre dizia: “não há mulheres, você não conseguirá jamais” (LE MONDE, 2019), numa referência à profissão de vinheteiro.

Foto 5 – Vinheteira coroada na FDV 2019

Fonte: Site oficial da *Fête des Vignerons* (2019).

A ausência feminina nas vinhas em Lavaux, ao longo da história, se deve a dois fatores essenciais. O árduo trabalho exigindo resistência física, acompanhado da longa jornada nas parcelas, fazendo dessa atividade uma profissão masculinizada, em especial nessa área, em função das dificuldades de acesso ao terreno, bem como da impossibilidade do emprego de máquinas, normalmente utilizados em terrenos de vinha plana. De outro modo, o estereótipo de uma época onde as mulheres não eram aceitas em determinados ofícios também foram decisivos nesse processo de supressão, exemplo disso é a própria *Fête des Vignerons* que, embora contasse com mulheres atuando como figurantes e voluntárias, aceitou, pela primeira vez, uma mulher no seio da instituição somente no século XXI. Além disso, antes de 1905 elas eram proibidas de atuar no papel de Sacerdotisa de Baco (figura feminina), tendo o personagem interpretado por homens transvestidos de mulher (LE MONDE, 2019). Na concepção do Conselheiro Honorário Jean Pierre

Chollet, isso não significa dizer que as mulheres não eram importantes, ao contrário, era inaceitável um viticultor sem uma esposa, pois eram delas os maiores encargos, sendo elas de forma recôndita as "verdadeiras patroas". Ele reitera:

> "[...] Antes era imaginável que um viticultor ou um agricultor não fosse casado. De toda forma era indispensável os dois, era normal, hoje não mais. Eu sempre fiquei um pouco revoltado quando diziam o "lugar da mulher", pois a pessoa mais importante em uma boa exploração era minha esposa, porque era ela que se ocupava de uma quantidade de coisas, provavelmente não as mais importantes, teoricamente, mas era ela que fazia com que o conjunto funcionasse, porque eu me ocupava de um trabalho preciso [...] e minha esposa fazia todo o resto, mas todo esse resto era imenso, não era possível viver sem estar acompanhado, hoje nós vivemos sem problema. Entre 10 viticultores há entre 9 a 9,5 que as esposas não trabalham na vinha e, é isso que é engraçado. A gente coloca em evidencia a mulher, porque tem uma que foi coroada, mas as mulheres desempenharam um papel determinante desde quando se cultiva a vinha e a terra, mas somente, nós não reconhecíamos, nós não dizíamos, mas você sabia que no cantão de Vaud, [...], em uma exploração agrícola ou vitícola nós dizemos a "patroa" e isso não é anedótico, você tem o pessoal por exemplo e há um problema prático, você diz, "vai ver a patroa", é a patroa, não tem o que discutir, é ela a patroa, é ela que faz girar toda a economia da casa e da exploração[83]".

Atualmente, as mulheres, ainda que atuantes nos domínios vitícolas, buscam aperfeiçoamento, haja vista que o processo evolutivo na vinha tanto pelo surgimento de novas técnicas e tecnologias como pelas exigências mercadológicas, obrigaram a qualificação desses profissionais. Nota-se que o século XIX foi marcado pela profissionalização do setor, com o acesso generalizado aos estudos, à profissionalização no campo vitícola e ao endurecimento das exigências técnicas por parte da confraria com a difusão de cursos, conferências e orientações quanto à arte do *savoir-faire* do vinho (CARRUZZO- FREY e DUPONT, 1998, CARRUZZO-FREY e ABBOTT, 2018). Nessa sequência, visando adequar-se a essa nova realidade, o país criou escolas vitícolas de referência, como a Alta Escola Especializada da Viticultura e Enologia de Changins (HES), a Escola Superior (ES) e a Escola do Vinho, com a HES desde 2010 com uma grande procura das mulheres pelos cursos de enologia, oscilando em torno de 15%. O que difere sobremaneira se comparado às décadas de 1960 e 1970, nas quais para quase 250 graduados havia menos de dez mulheres (DÜRRENMATT, 2015).

A cada edição a confraria busca superar expectativas ampliando a dimensão da festa em diversos aspectos, incluíndo e suprimindo determinados elementos. Essa instituição também foi palco de muitas mudanças, com o trabalho manual sendo gradativamente abandonado pelo nativo, cedendo lugar no século XVI aos trabalhadores estrangeiros.

[83] Entrevista concedida por CHOLLET, Jean-Pierre. [26.02.2020]. Viticultor e Conselheiro Honorário da *Confrérie des Vignerons*. Entrevistador: Giselle Schmid, 2020. Arquivo mp3 (1h e 43min).

Nos séculos XV e XVI, Lavaux foi palco de uma intensa imigração alpina. Partindo dessa perspectiva, Bastian (2012: 36-37), nos indica quatro categorias:

> "O estrangeiro na sociedade de Lavaux nos séculos XV e XVI foi primeiro o homem de fora parte, o feirante, aquele que vem de fora da comunidade [...]. O primeiro é o homem de passagem: *l'aubain*. Ele era o desconhecido que suscitava medo e desconfiança, pois, isolado e desprovido de moradia fixa, ele preocupava. O homem sozinho não tinha lugar na sociedade medieval [...]. O segundo tipo de estrangeiro corresponde àquela pessoa do exterior da comunidade com residência temporária e solicitada. Eles eram artesãos especializados em atividades indispensáveis como «Mestre Lois Nyton de Thonon, serralliont» que vinha «para recuperar o relógio» de Lutry em 1530, de cortadores de pedra e carpinteiros para manutenção dos prédios públicos ou artistas como o pintor Humbert Mareschet (1520-1593), que cobriu em 1577 os cofres da igreja de Lutry de uma esplendida decoração com grotescos antes de embelezar logo depois com um magnífico «julgamento de Salomão» a antiga capela do Hospital de Cully, que se tornou a sede do exercício da Justiça. [...]. O clero também formava um corpo de estrangeiros para as comunidades cuja residência era, em geral, temporária. Contrariamente ao l'aubain, esses estrangeiros estavam devidamente autorizados e nomeados e seu estatuto de clero os legitimava aos olhos da comunidade. Os homens de *finages* constituíam o terceiro tipo de estrangeiro. Ele não era um desconhecido. Os sentimentos a seu respeito eram ambíguos. Era contra eles que se defendia o território, as pastagens comuns e os usos da madeira [...]. Enfim, um último tipo de estrangeiro era o imigrante definido como residente ou habitante: aquele que procurava eventualmente se estabelecer em um território em razão de relações de trabalho ou matrimônio [...] ele participava de correntes migratórias ou de demandas coletivas" (BASTIAN, 2012: 36-38).

Nessa perspectiva, Lavaux se caracteriza por um período de intensas relações econômicas. O lago Léman ocupa um papel primordial no contexto comercial, estabelecendo a ponte no escoamento da produção do vinho no mercado interno, da madeira, queijo, sal, além do deslocamento de pessoas entre Lausanne e Geneva. Para mais, Lavaux foi palco de diversos movimentos migratórios, dentre eles o decorrente dos estrangeiros recebidos na vila de Lutry (1535-1550); os imigrantes em Villette (1545-1620). Nos séculos XV e XVI, os Lombardos se instalam nas freguesias de Lutry, Villette e Saint-Saphorin; e de 1421 a 1503 chegaram a Châtellenie de Monthey. De 1535 a 1647 foi a vez dos imigrantes das possessões da abadia de Aulps em Chablais e de Gets em Lutry, sendo posteriormente recebidos em Villette (1535-1647) (BASTIAN, 2012).

Assistem-se, ainda, tempos de recessão no ofício do viticultor em razão das sucessivas crises vivenciadas no decurso do século XIX, mediante a baixa rentabilidade nos domínios, da concorrência internacional com a importação de vinhos advindos principalmente da Itália, da Áustria, Hungria, Algéria, Espanha e França e do mercado de cervejas em razão dos preços mais vantajosos, consequentemente percebe-se: "[...] há menos interesse pelo vinho e uma concorrência terrível de todo vinho estrangeiro com o preço [...] o viticultor ganhou bem sua vida nos anos 70 e 80. Há uma degradação constante de condição e isso é a concorrência

internacional"[84]. Mas foram os últimos anos do século XIX e as primeiras décadas do XX, considerados calamitosos em especial por conta dos aspectos climáticos. Paralelo a isso tivemos ainda o processo de industrialização com uma crescente crença e entusiasmo no desenvolvimento local de Vevey. Com isso, ocorre a instalação de diversas indústrias, culminando com a venda de algumas vinhas e o abandono do ofício de viticultor pelos proprietários em tempos de crise, segundo atesta o Manual (8, 1.2. 1902): "Muitos vinheteiros abandonaram seus trabalhos para procurar na indústria um ganha-pão mais seguro". As doenças provenientes das videiras, em especial entre 1930 e 1950, também exerceram forte pressão negativa ao setor, impulsionando o uso de agrotóxicos, gerando divergentes conflitos entre os órgãos de defesa da paisagem, os não-viticultores e os vinheteiros (CARRUZZO-FREY e DUPONT, 1998, CARRUZZO-FREY, 2018).

Por fim, essa confraria, que tem como objetivos a realização da *Fete des Vignerons*, representando uma parte considerável das suas atividades, mas do mesmo modo o controle constante nas parcelas de vinha, se renova e reinventa num exercício de harmonização com o seu tempo, onde o tradicional acaba por dividir espaço com as novas tendências, quebrando paradigmas, ousando constantemente, ambicionando cada vez mais. Ela também se adequa às novas dinâmicas e exigências de um mercado em constante mutação, aos conceitos que ganham frequentemente nova roupage, aos contextos políticos, sociais e econômicos, revivificando a cada 25 anos essa tradição – pois vivemos novos tempos.

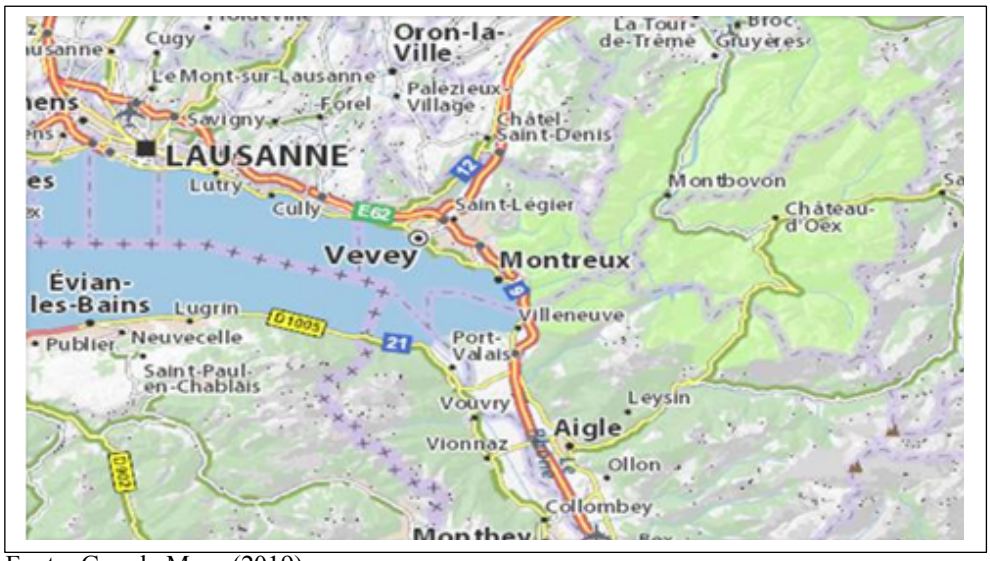
[84] Entrevista concedida por CHOLLET, Jean-Pierre. [26.02.2020]. Viticultor e Conselheiro Honorário da *Confrérie des Vignerons*. Entrevistador: Giselle Schmid, 2020. Arquivo mp3 (1h43min).

3 IDENTIFICAÇÕES DE UMA FESTA: Estudo de Caso da *Fête des Vignerons* de Vevey

3.1 VEVEY: Um enquadramento histórico

Vevey é uma pacata cidade com aproximadamente 19.871 habitantes que resguarda características rurais preservadas através do tempo (foto 6). Situada na margem norte do lago Léman[85], de clima temperado semicontinental, está localizada na parte oeste da Suíça Romande, no cantão de Vaud (STATISTIQUE VAUD STATVD, 2019). Quanto à sua gênese, um conjunto de narrativas nos dá conta que o local atualmente ocupado pela cidade de Vevey assistiu os homens se estabelecer em uma época bastante remota[86] (R.A D' ESTAING DE VILLENEUVE, 1870).

Mapa 2 – Comuna de Vevey na Suíça



Fonte: Google Maps (2019).

[85] Faz fronteira com as comunas de Corseaux, Corsier-sur-Vevey, Saint-Légier-La Chiésaz e La Tour-de-Peilz. Limitada a norte pela colina de Saint-Martin e toda a vinha em seu entorno; a oeste pelo Veveyse, a leste por Oyonnaz e ao sul se prolonga pela costa do lago Léman (STATISTIQUE VAUD STATVD, 2019).

[86] Provavelmente habitado por uma colônia de Celtas ou Fenícios (*Bituriges-Vibisci*) ou ainda uma das cidades (*Vibiscum*) que os Helvéticos queimaram durante sua emigração para a Gália. Tendo sido reconstruída, tornou-se durante o domínio Romano um lugar de grande importância, sendo devastada pelos *Allemanis* após a decadência do Império Romano e destruída em razão das sucessivas invasões de povos Huns, Goths, Vandâlos e Sarrasins (R. -A D' ESTAING DE VILLENEUVE, 1870).

Foto 6 – Vista da Place du Marché de Vevey

Fonte: Autora (2018).

Assiste-se, ao final da idade média, alguns fatores preponderantes no processo de desenvolvimento econômico da região, sobretudo em razão da grande concentração de burgueses e senhores que compartilhavam direitos feudais, como os Senhores D´Oron e de Blonay, bem como uma população composta por nobres, proprietários vitícolas e agricultores, mais ainda por sua posição geográfica privilegiada. A localização, em uma área estratégica sobre uma importante via de comunicação, ligando a França à Itália e no centro da importante região vitícola de Lavaux, foi alguns dos aspectos que contribuíram significativamente para o crescimento econômico de Vevey. Mas, foi sobretudo, com a chegada de refugiados protestantes, comumente conhecido pelo nome de "*huguenots",* na segunda metade do século XVI, advindos principalmente da França, que o trabalho da terra começou a progredir. Assim, observa-se o aperfeiçoamento e melhoria dos métodos empregados na agricultura, havendo uma notável expansão econômica que, em poucos anos, produziu uma mudança sensível nos hábitos e costumes locais, oportunizando um impulso nas práticas industriais, desenvolvendo o comércio, e culminando com o aumento na taxa de imigrantes de religião calvinista (HILFIKER, 1966).

Atualmente Vevey abriga um comércio latente[87], tendo sido elevada à categoria de "cidade mais comercial do cantão de vaud" (HILFIKER, 1966: 66), abastecida por indústrias e um centro comercial bastante heterogêneo com duas vertentes bem distintas. Segundo Gétaz (1969), há traços rurais ainda bastante preservados com terras pantanosas, florestas, prados,

[87] Do ponto de vista do comércio em Vevey, um estudo mapeou em 2008, na região, 349 locais de negócios sendo 11 nas áreas de divertimento e cultura; 81 de prestação de serviço; 48 restauração e hotelaria (RAPPORT DE SYNTHÈSE, 2008).

pastagens e a vinha que desde o século XVIII se caracteriza como uma cultura em ascensão. Apresenta como regime agrário a cultura de cereal, gado, ovelhas e suínos (BLANCHET, 1843), e ainda abriga um espaço industrial bastante consolidado (HILFIKER, 1966) que teve seu apogeu na segunda metade do século XVIII (RECORDON, 1970). Contudo, foi durante o século XIX que ela se lançou industrialmente através da instalação de diversas empresas na região, época onde a mão de obra local era constituída em sua maior parte por artesãos: padeiros, alfaiates, sapateiros, viticultores. O comércio desempenhava função primordial, tanto do ponto de vista fisiológico, através da venda de gêneros alimentícios, como na perspectiva econômica, pois nessa região encontramos o segmento de artigos de luxo: ouriversarias, relojoarias, lojas de quadros, gravuras, orientadas ao público com elevado poder aquisitivo, gerando renda e emprego (CORNUZ, 1870).

Contudo, os tempos de glória se consolidaram no século XIX, com a instalação da sede da multinacional Nestlé em 1866, considerada o maior patrão da vila, empregando cerca de 2800 funcionários, além de manter estreitas relações no campo social e político local, sobretudo em razão dos generosos patrocínios no campo das artes, esportes e da cultura, como no patronato das precedentes *Fête des Vignerons*, sem esquecer os impostos deixados.

Apesar da importância da multinacional para a cidade, em função dos projetos de apoio financeiro, do Museu da Alimentação, do restaurante da Nestlé e dos postos de trabalho, ao mesmo tempo existe um caso de amor e ódio entre ambas. Isso porque a Nestlé parece adotar a filosofia do *win-win* (ganha-ganha), sendo interessante, até aonde seus interesses não sejam conflitados. Por isso, um momento de fragilização das relações foi sentido em 2018, em razão de divergentes conflitos, que nesse caso específico foram motivados por questões imobiliárias, mais especificamente em razão do embargo de projetos de construção de apartamentos da Nestlé em uma zona interdita. Esse episódio levou a multinacional a reduzir drasticamente seu apoio, suprimindo e até abandonando diversos projetos na região, em especial na área da cultura, um dos segmentos que mais recebeu investimentos[88] por parte da Nestlé. Contudo, essa prosperidade começou a entrar em declínio em meados da década de 90, em consequência de um significativo tormento econômico que levou ao fechamento de várias empresas importantes na região[89], resultando em um crescente

[88] A multinacional reduziu drasticamente seu apoio financeiro com cortes de até 65.000 francos. Essas informações foram obtidas através do Jornal da RTS. Des espaces culturels pénalisés par une querelle entre Nestlé et Vevey. Data publicação: 6 de fevereiro de 2018. Disponivel em: https://www.rts.ch/info/culture/9308364-des-espaces-culturels-penalises-par-une-querelle-entre-nestle-et-vevey.html. Acesso em: 5 de novembro de 2019.

[89] O fechamento de várias empresas importantes na região resultou na taxa de desemprego em Vevey de 13% em meados da década de 90. A cidade sofreu particularmente com o fechamento das oficinas de construção mecânica de Vevey (ACMV) em 1992, que custaram mais de 700 empregos, mas ainda pelo encerramento das

número de desempregados em 1992. Esse episódio pôde ser controlado na época em função de um fundo de reserva que o estado mantinha como medida preventiva para uso específico em caso de problemas na região (AGUET, 2014). Outro aspecto importante nesse contexto foi a organização festiva da FDV que acabou contratando durante esse interstício uma ampla mão de obra local para a festa de 1999, contribuindo com a minimização dos impactos negativos decorrentes da falta de empregos.

Do ponto de vista da administração publica municipal[90], Vevey é formada por cinco membros constituídos por uma Síndica, representando a autoridade maior da comuna e quatro conselheiros, cada um responsável pela gestão de dois departamentos da cidade. Politicamente, em 2018, a região atravessou um período tenso e bastante conturbado com suspensões e afastamentos de alguns conselheiros[91]. Entre as motivações estavam desde suspeitas de financiamento pessoal com o uso de dinheiro público até violação do segredo de função, incluíndo o representante municipal do partido Vevey Libre[92], responsável pela pasta da cultura. Todos esses problemas acabaram dividindo a sociedade Veveysanne, gerando desconforto, incertezas e desconfianças no quadro político local, além de não ser visto com "bons olhos" pela confraria, a um ano da realização da *Fête des Vignerons*. Isso gerou apreensão, pois a associação de uma imagem fragilizada desconstruía o cenário marcado por um momento de grandes decisões e o envolvimento de uma ampla rede de relações sociais com o meio político.

Atualmente, bastante heterogênea, se destaca por uma grande miscelânea populacional, fruto dos intensos processos migratórios que contribuíram para o salto demográfico no século XX, mais especificamente em 1950. Principiado pelos italianos,

---

atividades da fabrica de tabaco Rinsod & Ormond em 2003 e a realocação do fabricante de tubos de alumínio Tusa em 2016. Fonte: GLOY, Robert; FREUDENREICH. Disponivel em: https://www.pme.ch/entreprises/2019/07/26/6-lisaiton-pme-magazine-y-30-ans. Erik, 26 julho 2019. Acesso em: 20 de janeiro de 2020.

[90] Do ponto de vista do regime político da Suíça, os Cantões não são divisões administrativas, mas Estados soberanos cuja aliança forma a Confederação Suíça (Artigo 1 CF) com os municípios - Poder executivo da comuna, exercendo sua autoridade de acordo com a legislação cantonal em vigor.

[91] Sobre as suspensões, os processos envolviam suspeitas de financiamento pessoal com o uso de dinheiro público (Lionel Girardin do PS) e, violação do segredo de função (Jerome Christen e Michel Agnant do Vevey Libre). Fonte: La Municipalité de Vevey demande la suspension de deux de ses membres. Disponivel em: https://www.rts.ch/info/regions/vaud/9994067-la-municipalite-de-vevey-demande-la-suspension-de-deux-de-ses-membres.html. Acesso em: 5 de junho de 2020.

[92] Partido Vevey Libre é um partido centrista, humanista e independente. Tem como objetivo "o estabelecimento de uma sociedade de liberdade, responsabilidade e justiça". Fonte: Programme politique. Disponivel em: https://vevey-libre.ch/programme-politique/. Acesso em: 5 de junho de 2020.

posteriormente por espanhóis e, por fim, por portugueses, essas pessoas ingressaram no país a fim de executar importantes projetos de infraestrutura urbana, principalmente em razão da escassez de mão de obra local. Como consequência disso, no mesmo ano houve a elevação da taxa de nascimentos, cenário que começou a preocupar as autoridades locais, levando em 1964 o Conselho Federal a adotar algumas medidas restritivas de combate à superexpansão e à inflação. Assim, um rígido controle do operariado estrangeiro foi efetivado no país. Hoje em dia, é bastante evidente as chamadas migrações alternativas, constituídas por movimentos pendulares de trabalhadores fronteiriços que exercem suas profissões fora da sua cidade de domicílio, através dos deslocamentos quotidianos na fronteira com a Suíça, atraídos pelos proeminentes salários e pela ampla oferta de emprego (HILFIKER, 1966). Sobre a evolução da imigração na Suíça, Risi (2003: 103) nos dá conta que:

> "Na virada do século XXI, a Suíça é um país situado em uma complexa rede de conexões. Sua interdependência com o resto do mundo é sensível em vários níveis: quase um em cada dez Suíços vive no exterior. A parcela da população estrangeira na Suíça se aproxima de vinte por cento. As importações e exportações foram multiplicadas por trinta nos últimos cinquenta anos, seguindo a globalização econômica".

Corrobora com esse ponto de vista Cerutti (1994: 49 *apud* Piguet, 2005: 29), ao acrescentar que a imigração no país tinha um caráter temporário, sendo acima de tudo impulsionada em função da insuficiência do operariado local:

> "Após a segunda guerra mundial, a Suíça é confrontada com uma penúria na mão de obra: saturado, seu aparato produtivo enfrentou forte demanda, tanto nacional quanto internacionalmente. Com o acordo de recrutamento de mão-de-obra, assinado entre os governos suíço e italiano em 1948, iniciou-se um período de imigração em massa. Na época, a hipótese central da política de imigração era que se tratava de uma imigração a caráter temporário, [...]. O acordo com a Itália, ao impor um prazo de dez anos aos trabalhadores italianos para obterem uma autorização de estabelecimento, é a expressão direta deste conceito".

Retomando a ideia da imigração na Suíça, Arlettaz (2004: 7) nos esclarece que essa matéria ainda hoje é alvo de inúmeras críticas e discordâncias, isso porque:

> "A Suíça é atualmente o país da Europa, com exceção de alguns pequenos estados, onde o número de estrangeiros é o mais importante, em termos relativos. Estes são principalmente trabalhadores imigrantes da União Europeia ou de um estado da AELE, mas também de outros estados da Europa e de todo o mundo. Por outro lado, são refugiados ou requerentes de asilo ou pessoas que beneficiam de uma licença de tolerância. De acordo com o Office Fédéral de la Statistique, em dezembro de 2002, a população estrangeira residente permanente era de 1.484.755 pessoas, ou 20,3% da população residente permanente do país. É de notar que a percentagem particularmente elevada desta população estrangeira se deve, em particular, a uma política de naturalização suíça pouco generosa, que não apresenta as características necessárias para um desejo de integração, embora necessário num país de imigração. [...] Se o fato demográfico parece óbvio, por outro lado, a vontade política de apresentar a Suíça como um país acolhedor não o é. Por isso, iniciativas e referendos

> anti estrangeiros sobre a taxa de estrangeiros no país são lançados periodicamente" (ARLETAZZ, 2004: 7).

Do ponto de vista das atividades desenvolvidas pelos imigrantes, grande parte se orientava à agricultura, aos serviços domésticos, à metalurgia, indústria têxtil e de máquinas. Num olhar sobre a imigração no campo agrícola, Piguet (2005: 99), nos indica que:

> "A imigração durável na agricultura envolvia mais de 5.000 pessoas em 1950, perto de 15.000 em 1955 e 1960 pouco menos de 5.000 em 1965, apenas 2.000 em 1970 e menos de 1.000 pessoas por ano a partir dessa data. Esses números contrastam com o número de entradas sazonais, que se manteve em torno de 10.000 ao longo do período. Podemos concluir disso uma forte mobilidade da força de trabalho estrangeira da agricultura para outros tipos de atividade no final da estada necessária para obter a licença B e uma tendência menos acentuada para a transformação das licenças na agricultura".

Concernente ao perfil dessa população Veveysanne, estamos diante de pessoas conservadoras que se mostram cotidianamente discretas e reservadas, reputadas pela economia da palavra. Descritos por Goldron (1983: 15-16) como:

> "Cautelosos quer seja na política, na religião ou nas artes e, raramente encaram as coisas ao extremo. Por ter adquirido sua independência tardiamente, ele permanece cauteloso em sua guarda e não se deixa influenciar cegamente por ideias ou sistemas".

São conhecidos, também, pelo epíteto de *"patê froid"*, analogia a um salgado tradicional da região de Vaud que se come frio, e à conduta gélida desses habitantes, bastante evidente nas idas e vindas ao terreno, onde as relações eram quase sempre intrincadas e distantes, associadas a uma atmosfera curiosa com ruas quase sempre ermas, dotadas de um nirvana sereno, dando a impressão de cidade devoluta. Por outro lado, é difícil imaginar esse local como sendo o lugar festivo que abriga a cada geração um espetáculo de tamanha proporção. Em contrapartida, ainda que essa frieza seja um atributo marcante entre os Veveysannes, historicamente a população é reputada pelos trabalhos voluntários, como os praticados em 1806 pela família *Couvreu de Deckersberg*[93]. Sua atuação foi, sobretudo, orientada a uma política direcionada

[93] *Couvreu de Deckersberg* se refere a uma família burguesa bastante conhecida na região, em especial no contexto político, com orientação ao trabalho filantrópico. Das instituições de caridade existentes em Vevey, pelo menos quatro delas faziam parte da iniciativa da referida família. Daniel Emmanuel Couvreu foi um dos primeiros presidentes do município e membro do pequeno Conselho de Estado Vaudois, tendo também seu irmão, Jean-Louis Couvreu, como Sindico de Vevey durante o período de 1806 a 1823. Por conseguinte, o filho de Jean-Louis, Frédéric Couvreu, assumiu o cargo de Sindico da região no ano de 1837 até 1846. Ele também foi um dos fundadores do Hospício do Samaritain, atuando ainda como um dos administradores do banco de poupança destinado aos recebimentos dos valores reservados aos artesãos, às domésticas e aos trabalhadores menos favorecidos. Participou igualmente, de maneira ativa durante a fundação do Asilo para jovens mulheres de Vevey, bem como na criação do estabelecimento reservado aos meninos órfãos do Maupas à Lausanne, que se transformará alguns anos mais tarde na Escola Pestalozzi d'Echichens. Frédéric Couvreu se casou com sua prima, Emma Couvreu, que consagrou a maior parte da sua vida aos trabalhos de caridade e de ordem religiosa. No entanto, ela veio à óbito em 1851, causando um grande impacto para a comunidade filantrópica da localidade. Em continuidade ao ciclo político familiar e à tradição beneficente, Edouard Couvreu, filho de Frédéric,

aos desfavorecidos, reforçando o papel da filantropia como algo comum e natural na região e no país, pois grande parte das manifestações culturais e esportivas no âmbito nacional e local trabalha com esse tipo de mão de obra; exemplo disso é a própria *Fête des Vignerons* composta majoritariamente por voluntariados, os conhecidos "*patê froid"* que se transformam e se aquecem atuando durante todo o processo de produção do evento, contribuindo por meio dos diversos papéis na manutenção da tradição, como explica o Abade François Margot, na entrevista realizada na sede da *Confrérie des Vignerons*:

> "O Veveysanne é conhecido como um tipo de pessoa reservada, distante, sem humor, calvinista e protestante, razão pela qual dizemos que eles são frios, "*patê froid"* e, existe a ocasião da *Fête des Vignerons* que mostra outro aspecto dessa personalidade que se revela, que é o momento popular que ele sai dessa forma de reserva natural para ser ativo, figurante ou cantor, dançarino na festa e, ele acaba mostrando outro personagem, que não é normalmente habitual todos os dias, então são "*patê froid"* que se transformam em "*patê chaud"* na ocasião da *Fête des Vignerons*"[94].

Outra circunstância que contribui para que Vevey abrigue a referida celebração, se deve ao fato de a viticultura ser um dos "pontos altos" da região, em função da sua grande aceitabilidade. Ademais, se beneficia diretamente das condições climáticas em razão da sua posição estratégica que lhe confere um clima agradável e ameno, graças à cortina de montanhas que protege o lado norte contra os ventos gelados, conhecido pelo nome de "*bise*" (HORISBERGER, 2009); o mesmo ocorre em relação aos Alpes de Bex, que preservam os ventos quentes do sul, da proximidade do lago no inverno, suavizando o ar externo e no verão ajudando a moderar o calor da estação (BLANCHET, 1843), bem como dos solos ricos em nutrientes[95]; tendo na junção desses elementos os componentes essenciais ao bom desenvolvimento da produção vitícola local. Existe um discurso bastante redito a Lavaux - os

---

perpetuou à risca essa herança. Sua ascensão política se inicia prematuramente, mais especificamente aos 25 anos, onde em 13 de novembro de 1849 ele é nomeado Conselheiro comunal, como também membro da Administração de ajuda pública, da Instituição dos Diaconesses de *Saint-Loup* e da Sociedade Filantrópica Imobiliária da região. Em seguida é designado Sindico de Vevey no ano de 1857, chegando a membro do Grande Conselho em 1858, direcionando suas atividades entre a Comissão Escolar e a igreja livre. Ele assumiu a presidência do Comitê de Asilo de Vevey em 1871 e se tornou presidente do Comitê de "Oeuvres de Patronage" em 1876. Sua carreira na vida política possibilitou um verdadeiro engajamento em diversos setores associados à filantropia, onde participou de grandes debates ao seio da sociedade Vaudoise em prol das causas ligadas às atividades comunitárias do cantão. Sucessivamente, seu filho Eugène Couvreu ocupou a mesma função de 1913 a 1929, tendo exercido durante todo o século XIX e começo do XX, funções políticas na cidade de Vevey (LES ANNALES VEVEYSANNES, 2008: 128-131).

[94] Entrevista concedida por MARGOT, François. [16.04.2019]. Abade Presidente da *Confrérie des Vignerons*. Entrevistador: Giselle Schmid, 2019. Arquivo mp3 (39min).

[95] Esses solos são ricos em nutrientes, pois existe uma grande faixa de depósito que é reconhecido por leitos alternados de marga, silte, areia, poudingues e lignites. A parte inferior é um arenito fino e compacto, onde predomina o cimento calcário; já a porção superior integra uma marga muito fértil, que constitui o solo das videiras de Rivaz, St. Saphorin e Vevey, reconhecidas como sendo as mais produtivas. (BLANCHET, 1843: 1).

"três sóis": o do céu, o do lago Léman e o das paredes de vinha. Isso significa que Lavaux recebe os raios projetados pelo sol, que refletem nas águas do Léman e, esse calor é irradiado através das paredes em forma de terraços. Esse argumento fez inclusive parte do processo de inscrição desse sítio na Unesco.

Dessa forma, é importante destacar que a vinha é extremamente sensível, sendo bastante influenciada por situações extremas, envolvendo o clima, motivo pelo qual esse tema ocupa papel fundamental, sendo pauta de preocupação entre os viticultores que acompanham continuamente as mudanças pontuais nas estações do ano, no tempo e na temperatura. Essa vigilância tem como principal propósito evitar grandes perdas nas recoltas que, no decurso do tempo têm atravessado sérios problemas associados a episódios dramáticos, como em abril de 1785, quando dois metros de neve caíram, deixando a cidade intrafegável, afetando diretamente o vinhedo que permaneceu dez dias submerso, resultando em sérios prejuízos, com a extirpação de muitas videiras. Houve, ainda, intensas geadas com chuva de granizo em 2013 e 2017, cruciais aos domínios, resultando na perda de 80% da produção, período ainda hoje lembrado, pois trouxe consigo a falência de muitas vinhas. O documentário «*Les Domaines du possible*»[96] da RTS, de 2019, narrou a história de cinco produtores de vinho do país e suas reflexões em torno das interrelações entre o clima e a vinha:

> "Uma coisa é conhecê-la, outra é vivê-la. A colheita de um ano está relacionada às condições climáticas, que podem arruinar uma estação, marcando os espíritos de lembranças amargas. Quando o céu escurece, o rosto do viticultor também. Nós temos todos os dias os olhares voltados para o céu, orando para que as vinhas restem intactas após uma tempestade ameaçante" (LES DOMAINES DU POSSIBLE, 2019).

É importante evidenciar dois pontos relevantes na análise da região. Em primeiro lugar, percebe-se uma forte tendência entre os domínios vitícolas no perfeccionismo cada vez maior no labor nas parcelas, tendo como coadjuvante e encorajadora dessa ideia a *Confrérie des Vignerons*. Para Vinck (2019), essa iniciativa contribui para promover a visibilidade de uma atividade muitas das vezes invisível. Ao mesmo tempo, atua como meio de pressão na excelência desse trabalho, mais ainda no reconhecimento de Vevey enquanto centro vitícola excepcional, pois conforme aponta Gétaz (1969: 73): "a vinha Veveysanne produz vinhos de qualidade muito apreciadas nas margens do l'Aar e contribui para tornar Vevey o centro vinícola mais importante da bacia do lago Léman". Em segundo lugar, a tradição de transmissão dos domínios entre os familiares a gerações, demonstram que a memória e o *savoir-faire* são repassados de pai para filho.

[96] Esses dados foram obtidos no Jornal Le Regional do dia 17 de maio de 2019. Disponível em: https://www.leregional.ch/N124303/vevey-refuse-le-projet-de-parking-a-la-place-du-marche.html. Acesso: 2 de fevereiro de 2020.

Reputada pela paisagem e por seu rico e diversificado tecido cultural, evidenciado na oferta das opções de lazer, museus, feiras e eventos, espaços de arte contemporânea, teatros, salas de concertos, eventos de arte, exposições, mercados ao ar livre, festas populares, e também em virtude do cenário contrastivo entre Alpes, muros de vinhas e o lago Léman, fazem dessa região um atrativo cultural e turístico, agregando valor aos vinhos produzidos. Foi, do mesmo modo, terra de muitos poetas, escritores e filósofos afamados[97] que contribuíram através dos seus trabalhos, tanto para evidenciar a imagem do lugar, como na internacionalização da região. Para mais, um forte apego à cultura da vinha e a inauguração de um "lugar de memória", o Museu da Confraria, testemunha o liame da região a essa tradição que abriga, há gerações, a *Fête des Vignerons.* Evento singular de temporalidade remota, que tem na Praça do Mercado, local conhecido como centro de trocas (HILFIKER, 1966: 64), o espaço da festa, mas também um lugar de convergência na produção de diversos eventos e atividades afins.[98] Além disso, a região e seus arredores apresentam um calendário festivo fecundo com eventos que ocorrem durante todo o ano, conforme alguns citados no quadro abaixo:

Quadro 9 - Calendário de eventos culturais e festivais anuais de Vevey

EVENTO	PERÍODO	LOCAL
Fête des Vignerons	Julho a agosto	Vevey
Marchés Folklorique	Ente julho a agosto	Grenette Place hotel ville
Foire de la Saint-Martin	Segunda terça feira de novembro	Vevey
Fête de la bière et de la musique	Final de semana de maio	Vevey
Marché de Noel	Fim de novembro a 24 dezembro	Montreux
Fête de l'Espoir	Maio	Vevey
Fête des Vendanges	Último final de semana de setembro	Vevey
Foire de Brent	Novembro	Vevey
Saint-Nicolas	Último domingo de novembro	Vevey
Sechseläuten (Fête du printemps)	Final de abril	Vevey
Fête de la Désalpe	Ultimo sábado de setembro	Vevey
Schäferfest	Agosto	Brigue-Brig

[97] Entre os poetas, escritores e filósofos afamados podemos citar Henri Bergson, Freddie Mercury, Byron George, Charlie Chaplin, Chaplin Geraldine, Henri Nestlé, Jean-Jacques Rousseau.

[98] Zona de múltiplas aplicações, a Praça do Mercado do Vevey é um centro de trocas e negócios diversificado. Funciona como estacionamento durante a semana, corroborando na facilitação do acesso aos mercados e estabelecimentos turísticos instalados nas proximidades, tendo em vista a escassez nas áreas reservadas a essa finalidade e o agravamento com o embargo do projeto de um estacionamento subterrâneo, mas ainda como ponto comercial duas vezes por semana (terças e sábados) desde o século XIV através da feira de Vevey, espaço heterogêneo e lúdico que promove o reencontro entre os moradores através da comercialização de produtos do *terroir* originários de diferentes regiões geográficas, dos *Food Trucks* ou caminhões que vendem pratos típicos preparados por imigrantes que vivem na região; ou ainda a tradicional feira mensal de objetos antigos (Marché aux Puces); o evento de celebração do folclore e do vinho existente há mais de quarenta anos (Marché Folklorique); a feira trimestral de trocas e doações (feira gratuita da Grenette), além da montagem de toda infraestrutura na criação de uma praia artificial no verão. Fonte: CORTHÉSY, Bruno; MERLO, Giuliana (2017). La place du Marché à Vevey étude historique. Bureau de recherche en histoire de l'architecture, Lausanne: 5-20.

Animai	Maio	Jardin du Rivage Vevey
Fête de la Danse	Maio	Vevey
Nuit des Musées	Maio	Vevey
Fête Multiculturelle	Junho	Place Robin Vevey
Picto Bello	Junho	Vevey
Cinéme en plein air	Julho-agosto	Place Scanavin Vevey
Festival Valsainte	Agosto	Cour de la Valsainte Vevey
Festival International des Artistes de Rue	Agosto	Vila Velha de Vevey
Nox Orae	Agosto	Jardin Roussy
Lavaux Classic	Junho-julho	Salle des Castillo Vevey
Festival Images	Setembro (anos pares)	Vevey
Septembre musical	Agosto-setembro	Montreux-Vevey
Concours Clara Haskil	Setembro (anos ímpares)	Teatro de Vevey Granette
VIFFF	Outubro	Vevey
Vevey Réveillon	Dezembro	Salle des Castillo Vevey

Fonte: Site oficial da vila de Vevey (2019).

"Vevey, cidade das imagens" é o *slogan,* a marca utilizada desde 1998, de uma região que tenta há vinte anos abandonar o imbricado conceito industrial, numa tentativa de se reinventar do ponto de vista cultural. Para tanto, orientou uma política de investimentos nesse campo, criando o Serviço Cultural em 2001, possibilitando o aumento regular de investimentos financeiros nessa esfera que abrange um expressivo orçamento municipal, em média 6,2% (NEUMANN, 2012). Em 2012 os subsídios municipais eram principalmente investidos em instalações culturais de divulgação das artes e na criação de espetáculos, de exposições e de artistas (NEUMANN, 2012: 56).

3.2 A Sequência Festiva

A festa não dorme, já dizia a Secretaria da *Confrérie des Vignerons,* Sabine Carruzzo-Frey, altura em que realizava as recolhas nos arquivos dessa instituição. Isso porque, durante esse tempo longo ela se ocupa de diversas atividades secundárias, mas não menos importantes. A *Fête des Vignerons*, que corresponde ao ciclo maior[99], que se distingue aqui como sendo o evento principal, o espetáculo estrutural e normativamente organizado, ocorre durante o verão, entre os meses de julho a agosto, período que antecede as vindimas. Marcada por um conjunto de ritos e festejos de caráter profano e sagrado, está em constante atividade durante todo o período que antecede sua execução, através do aprovisionamento de outras cerimônias, como podemos citar, por exemplo, a Trienal e a Proclamação da *Fête des Vignerons*, componentes da sequência festiva. Igualmente, pelo fato de abrigar um espaço de reminiscência representado

[99] Aqui chamaremos de ciclo maior o espetáculo da *Fête des Vignerons* em si, tendo em vista que antes e durante todo o processo de produção festiva se processam diversos outros eventos secundários, que aqui nominaremos de ciclo menor. Todos esses eventos de ciclo menor são associados à *Fête des Vignerons.*

pela "*sede da confraria, de ter o museu, esses instantes, esse lugar onde as pessoas podem rememorar a festa"*[100]. Por isso, esses "lugares de memória" revelam-se importantes, visto que:

> "Em um mundo que prioriza cada vez mais a velocidade das informações, do trabalho e das próprias relações sociais, o «passado», configurado nos acervos de instituições e espaços de guarda e preservação da memória de uma comunidade, encontra-se em um paradoxo interessante. Ao mesmo tempo que os objetos, os bens históricos desses "lugares de memória" encontram-se ameaçados pelo esquecimento, por uma cultura progressista que coloca o novo em contraposição ao velho, a necessidade de construção, justificação e legitimação de memórias históricas é ressaltada em nosso presente" (KNACK, 2013: 79).

Por isso, durante esse longo tempo muitas atividades culturais relacionadas à vinha e à referida festa se desenvolvem e ajudam a manter viva a história dessa tradição, por meio das exposições, do acervo iconográfico, dos arquivos e objetos museológicos, além das visitas anuais de inspeção realizadas nos domínios vitícolas, uma das principais atividades de onde emana a celebração que coroa o melhor *vignerons-tâcherons*.

Entende-se aqui, por ciclo menor, os eventos de pequeno porte organizados pela confraria que fazem alusão à *Fête des Vignerons,* se processando durante o tempo longo de letargia da FDV, como a festa da Trienal. Durante três anos, os *vignerons-tâcherons* seguem à risca o manual idealizado pela confraria de primazia das tarefas na vinha, representadas por notas que são aplicadas, divulgadas, computadas e conhecidas por todos, dando lugar a uma premiação em forma de numerário, medalhas de bronze e prata, resultado de uma rotina de visitas anuais de inspeção, realizada por especialistas contratados para esse fim, dinâmica que dá origem à Trienal ou a mini *Fête des Vignerons*. Evento de ciclo menor, ao mesmo tempo em que atua como memória da festa maior, vigente desde 1805, essa cerimônia privada, geralmente realizada em um espaço fechado, pré-definido, reservada aos profissionais do mundo vitícola e convidados, dedica-se à celebração da mensuração do trabalho desses profissionais. Posiciona-se entre duas *Fête des Vignerons*, dividindo-se em três momentos distintos: o discurso do abade e conselheiros, a distribuição de medalhas e o banquete.

Em abril de 2014 teve lugar a última Trienal (foto 7), cinco anos antes da FDV. Esse evento levou em conta o trabalho realizado na vinha no período de 2011 a 2013, na região geográfica entre Lausanne e Lavey. Contou com a participação de oitenta e oito *vignerons-tâcherons,* dos quais apenas vinte e oito foram premiados com a entrega de quatorze medalhas de bronze e, quatorze de prata e um valor total de 97.550 francos. A sequência bastante simples se estabelece com o discurso do abade, onde o tema central sempre se conduz a dois aspectos: a

[100] Entrevista concedida por CARRUZZO-FREY, Sabine. [15.07.2017]. Secretária Geral da *Confrérie des Vignerons.* Entrevistador: Giselle Schmid, 2017. Arquivo mp3 (44min).

vinha e os vinheteiros, evocando em seguida os premiados. Entoa-se o célere "*ranz de vaches"*[101] com seu *Lyoba*, representação da voz dos vaqueiros e pastores alpinos, do orgulho e da natureza alpestre, interpretado por um solista acompanhado da banda de músicos. Ao longo dos anos a performance de interpretação do *Lyoba* sofreu algumas mudanças, pois, se em 1819, 1833, 1851 e 1865 ele era entoado em grupo, em 1889 foi executado por apenas uma pessoa, para em 2019 voltar ao modelo dito tradicional, cantado por onze homens, tal como na montanha. Por outro lado, não são obrigatoriamente os pastores alpinos que o interpretam, mas indivíduos selecionados num concurso que, em 2019, contou com noventa candidatos que passaram por um *casting* de análise da capacidade vocal e da pronúncia, das habilidades no desenvolvimento do texto, do dialeto e da relação com a terra. Foram selecionados onze homens, pois ainda que três mulheres tenham participado do concurso, o "*ranz de vaches"* ainda é uma prática exclusivamente masculina.

Foto 7 – Trienal realizada em 2014

Fonte: Site oficial da Fête des Vignerons

[101] *"Ranz de vaches"* (*Lyoba)* é um estilo musical cantado pelos pastores na subida com o gado aos pastos. Há diversas versões tanto na língua francesa como alemã, entretanto o "*ranz de vaches"* cantado na *Fête des Vignerons* é de origem *Fribourgeoise*, sendo componente da FDV desde 1819 (CARRUZZO-FREY e DUPONT, 1998: 243-244).

Tradicionalmente o encerramento se efetiva através de um banquete entre os convidados. Marcado pela fartura de alimentos, em especial do vinho, anfitrião da festa, aspecto comumente manifesto nos banquetes onde:

> "A tendência à abundância e à universalidade é o fermento adicionado a todas as imagens de alimentação; graças a ele, elas crescem, incham até atingir o nível do supérfluo e do excessivo. [...]. Peça necessária a todo regozijo popular. Nenhum ato cômico essencial pode dispensá-lo" (BAKHTIN, 1987: 243).

Para além do ato de sobrevivência, a comensalidade exerce diferentes papéis, sendo também um comportamento cultural e simbólico (DA MATTA, 2001), ou como bem observou Brillat-Savarin ([1825], 1999: 171), indicando as mudanças nas relações de comensalidade e sociabilidade, além dos profusos interesses:

> "[...] Com frequência temos em volta da mesa todas as modificações que a extrema sociabilidade introduziu entre nós: o amor, a amizade, os negócios, as especulações, o poder, as solicitações, o protetorado, a ambição, a intriga: eis que a convivialidade tem a ver com tudo, eis que produz frutos de todos os sabores".

Num olhar sobre as etapas da sequência festiva podemos considerar que a Proclamação da Festa (foto 8), performance emblemática de tradição que remonta a 1797, tornou-se "simbólica" ao final do século XIX, estabelecendo-se como parte integrante do evento. Momento oficial de pré-anúncio da *Fête des Vignerons* à população e autoridades, ensaio compacto de uma das primeiras apresentações que antecedem o verdadeiro espetáculo, atua tanto na divulgação e promoção através da midiatização do evento, assim como propicia maior visibilidade, despertando a curiosidade pela festa. A Proclamação da Festa se caracteriza por um cortejo com um circuito que segue por ruas pré-determinadas da cidade anunciando a proclamação da festa maior. Geralmente ocorre no espaço público, ao ar livre, à exceção das edições onde as condições meteorológicas foram desfavoráveis. Segue o cortejo, acompanhado pela tropa de honra, composto pelo Conselho da *Confrérie des Vignerons*, encabeçado pelo abade, que desde o princípio é o responsável pela emissão da mensagem da festa à população. Trajando imponentes costumes[102], desfilam com as bandeiras do cantão, da cidade e da confraria, seguidos pelas autoridades municipais de Vevey, pela equipe artística e por algumas alegorias de figurantes definidas para a ocasião. O cortejo se dirige a vários pontos do lugar festivo, sob o ritmo dos tambores da banda da região de Bâle, conhecidos na língua local por "Tambours de Bâle"[103] e da tropa de infantaria de elite, componente patriótico

[102] Calça e blazer preto e vermelho, bordados com flores da montanha, chapéu, um cajado e um saco com a bandeira do cantão.

[103] Tambor de Balê (*Tambours de Bâle*) é um forte símbolo de identidade da região de Basel (Suíça). Estilo musical que requer formação e anos de prática, compreende a técnica do fraseado, transmitida pela tradição oral

da região, os "*Cents Suisses*" carregam lanças e portam indumentárias com as cores da bandeira do país.

Foto 8 – Proclamação da *Fête des Vignerons* de 2019

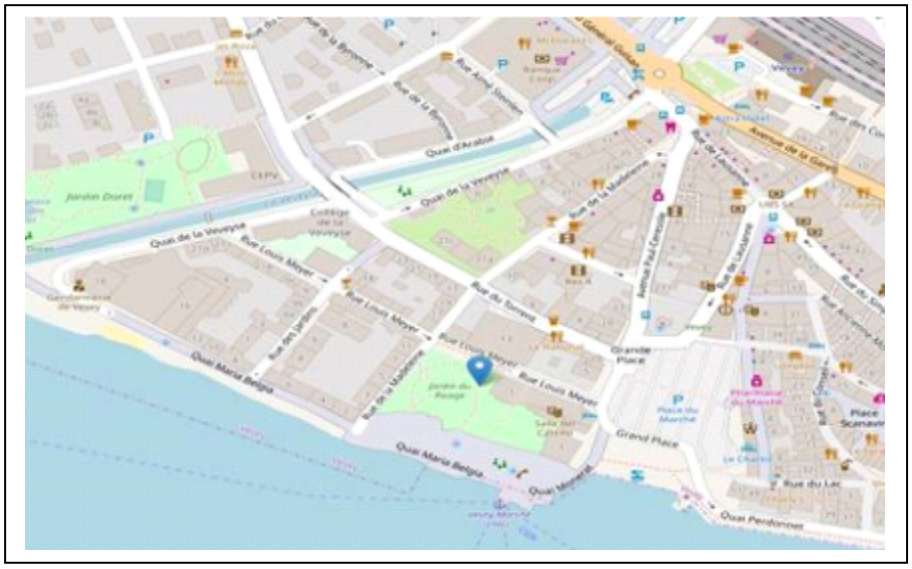
Fonte: Site oficial da *Fête des Vignerons* (2019).

Para mais, esse momento é bastante aguardado tendo em vista o mistério em torno da organização e o suspense que a *Fête des Vignerons* tenta manter em todas as celebrações até o último momento. O sigilo é exigência primeira entre os envolvidos, sendo inclusive objeto de cláusula contratual. Sua ruptura se dá exatamente a partir da revelação de alguns elementos na Proclamação da Festa. Essa regra ficou bastante clara na fala do diretor do espetáculo no documentário de Danilo Catti: "Uma outra estratégia é que a gente nunca diz nada, a gente diz você faz isso, não explicamos nada do espetáculo, não se diz nada, não se explica nada" (DANS LES COULISSES DE *LA FÊTE DES VIGNERONS*, 2019), mas também foi evidenciada no terreno, por meio das diversas interdições repassadas aos atores-figurantes, na altura das provas dos figurinos: máquinas fotográficas, filmagens e fotos das indumentárias no atelier de costura, numa tentativa de manter viva a tradição do segredo do espetáculo. Em 1955, pela primeira vez, a proclamação foi além das fronteiras de Vevey, com uma comitiva composta pelo abade, conselheiros, figurantes e músicos que partiram de trem em direção a Berna, Bâle e Zurich com o propósito de divulgar o evento e vender o excedente dos bilhetes.

e que lembra o próprio jazz. Hoje em dia, o tambor de balê é componente de várias festas. Fonte: LES TRADITIONS VIVANTES EN SUISSE. Tambours de Bâle. Disponivel em: https://www.lebendige-traditionen.ch/tradition/fr/home/traditions/tambours-de-bale.html. Acesso em: 2 de novembro de 2018.

Em 2019, a Proclamação teve lugar em 4 de maio, a quase dois meses da cerimônia oficial da FDV, com a alteração do tradicional cortejo, que em razão das condições climáticas ficou impedido de se realizar ao ar livre, como nas performances precedentes. Assim, o percurso foi mudado, seguindo em direção à sede da prefeitura, passando pela rua do lago (Quai Perdonnet), pela arena (Praça do Mercado), para por fim se estabelecer no pavilhão da Galleries du Rivage (Rua Louis Meyer), sendo esse último, o espaço que abrigou igualmente o evento de 1977. O mapa abaixo ilustra as ruas que fizeram parte desse circuito festivo.

Figura 2 – Ruas de Vevey



Fonte: Patinoire Vevey (2020).

Ao som do tambor de Bâle, acompanhados pela tropa dos "*Cent Suisses*", de quatrocentos figurantes das tropas *Noce, St-Martin, Effeuilleuses, Cents pour Cent, Enfants protecteurs, Bourgeons, Fourmis musiciennes* e do Conselho, o abade, trajando um figurino laranja e flavo, lenço de seda no pescoço, bordado com uvas douradas e dois pássaros pintassilgos, segue o protocolo dando início à cerimônia com um discurso onde anuncia a data do evento, dando destaque aos valores, à tradição vitícola e às dimensões da festa do ponto de vista nacional e fraternal. Em seguida, a palavra é dada à representante municipal de Vevey, Elina Leimgruber, que proferiu a importância dos ensaios na arena no fortalecimento da simbiose entre a cidade e a festa. Por fim, o encerramento se dá através de um banquete convivial extensivo a todos os presentes, convidados a um *"verre de l'amitié"* numa referência ao vinho do repasto coletivo. Cabe evidenciar que existem outros banquetes dirigidos a um público seleto, normalmente recebido na área privada e exclusiva do restaurante da *Confrérie des Vignerons.*

Ainda que se considere que a festa repouse durante um longo interstício, o calendário de preparação geralmente se inicia dez anos antes e se intensifica através das reuniões, cada vez mais recorrentes à medida que o evento se aproxima, com a normatização do espaço público, visto que as festas espetaculares tornam-se, paulatinamente, mais previsíveis e planejadas. As tarefas realizadas num primeiro momento se relacionam à análise das principais ações, em especial na escolha daquele que conduzirá o espetáculo do início ao fim – o diretor. Para tanto, é diante da convocação da Assembleia que muitas decisões são tomadas e é através dela que se analisa e se revela a disponibilidade de tempo, a anuência dos conselheiros na empreitada do evento, o levantamento do quantitativo de voluntários e figurantes. Cabe destacar que os atores-figurantes têm a incumbência de pagar por suas indumentárias, provavelmente por isso: o "apego das pessoas vem do fato de que elas pagam por suas próprias roupas. Então eles se importam muito, eles a manterão. Mas o que quero dizer é que nem mesmo um figurino pode ser jogado fora, ele faz parte de uma vida"[104]. Os potenciais patrocinadores, com vistas à obtenção do fundo cerimonial, também são importantes nesse contexto, tendo em vista o espetáculo oneroso que depende de volumosas somas em dinheiro, pois a cada edição ele busca se superar tanto do ponto de vista das festas precedentes, como a si próprio, na sua condição cada vez mais audaciosa de se delinear e expandir.

Enquadram-se ainda, nessas decisões, a data em que terá lugar a festa, sendo este um dos pontos importantes, pois se deve levar em consideração a ausência de grandes cerimônias mundiais, evitando, assim, a concorrência com a festividade. Por uma questão de tradição, são escolhidos sempre anos ímpares, além de a população funcionar como termômetro na dinâmica do despertar da festa, principalmente quando os rumores começam a soar entre os moradores, contudo o veredito final é dado pela confraria: "o barulho dentro da vila nos levou a pensar que nós devíamos trabalhar em cima disso. [...], as pessoas nos questionavam nas ruas sobre quando nós começaríamos os trabalhos para criar a próxima festa[105]. Foi a população de Vevey que encorajou a produção da *Fête des Vignerons* de 2019, quando se expressa espontaneamente, através de um desfile pelas ruas, explica Sabine Carruzzo-Frey em entrevista cedida em julho de 2017 (Apêndice C), na sede da *Confrérie des Vignerons*:

[104] Entrevista concedida por CARRUZZO-FREY, Sabine. [15.07.2017]. Secretária Geral da *Confrérie des Vignerons*. Entrevistador: Giselle Schmid, 2017. Arquivo mp3 (44min).

[105] Entrevista concedida por CARRUZZO-FREY, Sabine. [15.07.2017]. Secretária Geral da *Confrérie des Vignerons*. Entrevistador: Giselle Schmid, 2017. Arquivo mp3 (44min).

> “Em 2009, dez anos após a festa de 1999 os figurantes que participaram da última festa em 1999 criaram espontaneamente um cortejo com figurinos para lembrar da *Fête des Vignerons.* E, eles eram quase cem a desfilar pelas ruas de Vevey e, a partir desse momento todo mundo na vila dizia, mas quando vocês vão se investir. E, a partir de lá um pequeno grupo de trabalho de pessoas do Conselho se reuniram para refletir sobre isso e encontrar uma data e, nós pensamos que em 2019 faria 20 anos [...], então poderia ser interessante”.

A festa inicia suas atividades com bastante tempo de precessão, fazendo uso de diferentes estratégias, notado no estudo de Vinck (2019), quando cita a conferência, realizada em 2017, sobre o vinho *chasselás*, degustado na ocasião em taças que portavam a frase "*Fête des Vignerons* 2019”. Apesar de pouco se falar sobre o evento, nessa época ele já se fazia presente ainda que de maneira silente, tomando corpo a partir da imagem da taça, numa tentativa de instalar em 2017 a ideia do festival de 2019, perspectiva intrigante na concepção de Vinck (2019: 28), haja vista que via de regra: “um souvenir de lembrança sempre carrega consigo um evento presente ou passado. A taça interrompe o marco temporal antecipando a criação da festa na oficina de degustação”. Ainda que essa dinâmica revele a articulada logística da festa, orientada sobretudo às ferramentas do Marketing, desvela também o longo processo de planejamento e organização festiva iniciado com bastante tempo de antecedência. Assim, com a consolidação do período do evento, as etapas de preparação começam a ser imaginadas. Inicialmente de maneira bastante seleta, a partir de um grupo chave de integrantes da confraria, que se amplia à medida que o evento toma proporções maiores. Para a festa de 2019, essa equipe foi constituída por três pessoas, a Secretária Geral da Confraria (Sabine Carruzzo-Frey), o Conselheiro e vice-presidente da confraria (Jean Pierre Chollet) e o Abade presidente (François Margot). Esta equipe, auxiliada pelos conselheiros, contribuiu com o processo de concepção, atuando como “olheiros” em diversos eventos: concertos, peças teatrais, feiras, shows, a fim de selecionar aqueles que fariam parte do corpo da festa enquanto atores principais. Esse grupo de trabalho portava a responsabilidade de refletir sobre vários pontos da festa, até o momento do engajamento do aspecto prático, colocando em ação as ideias que se principiaram em 2009, tomaram “corpo” em 2017 e se estenderam até o momento da celebração, em 2019.

As convocações debutaram com reuniões individuais na sede da confraria desde julho de 2014 e se prolongaram até 2015, com o grupo de libretistas, compositores, cenógrafos, costureiras e coreógrafos assumindo a tarefa de trabalhar em conjunto e alinhados ao diretor do espetáculo, com o primeiro grupo de atores da festa conhecidos na altura da bienal da confraria em junho de 2015, e o segundo em outubro do mesmo ano:

> "Nós começamos há muito tempo atrás com o primeiro encontro, no qual pouco a pouco todos os criadores, Daniel, o Abade Presidente e os Conselheiros nos recontaram a história, entramos dentro dos detalhes, olhamos também os documentos e os materiais das festas precedentes, decidimos quais eram os conceitos a transmitir e aqueles que devíamos modificar e, naturalmente Daniele que é marionetista segurou a corda e deu a cada um de nós a impulsão para lhe ajudar a visualizar essas imagens" (DANS LES COULISSES DE *LA FÊTE DES VIGNERONS*, 2019).

As etapas da engrenagem na construção do espetáculo foram tomando corpo e ganhando espaços adaptados, como o aluguel do prédio da *Guinguette*, que abrigou a direção executiva da festa, sob a responsabilidade do diretor Fréderic Hohl. Local estratégico que para além das inúmeras atribuições desse setor[106], estava empenhado nas ações orientadas à arrecadação do fundo cerimonial por meio dos possíveis patrocinadores, como a multinacional Nestlé[107], bem como o estreitamento dos laços com esses parceiros e a manutenção dos vínculos através das reuniões (HOFMANN, 2019). Paulatinamente o complexo organograma da festa começou a se desenhar, precedido por um conselho de direção dividido nos seguintes segmentos:

Quadro 10 – Organograma completo da organização da *Fête des Vignerons*

SETORES	DEPARTAMENTOS
Conselho da *Confrérie des Vignerons*	Conselho de Direção (Conselho de Gestão de risco e Conselho Estratégico), Comitê Executivo, Conselho Artístico.
Infraestrutura	Construções, plataforma lacustre, restauração, espaços, hospedagem.
Exploração	Bilheteria, segurança e mobilidade, recepção, relações exteriores, restauração, logística, vinhos da festa, tecnologia da informação.
Produção	Produção técnica, distribuição geral (função dos figurantes, distribuição de funções especializadas, distribuição de serviços voluntários, plano de ensaios), *Ville en Fête* e cortejos, animais da festa.
Conteúdo artístico	Criação e configuração das sessões, texto, música, coreografia, figurinos e acessórios, cenografia, eventos e cortejos.
Management	Finanças, segurança, jurídico, marketing, comunicação, patrocinadores.

Fonte: Hofmann (2019: 27).

[106] Quanto às inúmeras atribuições desse setor que abrigavam a direção executiva, estavam os setores do Gerenciamento da festa ou *Management*, a Infraestrutura, a Exploração, a Produção e o Job Center, com a projeção de um site e um programa em paralelo aos figurantes e comissões, aplicativo que recebeu o nome de "Famille FEVI – Fevi 2019" e as transmissões em direto no período do evento, além da criação da logomarca.

[107] Em razão da Nestlé ser uma das grandes patrocinadoras do evento, foi enviado um documento solicitando uma entrevista junto à sede da multinacional, tendo sido negado alguns dias depois. Por outro lado, a Nestlé enviou uma mensagem informando que a empresa estava de acordo em responder algumas questões por email, entretanto indicava as perguntas viáveis a serem enviadas.

O tempo dispensado à organização da festa durante os séculos XVII e XVIII era bem mais curto, se comparado aos séculos XIX, XX e XXI, onde o apresto pode chegar a intervalos entre dois a três anos, além do fato de ser imaginado e prospectado dez anos antes (CARRUZZO-FREY e ABBOTT, 2019). A sucessão do evento ocorre pautado no senso de organização, ao mesmo tempo em que revela o critério seletivo. Esse primeiro ponto foi constatado no atelier de costura, durante as atividades de voluntariado, onde nenhum fio de linha era encontrado no solo, fato curioso uma vez que habitualmente, num espaço de costura, é comum encontrarmos retalhos de panos e linhas em todos os lugares. Para a chefe do setor, a resposta era simples e evidente e, se fundamentava na organização, a base de qualquer trabalho. A dinâmica de recrutamento, desde a festa de 1819, tem datas pré-estabelecidas para inscrição de figurantes e voluntários, em razão do número considerável de pessoas, com priorização dos membros da irmandade: "as inscrições das pessoas que desejarem cooperar com a nossa festa terminarão 7 de junho, data onde a confraria fará a escolha das mais adequadas, dando sempre preferência aos membros da sociedade" (MANUAL 4, 24. 5. 1819). Prática em desuso hoje em dia, em função da necessidade de um público participante cada vez maior, o que faz com que as inscrições permaneçam abertas o tempo todo, com demandas antes, durante e após o evento. Apesar disso, o que parece interessante nesse processo de inscrição, atualmente, é o fato de a confraria transmitir a aparente ideia de uma rigorosa seleção no assentimento dos candidatos (Anexo A). Em 2019, todo o processo foi informatizado, haviam programas específicos de acompanhamento de figurantes, de provas dos figurinos, de inscrição e captação de voluntários, etc. Essa foi de fato a festa da tecnologia e da automação.

As dinâmicas dos ensaios representam o momento onde as diversas coreografias pensadas para cada grupo de figurantes foram repetidas, reproduzidas e corrigidas exaustivamente durante os diversos encontros pré-definidos, momento que favoreceu também o estabelecimento de laços, embora um dos atributos desses "*patês froid*" seja a algidez, como bem reforçou um dos figurantes: "fiéis à discreta cultura Suíça, não quebramos o gelo de imediato. Mas a imitação dos movimentos dos estorninhos (foto 9) que voam, no papel de um homem (coreografia), permite forjar os primeiros elos"[108]. Essas relações se intensificam gradativamente à medida que as repetições se acentuam, numa rotina que perdura por meses.

[108] SITE OFICIAL *DA FÊTE DES VIGNERONS* (2018). Premières pré-répétitions des figurants. Disponivel em: https://www.fetedesvignerons.ch/premieres-pre-repetitions-des-figurants/. Data da publicação: 21 de novembro de 2018. Acesso em: 5 de janeiro de 2019.

Foto 9 – Voluntários caracterizados de pássaros estorninhos

Fonte: Autora (2019).

A *Fête des Vignerons* de 2019 contou com dezenove alegorias, o envolvimento de uma média de cinco mil figurantes sob a responsabilidade de um Coreógrafo que trabalhou com um grupo bastante heterogêneo de atores-figurantes, incluíndo idosos, crianças, pessoas com mobilidade reduzida, gerando em alguns momentos certos impasses em função do grau de dificuldade dessas coreografias e da maratona exaustiva. Os sucessivos ensaios, dinâmicas obrigatórias, começam remotos, e à medida que o evento se aproxima são cada vez mais constantes e intensos, motivo pelo qual inviabiliza a participação de pessoas de regiões mais distantes. Do mesmo modo, exige um grande empenho e uma rotina de mudanças e adaptações, tendo em vista que muitos dos figurantes exercem uma profissão. Os primeiros ensaios foram realizados no verão de 2018, na *Galerie du Rivage*, e em fevereiro de 2019 a festa ganhou um espaço adaptado, uma tenda no bairro da Veyre, onde foi possível sistematizar essas dinâmicas, que passaram a ser executadas de duas a três vezes por semana, culminando com os ensaios gerais, realizados na arena ainda em construção. Essas apresentações prévias, foram reservadas a um público selecionado, destinado essencialmente aos voluntários e seus familiares, convidados e pessoas da comunidade, se constituindo num ponto de vários intentos. Em primeiro lugar, como coadjuvante na aproximação dos figurantes ao espaço da festa; em segundo, no reconhecimento do trabalho do voluntariado com o ingresso gratuito como recompensa e, em terceiro, no estreitamento dos laços entre a comunidade e a festa, mas

igualmente, no aquecimento do comércio no lugar festivo. Ao mesmo tempo em que desperta o apego à tradição e à terra, também revela um público descontente em função das mudanças e seus inconvenientes.

3.3 Etapas da Sequência Festiva

3.3.1 O Coroamento

Em 2019, os sinos soaram às 13 horas nas igrejas de Lausanne, Aigle e Fribourg, indicando a abertura da décima segunda edição da *Fête des Vignerons*. A cerimônia de coroamento foi realizada à noite, fato inusitado, tendo em vista que tradicionalmente ela sempre se passou nas primeiras horas da manhã. O discurso do abade é sempre precedido da coroação, para em seguida serem conhecidos os *vignerons-tâcherons* distintos[109], que em 2019 coroou, como rei, Jean-Daniel Berthet. A foto 10 registra um dos momentos em que o rei da festa desfila pela estação de trem com sua coroa na cabeça.

Foto 10 – Rei da *Fête des Vignerons*

Fonte: Autora (2019).

O simples cortejo, nominado "*Parade*" no século XVII, realizado antes ou após a Assembleia Geral da confraria, tendo por missão discutir e criticar o trabalho na vinha, trazia uma sequência festiva modesta, com uma procissão que partia da igreja de *Saint Martin,* liderado pelo abade e seus confrades, que portavam estatuetas do santo patrono, na época

[109] A distinção entre os *vignerons-tâcherons* era dada com base no trabalho desenvolvido na vinha, levando em conta os critérios estabelecidos pela *Confrérie des Vignerons,* tais como: a poda, o alinhamento, a manutenção do solo, as doenças da vinha, florescimento, erosão, aspectos da recolta, desgaste das aves, herbicidas, etc. (CARRUZZO-FREY e DUPONT: 1998: 103).

Santo Urbano. Percorriam as ruas de Vevey, com pausas nas praças e diante de algumas residências de personagens notáveis da elite, para, por fim, se reunir em uma grande congregação na praça do mercado, espaço eventual da cotidianidade funcional, findando com a concessão de um grande banquete partilhado entre os confrades, no qual as mulheres eram desautorizadas a participar, mas podiam assistir de maneira recuada (CARRUZZO-FREY e DUPONT, 2018). Com o passar dos anos esse cortejo abriu espaço ao espetáculo, que debuta desde os proêmios com a cerimônia do coroamento anunciado pelas badaladas dos sinos das igrejas da região, que há muito funcionam como marcadores da abertura oficial do evento.

Em 2019, encetado por uma salva de artilharia, anunciando a partida das divisões, o cortejo que precede a coroação segue pelas ruas pré-definidas de Vevey (hippocampes du Jardin du Rivage, Deux Villes, rua d'Italie e do Simplon), num percurso de quase três horas e meia, onde pessoas já estão posicionadas durante todo o circuito. Compõe este cortejo a fanfarra, seguida pelo corpo dos *"Cent Suisse",* que foram pela primeira vez na história das festas acompanhados da tropa de cem mulheres, as *"Cent-Suissesses",* evidenciando o viés feminino refletido na mudança dos papéis sociais com a protagonização das mulheres na trama festiva; juntam-se, ainda, os membros da irmandade, a equipe artística, os *vignerons-tâcherons* e os animais da festa, selecionados em um concurso específico para o evento. Foi também no ano de 2019 que, pela primeira vez na história das festas, uma mulher recebeu a coroa de ouro pela sua posição em terceiro lugar. As distribuições de recompensas se iniciam pelas medalhas de bronze e prata, sendo as coroas em ouro as últimas a serem entregues ao rei, personagem mítico de primazia no labor, no respeito e no reconhecimento vitícola, mas ainda um agregador de valor e um meio a inúmeras oportunidades. Em 2019, foram entregues dezoito medalhas em prata, quarenta e sete em bronze, e seis em ouro (foto 11).

Foto 11 – Seis vignerosn-tâcherons medalha de ouro

Fonte: Site oficial da *Fête des Vignerons* (2019).

O coroamento, tradicionalmente, se constitui em um dos importantes momentos de homenagem aos *vignerons-tâcherons*, parte indissociável, performance central, razão de ser da festa, surgiu quando a confraria considerou importante evidenciar essa prática, idealizando uma celebração que pudesse agregar valor e prestígio a essa performance. A coroa em ouro decorada com folhas que reproduzem o *chasselás*, símbolo da consagração do trabalho de um homem alcunhado rei da festa e sua distinção perante os outros, não premia o viticultor que mais produz ou que tem a maior ou a mais bonita vinha, mas aquele que melhor cuidou do seu domínio, que primou pela excelência. Esse rei, permeado de conotação simbólica, permanecerá na memória da região e será lembrado por uma geração, através da imagem do vinho e da vinha, enquanto representação da identidade desse local. Embora a festa procure nutrir um discurso pautado na valorização do trabalho desses profissionais, muita das vezes invisível, percebe-se uma estreita associação de objetivos orientados, sobretudo, ao viés comercial, ainda que de maneira recôndita, pois o discurso mediado pelas falas dos médias e dos atores sociais confere, acima de tudo, destaque à dimensão social, negligenciando os profusos jogos de interesses por vezes associados.

3.3.2 O espetáculo da *Fête des Vignerons*

Com o fim da cerimônia de coroamento, o espetáculo entra em cena com a apresentação das tropas, que se desenvolvem há dois séculos através da alternância das quatro estações do ano, componente essencial em todo processo da vinha e simbolismo representativo do ciclo da natureza, do homem e do tempo. Tradicionalmente, em todas as *Fête des Vignerons*, mesmo que se altere a sucessão, cada celebração tem a atribuição de narrar a história do vinheteiro que labora a terra, a simbiose entre o homem e o meio ambiente, as mudanças, os problemas, as tensões, o otimismo, os mistérios da vinha e suas interrelações com as estações do ano. Essa dinâmica foi conservada nas festas de 1819, 1833, 1851, 1865, 1889, 1977 e 1999, onde a performance se inicia pela primavera, seguida pelo verão, outono e inverno. A exceção foram as festas de 1905, onde a abertura se deu pelo inverno e o encerramento pelo outono, e a de 2019 que se principiou e findou pelo inverno, tendo como ponto de partida as vindimas, sendo constituída por dezenove tropas conforme o quadro abaixo:

Quadro 11 – Sequência festiva do espetáculo da *Fête des Vignerons* 2019

TROPAS	REPRESENTAÇÃO DAS TROPAS
VENDANGES I E II	Representação da colheita.
CARTES	Simboliza sorte e o azar, dois extremos que o *vignerons-tâcherons* se confronta cotidianamente no seu labor.
CENT POUR CENT	Espelhados na tropa dos "*Cent-Suisses*", representa os jovens, homens, mulheres, o espírito de união e solidariedade, a esperança e os anseios do país.
LA TAILLE	Momento onde a vinha repousa após a poda feito pelo viticultor na intenção que ela possa seguir uma direção precisa.
LARMES	Simboliza a chegada da primavera, os mistérios da natureza, momento onde a vinha acorda de um longo sono.
BOURGEONS	Traduz um novo ciclo onde a natureza ainda que frágil ganha nova vida através da eclosão dos botões.
FEUILLES	Evidencia a primavera, a força da vinha deixando para trás o temor pela fragilidade da existência.
ON A LE DROIT DE PÊCHER	Reproduz o tempo de lazer dos viticultores com o distanciamento da vinha.
NOCES	Caracterizam as relações familiares imbricadas na vinha, as alianças, as novas gerações que se produzem, mas também as relações comunitárias, simbolizando sobretudo o casamento muita das vezes em forma de cooptação entre o *vignerons-tâcherons* e a terra.
POÉSIE DE L'EAU	Evidencia as relações entre o céu a água, o presente o futuro, a natureza e o seu movimento. "movimento de construção e de profunda regeneração. [...] após longos anos de companhia com o seu viticultor, os velhos tocos que tanto já deram, são arrancados, para que uma nova videira possa sucedê-los".
J'ARRACHE	Reproduz o momento de regeneração onde se arranca a vinha num movimento de construção e regeneração.
LA SAINT-MARTIN	Analogia à celebração simbólica e tradicional "*Foire de la Saint-Martin"* que há 550 anos ocorre na região de Vevey. Ela põe em evidência os momentos de encontros e partilhas.
LONGUE NUIT	Apresentada somente no espetáculo noturno, trouxe consigo o solstício do inverno onde o trabalho exige persistência, repetição e vigília.
TRACASSETS	Representam os pequenos carros outrora utilizados na vinha.
LES TROIS SOLEILS	Símbolo da essência dos moradores e o pertencimento à terra, os três sóis como elemento responsável pelo amadurecimento das uvas – o primeiro é o astro do dia com seus raios diretos, o segundo com seus reflexos direcionados ao lago como um espelho e o terceiro aquece os diversos muros de vinha dissipando seu calor até o cair da noite.
LES ARMAILLIS	Caracterizam as tropas com seus animais que descem as montanhas com suas vacas

	adornadas – transumância, exprimem o amor à terra, a ruralidade, o nacionalismo imbricado no ritual do canto do "*ranz de vaches"*, juntamente com o desfile das vacas selecionadas.
PROTECTION DE LA VIGNE	Revela as ameaças às quais a vinha está vulnerável, a preservação do equilíbrio, mas também a harmonia entre o homem e a natureza, a vinha de hoje e de amanhã.
HYMNE à LA TERRE	Expressa que é tempo de cantar a terra e seu amor por ela, é o momento do grande cortejo final.
ÉPILOGUE	Representada por várias crianças, momento das vindimas com a conclusão de um período e o recomeço de um novo ciclo.

Fonte: Carruzzo-Frey *et al*, (2019: 74-120).

Segundo Debluë (1999), em 1999, última festa do milênio, houve um retorno ao elementar, aos símbolos, aos mitos, com abertura ao mundo e aos novos contextos, agregando características teatrais, visuais, de estilo barroco, tendo como personagem principal *Arlevin*, representação de um *vignerons-tâcherons,* visto metaforicamente como egoísta por desfrutar da sua glória pessoal, não dividindo sua coroa. Do ponto de vista da *Fête des Vignerons* de 2019, apesar da manutenção de determinados elementos da trama festiva como a dimensão espetacular, teatral, comunitária, rural, a edificação de uma cidade cenográfica, tendo o *vignerons-tâcherons* no centro da celebração, percebe-se certo distanciamento em relação ao evento passado, num processo constante de recriação, na busca pela suplantação e a idiossincrasia onde a cada geração a festa entra num processo de metamorfose.

No verão de 2019, com uma estrutura temporal de vinte e quatro dias, indo de 18 de julho a 11 de agosto, Vevey foi palco novamente da *Fête des Vignerons*. Esse espetáculo de temporalidade atípica apresentou um ciclo festivo dividido em três momentos distintos: o coroamento, o espetáculo e a vila em festa. O espetáculo de 2019 associou tecnologia e ruralidade, num ritual que há mais de dois séculos tenta manter viva a história da tradição da festa, ao mesmo tempo em que revisita continuamente seu modo de produção festiva, visto que toda *Fête des Vignerons* é uma criação do seu tempo, na qual em cada edição tudo é feito de forma diferente, narrativa descrita por Lowenthal ([1985], 1998) quando aponta o passado como um país estrangeiro. Porém, certos elementos, em sua origem simples ornamentos dramatúrgicos, acabaram tornando-se incontornáveis, sendo obrigatoriamente mantidos em todas as celebrações como o coroamento, o *"Cent Suisses"* (alegoria de tradição militar), *armaillis* (alegoria de tradição agrícola), o "*ranz de vaches*" ou "*Lyoba*", a canção do "*petit chevrier"*[110] e o *"messager boiteux"*[111] (alegoria de tradição folclórica). Apesar de algumas

[110] O *petit chevrier* foi entoado pela primeira vez na festa de 1927. Canção de estilo híbrido, bastante popular na festa e nas montanhas do país (CARRUZZO-FREY e DUPONT, 1998: 252).

[111] *Messager Boiteux* é personagem mítico com uma grande barba branca, perna de pau, cajado e um chapéu, interpretado por Samuel Burnand. Faz alusão ao almanaque que foi editado em 1920 pelas empresas de impressão Klausfelder S.A à Vevey que tinha como sócio o conselheiro da *Confrérie des Vignerons* Émile Gétaz

semelhanças, o evento de 2019 se orientou no sentido de fazer diferente do que foi colocado em prática em 1999, a começar pelo personagem principal, que narra a história do ano na vinha através da imaginação de uma criança, chamada Julie, e seu avô. Estes dialogam entre si, acompanhados em certos momentos da presença de três personagens, intitulados "doutores", participam da viagem imaginária através da história da vinha e da confraria, enquanto as transições de cenários são exibidas seguidas por um coral. Numa simbiose entre realidade e fantasia, a sequência do espetáculo percorre as etapas efetivas do desenvolvimento na vinha com início e término pelas vindimas, dando destaque a dois pontos vistos pelos viticultores como essenciais: o período da desfolhagem (*effeuilles*) e a poda (*taille*). Reconta, igualmente, através das tropas, os problemas, sacrifícios, temores e o duro trabalho diário na qual está sujeito o vinheteiro.

Os estorninhos, pássaros que anunciam o tempo das colheitas, foram evidenciados no espetáculo por meio de vários papéis, tanto como figurantes, como na prestação de informações aos visitantes ou ainda na localização dos assentos na arena, onde todos estavam caracterizados como o referido pássaro. Venerados por muitos, tendo em vista seu volume de tarefas e sua maratona de trabalho no evento, bem semelhante ao ocorrido na festa de 1999, com a reverência dada aos figurantes da tropa da limpeza, tanto em função do seu figurino como pela carga de tarefas (CARRUZZO-FREY e ABBOTT, 2019). Os momentos sociais foram evidenciados na alegoria do casamento, intitulada *noces*. Símbolo das alianças e das interrelações entre a comunidade e a cidade, das festas e dos casamentos na vinha. Como por exemplo, o inusitado caso de amor entre dois figurantes da FDV 2019 que se conheceram durante os ensaios e, até então estão juntos (foto 12). Temos ainda, a tropa da feira de *Saint Martin*, representação do fim da estação de crescimento, época em que os animais, difíceis de alimentar no inverno, são sacrificados por famílias camponesas. Algumas das cenas do espetáculo na arena são mostrados nas fotos 13, 14 e 15 abaixo.

(1867-1953). A ideia de introduzir o *Messager Boiteux* na festa em 1954, foi em partes uma estratégia de *marketing* de Émile Gétaz, já que esse almanaque era distribuído em toda a Suíça, sendo bastante conhecido favorecendo uma possível extensão à festa (FAVROD, 2018: 13).

Foto 12 - Figurantes da tropa do casamento

Fonte: Autora (2019).

Foto 13 – Representação do Espetáculo da *Fête des Vignerons*

Fonte: Autora (2019).

Foto 14 - Espetáculo na arena

Fonte: Autora (2019).

Foto 15 - Espetáculo na arena

Fonte: Autora (2019).

A feminização do espetáculo, até então varonil, se expressa na inserção da mulher em vários papéis, a começar pela pequena Julie, um dos personagens principais em substituição a *Arlevin* de 1999; ou a borboleta que sobrevoou o espetáculo durante todo seu desenrolar, encarnação do espírito feminino que se afirmou nesse evento, ou ainda o personagem mítico

folclórico da região, que porta uma perna de pau, conhecido pelo nome de *Messager Boiteux.* Tradicionalmente representado por um homem, em 2019, contrariando todos os eventos passados, foi protagonizado por uma jovem mulher paratleta, que deu vida a esse personagem na tropa de *Saint Martin*, momento em que todos os figurantes, transvestidos de estorninhos, a cobrem, colocam sua perna mecânica, arrancando em seguida a saia longa, e mostrando a perna amputada. A prótese é levantada como troféu, performance análoga ao mundo moderno, aos direitos das mulheres, das pessoas com deficiência, ao mesmo tempo em que sugere uma celebração sem distinção, aberta, agregadora, expressa na participação de dezenove figurantes cadeirantes e nas pessoas que, apesar do sobrepeso, praticavam ginástica rítmica na tropa *"j'arrache*". Nessa perspectiva, a leitura desse contexto nos revela que a festa reconstrói um sentido integrado de comunidade no âmbito da apresentação, através da pluralidade dos membros, das convergências, das divergências e diferenças entre si, pelas ações coletivas, pela solidariedade e pela troca de experiências compartilhadas.

Do ponto de vista mitológico, várias divindades do campo profano integraram a celebração desde os primórdios e durante os séculos XVIII ao XX, como Pales (1797), Ceres (1747), Baco (1730) e Noé (1778). Já entre 1783 e 1999 surgem Vulcano, Sileno, Dionísio, Fauno, Phoebus, Jano, Hades, Orfeu, Hermes e Proserpina (CARRUZZO-FREY e DUPONT, 1998). Essas divindades, embora representem uma função dentro do espetáculo, são por vezes suprimidas, reintegradas ou reinterpretadas, conforme decisão dos diretores do evento em consonância com a confraria, estando em constante harmonia com os problemas sociais, religiosos e políticos de cada época. Em 2019 assiste-se à supressão de todas as divindades, causando grande descontentamento, visto que na invocação mítica parece haver uma ancoragem simbólica e histórica no desenvolvimento da *Fête des Vignerons*. Com vistas a minimizar a insatisfação representada com essa exclusão, foram fabricadas oito máscaras, colocadas à venda ao público em geral, utilizadas pelos figurantes da tropa dos *Tracassets*.

A música, com papel central no desenrolar do espetáculo, se alterna entre conjuntos, orquestras ou pequenos grupos, transmitidos pelo coro da festa. O tradicional "*ranz des vaches"* ou "*lyob*a" do dialeto local *"patois"*[112], quase um hino nacional, outrora cantado pelas tropas de pastores alpinos que seguiam com as vacas no período da transumância, símbolo da região, da cultura do vinho, do leite, das montanhas, das pastagens. Apresenta a

[112] "*Patois*" é a língua indígena do cantão de vaud, outrora reconhecida como língua de origem Vaudois, falada antes do Francês (Franco-Provençal). Fonte: Disponivel em: http://www.patoisvaudois.ch/introduction.html. Acesso em: janeiro de 2020.

particularidade, refletida na letra e entonação do "*lyoba"* percebido na pujança da voz daquele que o canta. Indo da euforia à emoção entre os partícipes, em especial a partir do momento em que as vacas entram na arena, performance que desde os primórdios se revelou como ponto alto da festividade, aludida no documentário da RTS[113] de julho de 2019 "*Je suis la Fête des Vignerons*": "havia um artista da ópera de Paris que dançava e, quando as vacas entraram todo mundo aplaudia e batia com os pés nos tabuados e ele disse que país engraçado onde as vacas fazem mais sucesso que um artista". Fato remarcado igualmente na festa da descida do gado no outono, conhecida na língua local como *désalpes*, período em que as vacas, após meses pastando nas montanhas alpinas, seguem pelas ruas em cortejo, adornadas com coroa de flores e sinos, sendo recebidas por onde passam, com brados e brio. Esse cenário serve para mostrar que isso ocorre, pois, essas pessoas mantêm identidades com esse lugar, onde o pertencimento faz parte de uma construção social, que pressupõe o estabelecimento de relações e a manutenção desses vínculos, fortalecendo, dessa forma, a ufania, os laços e a exaltação da ruralidade.

Semelhante ao que ocorria no século XIX, onde ele era cantado em grupo, em 2019 onze homens, trajados com os típicos figurinos dos pastores[114] de rebanho, interpretaram no tempo/espaço festivo o "*ranz des vaches"* que traz na sua letra forte conotação rural de apego à terra com traços bairrista, como mostra o trecho da música a seguir (CARRUZZO-FREY e DUPONT, 1998: 179):

Les armaillis des Colombettes,
De bon matin se sont levés....
Venez, venez, que je vous traie... (bis)
Venez toutes, blanches, noires, rouges étoilées
Jeunes et autres,
Sous ce chêne où je vous trais,
Sous ce tremble
Où je tranche (fais le fromage)
Venez, venez que je vous traie (bis)
Les porteuses de sonnailles vont les premières.

[113] RTS RÁDIO TÉLÉVISION SUISSE (2019). Je suis la *Fête des Vignerons*. Disponivel em: https://www.rts.ch/play/tv/histoire-vivante/video/je-suis-la-fete-des-vignerons?id=10455719. Data publicação: 21 de julho de 2019. Acesso em: novembro de 2019. 49min.

[114] Calça e blazer preto e vermelho, bordados com flores da montanha, chapéu, cajado e um saco com a bandeira do cantão.

Le toutes noires vont dernières.
Venez, venez que je vous traie (bis)
Lyôba, lyôba, por aryâ (bis).

O repertório musical da *Fête des Vignerons* sempre ocupou lugar de destaque e importância na trama festiva, adquirindo, com o passar do tempo, qualidade artística, manifesta, sobretudo, segundo Carruzzo-Frey e Dupont (1998) a partir do século XIX, onde se distinguem duas tendências complementares, abrangendo "uma sequência de caráter alegórico, solene, lírico e outra de caráter popular e leve" (CARRUZZO-FREY e DUPONT, 1998: 242). Faz uso da poesia, mas ainda é imbricado de conceitos de caráter patriótico e histórico, com apologia à vida no campo, orientada a um estilo que conserva, sobretudo, a natureza popular, com interpretação e um repertório musical onde algumas canções ditas tradicionais são mantidas até os dias de hoje.

3.3.3 A Vila em Festa - *Ville en Fête*

Desde 1865, as jornadas cantonais (foto 16) conservam a mesma performance, com a representação de cada cantão do país em datas previamente estabelecidas, condicionadas à aceitação de cada região em participar, com seu grupamento, no espaço da Vila em Festa. Esse momento representa uma oportunidade de mostrar a diversidade cultural, artística, artesanal e vitícola de cada região, contribuindo igualmente com a visibilidade de cada uma dessas cidades, momento propício à promoção da imagem e difusão da história, dos costumes e do *savoir-faire* vitícola, bem como a ocasião para a manutenção de relações sociais, comerciais e políticas. Com isso, cada cantão porta a responsabilidade de propor, no dia que lhe é reservado, uma atividade cultural, tais como exposições dos produtos do *terroir,* incluíndo a apresentação dos vinhos, degustação e venda de artigos, demonstração de técnicas artesanais, artefatos, utensílios locais e atividades recreativas. Por esse ângulo, podemos dizer que a "Vila em Festa" é, de fato, o espaço responsável pela mercantilização do evento, ainda que se promova um discurso de lugar de gratuidade, por meio de uma programação não pagante. Em sinal de honra, a bandeira do cantão convidado é hasteada e, um desfile com as autoridades cantonais e os figurantes de cada uma dessas cidades, parte da estação de trem rumo ao circuito programado pelas ruas de Vevey. Ainda que os cantões participassem das festas precedentes, em 2019, pela primeira vez, todos os vinte e seis aceitaram a proposta de colaborar com a *Fête des Vignerons,* comprovando a forte coesão social, acompanhada de interesses difusos.

Foto 16 - Cortejo dos Cantões

Fonte: Autora (2019).

A Vila em Festa é, desse modo, um espaço de alternância festiva, recreativa e lúdica de atividades gratuitas divididas em vários cenários da cidade. Principal ponto de encontro entre os jovens, em especial durantes as festas noturnas, como nas *caves* temáticas, mas igualmente protagonizadora da trama festiva das diferentes faixas etárias, uma vez que se segmentou cada atividade em função do seu público-alvo. Foi nesse setor que se instalaram os médias, os programas de tv *in loco* com apresentações ao vivo, peças teatrais para crianças, shows, contação de histórias, coral, os meios de restauração que dividiram espaço com os estabelecimentos já existentes. Em 2019 foi criado o espetáculo ambulante "*Parade de Nuit*" (foto 17), metáfora da vida na vinha com o cortejo de bonecos gigantes iluminados, que evocavam os elementos intrínsecos dessa cultura: insetos, estorninhos, uva, o sol. Do mesmo modo, tendo em vista a sua dimensão, traduzida na monumentalidade do espetáculo em si, foi elaborado um mapa da Vila em Festa (Anexo C), com o intuito de situar os visitantes, indicando os diversos pontos e serviços existentes: segurança pública, restauração, espaços lúdicos, *caves* oficiais, transportes, arena, serviços de urgência e as instalações sanitárias, demonstrando não somente a grandeza desse evento, como, ainda, a organização dispensada em torno dessa celebração.

Foto 17 - *Parade de Nuit de la Fête des Vignerons de 2019*

Fonte: Site oficial da *Fête des Vignerons* (2019).

A Vila em Festa se divide, também, em vários espaços cênicos com atividades e performances distintas; uma parte, que vai do Jardin Doret a Entre-Deux-Villes, foi transformada em zona de pedestre, com a inserção de atividades festivas conviviais e culturais; outra área foi palco dos grupos musicais - Scène du Rivage, Jardin du Rivage e Scène du Monde, ou ainda dos artistas de rua, das performances teatrais e musicais – no Quai Perdonnet, além de um espaço destinado ao público jovem e às famílias – no Jardin Doret, compreendendo uma média de mais de mil apresentações. O quadro abaixo classifica essas atrações:

Quadro 12 – Atrações da Vila em Festa 2019

LOCAL	PERFORMANCE	PÚBLICO-ALVO	ATIVIDADES
Jardin Doret	Espaço público jovem	Famílias: crianças e jovens	Contos, literatura helvética, artesanato, mini circo, teatro.
Grand Roue	O Passaporte de Julie	Famílias	Visitas aos museus, ao pavilhão da Tv da RTS, à fazenda dos animais da festa, ao Museu da *Confrérie des Vignerons.*
Ruas de Vevey	Cortejo	Público em geral	Desfile com o Conselho da Confraria, representantes da municipalidade e figurantes.
Jardin Doret	A fazenda	Público em geral	Abrigou os animais do espetáculo com toda infraestrutura montada. Visitas para ver a ordenha das vacas e a produção de queijos.

Jardin Doret	O espaço Fribourgeois: Méjon Friboua	Público em geral	Serviços de restauração e fabricação dos produtos do *terroir* de Fribourg (queijo Gruyère, etc.), espaço de exposições, entretenimento, Coros, músicas, encenações, dando destaque aos aspectos culturais do cantão, além da fazenda efêmera criada para a exposição e experiências rurais com os animais.
Vários pontos do circuito festivo	As estatuetas: *Marmousets*	Público em geral	Recepção e acolhimento dos visitantes em vários pontos do lugar festivo.
Jardin Doret a Entre-Deux-Villes	Parada da Noite: *La parade de Nuit.*	Público em geral	Cortejo realizado em torno da meia noite, partindo do Jardin Doret e da arena (Entre-deux-Villes).

Fonte: Site oficial da *Fête des Vignerons* (2019).

Além das questões comerciais, esse espaço secundário, criado para atuar em consonância com o espetáculo principal produzido na arena, serviu como local de diversão e ampliação dos laços sociais, mas também para que se formassem pequenos eventos em torno dos diversos pontos do lugar festivo que, por meio de uma programação variada atuava na manutenção, no aquecimento e na rotatividade dessas áreas, preenchendo os intervalos e as lacunas na ausência das apresentações na arena.

3.4 Voluntariado, Atores e a Confraria: A definição dos papéis

"Você deseja conhecer a *Fête des Vignerons* 2019 por dentro, e participar deste evento único? você está disponível de 18 de julho a 11 de agosto de 2019? não espere mais e registre-se em nosso site" ou ainda "em jogo, muitas vantagens e a chance de viver uma experiência única no coração de um evento extraordinário que ocorre a cada 25 anos", bem como "estamos ansiosos para preparar a festa com você" (SITE OFICIAL DA *FÊTE DES VIGNERONS,* 2019). Essas, entre tantas outras, foram algumas das comunicações utilizadas pelo evento de 2019 para invocar o engajamento voluntário nos diversos segmentos existentes antes, durante e após a produção da *Fête des Vignerons*. Fez uso de um discurso que evidenciou a singularidade do evento representado na sua temporalidade. Mas antes de analisar o papel desses agentes, é importante levar em consideração o processo histórico do voluntariado na região e os discursos em torno dessa matéria.

Assim, de acordo com o Relatório do Voluntariado no mundo da ONU[115], pode-se definir o trabalho não-remunerado como sendo a expressão modernizada e neoliberal do envolvimento do

[115] Extraídos do documento Voluntariado das Nações Unidas VNU, novembro, 2000. Disponivel em: http://voluntariado.org.br/sms/files/Relatorio%20O%20Estado%20do%20Voluntariado%20no%20Mundo.pdf. Acesso em: 23 de janeiro de 2017

indivíduo na sua comunidade; requisitos como participação, confiança, solidariedade e reciprocidade são baseados em um entendimento compartilhado e no senso das obrigações em comum, representando os principais caminhos pelos quais as pessoas coletivamente aplicam suas energias, conhecimentos, talentos e outros recursos em prol do benefício mútuo (VOLUNTARIADO DAS NAÇÕES UNIDA, 2000). Mauss ([1925], 2007: 180) no *"Essai sur le don"* considerava que na vida social e nas relações estabelecidas há um constante dar, receber e retribuir.

Historicamente, a filantropia em Vevey foi fruto de diversas contribuições de grupos sociais e instituições, servindo como modelo para o cantão de Vaud, conforme corrobora Marc Kiener (2008), em um artigo publicado no *"Les annales Veveysannes"* indicando que seu auge se deu no século XIX, com o florescimento do trabalho voluntário em diversas regiões do país, tendo sua culminância em 1884, por meio da instauração de pelo menos 497 instituições de caridade privadas no cantão de Vaud, abrangendo Vevey. Por outro lado, o número de cidadãos vaudoises assistidos também aumentou em pelo menos um décimo da população beneficiada, provocando certa inquietação, pois os recursos originários das missões religiosas não eram suficientes para suprir a demanda de indigentes, o que acabou por afligir a burguesia liberal que despertou para os problemas que poderiam surgir diante desse cenário, como entrave econômico, ameaças à segurança pública nas ruas e a degeneração à ordem moral; mais ainda, as famílias evangelistas (igreja "*du Reveil*") temerosas com o aumento dos problemas sociais, inerentes aos vícios e a supressão dos princípios morais, em especial entre as classes populares - consideradas contrárias às leis religiosas e à moralidade, onde as políticas de patrocínio à educação e regeneração se faziam urgentes. Diante desses problemas e na relutância do estado em atuar na causa, a própria população decidiu investir em instituições filantrópicas de assistência pessoal, material e educacional, atreladas aos princípios evangélicos.

Assim, no século XIX, com uma população que não excedia 4.000 habitantes na época, pelo menos 7% da população de Vevey recebia auxílio caritativo, situação que colaborou na criação de um número significativo de entidades filantrópicas[116] na cidade. Em

[116] Entre elas o Hospital de Vevey, uma das mais antigas instituições, criada em 1763, na época administrada pelo município. Cabe destacar que a maior parte das comunas da Suíça detinham seu próprio Hospital, que em teoria, se caracterizavam como entidades oficiais de ajuda aos indigentes, mas na prática eram bem diferentes, pois elas se direcionavam aos habitantes da cidade, negligenciando os desfavorecidos. Assim, com o propósito de evitar tal conduta diversas medidas foram adotadas, sendo monitoradas periodicamente, através da visita de um comitê de inspeção. Embora a iniciativa e os esforços empregados na causa, as dificuldades encontradas ao longo do percurso obrigaram o fechamento das portas. O atelier é abandonado em 1816, permanecendo somente a escola de instrução que sobreviveu até o ano de 1851. Após todo esse fracasso, as organizações de apoio adotam uma nova sistemática de beneficência

1805, com o quantitativo de pessoas carentes ainda elevado, foi necessária a intervenção do município através da criação da "Administração de Ajuda Pública"[117]. Todas as ações de caridade, implementadas em Vevey, servem para mostrar como a organização assistencial se produziu no interior da comuna. O fato de o quadro ser relativamente pequeno no contexto municipal permitiu o estabelecimento de relações estreitas e diretas entre benfeitores e desfavorecidos, contribuindo com a aplicação imediata dos investimentos e do rígido monitoramento daqueles que eram beneficiados (LES ANNALES VEVEYSANNES, 2008). Algumas dessas ações estão descritas no quadro abaixo:

Quadro 13 – Medidas caritativas de Vevey

ANO	MEDIDAS	OBJETIVO
1763	Criação do "Hospital".	Entidade de ajuda aos desfavorecidos.
1763	Organização de um "Collecte".	Angariação de fundos para pagamento de escolas às crianças e o fornecimento de pensões de emergência. Perdurou até 1765.
1763	Criação da oficina de fiação e construção de uma escola.	Base na formação profissional e na adoção de boas maneiras às crianças. Direcionado aos parentes com muitos filhos.
1805	Instituída a "Administração de Ajuda Pública".	Entidade de ajuda aos necessitados.
1874	Estabelecimento de dezenove instituições de caridade.	Entidade de ajuda aos desfavorecidos.
1875	Inauguração de uma creche.	Aos parentes desfavorecidos e com muitos filhos.
1876	Implantação da Associação de patrocínio às mulheres de Vevey e uma escola de domésticas (*La Retraite*).	Profissionalização e instituição de associações de apoio às mulheres.
1877	Criada uma agência do emprego e um Comitê de patrocínio aos detentos libertos.	Políticas de Assistência Social.
1879	Instalação de uma escola de costura.	Profissionalização das mulheres em um trabalho manual.
1882	Criado o Asilo de socorro.	Assistência aos idosos.
1882	Lei de assistência publica: La Societé La Solidarité.	Trabalho de beneficência em favor da infância infeliz.
1884	Petição enviada à Assembleia Constituinte, a fim	Contribuiu para que esses problemas fossem

direcionada aos verdadeiros indigentes dos bairros carentes, através do qual seis zonas foram desenhadas para a administração dos recursos e cada bairro era inspecionado por dois administradores. Esse formato administrativo, dotado de regulamento fez de Vevey um modelo Vaudois no domínio de soluções orientadas aos menos favorecidos, sendo avaliado como uma das melhores formas de lutar contra a pobreza, através da adoção de princípios como o suporte educacional e de instrução às crianças, da fiscalização efetiva das famílias em situação de pobreza e a ideia de reunir em um sistema unificado todos os auxílios dispensados aos mais necessitados da região (LES ANNALES VEVEYSANNES, 2008: 122-123).

[117] "Administração de Ajuda Pública" era composta por dois pastores, dois membros do conselho municipal, doze administradores, dois tesoureiros e duas secretárias. Com os fundos sendo cobertos essencialmente pela caridade privada, os administradores propunham como auxílio aos necessitados, uma ajuda de maneira fixa ou momentânea, dependendo de cada caso específico, além da fundação de uma escola gratuita e um atelier, haja vista que na época as instituições de ensino detinham um caráter nobre e seletivo, sendo por isso, inacessível a certas camadas sociais. Dessa maneira, esse modelo foi exitoso, quer seja pelo reconhecimento das suas intervenções, como pelo acompanhamento da criação de novas organizações filantrópicas na cidade (LES ANNALES VEVEYSANNES, 2008: 122- 124).

	de resguardar o princípio da Assistência de Estado.	vistos como preocupações primordiais por parte do legislativo.
1885	Instituído um lar para os trabalhadores.	Entidade de apoio aos trabalhadores.
1888	Votada lei de Assistência à pobreza e educação das crianças abandonadas, em 24 de agosto.	Incentivo ao engajamento do estado na adoção de novas medidas na gestão da pobreza.

Fonte: Les Annales Veveysannes (2008: 124-125).

O histórico de entidades caritativas que se lançaram em Vevey pode ser justificado a partir de dois aspectos fulcrais. O primeiro se relaciona às condições favoráveis às ações filantrópicas na região que vivia no século XIX um período de intensa expansão populacional, com um salto no número de habitantes (de 3.786 em 1803 para 6.494 em 1860), e, mais ainda, de burgueses afortunados que contribuíram com o desenvolvimento e o fortalecimento industrial local. O segundo se associa à presença da família *"Les Couvreu de Deckersberg",* bastante afamada na região, em especial no contexto político, e sua orientação ao trabalho filantrópico, pois entre as instituições de caridade existentes na cidade, pelo menos quatro delas faziam parte da iniciativa da família *Couvreu*, que apesar dos privilégios sociais, atuavam na adoção de políticas públicas de desenvolvimento social e econômico local (LES ANNALES VEVEYSANNES, 2008). É importante notar que essas ideologias refletiram de maneira positiva nas ações de assistência social e, possivelmente na cultura do voluntariado em Vevey, o que talvez possa clarificar o amplo número de indivíduos implicados nas associações locais e nas várias festas regionais. Nesse contexto, podemos citar o Mercado Folclórico, a Feira de *Saint-Martin*, a Festa da cerveja, a Festa da Música, o Mercado do Natal, a Festa das Vindimas de Lutry, a Festa dos Vizinhos, bem como a *Fête des Vignerons* que, durante toda sua trajetória histórica contou com o apoio de voluntários e, em 2019, recebeu a participação de 5.500 atores-figurantes, onde alguns deles faziam parte do voluntariado (foto 18, 19 e 20), além de uma média de mil voluntários atuando em diversos segmentos do evento (SITE OFICIAL DA *FÊTE DES VIGNERONS*, 2019).

Foto 18 - Voluntário no setor de controle de acesso

Fonte: Autora (2019).

Foto 19 - Voluntária no controle das ruas

Fonte: Autora (2019).

Foto 20 - Voluntários secando os assentos na arena

Fonte: Autora (2019).

Dessa forma, compreender o que favorece essas pessoas a realizar o trabalho não-remunerado, é, acima de tudo, levar em consideração a natureza cultural local e as tradições sociais e políticas peculiares de cada região da Suíça, provavelmente uma das razões que coadjuvam com o elevado nível de engajamento cívico no país. Em contrapartida, em função da grande diversidade evidenciada em cada cantão existem, no entanto, certas disparidades, onde o nível de engajamento pode variar bastante, como no caso da Suíça de língua francesa e italiana que possuem taxas de voluntariado menores, se comparadas à Suíça de língua alemã. Essa circunstância depende, sobretudo, da percepção do papel do Estado na vida dos cidadãos. Isso porque, o princípio da subsidiariedade é bastante enraizado na Suíça Alemã, onde a ideia se pauta principalmente na perspectiva de que os problemas da comunidade, se possível, devem ser resolvidos no âmbito social, onde se manifestam; cabe ao Estado intervir, somente quando os esforços da sociedade falham ou cessam (FENAZZI, 2019).

Esse conceito, então, se caracteriza como um pilar cultural da autonomia dos grupos da sociedade civil e da resolução não-estatal de problemas por meio do trabalho voluntário, princípio expresso a nível político e institucional do federalismo no país que incentiva o desenvolvimento de organizações voluntárias e grupos de defesa em todos os níveis do sistema político nacional, cantonal e local. A especificidade das instituições, como o sistema de milícias[118] ou a democracia

[118] FENAZZI, Sonia (2019). O sistema de milícia suíço, uma tradição ameaçada. Disponivel em: https://www.swissinfo.ch/por/politica/democracia-participativa-_o-sistema-de-mil%C3%Adcia

direta na política Suíça, colocam altas demandas sobre os cidadãos em termos de disposição para participar dos interesses coletivos, razão pela qual a população está quase naturalmente acostumada a participar da vida pública ou exercer funções para servir ao bem comum. Ademais, o sistema de milícias, um dos pilares fundamentais da democracia participativa e um dos princípios organizacionais comuns da vida pública no país, através do exercício voluntário e não-remunerado de funções políticas e mandatos, atua como um elemento central da vida pública (OBSERVATÓRIO DO VOLUNTARIADO DA SUÍÇA, 2014). Narrativas dessa dinâmica podem ser desveladas na entrevista realizada em julho de 2020, com um dos voluntários da Associação Caritas (Apêndice C), Gilbert Hämmerli:

> "Da minha parte, o meu primeiro compromisso filantrópico foi como bombeiro voluntário da minha cidade desde 1974. Se houvesse um valor (saldo) pago por cada exercício de treino (4 por ano) e todas as intervenções necessárias em caso de desastres, esse dinheiro era despejado em "uma panela comum" usada para um passeio anual, uma refeição e outras atividades coletivas. Eu parei esta atividade quando o corpo de bombeiros de seis aldeias na região chamada Terra-Santa se fundiu em 2002".

Assim, associações e organizações voluntárias são reconhecidas como lugares onde a democracia pode ser aprendida, isto é, onde virtudes como solidariedade, vontade de compromisso, tolerância, mas também habilidades cidadãs dos membros podem ser encorajadas e exercitadas (OBSERVATÓRIO DO VOLUNTARIADO DA SUÍÇA, 2014), onde o voluntariado e a sociedade civil são considerados fatores complementares. Em um estudo sobre o engajamento dos cidadãos suíços no trabalho voluntário, Bär *et al* (2015: 5), entende que se trata de um compromisso altruísta, visto que:

> "Os cidadãos investem livremente tempo, dinheiro e energia para mudar as coisas, ajudar outras pessoas ou organizações e contribuir para o bem comum. As muitas formas possíveis de atividade voluntária variam, desde o envolvimento em associações esportivas ou recreativas, do trabalho não remunerado nos campos social, da saúde ou cultural, até o exercício do voluntariado em função política no sistema de milícia através da ajuda mútua entre vizinhos. A diversidade dessas atividades revela que o compromisso voluntário é essencial em nossa sociedade e que seu desaparecimento significaria uma dolorosa perda de variedade e, principalmente, um declínio na qualidade de vida da comunidade. Este é certamente um trunfo valioso para a sociedade civil que contribui em grande parte com a vida pública e, em muitos aspectos, lhe dá o seu verdadeiro valor. O engajamento voluntário é frequentemente considerado como um "cimento social".

A *Fête des Vignerons* enquanto tradição, repousa na mobilização dos habitantes da região e do seu entorno, com uma especificidade que chama a atenção se comparado às outras festas no mundo, o grande número de voluntários envolvidos antes, durante e após a

---

su%C3%AD%C3%A7o--uma-tradi%C3%A7%C3%A3o-amea%C3%A7ada/45383374. Acesso em: 22 de novembro de 2019.

celebração, ainda que esse seja um evento cuja iniciativa parte da *Confrérie des Vignerons*, constituída por uma elite de notáveis (empresários, médicos, advogados, proprietários vitícolas, etc.) afamada como sociedade abastada na região. Para alguns, gera certo desconforto a dinâmica do altruísmo direcionado ao evento, pois acreditam que com o passar dos anos a celebração tem adquirido uma conotação sobretudo mercantil:

> "[...] Você participa, é claro que há voluntários, pessoas que fazem isso com todo o coração, todo o amor, toda a escolha, toda a espontaneidade. Eles participam, você participa, eu não participo [...]. Tem gente que lucra. Então, há pessoas que constroem pontes também. E a irmandade dos produtores de vinho obtém grandes, grandes lucros. [...]. É nesse tipo de festa e reunião que muitas coisas são feitas"[119].

Ocorre o contrário com as "Festas do Povo", estudada por Cunha (2006), posto que não apresenta nenhuma estrutura ou processo formal na sua organização festiva. A princípio, conta:

> "[...] Com a iniciativa individual, resultante de uma promessa, de um contrato com um santo, depois o sector profissional dispensado do trabalho rural e por isso mais disponível assume a organização, para finalmente o "povo" se apropriar da festa" (CUNHA, 2006: 174).

A *Fête des Vignerons* abriga uma estrutura organizacional bem alicerçada, com um planejamento prévio: inscrições, seleções, entrevistas, ensaios, onde para alguns "[...] *a preparação é mais importante do que a própria festa*"[120]. Pautada num capital humano fiel, tendo em vista o apoio do voluntariado (Foto 21) há gerações que, segundo Carruzzo-Frey, mantém um contrato moral com a festa:

> "Eles também têm um contrato, existe um contrato moral. Aquele que se engaja como voluntário, assina uma carta declarando que concorda em fazer o trabalho que lhe é pedido, que fará diligentemente, de ser pontual e tudo mais. Então depois disso, é a equipe, o espírito de corpo, onde estamos todos juntos, somos solidários, nos divertimos fazendo isso. De fato, para nós, o que é muito importante é oferecer prazer às pessoas que vêm trabalhar"[121].

[119] Entrevista concedida por ONIX, [08.05.2018]. Empresário. Entrevistador: Giselle Schmid, 2018. Arquivo mp^3 (45min).

[120] Entrevista concedida por BADOUX, Josette. [25.11.2018]. Empresária, *Vignerons-Encaveur*. Entrevistador: Giselle Schmid, 2018. Arquivo impresso.

[121] Entrevista concedida por CARRUZZO-FREY, Sabine. [15.07.2017]. Secretária Geral da *Confrérie des Vignerons*. Entrevistador: Giselle Schmid, 2017. Arquivo mp3 (44min).

Foto 21 – Voluntários aguardando acesso à pré-arena

Fonte: Autora (2019).

As várias etapas com o intuito de alcançar o público atuante no evento, quer seja como voluntários ou atores-figurantes, fizeram parte de um longo e seletivo processo que se encetou através das inscrições no site oficial da festa no dia 14 de março de 2017, por meio de um extenso cadastro que, entre outras informações, se interessava em conhecer as habilidades pessoais de cada inscrito. Ora, essa curiosidade pelas aptidões tinha bem seu motivo, adequear cada agente ao seu papel principal, aproveitando as diversas competências, além de otimizar cada departamento festivo. Segundo Vinck (2019), os formulários enviados aos atores-figurantes direcionavam-se, sobretudo, às pesquisas das habilidades de cada um e às experiências adquiridas nas festas antecedentes: participação nas festas passadas, função, membro ou não da confraria, competências nos domínios artísticos, musicais ou da dança, teatro, acrobacia, ginástica, participação em grupos ou sociedades diversas, dentre outros. Cinco meses após esse primeiro contato, em agosto de 2017, uma carta (Anexo E) de agradecimento da *Confrérie des Vignerons* pelas pré-inscrições foi endereçado ao público, conforme trecho do documento:

> "Unindo a vossa paixão ao entusiasmo que porta a preparação da *Fête des Vignerons* 2019, você, em meio a milhares de candidatos manifestou vossa intenção em assumir a função de figurante na grande celebração que animará Vevey de 18 de julho a 11 de agosto de 2019".

Por outro lado, ainda que essa celebração demandasse um grande volume de mão de obra de natureza não remunerada, a festa transmitia a ideia de uma criteriosa seleção na escolha dos voluntários e figurantes, embora na prática fosse bastante diferente, uma vez que o evento estava a todo momento em busca de pessoas dispostas a ajudar, aceitando sem

distinção todos os interessados, em especial à medida em que se aproximava a data de abertura da celebração. Entre os figurantes, a dinâmica também foi bastante similar, descrita no excerto retirado da carta da confraria que reitera:

> "Vossa inscrição foi bem registrada. Se ela responder aos critérios de seleção de base - pertencer à zona de atividades da *Confrérie des Vignerons,* e satisfazer as necessidades de composição de diferentes tropas, você poderá estar entre os atores da festa que animarão, com dinamismo e fluidez, as diferentes cenas imaginadas pela direção artística" (CARTA DA *CONFRÉRIE DES VIGNERONS*, 2017).

Cabe destacar que um dos critérios de escolha priorizava, sobretudo, (como nas festas antecedentes) os habitantes da região ou do entorno entre Lausanne e Lavey, tendo em vista o intenso processo de ensaios aos quais seriam submetidos os figurantes, além das exigências no campo do teatro, da dança e música, do canto e da ginástica. Assim, os atores-figurantes vivenciaram um período de maratona entre as longas repetições que geralmente findavam às 22 horas, as dificuldades nas coreografias e as obrigações familiares, escolares, profissionais, em meio ao desafio de consagrar suas férias anuais ao período da festa ou ainda recorrer a extensas horas-extras de trabalho para poder estar disponível nas datas do evento, um verdadeiro "jogo-de-cintura", como me explicou a enfermeira Veronique Garin Shirima, figurante na tropa dos brotos (*bourgeons*) que precisou fazer intensos plantões na maternidade a Nyon para se dedicar totalmente ao evento (Apêndice C). Por outro lado, no caso do voluntariado havia uma maior flexibilidade, pois como as informações eram relativamente simples e técnicas podiam ser repassadas por meio de breves encontros e as instruções específicas dadas no dia do evento, favorecendo a atuação de pessoas de todo o país, como foi testemunhado no terreno, por exemplo, o casal Paul e Jade Kuppfel, advindos do cantão de Berna, distante a 85 quilômetros de Vevey (Apêndice C). Esses voluntários, engajados em diversas áreas do evento, muitas das vezes era possível encontrá-los todos os dias em atividade, ainda que de maneira mais acentuada entre os membros da confraria e pessoas aposentadas, como no caso da proprietária do domínio vitícola Badoux Vins, Josette Badoux de 74 anos, que cumpria uma escala de trabalho voluntário diário no atelier de costura, em grande parte impulsionada "por seu interesse e espírito de pertença à vinha e pelo trabalho vitícola desde seu nascimento"[122], atuando igualmente como figurante na tropa de honra ao lado do seu esposo e conselheiro membro da *Confrérie des Vignerons*.

Lamprecht *et al* (2020), indicam que uma média de 35% da população Suíça com 15 anos ou mais, já atuaram como voluntários informais - iniciativa individual sem fins

[122] Entrevista concedida por BADOUX, Josette. [25.11.2018]. Empresária, *Vignerons-Encaveur*. Entrevistador: Giselle Schmid, 2018. Arquivo impresso.

lucrativos que ocorre fora das associações. Observa-se, ainda, que entre as pessoas ativas a procura de emprego ou estrangeiros há certa tendência a uma menor dedicação nas atividades do voluntariado informal. Já o voluntariado formal, realizado por meio de associações e organização, sem fins lucrativos, representa um engajamento de 39% da população do país que, segundo a OFS (2011) apresentam como características sociodemográficas indivíduos com idade que variam entre 40 e 54 anos, grande parte portadora de diploma superior, casais com filhos ou donas de casa. Um ponto importante evidenciado neste estudo é que:

> "As pessoas engajadas no trabalho voluntário não necessariamente são aquelas que têm mais tempo livre, mas acima de tudo aquelas que em razão da idade, formação, situação profissional ou familiar possuem as habilidades desejadas e são bem integrados socialmente" (OFS, 2011: 6).

No caso específico da *Fête des Vignerons*, durante a função de voluntária no terreno, em especial no atelier de costura, nos setores pequenas mãos ou "*petits mains"* e o de provas ou "*essayages*", foi possível perceber o perfil do universo de pessoas envolvidas, desde jovens universitários, estudantes de moda, expressivo número de aposentados e viticultores. Do mesmo modo, uma significativa observação feita por Vinck (2019), durante a captação do voluntariado da festa em 2017, colabora para descortinar que essa celebração contou com uma acentuada participação de pessoas idosas, constatado através da observação no terreno de uma aposentada do teatro que ofereceu seu apoio à organização do evento, sendo recebida pela atendente "[...] que lhe fala sobre as pequenas tarefas, de trabalhar na recepção ou ser extra. A senhora responde que não pode andar ou ficar em pé por muito tempo pois em dois anos ela completaria 80 anos" (VINCK, 2019: 300). A foto 22 legitima tais narrativas.

Foto 22 – Figurante da FDV

Fonte: Autora (2019).

Do ponto de vista do voluntariado da festa, é importante distinguir dois grupos distintos. Temos aqueles engajados, de fato, no trabalho voluntário, em diversos segmentos e os atores-figurantes que em alguns casos também exerceram tal papel. O engajamento na celebração de 2019 representa o espírito festivo, considerado como um dos componentes basilares, segundo o Conselheiro Honorário da *Confrérie des Vignerons* e viticultor Jean-Pierre Chollet, em entrevista realizada em fevereiro de 2020:

> "Primeiro por conta do voluntariado. O voluntariado é aquele que solicitou, ou aceitou, ou quis fazer alguma coisa pela festa. O voluntariado (2019) talvez tivemos entre 700 ou 800 pessoas e os outros foram figurantes. Precisamos realmente fazer essa distinção, não que eles não sejam tão importantes, ao contrário eu tenho muita admiração pelos voluntários porque eles fizeram por vontade própria, por prazer, por interesse e aqueles que estavam com seus figurinos, eles encenaram, eles eram atores, então, isso não é a mesma coisa [...]. Eu tenho uma admiração pelos voluntários porque eles fizeram, e eles poderiam não fazer nada, porque nem foram eles que nós colocamos em evidência [...]. Fora as pessoas que nós pagamos e foram muito poucas, todas as outras vieram gratuitamente, nós não pagamos em dinheiro e, nós jamais vamos dar dinheiro. No dia que nós pagarmos a festa acaba"[123].

Ainda em relação ao trabalho voluntário, uma pesquisa mostrou que países como a Áustria (43%), a Alemanha (36%), a França (26%) e a Suíça (24%) são fortes nesse tipo de mão de obra (OFS, 2011: 8). Mas é preciso levar em consideração três critérios: livre arbítrio, motivação sem fins lucrativos e benefício a terceiros, adotados pelo Relatório sobre o estado do Voluntariado Mundial (2011), na Assembleia Geral das Nações Unidas, essenciais na compreensão desse tipo de atividade e na avaliação se uma ação é voluntária, que deve primeiramente pautar-se na vontade específica do indivíduo, e não em obrigações previstas em lei como contrato ou exigência acadêmica, sendo influenciada por diversos fatores: prestatividade, pressão social, valores pessoais, obrigações culturais ou sociais, onde o indivíduo deve ser capaz de decidir sobre seu envolvimento (ou não) na empreitada. Em segundo lugar, a ação não deve ter como propósito recompensa financeira, porém, retribuições podem ser disponibilizadas, consideradas boas práticas, já que geram oportunidades para uma ação mais acessível e inclusiva aos voluntários. Em terceiro lugar, a ação deve ter como finalidade o bem comum, beneficiando direta ou indiretamente pessoas fora do convívio familiar, ou causas que envolvam o contexto social.

A *Fête des Vignerons*, por consequência não fugiu a essa regra, naquilo que ela alcunhou de "avantages", ou pequenos benefícios como forma de reconhecimento do trabalho

[123] Entrevista concedida por CHOLLET, Jean-Pierre. [02.2020]. Viticultor e Conselheiro Honorário da *Confrérie des Vignerons*. Entrevistador: Giselle Schmid, 2020. Arquivo mp3 (1h43min).
.

desses agentes, como os bilhetes para a feira do livro em Geneva, camisas com os *slogans* do evento, *kits* com o livro do espetáculo, bilhetes para peças de teatro com o tema da FDV, descontos, dentre outros, ofertando igualmente aos voluntários os materiais necessários à execução das atividades nos locais pré-determinados: camisas, mochilas, crachá, sacola em tecido, conforme foto 23, abaixo, além de dezessete francos diários creditados para alimentação.

Foto 23 – Material de trabalho do voluntariado

Fonte: Autora (2019).

A difusão das informações exerceu papel fundamental, posto que, como num processo de retroalimentação, elas eram propagadas constantemente, com vistas a evitar a dispersão dos participantes haja vista o tempo longo da festividade. Nessa perspectiva, entre as várias mensagens transmitidas, foram divulgados aos figurantes inscritos, os vários papéis disponíveis em julho de 2018, sendo possível conhecer os custos das roupas de cada tropa - entre 250 a 1200 francos, variáveis em função do tipo: crianças, adultos, membros da confraria e do público-alvo: comunidade, membros ou conselheiros, culminando com uma formação geral em julho de 2019, regada a vinho, aperitivos e materiais promocionais do marketing do evento.

Os materiais comunicacionais utilizados como estratégia pelo *marketing* da festa, traziam consigo um discurso que remetia a laços familiares: "você faz parte da grande família que reúne todos os organizadores, atores extras e voluntários da próxima *Fête des Vignerons*. Sendo assim, temos o prazer de anunciar o estabelecimento de um aplicativo móvel da

Família FeVi [...]"[124]. Família Fevi, lançado em maio de 2019, foi idealizado para uso dos figurantes, voluntários e todos os envolvidos diretamente no evento com vistas à facilitação e celeridade na compreensão das questões concernentes à festa, como credencial, meio de descontos na aquisição dos produtos da FDV, dentre outros.

Os setores específicos foram concomitantemente se mobilizando no sentido de conseguir voluntários, mas acima de tudo os membros das comissões responsáveis se engajaram na preparação, segurança, organização, equipagem, alimentação, informações, funcionamento e as atribuições de cada segmento festivo, como a arena (15 de outubro de 2018), os figurinos da festa (27 de novembro de 2018); o setor de etiquetagem (18 de fevereiro de 2019), a assistência técnica (4 de março de 2019), o controle de acesso ao espetáculo (6 de julho de 2019), a desmontagem dos sinais de segurança (12 de agosto de 2019), dentre outros. Toda essa sequência serve para mostrar que esse evento de dimensão dilatada e espetacular contou com um complexo e sistemático processo de organização (Anexo D), atrelado ao amplo universo de mão de obra voluntária, dotada de distintas atribuições, algumas delas descritas no quadro abaixo:

Quadro 14 – Setores e atribuições dos voluntários da *Fête des Vignerons* 2019

SETORES	ATRIBUIÇÃO
Controle de acesso	Gestão da entrada e saída de pessoas na arena, gestão de fluxo dos figurantes e evacuação.
Controle de Figurinos	Logística (recepção e triagem dos trajes), provas de figurinos (medidas e provas) e retoque (pequenas costuras).
Informantes ou Marmousets	Grupos de 7 pessoas que atuavam em vários setores repassando informações e apoio em locais estratégicos.
Assistência Técnica do espetáculo	Som, iluminação, assistência técnica e material.
Parada da noite ou Parade de Nuit	Responsável pela gestão do cortejo.
Enquadramento infantil figurantes	Recepção e acompanhamento das crianças.
Informação e acolhida	Informações diversas aos visitantes em vários setores do evento.
Vendas	Bilheteria, artigos da festa e dos artesãos do evento.

Fonte: Site oficial da *Fête des Vignerons* (2019).

O Capital, de Karl Marx ([1867], 2013), exposição crítica do funcionamento lógico do processo capitalista, que molda as sociedades ocidentais modernas, revela uma divisão acentuada do trabalho, através da segmentação do processo de produção em etapas distintas, cabendo a cada trabalhador a responsabilidade em desempenhar determinada função ou um

[124] Extraído do email enviado pela festa em maio de 2019.

conjunto delas. Além disso, a fim de otimizar o trabalho, criam-se instrumentos e ferramentas, capazes de executar cada missão de maneira célere, eficaz e assertiva. Nessa perspectiva:

> "A divisão do trabalho na sociedade e a correspondente limitação dos indivíduos a esferas profissionais particulares se desenvolve, como a divisão do trabalho na manufatura, a partir de pontos opostos. Numa família ou, com o desenvolvimento ulterior, numa tribo, surge uma divisão natural-espontânea do trabalho fundada nas diferenças de sexo e de idade, portanto, sobre uma base puramente fisiológica, que amplia seu material com a expansão da comunidade, com o aumento da população e, especialmente, com o conflito entre as diversas tribos e a subjugação de uma tribo por outra" (MARX, [1867], 2013: 293).

Essa remarcada divisão do trabalho também pôde ser observada no processo de organização do objeto em estudo, por meio da reprodução de tarefas remuneradas e não-remuneradas, sendo esta última, em prol do bem comum. Abrange um planejamento bem definido, iniciado com bastante antecedência, com a composição dos diversos setores e seus respectivos responsáveis, com a delegação de funções e papéis de cada ator social, de acordo com suas habilidades.

Também ficou bastante evidente a apropriação das atribuições, o espírito de liderança e responsabilidade entre os envolvidos, com um investimento intenso de pessoas que disponibilizaram seu tempo esporadicamente ou de forma integral, em função das atividades relativas ao evento, motivados por fatores distintos, onde os discursos por meio das entrevistas e conversas efetudas no terreno eram quase sempre os mesmos, com um forte apelo ao espírito de cooperação, divergindo daquilo que Bataille (1967) chamou de princípio da perda ou modo de dispêndio que "aparece nas festas, no luxo, nas guerras, nos jogos, nos enterros, nos espetáculos e em várias outras atividades da vida social" (BATAILLE, 1967: 51), parecendo não se assemelhar ao modelo específico da *Fête des Vignerons*, pois como bem destacou um dos voluntários: *"eu tinha tempo disponível e é importante que os voluntários se envolvam. A festa não pode existir sem a presença deles"* (CUÉNOD-COCHARD, 2018, 60 anos aposentado) ou ainda a disponibilidade: *"sou aposentado, então tenho muito tempo para dedicar a isso; e também por estar participando de um evento exclusivo da nossa região"* (GINO CALDANA, 2019, 68 anos aposentado), mas também a possibilidade de convivialidade, pois, *"como voluntário, você recebe o quanto você dá e isso permite conhecer muitas pessoas fora do seu círculo profissional"* (GHIRINGHELLI GIANN, 2018, 66 anos aposentado), endossada no discurso da viticultora e empresária que se engaja *"pela convivialidade entre as pessoas*" (BADOUX, 2019, 74 anos viticultora) pois *"a celebração é um momento único de compartilhar, de celebrar nosso terroir. Também me inscrevi para conhecer novas pessoas, fora do mundo profissional*, mas também pelas "*lembranças da infância passadas a Vevey, o entusiasmo*

- *fogo sagrado"* (PAUL KNÖPFEL, 2019, 70 anos aposentado), onde a festa parece funcionar como um verdadeiro *"lugar de encontros"* (YUMIKO DE GIORGI, 2019, 55 anos secretária). Portanto, nota-se um discurso bem mais voltado à existência de um tempo livre e disponível para ser empregado nas atividades da FDV, mas também, um sentimento de se sentir útil ao coletivo, de poder ajudar, prática bastante comum entre os indivíduos do país, tendo em vista a questão cultural trabalhada há gerações por meio do sistema de milícias que se pauta na ideia de que a população deve ser atuante nas funções públicas e no trabalho voluntário.

Essas concepções acabam convergindo com os dados estatísticos divulgados pelo órgão de recenseamento do "trabalho não remunerado", o "Office Fédéral de la Statistique Suísse*",* que estudou os aspectos motivacionais ligados ao trabalho voluntário no país onde 74% das pessoas que atuam em associações ou organizações consideram seu engajamento como oportunidade para fazer as coisas acontecerem nas interações com outras pessoas; 68% estão simplesmente dispostas a ajudar os outros e cerca de 54% intencionam expandir seus conhecimentos e experiências. Tais motivações estão presentes tanto nos relatos proferidos entre as mulheres quanto entre os homens, onde, de um lado, há uma forte tendência voltada ao bem público e, do outro, os aspectos ligados às motivações pessoais (OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE, 2015).

Foto 24– Atelier de Costura em Saint-Légier-La Chiésaz

Fonte: Autora (2019).

Concernente às categorias de engajamento no país, geralmente, são principalmente nas associações culturais e religiosas que pessoas de diferentes grupos sociais se reúnem, enquanto engajamento associativo no campo da política ou em associações específicas (OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE, 2015). A Internet também exerce um papel fundamental, uma vez que funciona como um espaço virtual interativo para intercâmbios

sociais, através da oferta de diversas oportunidades de voluntariado, contando em média com um quarto da população do país envolvida em pelo menos uma atividade voluntária virtualmente (OBSERVATOIRE DU BÉNÉVOLAT, 2014). No entanto, paralelamente a esta representação idílica da sociedade civil, também vemos alguns sinais de declínio numa perspectiva diacrônica, haja vista que enquanto em meados dos anos 70, cerca de 96% das pessoas eram membros de uma associação, hoje esse número representa apenas 60% a 70%. Outro cenário significativo é que, independente do tipo de associação, atualmente acabamos por nos deparar com sub-representações de gerações mais jovens; enquanto nos anos 70 cerca da metade de todos os membros tinha entre 20 e 39 anos, hoje, a proporção de jovens nessa faixa etária reduziu pela metade. Essas referências são preocupantes se considerarmos o futuro do desenvolvimento do setor, bem como seus impactos e desafios, pois numa análise da evolução do engajamento voluntário, considerado como "cimento social", o número de pessoas nas associações tem diminuído constantemente desde o final da década de 1990 (BÄR *et al*, 2015). Fator que acaba sendo preocupante se pensarmos no futuro da *Fête des Vignerons* e seus atores filantrôpicos.

Para além da solidariedade, o voluntariado parece ser um negócio rentável, pois representa uma grande economia aos órgãos e instituições que fazem uso desse tipo de mão de obra. De acordo com os dados obtidos no Observatório do Voluntariado da Suíça de 2014 (*apud* BÄR *et al*, 2015: 5):

> "No caso específico da Suíça, as pessoas envolvidas gastam em média 13,3 horas por mês em atividades não remuneradas organizadas; já aquelas engajadas no trabalho informal voluntário, em torno de 15,3 horas por mês. Para efeito de comparação, 853 milhões de horas laborais foram pagas em 2013 no setor de saúde e atividades sociais; estima-se que no mesmo ano 665 milhões de horas de trabalho voluntário foram computados. O trabalho não remunerado representa quase 700 milhões de horas, assim, ao aplicarmos um "salário" de 50 francos (hora), o trabalho voluntário corresponderá a mais de 35 bilhões – isso representa 5,5% do produto interno bruto ou investimentos do governo na educação".

Além do aspecto econômico e da rentabilidade advinda desse tipo de atividade, a ONU acredita que o papel do voluntariado é tão importante em diversas sociedades que seria quase inviável funcionar sem ele, pois causam, de certa forma, um grande impacto positivo nas dimensões sociais, na saúde e no lazer. Segundo a cruz vermelha, reconhecida por seu trabalho filantrópico pelo mundo, esses indivíduos são essenciais para as organizações que atuam frente ao altruísmo. No entanto, é basilar a necessidade de os governantes estabelecerem o valor econômico do voluntariado para ajudar a ressaltar a importância dessa

contribuição global para a sociedade, assim como o desenvolvimento de políticas públicas direcionadas (VOLUNTARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS VNU, 2000).

Fazendo da festa um ato de responsabilidade social, além do cultivo à tradição, a participação da comunidade no engajamento voluntário na FDV é um dos pilares fundamentais na perpetuação do evento, inviável sem tal engajamento, tendo em conta o volume da mão de obra necessária, o que gera um custo infactível à *Confrérie des Vignerons* e aos seus patrocinadores, além da sua dimensão espetacular e opulência, que, na concepção de Bataille (1967: 53): "a história da vida sobre a terra é principalmente o efeito de uma louca exuberância: o acontecimento dominante é o desenvolvimento do luxo, a produção de formas de vida cada vez mais onerosas". Assim, o papel dos voluntários é fundamental, apesar da dificuldade em encontrar pessoas com tempo disponível para se engajar nesses projetos. Para Garcia (2005), as festas há muito foram práticas realizadas espontaneamente por pessoas comuns que se reuniam em torno de um objetivo coletivo; hoje ganham destaque sob outras perspectivas:

> "O Tema da Festa tem uma enorme importância comunicacional para o sector social do associativismo e voluntariado. É na Festa e pela Festa que se afirmam muitos dos valores simbólicos e factores materiais que condicionam a vida das organizações; Estado, empresas e associativismo. Desde logo convém recordar que uma percentagem muito significativa das populações dos países mais desenvolvidos investe uma parte importante do seu tempo e dinheiro nas Organizações Não Governamentais (ONGs) por várias razões" (GARCIA, 2005: 219).

Nesse contexto, parece que o papel do voluntariado, tão natural em tempos remotos, ganha nova configuração, predicado positivo àquele que pratica, possibilitando oportunidades, aportando certa condição de distinção perante outros indivíduos, podendo ser até mesmo lucrativo em alguns contextos. Assim, essa intrigante dinâmica que resulta na inscrição de um universo extenso de pessoas em prol da organização da *Fête des Vignerons* aliados à questão histórica em torno da assistência social, das motivações pessoais e do comprometimento de cada individuo com a coletividade são, entre outros elementos, a mola propulsora da continuidade desse evento, tendo na comunidade e no seu arraigado sentimento de pertença, expresso, sobretudo, no discurso do DNA, um dos componentes impulsionadores da festa, manifesto na entrevista concedida pelo voluntário aposentado Gino Caldana (Apêndice C):

> "O que nos motiva é que o festival dos viticultores é algo único, que é nosso. É algo que faz parte da nossa herança. O que eu gosto de dizer é que faz parte do nosso DNA. É o nosso DNA regional. Você não pode tirar isso de nós".

Por isso, essa dinâmica se revela como um poderoso instrumento de relações sociais, interações, congregações, onde cada voluntário se reconhece nessa festa que se constitui num traço marcante da identidade regional e nacional.

Foto 25 – Voluntários trabalhando na arena

Fonte: Autora (2019)

4 CONTINUIDADES, TRANSIÇÕES E RUPTURAS: A festa entre o discurso e a prática

4.1 Apresentação da festa

> "A *Fête des Vignerons*, espetáculo estruturado que preza pela qualidade, se apresenta como uma dramaturgia ofertada a um público que participa enquanto espectador, mas ainda se caracteriza como a celebração de um vínculo comunitário (urbano e rural, burguês e operário, vinha de Lavaux e pecuária da *Veveyse d'en Haut*), através do qual a encenação assume a forma de um cortejo. Essa polarização conduz a algumas tendências que se inclinam para um senso de espetáculo profissional e televisual para a difusão mundial através de grandes nomes – artistas ou empresários de eventos ou por meio da participação aberta de todo mundo, qualquer que seja a idade, o *status* social ou a contribuição" (VINCK, 2019: 300).

Ainda que muitas questões sobre essa celebração se configurem como intrigantes e de difícil compreensão por parte dos estudiosos do assunto, a leitura da *Fête des Vignerons* sob diferentes aspectos está particularmente manifesta nas obras de determinados autores (ROD, 1905; RAMUZ, 1927 e 2012; APOTHÉLOZ, 1977; BURNAND, 1955; LUGINBUHL 1999; CARRUZZO- FREY e DUPONT, 1998; CARRUZZO- FREY e ABBOTT, 2019; CARRUZZO-FREY *et al*, 2019; IMSAND *et al*, 1977; GÉTAZ, 1969; MAYOR, 1955; SAUTER, 1999, DEBLUË, 1999; CHARDONNENS *et al,* 2019; HOFMANN, 2019; VINCK, 2019; BERTSCHY, 2019). Algumas narrativas nos permitem perceber que a *Fête des Vignerons* é uma tradição perene que se sucede e se transmite, estando profundamente enraizada na cultura popular da região Veveysanne como *"les maillons d'une même chaîne"*[125], podendo ser traduzida no documentário exibido pela Rádio Télévision Suisse (RTS) em 2019, na qual a Secretária da *Confrérie des Vignerons* Sabine Carruzzo-Frey descreve essa celebração como:

> "Uma criação do seu tempo que trata de temas universais e até eternos. [...] Se traduz na história da vida, da vida das pessoas, do ciclo das estações, do nascimento da vinha até a morte. É o trabalho, o amor, a tensão, o problema, o otimismo e é tudo isso que se canta em uma *Fête des Vignerons*" (RTS, 2019).

O evento de todos os viticultores e daqueles que têm amor pelo vinho (IMSAND *et al*, 1977), e, mais ainda, considerado pelo Abade François Margot como a glorificação e honra à terra e daqueles que nela trabalham, reconhecida por muitos como:

> "A festa veveysanne que incorpora notavelmente as noções de transmissão e diálogo entre gerações, mas também o respeito à tradição e inovação que caracterizam precisamente o Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, essa tradição vive de seu imensurável entusiasmo" (RTS, 2019).

[125] Entrevista concedida por CARRUZZO-FREY, Sabine. [15.07.2017]. Secretária Geral da *Confrérie des Vignerons*. Entrevistador: Giselle Schmid, 2017. Arquivo mp3 (44min).

Geralmente situada no século XVII, por meio de uma dimensão e sequência festiva bem mais modesta, constituída apenas por um cortejo e um banquete, a *Confrérie des Vignerons* considerou como primeira *Fête des Vignerons,* de fato, somente a partir de 1797, ocasião em que houve uma maior organização em torno do evento, por meio da estruturação e construção da infraestrutura no espaço festivo (CARRUZZO-FREY e ABBOTT, 2019). Com o passar dos anos, dois séculos decorreram e apenas doze celebrações foram realizadas, uma por geração. Há tempos esse evento mantém estreita relação com a região, transitando de um simples cortejo envolvendo a população local nominado "Pourmenade", "Parade" ou "Bravade", para um espetáculo ambicioso de dimensão internacional que ganhou corpo e se modernizou no decurso do tempo, mas ainda assim carrega consigo traços de suas origens tradicionais (na representação das quatro estações, dos personagens bíblicos, da mitologia, das alegorias e da glorificação do trabalho da terra) e aspectos associados à contemporaneidade, pois coaduna tradição e inovação, reunindo atributos urbanos e rurais, tendo em cada edição o espelho daquilo que se veicula na geração presente. Assim, procura manter-se em sintonia com o seu tempo.

Por uma questão de conveniência, ocorre sempre em anos ímpares, com um intervalo de duração de quase um mês, durante o verão, nos meses de julho a agosto, altura em que a vinha começa sua fase de maturação que, segundo Brito (1996: 221 *apud* GODINHO, 2010: 99), simboliza o momento onde "as tensões que acompanharam as incertezas do inverno são agora substituídas pelas certezas da colheita que se vê e que começa a ser feita". Já Ramuz (1927) nos lembra que nesse momento se inicia a temporada das férias no país, período propício à festividade em virtude do aumento no tempo livre, da disponibilidade das pessoas, o que favorece o engajamento da mordomia, bem como a demanda de turistas que, impulsionados por diversos fatores, tais como a contemplação da paisagem, o enoturismo em Lavaux, o festival Montreux *Jazz* ou a própria *Fête des Vignerons*, visitam a região. Porém, mesmo que tais fatores sejam favoráveis no momento de idealizá-la, é por meio da concordância e decisão do Conselho da confraria, que representa o poder supremo, mediante votação da Assembléia Geral – com base no artigo 23 do seu Estatuto, que a decisão é legitimada, bem divergente daquilo que ocorre nas "Festas do Povo" em Campo Maior, evento de periodicidade irregular onde é a população que delibera sobre a produção festiva (CUNHA, 2006). Aí, algumas questões fundamentais são analisadas: a obtenção do fundo cerimonial; que a data da festa não coincida com grandes eventos, devendo ser celebrada em anos de paz e abnegação, enquanto demanda da população pedindo a festa; a ausência de

crises no setor vitícola e a disponibilidade de tempo e engajamento da confraria e dos atores socias. Destinam-se a pôr em ação a organização da festividade, mas de maneira geral, não há nenhuma regra codificada para a definição das datas.

Em vista disso, adotaram uma política de incentivo, através das recompensas, tendo, como propósito, conservado em todas as celebrações a cerimônia de coroamento dos melhores trabalhadores vitícolas, razão da existência da festa desde 1797, em função do controle periódico efetuado nos domínios, além da manutenção dos vínculos entre os proprietários dessas terras, os *vignerons-tâcherons* e a *Confrérie des Vignerons*, sendo essa última a principal anfitriã e protagonista. Esta confraria, em colaboração com os donos de vinha, preocupados com a sobrevivência e a lucratividade em seus domínios, representam um dos principais agentes de produção e manutenção do evento. Estes perceberam a importância de não apenas julgar o mau labor através das sanções punitivas e a exposição desses operários, mas acima de tudo exaltar, dando destaque aos que seguiam os princípios de qualidade e primazia na execução das suas funções. Essa contrapartida, enquanto forma de retribuição, ao mesmo tempo em que dá notoriedade àqueles que se destacam no seu *savoir-faire*, criam, ainda que de maneira tímida, uma certa rivalidade entre os vinheteiros, incentivando a concorrência. Para além das questões profissionais, também comercialmente o vinho atinge lugar de destaque. Notas sobre o labor na vinha, as recompensas e as mudanças de mentalidade na confraria foram manifestas na entrevista com Philipe Commend em novembro de 2018:

> "A *Confrérie des Vignerons* dizia aos proprietários: «seu funcionário, ele trabalhou como um porco» ou «seu funcionário, ele trabalhou bem». E, no início, o proprietário repreendeu, resmungou em relação ao seu trabalhador dizendo «você não trabalhou bem», [...], havia uma mentalidade diferente. Não há mais... nós suprimimos as culpas e recompensamos o trabalho bem feito. Nós não dizemos você trabalhou como um porco, dizemos você trabalhou bem, há dinheiro"[126].

Na opinião de Carruzzo-Frey e Abbott (2019), sem a confraria não existiria a festa. Porém, se voltarmos o olhar ao objetivo primeiro da irmandade, a vinha, seguida pelo coroamento, podemos considerar que a própria localização geográfica de Lavaux em Vevey, exerce papel fundamental, favorecendo e impulsionando a referida festividade, pois sem os vinhedos provavelmente não se justificaria a existência da confraria e suas atividades de controle nos domínios, tampouco o resultado do trabalho exitoso dos *vignerons-tâcherons,* dinâmica que deu origem à FDV.

[126] Entrevista concedida por COMMEND, Philippe. [11.2018]. Professor aposentado. Entrevistador: Giselle Schmid, 2018. Arquivo mp3 (55min).

Cabe destacar que antes de 1819, o coroamento se constituía num simples ritual onde a coroa colocada na cabeça simbolizava o bom trabalho, daquele que seria conhecido como o "rei da festa" distinguindo-se perante os outros. Um trecho extraído da RTS (2019), "*Je suis la Fête*", revela o discurso do rei da festa de 1977: "Eu sou o rei efêmero do país da festa, a cada geração eu reapareço quando renasce a grande flor da terra Vaudoise, a *Fête des Vignerons*". Conforme evidenciou Da Matta (1990), na realidade passageira e paralela das festas inventam-se sujeitos e personalidades fictícias, podendo abranger seres míticos, heróis, vilões, onde mesmo um simples operário pode vir a ser um rei. Após 1819, essa dinâmica ganhou uma orientação mais espetacular, com a sequência festiva ordenada meticulosamente tendo em 1833, pela primeira vez, o coroamento como componente central da manifestação (MANUAL 4, 10. 6. 1833). Para mais, atualmente, essa coroa ganhou novos significados e um horizonte de possibilidades, transitando de uma performance simbólica de reconhecimento do bom desempenho do trabalho na terra, a uma prática midiatizada e mercantililizada dotada de profusos interesses.

Ao contrário das atuais *Fête des Vignerons*, antes a organização festiva dispunha de pouco tempo para se estruturar, como em 1819 onde a mordomia contou com apenas seis meses (GÉTAZ, 1969; ROD, 1905). À medida que o evento foi tomando outras proporções, a temporalidade na estruturação também mudou, demandando uma dilação maior quanto aos prazos. No caso da festa de 1999, iniciou seu planejamento desde 1991; e na de 2019, desde 2009. Atualmente, tendo em conta a sua grandeza, a demanda de tempo, os elevados custos agregados e a grande estrutura organizacional durante as várias etapas da sua produção, esse evento requer um amplo planejamento prévio, razão pela qual segundo Carruzzo-Frey e Dupont (1998: 133) o "preparo se inicia desde o momento que se finda uma festa e se começa a pensar na próxima", por isso cerca de dez anos antes os trabalhos de planificação começam a ser idealizados. Com isso, percebe-se um evento sistematicamente estruturado, dotado de planejamento estratégico que se direciona a cada setor específico, onde um plano de ação é colocado em prática, a fim de empreender durante meses a montagem de toda uma infraestrutura e serviços necessários ao público visitante, como segurança, mobilidade, restauração, acomodação, turismo, lazer, etc. Aqui se incluem casos de exceção, como treinamentos contra atentados terroristas, onde tudo é pensado ordenadamente por um grupo seleto, a fim de colocar em prática uma festa assertiva com o mínimo de erros, tendo em vista seu alto investimento.

Para além do grande planeamento necessário exigido antes do empreendimento de uma *Fête des Vignerons*, os recursos financeiros são outro ponto alto desse evento que envolve elevados custos de produção, tendo a contrapartida da confraria e de grandes empresas do país, mas a ausência de apoio financeiro do governo. É a festa quem paga um valor pelo uso do espaço festivo ao Estado, tendo chegado em 2019 à soma de 110 milhões de francos e, ao término do evento, um prejuízo de 16 milhões. O mesmo ocorre com os atores sociais, que desembolsam um elevado capital financeiro pela sua participação. Como revelam alguns dados extraídos do estudo de Vinck (2019), além dos valores cobrados pelos figurinos, existem as despesas adicionais, onde os voluntários gastam em média mais de um milhão de francos com deslocamentos e estacionamento. No que concerne à alimentação, mais de quatro milhões, um investimento alto que de acordo com Vinck (2019: 125) pode ser explicado pelo fato que "esses milhares de pessoas se doam sem contar". Tomando como base as festas precedentes, foi a partir da celebração de 1865 que os altos custos começaram a gerar desconforto. Além de ela se tornar cada vez mais dispendiosa, ameaçando inclusive engolir a confraria, se endereçando cada vez menos à população local, os valores dos bilhetes se inflacionaram - custando 5 francos na festa de 1851, passou a 40 na celebração de 1865 (CARRUZZO- FREY e DUPONT, 1998). Daí resulta num esvaziamento na arena, conforme descreve Mellet (1881: 21-22) "os preços dos assentos aumentaram bastante e estão fora do alcance de lhes adquirir, o que priva um grande número de espectadores, do nosso público mesmo, de um espetáculo primitivamente instituído para eles e por eles". Portanto, em virtude dos volumosos recursos investidos, na contínua ampliação com vistas a suportar o quantitativo de espectadores, bem como permitir o retorno financeiro do capital aplicado, se fazia necessário um plano financeiro estratégico e uma dimensão mais profissional da festa.

Essa profissionalização festiva se sistematizou através de um modelo hierarquizado, constituído por comissões, subcomissões, conselho executivo, de comitês com funções específicas e bem ordenadas, com delegações de tarefas aos conselheiros e voluntários engajados, tendo como ponto de partida a festa de 1819, onde, conforme Carruzzo-Frey e Dupont (1998), sentiu-se a premência em profissionalizar os vários segmentos do evento: a admissão de um diretor, um professor de música e dança. A edição de 1819 serviu como modelo inaugural do que seriam as futuras apresentações, através da formação de comissões, da dimensão teatral, do engajamento de profissionais especializados em segmentos específicos e da padronização dos figurantes, se intensificando nas celebrações de 1833 e 1851, mediante a contratação do estilista, do compositor, do mestre de dança e do decorador.

Passou pela adoção de critérios, levando em conta a unidade entre os envolvidos na execução das suas funções, com vistas a harmonizar melhor os temas presentes em comparação com os festivais passados (GÉTAZ, 1969).

Nesse contexto, a *Fête des Vignerons* de 2019 não difere desse cenário histórico, pois enquanto evento de natureza espetacular, envolve o engajamento de capital humano qualificado, de reconhecimento mundial, como o diretor da FDV de 2019, Daniele Finzi (Companhia Finzi Pasca), com experiência em grandes eventos como os Jogos Olímpicos de *Sotchi,* em 2014, na Rússia, além de escritores reconhecidos na região, profissionais do ramo dos grandes eventos no país e no exterior, notáveis da engenharia e da tecnologia, num entrelaçamento seleto de um grupo distinto com habilidades, competências e funções em setores específicos do espetáculo.

O evento começou a ser imaginado a partir de um pequeno grupo, chamado de trio, constituído pelo Abade François Margot, o vice-presidente da confraria Jean Pierre Chollet e a Secretaria da confraria Sabine Carruzzo, que percorreu os caminhos que seriam traçados até a sua concepção. Para tanto, o Conselho da confraria se desmembrou momentaneamente em duas instâncias, com atribuições específicas, através de um Conselho de Direção e um Comitê Executivo, conforme quadro dos setores e funções envolvidos na organização da celebração, adaptado do livro "*la Fete"* de Hofmann (2019), logo abaixo:

Quadro 15 – Setores e funções envolvidos na organização da *Fête des Vignerons*

SETORES NA ORGANIZAÇÃO DA FDV			
FUNÇÃO NA FESTA	**NOME**	**TIPO DE CONSELHO**	**ÁREA DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL**
Diretor Geral	François Margot	Conselho de Direção	Advogado.
Vice-Presidente	Pierre Monachon	Conselho de Direção	Viticultor e empresário.
Secretaria da confraria	Sabine Carruzzo-Frey	Conselho de Direção	Historiadora.
Exploração	Nicolas Gehrig	Comitê Executivo	Dentista e Presidente da Swiss Employers Association for the Dental Branch.
Produção	Blaise Duboux	Comitê Executivo	Viticultor e empresário.
Finanças	Claude Richard	Conselho de Direção	Engenheiro e Síndico da comuna de Ouchy.
Construção da arena	Daniel Willi	Comitê Executivo	Engenheiro e empresário no ramo da construção.

Assuntos jurídicos	Jean de Gautard	Conselho de Direção	Advogado.
Distribuição de funções	Isabelle Raboud	Conselho de Direção	Socióloga e presidente do Museu Gruérien.
Vinhos da festa	Daniel Dufaux	Comissão de Vinha	Engenheiro em viticultura Diretor na empresa Badoux Vins S.A.
Diretor do Espetáculo	Daniele Finzi	Comitê Executivo	Diretor de teatro.
Diretor Executivo	Frédéric Hohl	Comitê Executivo	Empresário e produtor.
Assuntos Financeiros	Jean-Christophe Gross	Comitê Executivo	Contabilista.
Assuntos Financeiros	François Murisier	Comitê Executivo	Contabilista.

Fonte: Hofmann (2019: 43).

Um elemento importante, orientado ao grupo envolvido na produção do evento, concorda com aquilo que Hofmann (2019: 42) evidenciou, onde afirma que "todos são personagens influentes da economia. Se por exemplo, você ocupar o conselho da administração da caixa de poupança Riviera (banco), você tem cinco chances entre sete de ser um conselheiro". Pierre Chollet, em entrevista realizada em fevereiro de 2020, deixa bastante claro que os conselheiros são cooptados e não o contrário[127]. Esse processo de seleção acaba por mascarar um jogo de interesses atrelados à festa, pois tomando como base o referido quadro, é possível perceber que esses membros representativos são formados por uma elite abastada com funções importantes e específicas em setores-chave diretamente associados às competências profissionais de cada um desses atores sociais. Por isso, na altura dessa nomeação leva-se em consideração sob diversos aspectos a contrapartida desses engajamentos.

Distingue-se claramente de outras manifestações pela ancoragem secular, tendo como diferencial no seu modo de produção festiva a atipicidade da dilatada diferença de tempo entre cada celebração. Como referido, há intervalos que variam de 14 a 28 anos, com o mais longo faseamento ocorrido na FDV de 1927 a 1955, perfazendo um total de 28 anos. Assim, 222 anos separam a primeira *Fête des Vignerons,* da décima segunda edição ocorrida em julho de 2019. Apothéloz (1977) confere destaque a esse atributo, realçando que o segredo dessa vitalidade, referindo-se ao espaçamento entre festas, desperta a curiosidade, sendo um

[127] Entrevista concedida por CHOLLET, Jean-Pierre. [02.2020]. Viticultor e Conselheiro Honorário da *Confrérie des Vignerons*. Entrevistador: Giselle Schmid, 2020. Arquivo mp3 (1h43min).

mistério a ser desvendado. Por outro lado, é interessante notar que essa particularidade acaba atuando como aspecto positivo, favorecendo a imagem da festa, ao mesmo tempo em que é utilizada pelo *marketing* na promoção do evento, pois como bem explicou Carruzzo-Frey em entrevista concedida em julho de 2017[128], sobre esse tempo longo, "como é apenas uma vez por geração, dizemos que não devemos perder. De fato, ela tem qualquer coisa de mítica". Isso se deve em grande parte em função de não se tratar de um evento semestral, anual, bianual nem tampouco quinquenal, pois sua temporalidade vai além, podendo ser realizada com um ínterim de até cinco quinquênios. Nesse intervalo, o mundo mudou. Por isso, nenhuma festa será o espelho fiel da passada, pois durante esse tempo longo, em razão das evoluções e transformações, a *Fête des Vignerons* será o reflexo do seu tempo com as devidas adaptações.

Ademais, "as festas devem ser encaradas como intrínsecas a uma realidade, e não como meras representações ou formas de «cultura expressiva», submergidas naquilo que a UNESCO denominou «patrimônio imaterial» (GODINHO, 2010: 20). Para a referida autora, devemos entender as festas "num tempo longo, que as torne perceptíveis através das mudanças operadas na sociedade local e translocal" (Id., 2010: 20). A autora aponta, ainda, que:

> "Num contexto de relações diferenciadas de poder, eventualmente recobertas pelo labelo de «comunidades» apesar dos grupos sociais detectados no seu interior, com relações verticais estabelecidas com as entidades e agente do Estado central, as festas constituíram longamente um momento utilizado para desafiar e demonstrar oposição, entre folia e bom humor, dando visibilidade a conflitos internos e à resistência aos representantes do poder no interior e no exterior das comunidades. Coexistindo com este formato localizado, assiste-se desde meados dos anos 1990 à exportação de segmentos cerimoniais – mascaras chocalhos, musica -, à sua conversão em objetos portáteis e à sua integração em modalidades de espetáculo e desfile urbanos" (GODINHO, 2010: 19-20).

Entre outros fatores, a questão financeira carrega consigo um peso significativo, influenciando tanto no espaçamento entre festas, como sendo determinante na decisão em fazê-la ou não, pois, considerando a dimensão festiva, o fundo cerimonial torna-se essencial na tomada de decisão. Por essa razão, em certos momentos a existência de um longo faseamento, como após 1797, foi necessário esperar vinte e dois anos para a efetivação da celebração de 1819, pois conforme explica Gétaz (1969) o momento era de crise, com colheitas modestas e impostos a galope. Além disso, o final do século XVIII e XIX foi

[128] Entrevista concedida por CARRUZZO-FREY, Sabine. [15.07.2017]. Secretária Geral da *Confrérie des Vignerons*. Entrevistador: Giselle Schmid, 2017. Arquivo mp3 (44min).

marcado por momentos pontuais como a Revolução Francesa e as calamidades climáticas na vinha, atuando como obstáculos na realização do evento. Compete destacar que, após 1819 a confraria atravessou sérios problemas internos, agravados em 1826, com o negligenciamento nas finanças, nas admissões de novos confrades e nas revisões das diretrizes de visitas nos domínios (MANUAL 4, 7. 2. 1833). Por conseguinte, passaram-se vinte e quatro anos durante o intervalo de tempo em que a festa ficou adormecida (de 1865 a 1889), em função das várias adversidades como a guerra franco-alemã (1870-1871), a crise econômica decorrente de patologias e parasitas da videira, que acarretou um rendimento agrícola e vitícola bastante tímido (CARRUZZO-FREY e DUPONT, 1998).

Para além dos fatores ligados aos contextos econômicos e políticos levados em consideração na decisão em fazer a festa, no âmbito social a população local também desempenha papel central, corroborando com a confraria nas reflexões em torno da produção do evento, pois os ruídos sentidos nas ruas, as mensagens, as demandas e as conversas paralelas notadas na região servem como termômetro para saber se o momento é propício a uma nova empreitada da FDV. Em 2019, Hofmann (2019) nos assinala que os alaridos pedindo a realização da celebração foram sentidos por meio de um episódio excepcional no qual os figurantes da festa de 1999, espontaneamente, em 2010 organizaram um cortejo com vistas a celebrar os dez anos da festa precedente. Essa circunstância representou a expressão dos anseios da população, funcionando como a ponta do *iceberg* para se pensar na viabilidade do projeto da décima segunda edição; por outro lado, "bebeu" ainda de outras fontes nessa análise.

No contexto Veveysanne, aos poucos um quadro começa a se desenhar no lugar festivo. Não é bem a paisagem que muda, mas sim alguns elementos que começam a ser incorporados ao cenário: introdução de painéis, faixas, *outdoors*, relógios de promoção da imagem da festa, decoração em restaurantes e hotéis com símbolos que remetiam ao evento, *stands* de informações, etc. Da mesma forma, eventos de diversa natureza[129] com direcionamento à celebração foram colocados em voga. A partir das recolhas no terreno, em meados de 2018, se intensificando em 2019, foi possível perceber que as conversas nas ruas

[129] Entre os eventos associados à *Fête des Vignerons* tivemos a exposição *«L' Unesco et nous*» de novembro 2017 a agosto de 2018, Festival Images à Vevey em Setembro de 2018, a publicação do livro «*Les acteurs de la vigne*» em outubro de 2018, festival *Le Livre sur les Quais* à Morges: *Fête des Vignerons*: (ré) écrire la tradition em setembro de 2018, a exposição 1927 & 1955: Les premières photos couleur de la *Fête des Vignerons*" de abril a setembro de 2019, Comédia teatral Marie-Thérèse *Porchet Fête les vignerons* em maio de 2019, *Les enfant de la Fête* em novembro de 2019, degustações de vinhos na Manor em 2018 e 2019, dentre vários outros eventos paralelos.

tomaram uma conotação mais orientada, onde a festa estava entre as discussões mais evidenciadas nos cafés, restaurantes, praças, ganhando intensidade à medida que o evento se aproximava. Assim, uma vila e a região se moldam e remodelam, numa contínua metamorfose que se processa antes, durante e após o evento, para se ajustar à cidade e a cidade para acolher a *Fête des Vignerons* uma vez a cada geração. Nessa perspectiva:

> "A cultura é para as cidades um meio de promover suas imagens de marca. As arquiteturas monumentais, as obras de arte nas ruas, os festivais, as festas esporádicas, os próprios equipamentos culturais, tudo concorre para colocar a cidade numa perspectiva de animação cultural que parece lhe conceder o certificado de garantia de ser uma «verdadeira» cidade. Essa animação permanente, das mais variadas modalidades possíveis, dá a todos os habitantes a impressão de serem capazes de se apropriarem de sua cidade, e o elo social assim promovido permite reencontrar um sentimento compartilhado de comunidade. A idealização da cidade como território de exibição cultural pretenderia ultrapassar os limites da «sociedade do espetáculo» criando a ficção simulada de uma utopia" (JEUDY e JACQUES, 2006: 8-9).

Como bem observou Vinck (2019: 21), trata-se de uma festa em "ruptura permanente, uma ruptura intergeracional. A problemática não é tanto porque ela mergulha em um sono de vinte anos antes de acordar, mas que de uma edição a outra, é uma nova geração que a porta". Sendo esse público jovem, na celebração de 2019 uma das grandes preocupações do *marketing* do evento, pois após uma pesquisa de mensuração da notoriedade da FDV no país em 2017, foi constatado que entre os suíços apenas 7% conheciam espontaneamente a festa; e, entre os jovens, a proporção era ainda menor, com somente 2% desses indivíduos tendo algum conhecimento dessa festividade (SWISS MARKETING VAUD, 2018), levando o *marketing* a refletir em torno desse segmento, a fim de adotar estratégias por meio de atividades direcionadas a esse público (Anexo G).

Se antes a dinâmica da transmissão da memória em torno da festa era repassada de pai para filho, ou nas escolas da região, nas conversas de rua, nas músicas ou nos antigos discos em vinil, hoje essa função fica a cargo dos médias, dos recursos comunicacionais, das redes sociais, das ferramentas de *marketing*, dos livros da festa, dos *souvenirs,* como bem lembrou Godinho que "[...] em meados dos anos 1990 assiste-se à exportação de segmentos cerimoniais – máscaras, chocalhos, músicas -, à sua conversão em objetos portáteis e à sua integração em modalidades de espetáculo" (GODINHO, 2010: 20), ou ainda outros elementos que são criados para tal propósito como o dossiê pedagógico implantado nas escolas, material didático de caráter informativo e lúdico, orientado às crianças e aos jovens, que narra a história das festas precedentes, criado pelo professor aposentado e ator figurante da FDV de 2019, Philipe Commend, que, durante uma conversa em 2018, reiterou que, o dossiê ao

mesmo tempo em que favorece a transmissão da memória, coaduna também com o incentivo das novas gerações no processo participativo da festa. Isso porque em Vevey se verifica um grande fluxo migratório, perspectiva comprovada por Boillat (2001: 3), destacando que em 2001 a população estrangeira representava 41,49% dos habitantes provenientes de 108 nacionalidades. Esses jovens, apesar de viverem em Vevey, não necessariamente conhecem a *Fête des Vignerons*, por isso um trabalho de transmissão foi feito, pois para Carruzzo-Frey o importante em cada celebração é que "há uma transmissão, é como um elo de uma cadeia que não deve ser interrompida"[130]. Sobre o processo de transmissão da memória festiva e a inserção concomitante de novos recursos favorecendo a imagem do evento, Phillipe Commend descreveu alguns deles em sua entrevista concedida em 2018:

> "[...]. Essa transmissão oral era muito importante, para não dizer essencial. E então, pouco a pouco houveram novos meios de transmissão [...]. Em 1955 tinha um livro e dois discos. Em 1977 vi o advento do vídeo super 8. Antes, não havia. Então começamos a ter mais fotos em relação às antigas festas. [...]. Em 1977 já havia muitas pessoas filmando. Por isso, fica mais facilmente na pupila ou na retina das pessoas, mesmo que as imagens não fossem de boa qualidade. Então, essa transmissão era feita no começo por livros e discos, grandes discos. Já em 1977 existiam livros, discos, mas também existiam vídeos. E então, 1999 existiam livros, discos, CD, vídeos, mas também começamos com a internet. Meu filho criou o primeiro *site* da Confraria dos Viticultores [...], não existia antes. Começamos com *e-mails* também, havia alguns de nós que tinham e-mails. Mas ainda não havia uma *selfie,* ainda não havia *Instagram, Twitter, Facebook*, etc. [...]. Portanto, há uma evolução sempre. Da mesma forma que no programa da festa cada vez há algo diferente, cada vez algo fora do comum. Em 1955 foi a primeira vez que houveram apresentações noturnas [...]. Em 1977 são as grandes máquinas agrícolas [...]. Em 1999 foram os helicópteros que chegaram ao local. Então de uma forma geral talvez seja por isso que não seja interessante todo ano. É que a cada geração, algo novo acontece. Nunca é o mesmo"[131].

Um marcador temporal, a um ano da décima segunda edição do evento foi inaugurado na Place de la Gare em Vevey, em 18 de julho de 2018. Um imponente relógio da marca Tissot (foto 26), uma das patrocinadoras da festa, dava início à contagem regressiva da celebração, contando os dias, as horas, os minutos e os segundos que faltavam para o grande espetáculo, mas acima de tudo deixava claro as mudanças que estavam por vir e que seriam tangíveis como as obras, as transformações na rotina da cidade, dos moradores, o aumento no tráfico de pessoas e veículos, os problemas nos estacionamentos, o barulho, os eventos paralelos, etc, tornando a festa mais viva na memória das pessoas e, mais próxima da realidade. No estudo feito por Vinck (2019: 19), ele afirma que "não somente o espetáculo

[130] Entrevista concedida por CARRUZZO, Sabine. [15.07.2017]. Secretária Geral da *Confrérie des Vignerons.* Entrevistador: Giselle Schmid, 2017. Arquivo mp3 (44min).

[131] Entrevista concedida por COMMEND, Philippe. [11.2018]. Professor aposentado. Entrevistador: Giselle Schmid, 2018. Arquivo mp3 (55min).

.

mudou, mas também as infraestruturas, as práticas e as técnicas que a tornam possíveis". Contexto que ficou claro durante as recolhas no terreno com a percepção gradativa dos impactos produzidos no espaço da festa, acrescendo transformações locais específicas, em especial através das obras de construção da arena, alterando drasticamente o cenário da Praça do Mercado, espaço de passagem, lazer e comercialização de produtos do *terroir*. Através dessas modificações, o cotidiano urbano local viu seu perímetro reduzido em função da amplitude da arena, acarretando contrariedades entre os comerciantes e a direção do evento. Essas tensões, segundo Del Priore (1994), naturalmente imbricadas nas festas, representam o momento da expressão dos descontentamentos, pondo em contato e em conflito, divergentes significações sociais, simbólicas e políticas.

Foto 26 – Relógio Tissot enquanto Marcador temporal da FDV

Fonte: Autora (2019).

O ciclo da festa em 2019 ocorreu durante vinte e cinco dias, mais especificamente de 18 de julho a 11 de agosto, tendo como espaço geográfico a Praça do Mercado, que abriga desde outrora a sequência festiva dessa celebração. Espetáculo a céu aberto combina diversos gêneros de expressão performática: a teatralização, a dança, o canto, a representação, o malabarismo, o cortejo, a pantomima, as jornadas cantonais, as animações lúdicas, o desfile de animais, tendo como componente principal a cerimônia de coroamento. Como ela é uma

produção do seu tempo, podemos dizer que em 2019 vivenciamos a festa da tecnologia, da automação, do processo comunicacional através das redes sociais e das novas tendências, visto que se trata de um evento que se molda continuamente conforme sua época e naquilo que a confraria visa mercadejar. Do ponto de vista de Carruzzo-Frey e Abbott (2019: 176): "a *Fête des Vignerons* é construída sobre temas legitimados pelos objetivos da confraria e da tradição. Mas, cada vez, é preciso renovar e revitalizar essa tradição".

Discurso bastante frequente na abordagem festiva na região, estava o sentimento de pertença e unicidade. Numa leitura da "Festa dos Rapazes", Godinho (1998 *apud* GODINHO, 2010: 157), constatou que essas celebrações favorecem esses papéis, pois "permitem às comunidades o sentimento do único e do autêntico". Cabe destacar que o *marketing* do evento se apropriou desse contexto, enquanto diferencial estratégico na divulgação da imagem dessa celebração. Para tanto, ela abrigou antes e durante o ano de 2019, uma sequência de pequenas festas paralelas ou motivações para festejar, criadas com a intenção de contribuir para a consolidação da imagem da marca FDV, onde a difusão da mensagem exerceu papel preponderante. A título de exemplo, em 2019 as campanhas de comunicação custaram cerca de doze milhões de francos (VINCK, 2019: 129).

Para divulgar o espetáculo da FDV, pequenos eventos foram colocados em voga, como a Trienal, através da premiação dos melhores *vignerons-tâcherons* durante o período de três anos; a Proclamação da Festa, que sinaliza a abertura da *Fête des Vignerons*; a festa de estreia da bilheteria dirigida aos atores da cerimônia, inaugurando oficialmente a venda dos bilhetes do evento, encetando uma maratona pela compra dos primeiros ingressos, celebrada por muitos como um troféu que será preservado durante vinte anos ou mais e por outros, alvo de duras críticas. Entre os discursos manifestos durante as idas e vindas a Vevey, os bilhetes ganhavam destaque. Agrupados em cinco categorias, portavam valores astronômicos (79 a 359 francos), tendo naqueles mais caros o benefício de certos privilégios como: o acesso facilitado à arena, recepção personalizada, programa oficial da festa, *kit*s com material promocional, funcionando igualmente como símbolo de distinção e *status* social. Ao mesmo tempo, exclui grande parte dos partícipes do acesso à essa arena, nos levando a crer tratar-se de uma festa dual, considerada por Vinck (2019) como permeada por interesses econômicos - festa institucionalizada, dos grupos empresariais e políticos, porém organizada por meio da mobilização comunitária dos voluntários - festa periférica.

A *Fête des Vignerons* atrai um universo de pessoas com motivações que divergem entre si, podendo ir do simples prazer pessoal, aos aspectos inscritos na história e trajetória de

cada um desses participantes na trama festiva, no orgulho em ter feito parte de alguma edição, motivados por amigos ou parentes. Canclini (1995), ao refletir sobre essa perspectiva, nos revela que é por meio do consumo que os desejos se transmutam em ações legitimadas socialmente e em demandas, performance congênere na produção festiva por meio dos atores sociais. Do ponto de vista da FDV, historicamente essa celebração foi marcada por um conjunto de narrativas que funcionam como marcadores temporais, o fato de ter vivenciado quatro festas, de ter conhecido o amor da sua vida, de ter dado à luz em determinada edição, de poder morrer depois da quarta festa, fazem parte de um arcabouço de motivações pessoais e leituras antagônicas, como a descrita pela voluntária Yumiko de Giorgi, em julho de 2019 (Apêndice C), durante atuação no setor de controle de acesso na arena relatou que seu esposo abominava a festa e não podia ouvir falar, mas que ela queria ver absolutamente como funcionavam internamente as engrenagens do evento, por pura curiosidade.

Entretanto, existem também aqueles que, por estarem inseridos no espaço festivo, na condição de moradores, acabam participando indiretamente da celebração, ainda que contrafeitos, como informou um habitante de Vevey encolerizado pelo som que ultrapassava as barreiras da sua janela, fazendo parecer que a festa estava dentro da sua casa, ou ainda um residente da região com o qual encetei uma conversa no trem, e que, em função da festa, alugou um apartamento na cidade vizinha, pois durante esse período não tinha mais direito à sua vaga de estacionamento. Segundo um empresário local, há moradores que deixam suas residências no período festivo, quer seja em razão do mal-estar provocado pela "invasão" de pessoas na cidade, alterando o cotidiano e os obrigando a lançar-se numa forma de escapismo urbano transitório ou por propósitos puramente financeiros, tendo em vista a intensa especulação imobiliária nesse período: "mas alguns, bem, eles simplesmente não gostam da festa, mas o que eles vão fazer é alugar o apartamento e durante a festa eles vão embora. [...] Eles pegam um avião e, em 25 de agosto, voltam"[132]. Destaca-se que tais motivações não esgotam o repertório de interesses de cada ator social, mediado nas suas falas, tais como o discurso familiar, o acaso, o desejo em participar, as questões comerciais, o turismo, a curiosidade, a possibilidade única em razão da sua temporalidade, as relações interpessoais, a notoriedade regional. Do ponto de vista das experiências no espaço festivo, uma viticultora de Blonay fez um relato histórico sobre a sua participação enquanto figurante nos eventos

[132] Entrevista concedida por ONIX, [08.05.2018]. Empresário. Entrevistador: Giselle Schmid, 2018. Arquivo mp^3 (45min).

precedentes: “quando criança, eu portei uma estátua (marmouset), aos 27 anos, jovem mãe de família, eu desfilei na tropa amigos do casamento (amie de la noce) e aos 55 anos, agora avó, vou dançar com amigos e parentes” (APOTHÉLOZ, 1977: 10). Assim, tomando como base essas dinâmicas, as diversas motivações, predileções e os jogos de interesses, não podemos reduzir esse evento a uma experiência homogênea.

À medida que o tempo passa, as variações dessa festa no tempo são cada vez mais notórias, através da introdução de novas sequências e a supressão de outras, adquirindo novas ressignificações e dinâmicas, muitas delas relacionadas às novas tendências, tendo em vista que a *Fête des Vignerons* é, por excelência, uma constante reatualização que, ao mesmo tempo em que olha para trás, tenta caminhar de mãos dadas com a sua geração, como no caso específico do evento em 2019, quando adquiriu um viés sustentável (com o uso de copos, pratos e colheres reutilizáveis, os vinhos biológicos) adaptado ao novo modelo de sociedade onde o tema meio ambiente constantemente em voga acaba sendo cooptado por esses eventos. Outro aspecto refere-se ao uso intenso da tecnologia e automação, vigente desde a festa de 1999. Ainda que de maneira incipiente, o progresso tecnológico já se fazia presente, mas nada comparável a 2019, com o gigante piso em LED montado ao ar livre numa área de 783m^2 e telões exibindo em tempo real o espetáculo na arena. O objetivo centrava-se no diferencial por meio dos efeitos visuais, onde toda a atenção devia centrar-se na arena e nas representações, evitando, assim, possíveis concorrências com o espetáculo, corroborando a concepção de Debord ([1967], 2003: 17): “apresenta-se como algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível. Sua única mensagem é que o que aparece é bom, o que é bom aparece”.

Uma analogia entre as *Fêtes des Vignerons* dos séculos XIX e XX nos permite identificar certo número de empréstimos de elementos integrantes de outros eventos que se desenvolviam em paralelo, como os Festivais Alpinos ou festa *D’Unspunnen*. Compartilham a ideia das recompensas e da promoção da agricultura, e das festas revolucionárias, espelhando-se nas grandes alegorias e no espírito de comunhão entre os povos. Ou, ainda, nos festivais nacionais como o *Festspiele,* através da glorificação da pátria, da unidade nacional em uma sociedade em plena transformação. Incorporou as divindades greco-latinas em suas invocações a *Pales*, *Ceres*, *Baco,* que deram pleno sentido ao viés sagrado da manifestação, bem como da vinha revelada através do espírito de comunhão promovido pelo vinho e pelas transformações por meio do “sacrifício do fruto mutilado ao vinho*”,* simbolismo que, de acordo com Henri Debluë, se deve em partes em razão da tradição religiosa na região e da

vinha ter sido plantada por monges, apesar de o protestantismo ser forte enquanto religião (SITE OFICIAL DA *CONFRÉRIE DES VIGNERONS*, 1977).

Um paralelo histórico entre estas celebrações no decurso do tempo nos permite observar certa tendência na ampliação de vários segmentos como o aumento no número de representações que, de 1819 a 1927, abrigavam entre duas a seis performances, e a partir de 1955 se elevou, sobremaneira, passando a comportar entre treze a quatorze, chegando em 2019 à soma de vinte apresentações; do mesmo modo, houve a elevação no número de lugares na arena (espaço para 20.000 visitantes) e, consequentemente, assiste-se à necessidade da ampliação do capital humano envolvido (5.500 atores-figurantes e 1.000 voluntários), pois tudo se tornou grandioso, com uma incessante busca pela superação das expectativas e pelo novo, características marcantes na performance do espetáculo considerado por Debord ([1967], 2003: 21) como "[...] uma atividade especializada que fala pelo conjunto das outras. É a representação diplomática da sociedade hierárquica perante si própria, onde qualquer outra palavra é banida, onde o mais moderno é também o mais arcaico".

Essas mudanças marcantes na dinâmica das festas na Suíça há tempos têm transformado, paulatinamente, esses eventos, revelados no estudo de George H (1868: 379-381):

> "Certas festas de caráter verdadeiramente nacionais e populares desapareceram completamente; ademais aquelas que permanecem estão cada vez mais perdendo seu caráter primitivo; a simplicidade de outrora, o bucolismo, a alegria e a poesia, pois com o passar do tempo foram se transformando sob a poderosa influência das circunstâncias e do tempo, que introduziram muitos elementos excêntricos e solventes perniciosos".

A proeminência observada através do gigantismo, com vistas a acompanhar as novas tendências, aquilo que deve permanecer, ser descartado ou acrescido, não é visto com "bons olhos" por alguns que acreditam que a *Fête des Vignerons* ganhou proporções a tal ponto que não se consegue perceber a festa em si, como na entrevista realizada em maio de 2018, com um morador e empresário local:

> "[...]. Hoje estamos no momento do gigantismo em tudo. E, essa *Fête des Vignerons* se junta ao gigantismo que existe nos seres humanos. [...] E, esse gigantismo eu não sou a favor. Não se leva 40.000 a 60.000 pessoas todos os dias para uma cidade de 20.000 habitantes. Para mim, é simplesmente loucura. É uma loucura humana. É pura pretensão em si. [...]. Na verdade, não sei onde está a festa e, principalmente o reconhecimento. É apenas um reconhecimento para um pequeno grupo de pessoas

> que tem a pretensão de querer fazer algo muito grande e sempre maior. Então isso vai contra o que muita gente pensa"[133].

A dimensão feminina atrelada ao evento assistiu a abertura gradual das restrições somente a partir de 1889, pois mesmos os papeis femininos, antes eram interpretadas por homens (LIVRET OFFICIEL, 1905). O viés feminino através da marcação do lugar social pela assunção de importantes papéis de âmbito festivo[134] (chefia, direção, supervisão) ganhou importância e notoriedade a partir do século XXI, mais especificamente na celebração de 2019, através da quebra de paradigmas com a apropriação de práticas até então interditas às mulheres como a tropa dos "*Cent Suisses",* guarda militar de tradição exclusivamente masculina, em 2019 ganhou a companhia feminina das "*Cent Suissesses",* ou ainda o *"Cent por Cent Suisses"* que admitiu mulheres na sua tropa, o folclórico "*Messager Boiteux*" personagem masculino enigmático, recorrente em todas as festas precedentes, mudou de identidade na celebração de 2019, sendo interpretado por uma mulher.

Nesse sentido, a inclusão social foi, pela primeira vez na história das *Fête des Vignerons,* tema de interesse por meio da direção do evento. Ainda que essa matéria tenha tomado fôlego desde a década de 70 em países como a Alemanha e a Suécia através de políticas públicas direcionadas (RATZKA, 1999), foi somente a partir do século XXI que esse componente, até então invisível, ganha destaque na FDV. Através da orientação inclusiva, incorporam-se na tropa de *Saint-Martin* doze jovens figurantes com mobilidade reduzida ou algum tipo de deficiência, como autismo, síndrome de *down*, paralisia. Em contrapartida, não se deve olvidar a representatividade da figura do diretor do evento, pois cada edição carrega consigo as suas concepções, leitura e os conceitos que se pretende incorporar, porém devem pactuar diretamente com os princípios e pontos de vista da confraria, onde toda mudança, como temas, *tabus*, novos contextos e tendências, passam pela apreciação da instituição que, em 2019, se viu submersa em um universo de divergências entre o diretor Finzi Pasca e o

[133] Entrevista concedida por ONIX, [08.05.2018]. Empresário. Entrevistador: Giselle Schmid, 2018. Arquivo mp^3 (45min).

[134] Entre os importantes papéis de âmbito festivo, o espetáculo de 2019 reflete uma grande homenagem às mulheres sob vários aspectos, por meio da acentuada participação delas em vários setores da direção, como figurantes ou voluntárias, como Caroline Meyer, chefe do coral; Giovanna Buzzi, responsável pelos figurinos, Ambra Schumacher, assistente na concepção e criação dos trajes; Lisa Ruffini assistente na produção e realização dos costumes; Laura Guglielmetto como assistente de coreografia; Maria Bonzanigo, principal compositora, diretora musical e coreográfica do espetáculo; Estelle Bersier e Melissa Vettore, assistentes do diretor do espetáculo, além das inúmeras voluntárias engajadas nas mais diversas atividades antes, durante e depois do evento, dentre os cerca de 1000 voluntários.

Abade François Margot, tendo esse último restringido sobremodo o poder de decisão da direção, gerando conflitos e entraves na evolução do espetáculo.

Na concepção de Del Priore (1994), as festas também são espaços destinados à manifestação de problemas, que vão desde frustrações, revanches e reivindicações de vários grupos sociais. Contexto que não se difere em se tratando da festa em estudo que, historicamente, foi palco dessas adversidades, terreno de muitas críticas sob diferentes aspectos, onde os relatos dissidentes evidenciam que esses conflitos fazem parte da tradição festiva, por vezes considerada:

> "Ou muito folclórica, muito contemporânea, muito regional, muito internacional, muito conservadora, muito ambiciosa, muito custosa, muito moderada, muito depravada, muito nacionalista, muito Vaudoise, muito Veveysanne" (HOFMANN, 2019: 62).

Em 2019, durante o processo de organização, a FDV foi cenário de vários conflitos internos e externos, de natureza política, econômica e social. Muitas divergências foram sentidas no terreno, sobretudo em 2018, quando o momento político local atravessava uma fase de fragilidade em virtude das investigações, dos afastamentos e demissões envolvendo as autoridades municipais. Vevey estava numa situação vulnerável, tendo em vista a instabilidade no quadro político regional, do mesmo modo causando preocupações entre os atores do evento, que apesar de evidenciar um discurso de distanciamento com o meio político, possuem uma relação de simbiose com a festa. Isso porque muitos conselheiros da confraria atuam em cargos públicos, concordando com a percepção de Duvignaud ([1977], 2012: 209-210):

> "Uma espécie de propriedade comum que alimenta a vida coletiva e que atua como a miragem dos sonhos. Por outro lado, alguns elementos são invisíveis e secretos, como a política e as intenções do poder, sendo revelados apenas por ocasião dessas demonstrações".

Para mais, algumas adversidades ocorridas em Vevey, que não se esgotam entre essas linhas, foram sentidas durante o longo tempo da festa, nomeadamente o fechamento do estacionamento na Praça do Mercado, em função do início das obras na arena, o que ocasionou a contrariedade dos comerciantes locais devido a diminuição do número de clientes (outubro 2018); o prolongamento da abertura do comércio de Vevey durante os preparativos do evento (janeiro 2019), tendo a aquiescência de alguns que vislumbravam ganhos financeiros, e o descontentamento de outros pela extensão da jornada de trabalho; a mudança da feira da Praça do Mercado (novembro 2018) não sendo benquisto, tendo em vista a tradição local e os hábitos dos consumidores da região; a fabricação dos trajes da festa na

Itália (2018) em razão dos altos custos na Suíça, o que gerou indignação entre as costureiras do país; a exclusão das divindades mitológicas (abril de 2018) descritas por alguns como um sacrilégio. Nessa perspectiva, tais antagonismos estão representados no discurso de um morador da região:

> "[...]. Quando organizamos uma festa, somos responsáveis pelos dois lados da moeda: a cara e a coroa. Não é apenas um lado. O lado da visibilidade, mas também de todos os problemas sociais que estão por trás. Mas, por enquanto, a um ano da festa, não vejo nada sendo feito. E a irmandade dos viticultores, tem poder político, relacionamento municipal [...]. Sim, mas você tem a irmandade e, pelo que vejo, enfim, eles têm uma possibilidade de fazer o que outro organizador nunca poderia fazer"[135].

Apesar disso, fica clara a forte fusão entre a cidade e a festa, onde em outros tempos essa interconexão era enraizada a tal ponto que mesmo a multinacional Nestlé concedia folga aos seus funcionários para colaborar na festividade, ou ainda as férias das vindimas dadas aos alunos do cantão de Vaud, a fim de ajudar no período da colheita, ambas extintas. Atualmente, essa simbiose pode ser mensurada no grande quantitativo de adeptos que no momento da festa passam da condição de *"patês* frios" a tórridos, num entrelaçamento de práticas e conexões sociais quer seja no papel de extras, voluntários ou espectadores, numa conduta doária de natureza altruísta naquilo que Duvignaud ([1977], 2012) chamou de "dom do nada", tendo em vista que esse evento tem como protagonista o voluntariado, atuante nos setores mais simples aos mais exigentes que, segundo Carruzzo-Frey e Dupont (1998: 172-173) mais do que uma festa ou um espetáculo "é a celebração de que uma região inteira, do campo à cidade se sente envolvida. Pontua o tempo, criando, quando chega a hora, a vontade de se comprometer voluntariamente para permitir seu pleno sucesso". Como explica um voluntário bastante engajado no evento: "eu tenho um amigo que mora em Aigle com sua esposa, eles estão na tropa "maîtres tailleurs", ele teve que brigar muito com seu chefe para conseguir três semanas no verão. Geralmente ele teria apenas duas"[136]. Esses entrelaçamentos perpassam o âmbito festivo transitando noutros contextos, como por exemplo, na vida profissional desses atores-figurantes que recebem uma carga volumosa de ensaios que precisam ser adequados à vida pessoal de cada um desses indivíduos, pois como bem aponta Vinck (2019), em 2019 quase três quartos das pessoas participaram da preparação da festa nos

[135] Entrevista concedida por ONIX, [08.05.2018]. Empresário. Entrevistador: Giselle Schmid, 2018. Arquivo mp^3 (45min).

[136] Entrevista concedida por CALDANA, Gino. [12.02.2019]. Aposentado e voluntário na *Fête des Vignerons*. Entrevistador: Giselle Schmid, 2019. Arquivo mp3 (55min).

dias de folga, nas horas extras acumuladas ou nas férias tiradas sem remuneração; 3% deles se beneficiaram de alguns dias adicionais de folga oferecidos por seus empregadores e, entre os profissionais autônomos 12% precisaram reduzir o horário de trabalho ou contratar pessoas para substituí-los.

Portanto, essa simples procissão realizada na cidade de Vevey, na década de 1797, orquestrada pelas famílias de viticultores, saía pelas ruas para festejar e exaltar não necessariamente o vinho, mas o trabalho resultante dele, tendo como espaço as ruas e as praças; aos poucos, foi dando lugar ao corpulento evento de natureza espetacular que se inflou e tomou proporções desmesurada, representado através da monumentalidade das formas espaciais efêmeras com a adoção de arenas que se ampliaram cada vez mais por meio do hiperdimensionamento, por vezes parecendo engolir o lugar festivo, ganhando com o passar do tempo uma estrutura edificada com ampliação espacial e física, fruto das alterações ocorridas na sociedade contemporânea. Abriga uma matriz programática composta por artistas reconhecidos no meio público midiático, selecionados num processo de cooptação que, muitas vezes, durante anos espreita esses atores-sociais em eventos e apresentações públicas com vistas a escolher os melhores. Para Harvey ([1989], 1992), a espetacularização desses espaços urbanos contribui com os investimentos na imagem e, consequentemente, na geração de receitas, na aquiescência com o segmentário, com o aspecto intermitente e efêmero dos eventos, mas acima de tudo a espetacularização caminha de mãos dadas com a mercantilização, onde a difusão de ideologias que antes se transmitiam numa perspectiva regional e local ganham amplidão, características marcantes que no decurso do tempo foram se incorporando na performance da *Fête des Vignerons*.

O processo de produção do evento exige, acima de tudo, o agenciamento de muitos atores sociais, assim como uma geração disposta a perpetuar a festa que, a cada edição, se transforma em um laboratório de inovações e ideias, por meio das construções colossais e de toda infraestrutura de produção da ambiência urbana, do *merchandising*, da profissionalização do trabalho de criação, da articulação dos aspectos teatrais, cênicos e musicais em função dos contextos econômicos, sociais e políticos. É interessante notar que estamos diante de um espaço festivo que diverge sobremaneira do cotidiano da cidade de traços rurais, uma vez que é difícil reconhecer Vevey no período festivo e após isso – nos dias comuns, em razão dos extremos contrastes existentes; de um lado temos o essencialismo Veveysanne, com um povo particular, do ponto de vista do perfil fortemente reservado, discreto e conservador, que não têm reputação de serem festivos, com ruas quase sempre ermas e bonançosas onde o

distanciamento e a algidez parecem ser traços marcantes do local e, de outro, a drástica transformação em função da FDV, quando os rumores da eclosão começam a ecoar e a vila se mobiliza por meio de redes solidárias, através dos seus agentes na empreitada do evento. Uma dinâmica que atua no rompimento do cotidiano (DUVIGNAUD, [1977], 2012).

Dialogando com os diversos estudiosos do assunto, Émile Durkheim publica no início do século XX uma obra que ficaria célebre: "*Les formes élémentaires de la vie religieuse"* de 1912. Ele constrói o tipo ideal de festa, o que faz com que seus aspectos cerimoniais coexistam com os divertidos:

> "A festa é aqui uma associação coletiva que gera, por suas funções recreação e libertação, excitação e exaltação, conduzindo a sociedade ao contato com o sentimento do sagrado. As festas também podem ser consideradas como momentos singulares, onde as pessoas se reúnem com um objetivo comum, e a partir disso se fortalecem. Nesse contexto, instaura-se o clima de riso, da despreocupação, dos excessos, da descontração, onde a mente esvazia-se do fardo cotidiano, abrindo espaço para o lúdico e o imaginário" (DURKHEIM, [1912], 2007: 547-548).

Assim, a *Fête des Vignerons* atua na proximidade entre as pessoas, comumente tão distantes entre si e na tamanha exaltação e efervescência coletiva (DURKHEIM, [1912], 2007) que se produz, metamorfoseando esses "*patês froid"* que trazem um grande desafio ligado às futuras celebrações, ter sempre uma geração para conduzí-la e patrocinadores prestes a investir altos valores na sua produção, a fim de manter viva a tradição. Configuram-se, ainda, como elementos indispensáveis na perenidade desse evento, a própria sobrevivência dos espaços vitícolas na região e a manutenção desses domínios por meio das práticas de controle executadas e sustentadas pela *Confrérie des Vignerons*.

Esse evento tem uma capacidade interessante de se inovar, readaptar, reinventar. Em cada edição, a geração que abraça a festa busca recriá-la, adaptando-a à realidade vigente, naquilo que Vinck (2019: 107) chamou de "desafio geracional de fazer melhor que os parentes". Talvez um dos segredos para sua longevidade esteja associado ao pertencimento à cultura da vinha, do vinho e da festa em si, mas também à tradicional comunidade vitícola onde os domínios são repassados de pai para filho num processo de transmissão geracional, similar ao que ocorre com a FDV que, em conjunto com os tradicionais Veveysannes, sua vontade e disponibilidade em se doar são componentes que contribuem para que essa celebração, mesmo com toda letargia, onde ela imerge numa espécie de "coma profundo", ainda assim, possa acordar e ganhar vida uma vez por geração.

4.2 Narrativa Hegemônica: O discurso e a Prática

Em Vevey, aos olhos de quem de longe observa, parece haver, em tempos de festa, da *Fête des Vignerons*, uma grande congregação humana de laços solidários, de amor incondicional às origens referidas como tradicionais, um sentimento de pertencimento a uma região e seu *savoir-faire* vitícola, espécie de brio, pelo fato de fazer parte de uma das poucas cidades no mundo onde se conserva uma festa de atipicidade excepcional, do ponto de vista do seu modo festivo, nomeadamente em função do seu ciclo irregular. Em contrapartida, num olhar mais localizado e aproximado, podemos perceber diversas idiossincrasias, visto que estamos diante de uma festa profundamente mercantilizada, midiatizada, com dimensão política recôndita.

> "Eu não gostei do espetáculo. Criticar a *Fête des Vignerons* quando você é de Vevey é um ato arriscado. Os poucos que se atrevem a fazê-lo são criticados por serem desmancha-prazeres, queixosos ou por falta de patriotismo. Como se atreve a criticar ou reclamar de uma festa popular que só acontece uma vez a cada geração e que deixa todos felizes ou até em êxtase? Mas, a meu ver, o clima da cidade e o empenho dos figurantes não são suficientes para compensar a mediocridade do espetáculo e o gigantismo dessa operação de *show business*" (LE TEMPS, 2019).

O excerto acima, extraído do artigo publicado no "*Le Temps*", em 12 de agosto de 2019, traz um texto que remete à análise e leitura da melancolia pós-festa. O referido discurso também acaba por pactuar com as percepções testemunhadas no terreno, da pluralidade de narrativas e dos elementos ocultados na construção desses discursos, onde em meio a conversas e entrevistas, foi possível constatar a dificuldade em encontrar relatos negativos e reprovatórios sobre o evento, ou seja, os dois lados da moeda, "a cara e a coroa", mencionada por um morador local, fazendo alusão a todas as adversidades e incovenientes que podem se manifestar em uma festa. Isso porque parece haver, ainda que de maneira dissimulada, certo receio em expressar comentários nefastos sobre a FDV, quer seja, como forma de evitar julgamentos e críticas por parte daqueles que se investem intensamente no evento, ou ainda, ser considerado como diferente, estranho, numa cidade onde grande parte se engaja nos trabalhos voluntários de construção do espetáculo.

Um dos feirantes confessou ter sentido o efeito da mudança da feira de produtos agrícolas da Praça do Mercado, mas preferiu ficar anônimo por medo de represálias ou que suas palavras o prejudicassem de alguma forma, tendo em vista a proximidade da festa. Segundo ele, "desde a saída do mercado, no sábado, o faturamento foi 60% menor. Os meses de janeiro e fevereiro são calmos de qualquer maneira, mas em minha carreira nunca vi uma

queda como a que sofri desde outubro" (JUILLARD, 2019). Cabe aqui destacar, ainda que de maneira minguada, casos de exceção evidenciados no terreno, como a de um morador que assegurou seu desafeto, distanciamento e abstenção na celebração de 2019. Contudo, num dos retornos ao campo, deparei-me com a vitrine da sua loja decorada[137] com os figurinos das festas precedentes e diversos produtos que remetiam às celebrações passadas. A dinâmica de decoração das vitrines (foto 27) é seguinda por grande parte dos comerciantes que entram no clima do evento. No entanto, existem aqueles que se mantêm indiferentes, ou ainda que vendem seus negócios nesse período – uma dinâmica bastante diversificada.

Foto 27 – Vitrines decoradas em Vevey

Fonte: Autora (2019).

Efetivamente, as declarações facciosas se direcionavam, sobretudo, aos aspectos positivos, pautando-se nas memórias e referências das celebrações passadas e nas experiências individuais ou coletivas vivenciadas nesse contexto, omitindo ou ignorando as adversidades e transgressões, componentes incontestáveis das festas. Entretanto, na prática, algumas condutas, no espaço festivo, seguem na contramão das narrativas antagônicas. Uma

[137] Historicamente a decoração das vitrines das lojas é algo habitual em Vevey durante essa celebração, mas nem todos seguem à risca esse modelo dito tradicional; por outro lado, essa prática acaba por mostrar a grande adesão da população ao evento.

delas pode estar associada ao álcool, posto que "é preciso que toda gente se divirta à grande, até se prostrar" (CAILLOIS, [1950], 2015: 96), pois essa é a própria lei da festa. Na *Fête des Vignerons*, é indiscutível a presença de álcool, sobretudo o vinho, o que conduz a casos de excesso, onde a exageração desse consumo pode causar alterações no ambiente do evento. Caillois ([1950], 2015), na construção da teoria da festa, entende a efervescência, a confusão universal e o excesso festivo como evidências da suspensão dessa ordem natural do mundo, mas também enquanto condição da própria renovação da ordem social. Para ele é o paroxismo da vida corrente, divergente das inquietações cotidianas. Por isso, tudo deve ser feito às avessas, pode-se agir contra as regras. Para o autor, o excesso se constitui como um elemento de grande importância no contexto festivo, sendo quase que indivisível, pois a destruição e o dispêndio, são componentes diretos da essência da festa, haja vista que:

> "Não há festa, mesmo triste por definição, que não inclui pelo menos um começo de excesso e generosidade [...]. Nos velhos tempos ou hoje, a festa é sempre definida dançando, cantando, comendo, bebendo. Você tem que dar toda a sua energia até ficar exausto até ficar doente. Esta é a própria lei da festa [...] Não é, portanto, apenas um acompanhamento constante da celebração. Não é um simples *"épiphénomène"* da agitação que se desenvolve. Ele é necessário ao sucesso das cerimônias celebradas, participa de sua santa virtude e, contribui com eles para renovar a natureza ou a sociedade. De fato, esse parece ser o objetivo das festas" (CAILLOIS, [1950], 2015: 66 e 68).

Fournier (2005: 410) considera como "o segundo caráter anti-patrimônio das festas, o consumo de álcool. Se patrimônio é memória, a celebração costuma ser esquecida". Apesar de Godinho (2005: 39) destacar que "o exagero no consumo alcoólico e alimentar, o empanturramento e a embriaguez são, de resto, apanágio das festas". No caso específico da FDV 2019, pode-se observar que essa tendência foi díspar, pois ainda que o vinho fosse um dos componentes integrantes, podendo ser considerado como o segundo rei da celebração, o consumo alcoólico representou um quadro modesto. De acordo com o chefe da segurança Denis Froidevaux, apesar dos inconvenientes, "os moradores jogaram o jogo", houve poucas reclamações. No intervalo de duas semanas, uma média de apenas 1.200 intervenções policiais e 800 relacionadas a problemas associados à saúde, uma soma pequena se considerarmos a amplitude do espetáculo e o público visitante (BUSSLINGER, 2019). Por outro lado, existiram divergências e elas foram sentidas em várias esferas, durante todo o tempo longo do processo de produção.[138]

[138] A produção dos figurinos da festa na Itália, o elevado preço dos bilhetes, o horário de funcionamento do comércio, o fechamento do estacionamento da Praça do Mercado, a construção da arena, a prolongação do funcionamento do restaurante da confraria, a gratuidade de bilhetes aos moradores de Vevey durante os ensaios

A pluralidade das narrativas nos indica que o espetáculo da FDV também foi alvo de críticas. Uma delas se refere aos altos valores cobrados em diversos segmentos da produção do evento: *souvenirs*, bilhetes, figurinos, alimentação, estacionamento, etc. Os bilhetes de acesso à arena estavam entre um dos temas mais refutados. É constante uma polêmica quanto aos preços cobrados, mas, a organização destaca que os tempos são outros, os custos também. A festa tomou dimensões extraordinárias, demandando despesas cada vez mais onerosas, consequentemente implicando tais elevações. Em 2019, um terço do orçamento foi coberto pelos bilhetes e os patrocinadores assumiram 20% (totalizando entre 300.000 a 1,35 milhão por patrocinador) (LE TEMPS, 2019). Por exemplo, o orçamento do espetáculo quase dobrou, de 54 milhões em 1999, para 100 milhões em 2019. Foi um dos aspectos para a justificação do aumento do numerário. Além disso, foi feita uma analogia entre os bilhetes vendidos na celebração de 1999 e os relativos a 2019, tomando como base o índice de preços ao consumidor, que permitiu verificar que houve um aumento de 4,2%. Nessa perspectiva, algumas contrariedades são evidentes nas observações feitas por um espectador:

> "Achei injusto notar que não levaram em consideração todos os espectadores. A cena do avô e da menina[139] foi representada do outro lado de onde eu estava sentado, assim como o discurso dos três reis magos que aconteceu atrás de mim. Meu assento era ruim pelo preço que custou" (LE TEMPS, 2019).

A capacidade de carga foi igualmente um dos pontos abordados, tendo em vista que a dinâmica cotidiana de fluxo de pessoas e veículos sofreu significativas alterações no início das obras de montagem da arena (foto 28), culminando com a canalização do trânsito em outros circuitos, contrariando algumas pessoas por diversas motivações, tais como: as dificuldades no acesso a determinados lugares, a diminuição dos espaços para estacionar, além do grande fluxo de pessoas e veículos. Em contrapartida, a organização do evento tinha como justificativa de legitimação do seu discurso a mensuração das festas precedentes, referindo que no intervalo de uma geração muita coisa muda, até mesmo o quantitativo de espectadores. Outro aspecto que não se deve olvidar é o fato de em cada edição a festa buscar se superar, suplantando determinados componentes da sua performance.

---

na arena, o pagamento do espaço da festa, os divergentes ponto de vista entre o Abade e o diretor do espetáculo, etc.

[139] A cena do avô e da menina a que o espectador se refere, concerne a Julie e seu pai que narram a história da confraria, dos *vignerons-tâcherons* e da festa durante a passagem de cada tropa.

Foto 28 - Obras de construção da arena

Fonte: Autora (2019).

Para além da alteração do fluxo normativo das culturas, a efetivação de eventos contribui na intensificação e aquecimento da economia local, através da intensa cadeia produtiva que se estabelece, por meio da lógica da troca mercantil, um dos componentes festivos na economia capitalista. A *Fête des Vignerons* não foge a esse modelo contemporâneo, tendo sido palco de inúmeras atividades de caráter comercial, através da venda de produtos que iam desde o pequeno chaveiro a obras de arte; de uma produção confeccionada em grande escala a objetos artesanais; distinguindo-se tanto em razão da orientação a distintas categorias de consumidores – da média a alta, como aos valores praticados no preço final de cada um desses objetos. Para mais, estes artigos parecem congregar um forte simbolismo aos moradores da região, sendo objetos de memória e ufania, como defendeu uma voluntária que atuou no controle de acesso à arena, ao indagar: "você já recebeu sua camisa azul da *Fête des Vignerons*, eu já recebi a minha, não deixa de buscar pois, daqui a 25 anos você vai vesti-la novamente, eu não estarei mais aqui, mas a festa sim"[140]. Além disso, é possível perceber diversas alterações de caráter comercial associadas aos objetos que remetem à FDV, como por exemplo, a agregação de valor aos artigos derivados dos eventos passados, tanto para aqueles vendidos no comércio *on line*, como nas

[140] Entrevista concedida por Christiane. [25.07.2019]. Aposentada e voluntária na *Fête des Vignerons*. Entrevistador: Giselle Schmid, 2019. Local: Controle de acesso da arena.

lojas físicas. Há, igualmente, a elevação dos preços cobrados pelos produtos dos anos antecedentes, bem como o lançamento de uma variedade de artigos. Foi um momento onde a literatura sobre a festa deu um grande salto, com livros que se publicavam a "todo vapor", abordando diferentes temas, onde mesmo a programação do espetáculo - um livreto de pouco mais de dez folhas apresentando a transição das tropas, foi comercializada em 2019. Essas publicações contribuíram para que os autores e a própria confraria, uma das que mais lançou livros, lucrassem com esse tipo de negócio. Nessa perspectiva, percebe-se um acentuado aquecimento do comércio, com uma forte mercantilização, servindo igualmente para mostrar que:

> "As festas tinham (têm) uma função, algumas vezes claramente perceptíveis outras imperceptíveis, que ia (vai) muito além do fato celebrado em si, sendo "úteis" para as diversas camadas da sociedade. Por trás de toda festa há sempre uma longa história repleta de interesses religiosos, ideológicos, sociais, econômicos, políticos" (CAPONERO, 2014: 29).

Na obra "o novo espírito do capitalismo", ao abordar a matéria da mercantilização da diferença como resposta do capitalismo, Boltanski e Chiapello ([1999], 2009: 444) sugerem que "essa cooptação assumiu a forma de mercantilização, ou seja, o ato de transformar em «produtos» (com incidência de um preço e possibilidade de troca num mercado) bens e práticas que em outro estado ficavam antes fora da esfera do mercado". O capitalismo conseguiu penetrar em domínios, até então dissociados das dinâmicas comerciais, como o lazer, as atividades culturais, o turismo. A autenticidade desses bens se condicionava, sobretudo, em função desse distanciamento. Para Godinho (2010: 221-222):

> "As festas se urbanizaram, tomando os valores que a burguesia considera prestigiantes, tornando-se discursos de produção e consumo, embora com diferenciação entre as duas instâncias: uns produzem para que outros consumam".

Contudo, apesar da capa da equidade, grandes empresas puderam lucrar muito mais que outras, sobretudo após a liberação pelo Tribunal Cantonal para que o comércio de Vevey pudesse estender seu horário de abertura, coadjuvando no aumento das vendas. Narrativa sustentada por um comerciante local:

> "É bom que estejamos falando da *Fête des Vignerons*, mas não pensamos muito em tudo o que está por trás. Até para a CFF (se referindo à companhia de trem), por exemplo, a festa é extraordinária. Eles vão transportar dezenas de milhares de pessoas para Vevey todos os dias. E para as padarias, para os cafés, eles vão fazer *non-stop*. Das 11 da manhã às 22 da noite, você pode comer sem parar, e isso na Suíça não existe. São de 12 às 14 horas, se você for às 14h15, você não come mais, o cozinheiro foi embora. [...]. Então, pra esses, [...], depois eles podem tirar dois

> meses de férias. Não há problemas. Mas aqueles que estão de lado, esses terão problemas[141].

Na esteira dessa discussão, certos comércios foram afetados em consequência de dois fatores. O primeiro, em função da sua localização geográfica, pois quanto mais distante da arena - lugar onde a concentração de pessoas era maior, menores eram as chances de vendas; o segundo se relacionava a certa invisibilidade, tendo em vista o fechamento de ruas e estacionamentos, o bloqueio de pedestres, contribuindo para afugentar certos clientes, contrariando os comerciantes locais, como nos indica o proprietário de um hotel localizado na Praça do Mercado que declarou: "Eu escrevi minha primeira carta de rescisão hoje. Se continuar assim, provavelmente terei de me separar de oito ou dez funcionários" (JUILLARD, 2019), ou ainda o patrão de um restaurante e hotel que funciona na referida praça, que relata sua decepção:

> "Essas obras são uma grande perda de visibilidade e o acesso ficou difícil. [...]. A falta de vagas de estacionamento nas imediações desempenha um papel importante. Em novembro, quando a praça estava parcialmente fechada, atendíamos cem pessoas por dia, hoje, são vinte. A taxa de ocupação dos quartos é normalmente entre 12 a 17. No momento, são de 1,3 quartos alugados por noite, em média" (JUILLARD, 2019).

Com isso, alguns empresários buscaram soluções alternativas, repensando suas atividades na busca por clientes na altura da festa, como o salão de beleza que fazia penteados ao ár livre a pequenas somas, acompanhados de sorteios de serviços e produtos de beleza; ou ainda a presidente da Associação do Comércio de Vevey Astrid Meyer, que se fantasiou com um figurino de época e distribuía panfletos e bônus de cinco francos da sua livraria. Nessa perspectiva, um aspecto que nos parece relevante é perceber os interesses particulares que as festas despertam. Como bem observou Heinich (2009), esse processo de doação e contradoação, pautado sob a lógica econômica, atua como um regulador no acúmulo de riqueza. Numa análise sobre a sociedade de consumo, Baudrillard ([1970], 1995) estabelece uma distinção entre a lógica funcional e utilitária do valor de uso e a lógica econômica e mercantil do valor de troca, fazendo alusão ao "ideal de conformidade". Nesse caso, de acordo com Baudrillard ([1970], 1995: 78) "a necessidade e o valor de uso são perpassados desde o seu íntimo pela lógica da troca mercantil, no qual a dinâmica do consumo, ativada nesse nicho mercadológico, estabelece outras funções à organização e expressão da cultura". Para o autor chegou-se a um momento em que:

[141] Entrevista concedida por ONIX, [08.05.2018]. Empresário. Entrevistador: Giselle Schmid, 2018. Arquivo mp^3 (45min).

> "Os homens da opulência não se encontram rodeados, como sempre acontecera, por outros homens, mas mais por objectos. O conjunto das suas relações sociais já não é tanto o laço com os seus semelhantes quanto, no plano estatístico segundo uma curva ascendente, a recepção e a manipulação de bens e de mensagens, desde a organização doméstica muito complexa e toda a maquinaria material das comunicações e das actividades profissionais, até o espetáculo permanente da celebração do objeto na publicidade" (BAUDRILLARD ([1970], 1995: 15).

Paradoxalmente, a festa de honra ao trabalho do viticultor revela-se também o espetáculo mercantil, onde "tudo o que ela toca vira ouro", podendo ser transformado em objeto de comercialização, como, por exemplo, os diversos usos da arena, que serviu como circuito turístico àqueles que tinham como interesse descobrir o hiperdimensionamento e as várias etapas do processo de montagem. O roteiro devidamente organizado, para grupos ou individualmente, era acompanhado por um guia bilíngue, um profissional do canteiro de obras que explicava tecnicamente a construção, findando com um aperitivo regado aos vinhos da festa. O cenário também contou com um restaurante oficial, chamado "*Terrasses de la Confrérie*", um dos mais privilegiados, do ponto de vista da sua localização, posicionando-se dentro do lago Léman, atraindo a atenção em função da sua exuberância e sofisticação, que, associados à paisagem dos Alpes e do lago, impulsionou a presença de muitos visitantes, sendo também ponto de encontro entre os figurantes. Em contrapartida, esse mesmo espaço, reserva ambientes privativos e exclusivo a convidados intitulados "especiais", dentre eles, o príncipe de Mônaco, autoridades políticas do país e dos diversos cantões, recebidos em torno da mesa com diversas regalias, através de banquetes com produtos do *terroir* e vinhos de primeira linha da região.

Esse megaevento, que tem lugar na pequena cidade de Vevey, apresenta uma estruturação dualista, num processo ritual que une e separa, pois se por um lado ela compreende o ambiente restrito e pagante da arena, de outro, estende-se pelos espaços festivos e gratuitos da cidade, por meio da estrutura que foi montada para acolher a "Vila em Festa", dicotomia manifesta no discurso de um dos participantes:

> "A poesia e delicadeza das várias tropas foram em grande parte oprimidas pelo tamanho gigantesco da arena. A encenação era composta por muitos elementos díspares, ao mesmo tempo e em níveis diferentes, o que tornava difícil ver e compreender o todo. [...] O espetáculo mais bonito estava ali: na rua, gratuito e acessível. Enfim, na minha opinião, não houve necessidade do tamanho gigantesco da arena e da exibição [...] para fazer uma festa bonita e popular para marcar uma geração" (LE TEMPS, 2019).

Assim, esta festa do superlativo, do agigantamento, espetáculo visual, ligado a uma tradição vitícola anciã, onde a população local, conhecida como pouco expansiva, sai das suas

"conchas" com a convicção de se investir durante meses nesse projeto, como declarou um voluntário: "São quase todos os dias que eu trabalho como voluntário: segunda, terça, quinta, sexta e às vezes até sábado. Como lá, por exemplo, trabalhei quase duas semanas" [142]. Por isso, imergindo num processo de metamorfose, na qual permanece durante quase um mês demudada, a *Fête des Vignerons*, nesse contexto específico, se assemelha às "Festas do Povo" descrita por Cunha (2006: 178) que revela a "transfiguração que remete também para o sentido fundamental e quase exclusivo da festa, o da exornação da própria vila, aquilo que durante alguns dias a tornará irreconhecível".

Desvelou-se num grande paradoxo o espetáculo em si, associado à simbologia de homenagem à simplicidade, do hino à terra, do retorno aos valores simples, da exaltação à ruralidade, ao mesmo tempo em que integram novos formatos a partir de componentes da mercantilização, da modernização, da criatividade e da tecnologia, por meio da inserção de um piso em LED, dos telões espalhados em diversos pontos do evento, de pessoas que sobrevoavam a arena, de aviões que faziam acrobacias aéreas, dos efeitos visuais e sonoros visualmente chamativos, do superdimensionamento, dos altos custos envolvidos, de um espetáculo que prezou pelo sensorial e emocional. Essa condição foi referenciada por Kellner (2006: 121), quando aponta que "as formas de espetáculo evoluem com o tempo e a multiplicidade de avanços tecnológicos". Esse espetáculo andou de "mãos dadas" com o *marketing*, tendo como objetivo fixar a atenção e olhares no espaço interno da arena, razão pela qual se explica a estratégia da sua construção, sob a forma dos "*terrasses de* Lavaux*",* com grande inclinação. Acima de tudo, foi totalmente fechada e alta o suficiente, a fim de esconder a paisagem do lago, dos alpes e todo contexto extra arena, visando assim, evitar a concorrência com outros elementos do ambiente externo.

Algo bastante evidente, revelado através dos vários recursos empregados, refere-se à dimensão midiática, dando destaque à imagem festiva, numa perspectiva de abertura para fora. Nesse ponto de vista, a FDV converge exatamente com aquilo que Godinho (2005: 39) defende sobre as festas, descortinando que: "estas cerimônias, revivificadas em virtude da projecção exterior, com custos, mas também com benefícios locais, [...] beneficia agora do forte efeito de retorno e retroacção que os meios de comunicação possibilitam". Considerando o objeto de estudo, a proeminência midiática foi um dos recursos assaz utilizado, com vistas à

[142] Entrevista concedida por CALDANA, Gino. [12.02.2019]. Aposentado e voluntário na *Fête des Vignerons*. Entrevistador: Giselle Schmid, 2019. Arquivo mp3 (55min).

internacionalização do evento, principiado desde a cerimônia de 1977, na época julgada bastante ousada. Para tanto, a festa publicitária se rendeu à imprensa internacional da Suíça Francófone, da Suíça Alemã e de vários lugares do mundo (Brasil, Estados Unidos, Vietnã, China, Japão e de grande parte da Europa) que participaram da sua cobertura, contando com uma média de mil jornalistas credenciados.

Com isso, observa-se um estriamento do espetáculo que transcende as fronteiras do país, sendo veiculada em diferentes meios de comunicação e publicitários de massa, por meio das diversas narrativas de afirmação do evento, como a agência americana Associated Press que abordou a espantosa amplidão da "Vila em Festa", ou ainda o New York Times que, em fevereiro de 2018 indicou a cidade de Vevey como um dos dez destinos mundiais a ser visitado no verão. Do mesmo modo, a FDV foi divulgada no The Guardian (Inglaterra); no Journal du Dimanche (França) e no National Geographic (USA). Por sua vez, o tabloide britânico "The Daily Star" enfatizou que a Suíça não é apenas chocolate e queijo, destacando o papel do vinho. A televisão francesa TF1 também dedicou um tempo do seu jornal da noite à FDV. Segundo o "Dauphiné", a celebração constitui a história íntima dos Veveyannes, que dedicam anos de suas vidas a serviço de um sonho, "a seus olhos, a *Fête des Vignerons* é uma embriaguez e, portanto, esquecido no dia seguinte até a próxima geração". Já a revista inglesa "Monocle" escreveu, que, neste verão, Vevey é "o lugar para estar". O "The Guardian" oferece "as dez melhores coisas para fazer em Vevey e Montreux". O diário britânico sugere aos seus leitores a *Fête des Vignerons* como um grande evento (BÉDA, 2019).

Nessa perspectiva, vê-se um grande volume de comunicações publicitárias em diversos meios (televisivos, nas rádios, em *outdoors*, em revistas, em jornais, etc.). Até mesmo peças teatrais abordando o tema, sorteios de bilhetes, mas acima de tudo, uma forte divulgação por meio do *marketing* "boca a boca" feito pela população de Vevey, tendo como efeito a visibilidade do espaço público, e, mais ainda, dos patrocinadores que ganharam destaque nessa altura.

Nesse contexto, a publicidade constitui um dos pontos estratégicos e revela-se talvez como o mais notável meio de comunicação de massas da nossa época. Na concepção de Baudrillard ([1970], 1995: 134), "surge como reino preferido do pseudo-acontecimento. Transforma o objeto em acontecimento, construindo-o como tal por meio da eliminação das suas características objetivas. Edifica-o como modelo e como «*fait divers*» espetacular". O autor acrescenta que: "a publicidade ao falar de qualquer objeto, os glorifica, virtualmente a todos, referindo-se igualmente à totalidade dos objetos e ao universo totalizado pelos objetos

e pelas marcas, em virtude da menção de tal objeto ou de tal marca" (Ibid., [1970], 1995: 129).

Essas referências servem para expressar o acentuado grau de relações estabelecidas com os média, as estratégias e práticas sociais e políticas e os jogos de interesses imbricados nesses contatos, convergindo com as considerações de Chartier (1988: 17) ao afirmar que:

> "As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnostico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Dai, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e praticas (sociais, escolares, politicas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas".

O lugar do político na festa sempre foi carregado de controvérsias. Entre os discursos "apolíticos" parecia haver certo propósito na transmissão de uma imagem de distanciamento com a esfera pública, de uma festa despolitizada, embora desde a celebração de 1797, várias entidades governamentais e do poder local fizeram parte do contexto festivo. É assim nas relações comerciais direcionadas à infraestrutura e aos usos do espaço público, ou na condição de convivas ilustres, atributo que não divergiu no espetáculo de 2019, com a esfera política bastante envolvida em vários aspectos, em especial através dos cortejos dos cantões, numa altura em que Vevey recebeu autoridades dos governos locais de todo o país. Foi assim igual na Proclamação da festa em 11 de maio, com o desfile dos representantes municipais, trazendo a Síndica de Vevey Elina Leimgruber ou ainda a Presidente do Conselho de Estado Nuria Gorrite que participou do cortejo dedicado ao cantão de Vaud em 11 de agosto, bem como a presença do Presidente do Conselho Federal Ueli Maurer no dia 1º de agosto, ou ainda a presença de políticos que compareceram como simples espectadores, como o Conselheiro Federal do Estado Alain Berset, que assistiu na arena à apresentação de sua mãe na tropa "Cor des Alpes". Cabe destacar que na concepção de Jacques (2004) os entrelaçamentos e essas relações de simbiose acordadas entre os gestores públicos e as festas revelam práticas um tanto comum, pois estes espetáculos servem como instrumentos de divulgação e marketing do lugar, por essa razão os gestores públicos enxergam nesses momentos oportunidades de vender a imagem desses destinos, do turismo e da marca da sua cidade. Em sua publicação "*Le Don du Rien*", Duvignaud ([1977], 2012: 209-210) deslinda a razão pela qual um evento é um espetáculo encenado. Isso porque eles "são acontecimentos para ver, tocar, ouvir, comer, dançar e desfruir. Uma espécie de propriedade comum que alimenta a vida coletiva e que atua como a miragem dos sonhos".

Apesar dos discursos direcionados ao distanciamento com a esfera política, muitas situações acabavam por transitar por esse terreno. Estes entrelaçamentos foram sentidos na celebração de 2019, principalmente por meio dos entraves orientados ao uso do domínio público, gerando tensões entre a cidade e a *Confrérie des Vignerons,* sobretudo consoante a alta soma cobrada - cerca de 1,9 milhões, pelo uso da Praça do Mercado. Essa circunstância foi contestada pelo diretor executivo da FDV, Frédéric Hohl, que admitiu ser incabível o valor exigido, reivindicando a gratuidade. Esses impasses foram palco de desacordos e contestações, gerando diversas reuniões em função da dívida colossal:

> "Estamos prontos para compensar a cidade de Vevey pela perda de receita relacionada aos parquímetros na Praça do Mercado, mas não por suas multas (se referindo ao estacionamento), explica Frédéric Hohl. Além disso, a cidade pode reclamar vários milhões de nós pela ocupação do espaço público, que nos recusamos a pagar. [...]. Esse valor está em negociação, assim como os custos relacionados à segurança do evento" (BLOCH, 2018).

Esses desacertos geraram desagrados entre a municipalidade e a sociedade dos viticultores que, por meio da assinatura de uma convenção, assumiu não somente um contrato de dívida com a cidade, mas igualmente com cada cidadão, pois a própria *Confrérie des Vignerons* legitimou em seu discurso que nenhum Veveysanne pagaria a conta pelo custo do evento. Antes da construção da arena, uma série de medidas foi tomada, como o montante no valor de 700.000 mil francos disponibilizado pela confraria à cidade como forma de compensação, tendo em vista as mudanças ocorridas em função da FDV. Por outro lado, serviu como suporte para acalmar os ânimos e os conflitos entre os comerciantes. Isso porque, uma parte desse valor (200.000) foi concedida à Associação Comercial da região para a promoção de ações de comunicação da economia local, organização de eventos e o apoio comercial durante o período de montagem da arena (LA LIBERTÉ, 2019).

Além disso, o evento assumiu o risco de não demandar ao estado nenhum tipo de subsídio como garantia em caso de prejuízo, principalmente por uma questão de liberdade, bem diferente do posicionamento tomado em 1999, apesar de, nessa altura não ter sido necessário em razão do benefício alcançado, o que não ocorreu em 2019. De acordo com os dados do "Le Nouvelliste" (2019), o prejuízo em 2019 chegou à soma de 16 milhões, principalmente em razão dos espetáculos diurnos que encontraram dificuldades em serem vendidos, gerando um desequilíbrio financeiro nas contas, que precisou fazer uso da sua reserva para saldar tanto os gastos, como continuar a financiar suas despesas fixas (BLOCH, 2018). Diante disso, podemos perceber certa inversão no "*modus operandi*" destas representações

culturais, onde o levantamento do fundo cerimonial, outrora arrecadado entre a própria comunidade, passa, agora, a fabricar dívidas cada vez mais descomedidas, chegando à altura em que não poderá mais ser suportado pela cidade festiva.

Juntam-se a essa perspectiva os discursos de soberania expressos na fala de um dos proprietários vitícolas: "Mas há também um problema prático e, provavelmente político: o vinicultor é independente. E não gostamos de intervenção do Estado, em primeiro lugar"[143]. Assim, como a festa não dispunha de nenhuma garantia do governo (discurso utilizado na legitimação dos custos), ela era livre para impor suas condições, como no caso dos bilhetes que não contavam com tarifas reduzidas para crianças, idosos ou desempregados; mas também ela não tinha nenhuma obrigação em efetivar compensações financeiras, à exceção dos figurinos dos atores-figurantes, ressarcidos em parte, em caso de saldo positivo. Ainda assim, uma dicotomia ligada a esse aspecto se deve principalmente à grande dificuldade em vender os bilhetes mais baratos – aqueles que custavam 79 francos, pois a grande procura se fazia principalmente pelos assentos mais caros da arena (BLOCH, 2018).

Contudo, as narrativas dominantes nos meios de comunicação divulgavam amplamente o êxito obtido pela festa, traduzido no recorde de público, resultando no sucesso da celebração, no orgulho de uma região e dos voluntários implicados. Em contrapartida, parecia ter certa relutância em reconhecer que apesar de tudo, a celebração havia encerrado com uma dívida colossal. O fracasso financeiro, juntamente com os prejuízos, foram temas de destaque, discutidos entre os membros do governo no Conselho Intermunicipal de 28 de novembro de 2019. Os discursos institucionais antagônicos, por um lado imputavam a responsabilidade financeira da confraria e o desacerto na excentricidade do fazer-festivo, transformando-se num grande dilema, posto que a própria vila se viu submersa. Reflexão discordante foi dada por um dos membros do poder público, Werner Riesen, responsável pela interposição de um recurso contra a isenção de 60% da dívida da festa:

> "Eu não vejo por que os cidadãos de nossa região deveriam assumir a loucura da grandeza dos organizadores. A população de Vevey já sofreu com a poluição, o barulho e os transtornos. Se uma organização não é capaz de organizar algo adequadamente, então não cabe aos cidadãos arcar com os custos. Essa proposta, é absolutamente inadmissível, razão pela qual convida o Conselho Intermunicipal a rejeitar totalmente" (RELATÓRIO DO CONSELHO INTERCOMUNAL, 2019: 12).

[143] Entrevista concedida por CHOLLET, Jean-Pierre. [02.2020]. Viticultor e Conselheiro Honorário da *Confrérie des Vignerons*. Entrevistador: Giselle Schmid, 2020. Arquivo mp3 (1h43min).

Numa perspectiva favorável, que leva em consideração o peso do papel da Unesco e da festa enquanto tradição, o representante do Partido Socialista Cédric Bussy, envolvido de maneira direta na celebração de 2019, saiu em defesa da festa:

> "Não se trata apenas de uma questão de festa e seus benefícios econômicos nos próximos anos. Estamos falando de uma associação, certamente privada, mas que data de muito tempo atrás, tendo por vocação monitorar e recompensar os viticultores de nossas vinhas. [...]. Então, isso nos concerne no primeiro plano. E para recompensar esses viticultores, a confraria organiza uma festa que é inscrita no Patrimônio Mundial da UNESCO. Nós, portanto, vamos um pouco além das simples consequências financeiras desta edição. Nós somos as testemunhas de uma história que é rica, longa, que nos foi transmitida e que devemos proteger" (RELATÓRIO DO CONSELHO INTERCOMUNAL, 2019: 12-13).

Entre as divergências surgidas no caminho, componentes integrantes das celebrações – como o barulho, exaltação, álcool, superlotação, litígios, etc, nesse caso específico, aquela que mais se destacou envolvia, sobretudo, as relações de poder envolvendo a autoridade municipal, a *Confrérie des Vignerons* e os comerciantes, pois estes últimos consideravam a existência de um cenário desproporcional, em desequilíbrio, com a dinâmica de favorecimentos, onde uns ganham e outros perdem. Grande parte desses problemas se associava ao baixo faturamento em razão das obras da festa empreitadas na cidade, conduzindo muitas empresas ao fechamento, com a falência de alguns negócios. Um balanço dessas perdas financeiras foi apontado por um empresário da hotelaria local:

> "Em comparação com os números do antigo proprietário, perdi 40.000 francos em novembro, 60.000 em dezembro (2018) e estou a menos de 100.000 em janeiro (2019). Talvez a melhor solução seja fechar totalmente por um ano [...]. Mesmo em quatro semanas de comemoração, é impossível compensar" (JUILLARD, 2019).

Transitando pelas narrativas, ficam bastante evidentes as relações políticas estabelecidas entre a confraria, apesar da imagem de neutralidade mencionada por Carruzzo-Frey e Abbott (2018: 64): "A festa é possível desde que se evite qualquer alusão política. Ela deve continuar cantando o trabalho da terra e os dons do Altíssimo". Contrariamente a esse excerto, na prática a instituição geralmente contou com o apoio das autoridades governamentais do país desde os primórdios da sua existência, o que pode ser constatado nas práticas de gratificações repassadas regularmente: "o Comandante era anualmente delegado a fim de ofertar ao Abade e aos confrades responsáveis pelas visitas as sementes (vinho de honra), depois, mais tarde, uma gratificação regular" (CARRUZZO-FREY e DUPONT, 1998: 29). Além disso, evidências da proximidade com o universo político também podem ser encontradas em um dos Manuais dessa sociedade:

> "Nisto, é claro, a *Confrérie des Vignerons* é semelhante a muitas outras sociedades onde utilidade pública e política estão intimamente ligadas. Além disso, a Confraria

> nunca escondeu que ela era sobretudo uma sociedade de proprietários de terras, tradicionalmente muito próxima da burguesia de Vevey" (MANUAL 9, 4. 4. 1960).

Interessante notar que no século XX, por exemplo, grande parte dos representantes locais eram filiados ao Conselho da *Confrérie des Vignerons*. Assim sendo, segundo Hofmann (2019: 41): "em 1999, apenas um em cada cinco autoridades municipais não eram membros da Irmandade". Essa relação de simbiose pode ser atestada também no século XXI, onde a representante municipal de Vevey, Elina Leimgruber e Etienne River são ambas integrantes da confraria. A publicação "*Du Labeur Aux Honneurs"*, de Carruzzo-Frey e Dupont (1998), nos revela uma narrativa um tanto controversa sobre essa sociedade. No seu ponto de vista, ela não se configura como defensora de interesses comerciais, nem tampouco relacionados a uma profissão, no entanto admite a importância e o apoio de dois segmentos da sociedade: a burguesia e as autoridades polítcas de Berna, conforme fragmento abaixo:

> "A *Confrérie des Vignerons*, portanto, não é uma corporação. Ela não defendia os interesses de uma profissão ou de um corpo de comércio, mas dos proprietários de terras, na vanguarda da qual estava a comunidade urbana - a burguesia - e as autoridades - Suas Excelências de Berna e os oficiais de justiça - pelos quais eles efetuavam suas visitas anuais na vinha de Vevey" (CARRUZZO-FREY e DUPONT, 1998: 13).

Essa imagem de dissociação com o mundo político é deveras imbricada, sendo ainda hoje reforçada e propagada, como pôde ser constatado na entrevista com o Abade François Margot, em abril de 2019:

> "A *Confrérie des Vignerons* no exercício das suas funções não possui nenhum elo com o meio político, nós não fazemos política, porém alguns membros, quer seja um confrade ou membro do conselho tem função política, mas a confraria, ela mesmo não faz política, não intervém no debate público [...], não há nada a ver com a coisa pública"[144]

Discurso bastante divergente se comparado à entrevista realizada com um antigo morador (Apêndice C):

> "A *Confrérie des Vignerons* tem poder político, o Conselho Comunal, a Municipalidade. E você vê a Confraria [...], eles têm uma facilidade em fazer as coisas, porque «eles são o poder», são eles o poder, há pessoas que são bem votadas, mas não têm o poder".

Essa simbiose entre a confraria e a esfera política, para além dos interesses recônditos, grande parte dissimula contrapartidas, pois muitas autorizações obrigatoriamente passam pelo assentimento da municipalidade: liberações, pagamentos, usos do espaço festivo,

[144] Entrevista concedida por MARGOT, François. [16.04.2019]. Abade Presidente da *Confrérie des Vignerons*. Entrevistador: Giselle Schmid, 2019. Arquivo mp3 (39min).

autorizações, segurança pública, horários, funcionamento, estacionamento, etc. Isso representa, grosso modo, os componentes essenciais no delineamento do espetáculo, resultando em reuniões e no estabelecimento de relações entre os diferentes agentes sociais. Na prática, esses elos políticos acabam sendo um facilitador na mediação dessas interações, mas também são atributos marcantes das manifestações culturais espetacularizadas que apresentam certa tendência à cooptação por meio do poder público.

Parece comum sustentar que as festas populares atuais estão cada vez mais racionalizadas pelos gestores públicos. Em Vevey essa dicotomia se deve pelo fato de algumas autoridades municipais integrarem também a confraria, o que acaba sendo visto com certa suspeição entre a população, acentuando-se no tempo longo festivo. Isso porque, para alguns parece haver um caso de conivência entre a municipalidade e a confraria, justificado por meio de certas concessões, como a isenção dos débitos referente ao evento de 2019. Primeiramente, a cidade de Vevey renunciou ao pagamento de uma fatura de cerca de 100 mil francos, o Conselho de Estado igualmente isentou a dívida contraída com os serviços de segurança, uma média de 1,9 milhão de francos. Houve, ainda, a exoneração do seguro cantonal de incêndio e elementos naturais (ECA), no valor de cerca de 140.000 francos. Um olhar à luz dessa abordagem nos permite constatar um posicionamento deveras compreensível, embora, por uma questão de escolha, o evento não dispusesse de subsídios do Estado em caso de perda financeira (NDIAYE, 2020); mas ainda, uma poderosa organização, capaz de dobrar um país tão rigoroso com seus devedores, considerado uma verdadeira estupefação, mas *"é isso a festa, o que está nos bastidores"*[145].

Do mesmo modo, esse mesmo entrevistado nos lembra que a confraria "é o poder [...]. É toda vez a mesma coisa, o poder e o dinheiro". Essa relação de poderio se revela na análise territorial da Praça do Mercado, local que abriga a celebração, uma vez que o poder hegemônico no uso do espaço adota o discurso da tradição, da festa democrática, da exaltação do trabalho na vinha, a fim de atenuar possíveis segregações, resultantes da perda temporária do território para o poder privado. É, portanto, das relações da noção de poder, o centro das concepções articuladas por Gramsci (1978). Para ele, a hegemonia se define como o exercício do poder por um conjunto de indivíduos de uma classe determinada. De acordo com o autor:

[145] Entrevista concedida por ONIX, [08.05.2018]. Empresário. Entrevistador: Giselle Schmid, 2018. Arquivo mp^3 (45min).

> "Um grupo social, que tem uma concepção própria do mundo, ainda que embrionária, que se manifesta na ação e, portanto, descontínua e ocasionalmente - isto é, quando tal grupo se movimenta como um conjunto orgânico – toma emprestada a outro grupo social, por razões de submissão e subordinação intelectual, uma concepção que lhe é estranha; e aquele (o primeiro) grupo afirma por palavras esta concepção, e também acredita segui-la, já que a segue em "épocas normais", ou seja, quando a conduta não é independente e autônoma, mas sim submissa e subordinada" (GRAMSCI, 1978: 15).

Na sua leitura qualquer relação social implica poder e toda visão e crítica de uma concepção de mundo é fato político. Para mais, procurou explorar como as pessoas percebem e interpretam o universo, além da forma como essas perspectivas adquirem status hegemônico.

4.3 Entre a lógica comunitária e empresarial da *Fête des Vignerons*

Transitando pelas ruas de Vevey, me veio à cabeça a "*Clef de Sol*", livraria que vende e compra livros usados e que abriga um rico acervo de publicações da *Fête des Vignerons*. Entrei para vender um dos três exemplares do *Livre du Spectacle* recebidos em duplicidade. Numa iniciação da proposta de venda, o proprietário mostrou um lote dos mesmos livros para mercadejar pela soma de 38 francos cada, e finalizou declarando *"guarde e venda daqui a 25 anos até lá ele vai valer dez vezes mais o valor de hoje*". Esse discurso levou à reflexão em torno da acentuada mercantilização da festa e aos usos mercantis do passado, assim como a dinâmica de valor agregado aos subprodutos que recorrem à sua temporalidade como sustentáculo na projeção da imagem. Através dela, os objetos passam da condição de simples adornos ganhando nova ressignificação, no valor da marca em função da edição do evento - o produto pela edição, onde a ênfase recai na condição vetusta desses acessórios, pelo fato de ter pertencido a determinada festa do passado, como o figurino de 1977, a mochila do evento de 1955 ou ainda o chapéu da celebração de 1999, exibidos como troféus. Percebe-se, igualmente, um aumento na comercialização e no preço de venda desses artigos em sites específicos da região (Anibis, Marketplace, Ricardo, Tutti, dentre outros.), circunstância que no entendimento de Adorno (2002) se deve em razão de uma acentuada mercantilização das iniciativas culturais através das quais expressões outrora artísticas, adquirem novos usos e significados, passando a servir como mercadorias, através do qual o foco se centra no lucro, enquanto princípio exclusivo da produção cultural.

Assim, chegamos a uma época onde as informações se dissipam a "passos largos", com uma intensidade jamais vista, tendo como aliado as ferramentas tecnológicas da

atualidade, um dos meios utilizados como recurso na apreensão das mensagens orientadas à FDV, mediante os sites da festa, os jornais locais e as diversas redes sociais, onde as atualizações e o processo informativo eram constantes. Porém, com certo senso crítico, foi possível crivar tais comunicações direcionando ao que realmente importava. Percebeu-se, então, o acentuado *marketing* adotado em todas as etapas da sua produção, atuando como componente importante na promoção da imagem e dos subprodutos decorrentes dela, mas também um viés mercantil por meio de uma lógica empresarial bastante estruturada, resultante das sociedades de consumo da atualidade onde os meios de comunicação exercem papel fulcral no sentido da persuasão e divulgação. Essa condição foi constatada no espetáculo, em 2019, que empregou distintas ferramentas, corroborando não apenas com aqueles que mantêm uma estreita relação de fidelidade com a festa, mas, sobretudo, atuando na conquista de um público cada vez maior.

Esse trabalho estratégico foi articulado e discutido pelo setor de comunicação desde 2016, a fim de criar a identidade visual que seria utilizada em todos os artigos, mas que, acima de tudo, serviria para posicionar a marca FDV. Nesse processo, inicia-se uma disputa entre as empresas de desenho gráfico pelo contrato de *marketing*[146], através da emissão de propostas e ideias que deviam expressar não somente o caráter profissional da sua arte, mas também o contexto motivacional coadunado ao evento. A partir disso, em 2017 a festa passou a ficar cada vez mais viva na memória das pessoas por intermédio dos subprodutos concebidos com a logomarca[147]. Alguns portavam mensagens apelativas do tipo: "*J'peux pas. J'ai Répète"*; "*Fête des Vignerons 2019, j'y étais"* ou ainda "*Une fête perdue vingt ans de malchance"*, dando destaque à tradição, à singularidade e à dimensão temporal. Interessante destacar que mesmo produtos comercializados pelos correios são criados especificamente para a ocasião do evento, como os selos, por exemplo, tradição que perdura desde 1955, além de uma diversificada gama de materiais publicitários como o balão a gás (setembro 2018), o avião da companhia aérea *Swiss* que recebeu uma nova roupagem com a logomarca (fevereiro 2019), juntamente com o trem da TGV (outubro 2018), além de vários outros artigos que, ao

[146] Sobre o contrato de *marketing,* em 2017 o estúdio Balmer Hählen de Lausanne foi um dos selecionados tendo desenvolvido a arte que ficou conhecida em todos os meios de comunicação da festa ("*Fête des Vignerons* 2019" e o *slogan* FEVI2019). Não se traduzia numa simples marca, mas principalmente, em um simbolismo onde cada detalhe foi pensado e estudado estrategicamente por uma equipe em associação com o diretor do espetáculo no sentido de transmitir algo, tendo em conta os valores que se tencionava agregar, os jogos de interesses e anseios. No processo de seleção, cada empresa produziu um vídeo, destacando a motivação em fazer parte da festa.

[147] A gama de produtos da festa eram variados, tais como: bonés, camisas, casacos, chaveiros, utensílios de cozinha, bolsas, mochilas, taças, copos, guarda chuva, adesivos, capa de telefone, obras de arte, envelopes, cartões de natal, livros, vinhos, iogurtes, manteiga, etc.

longo do tempo, se incorporaram ao cenário festivo. Ademais, foram igualmente contratadas empresas responsáveis pela fabricação (Serigrafia Uldry), comercialização, gestão e *merchandising* de produtos (Many Ways), expressando a importância concedida ao aspecto midiático da *Fête des Vignerons*[148]. As fotos 29, 30 e 31, registram alguns meios utilizados pela FDV para a divulgação do evento de 2019.

Foto 29 - *Stand* da FDV na feira do livro em Morges

Fonte: Autora (2018).

Foto 30 - Marketing da FDV na loja MANOR

Fonte: Autora (2019).

[148] Essas informações foram extraídas do vídeo do *Youtube* da entrevista realizada com Priscilla Balmer criadora da logomarca da *Fête des Vignerons* 2019. Disponivel em: https://www.youtube.com/watch?v=pBQFtBLkBCo. Acesso em: 20 de janeiro de 2019.

Foto 31 - *Stand* da FDV na "Fête du Blé et du Pain" a *Echallens*

Fonte: Autora (2018).

Do mesmo modo, assiste-se gradativamente a um crescente investimento em publicidade, desfrutando de um capital midiático importante e fornecendo uma vitrine global da região ao mundo. Portanto, na opinião de Debord ([1967], 2003: 15), "[...] sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o modelo presente na vida socialmente dominante". Numa análise dos papéis desses meios de comunicação, destaca-se que:

> "A função da comunicação de massa da publicidade não lhe advém dos conteúdos, dos modos de difusão e dos objetivos manifestos (econômicos e psicológicos); não deriva nem do seu volume nem do seu público real, mas decorre da própria lógica do meio autonomizado, quer dizer, não orienta para objetos reais, para o mundo concreto, para outro ponto de referência, mas de signo para signo, de objeto para objeto, de consumidor para consumidor" (BAUDRILLARD [1970], 1995: 131).

O viés mercantilizado, assaz imbricado através do *merchandising* foi concomitantemente tomando corpo e se avolumando, não se traduzindo em algo recente no contexto das festas precedentes, pois:

> "Se pensarmos nas medalhas da festa de 1889, nos pratos da festa de 1905 ou nos guarda-chuvas amarelos que algumas pessoas de Lausanne possuíam após a festa de 1977, eles foram comprados e usados como lembranças da festa na qual essas pessoas haviam participado. [...]. Por outro lado, o fato de definir uma política comercial, de trabalhar a imagem da festa e de confiar sua realização a profissionais de vendas e comunicação se desenvolveu especialmente nas últimas décadas, com o

> surgimento da empresa como instituição social legítima, a intensificação do capitalismo e a globalização das trocas econômicas" (VINCK, 2019: 53-54).

Quanto aos produtos imaginados para a festividade, eles foram classificados em sete grupos distintos: a coleção da *Fête des Vignerons*, a grife dos artesãos, ao redor do vinho, vestimentas, acessórios, vinhos da festa e coleção Julie. Percebeu-se certa massificação e segmentação comercial, com a divisão em duas categorias distintas. Por um lado, havia uma produção básica, com preços variados e uma gama específica de artefatos de luxo, em peças únicas criadas por artesãos locais, destinados a um público elitizado, tendo em vista os altos valores cobrados por cada um deles.[149] Para Godinho (2010: 223) "[...] os seres, objectos ou rituais tornaram-se matéria susceptível de ser transformada em múltipla, para poder ser inserida em processo de acumulação". Na concepção de Boltanski e Chiapello ([1999], 2009), atrelado à produção em massa, ocorre também a correlativa massificação dos seres humanos, onde:

> "A padronização dos objetos e das funções provoca uma padronização semelhante dos usos e, consequentemente, dos usuários, cuja prática acaba sendo por isso massificada, sem que necessariamente eles o desejem ou percebam. Essa massificação dos seres humanos, na qualidade de usuários, por intermédio do consumo, com o desenvolvimento do *marketing* e da publicidade no fim do período entre as guerras e principalmente após a Segunda Guerra Mundial, estende-se a uma das dimensões das pessoas que parece estar entre as mais singulares e íntimas, ancorada em sua interioridade: o próprio desejo, cuja massificação é, por sua vez, denunciada. Entre meu desejo por um objeto qualquer e o desejo de outra pessoa por um objeto idêntico pertencente à mesma série, já não existe nenhuma distância pertinente" (BOLTASNCKI e CHIAPELLO, [1999], 2009: 441).

Assiste-se, ainda, a transmutação do lugar festivo, através da instalação de *stands* de empresas do ramo de artigos de primeira linha, como a *Tissot* que lançou um relógio exclusivo para o evento, a loja de artigos de luxo Manor, comercializou os bilhetes de acesso à arena e os vinhos da FDV, juntamente com a Lavaux Vinorama, especializada em vinhos requintados e de distinção da região. Esses produtos colocavam em evidência o *savoir-faire* local por meio dos artesãos, como símbolo de pertencimento, heranças culturais e patrimoniais, visando agregar ao contexto artístico próprio, o universo da *Fête des Vignerons*[150]. Assim, visando a comercialização, estabeleceram-se diversos pontos de venda, tendo nos negócios virtuais um forte aliado, bastante diferente da celebração de 1999, onde a tecnologia e a informatização caminhavam a "passos lentos". Registra-

[149] Os produtos fabricados por artesãos do país, abrigavam peças variando entre 700 a 3000 francos. Entre esses produtos tínhamos: sinos, bijuterias, cutelaria, arte em couro, pedra ou madeira.

[150] Os dados foram extraídos do site oficial da *Fête des Vignerons*. "*Les artisans créent pour la Fête*". Fonte: Disponivel em: https://www.*fetedesvignerons*.ch/les-artisans-creent-pour-la-fete/. Data da publicação: 04 de dezembro de 2018. Acesso em: novembro de 2019.

se, ainda, o estabelecimento de boutiques específicas da grife FDV, lojas em diversos pontos do país, mas também era possível encontrar uma gama variada, indo desde gêneros alimentícios a itens de luxo, comercializados em supermercados, hotéis, restaurantes, hospitais, livrarias e padarias, bem como as vendas realizadas em eventos paralelos.

Esses êxitos dependem sobremaneira de estratégias bem planejadas, por isso distintos mecanismos de promoção e *marketing* foram colocados em ação através de jornais de alta circulação, como o Jornal 24 Heures, com a oferta de um artigo da festa na contrapartida da assinatura. A empresa do segmento de fabricação e comercialização de produtos lacticínios Cremo, que lançou cremes para café com os desenhos dos figurinos do espetáculo 2019, manteigas com as logomarcas do evento (servidas em hotéis, hospitais, restaurantes, dentre outros), lojas de departamento e padarias que vendiam artigos da FDV, os passeios turísticos em veleiros, os produtos exclusivos da gama Kodak criados para essa ocasião e os diversos fotógrafos que circundavam reproduzindo fotos que mais tarde seriam comercializadas por meio de objetos personalizados - calendários, livros, álbuns, chaveiros, etc. Além disso, os timbres dos correios com a logomarca da celebração, os inúmeros recursos multimídia e até mesmo bilhetes da loteria Suíça. Alguns deles podem ser identificados nas fotos logo abaixo:

Foto 32 – Iogurte da FDV

Fonte: Autora (2019)

Foto 33 – Creme a café

Fonte: Autora (2018)

Foto 34 – Manteiga da FDV

Fonte: Autora (2019)

Nessa dinâmica, um dos pontos que merece destaque se deve ao fato de os produtos comercializados servirem como referencial de memória para as gerações futuras, pois muitos desses *souvenirs* operam como símbolo do orgulho e pertencimento a uma região, sua vinha e sua festa, sendo conservados por gerações, para serem usados em festas posteriores, razão pela qual um dos aspectos levados em consideração na sua fabricação se pauta na qualidade

do material empregado, de forma que eles consigam se manter durante o longo intervalo de tempo em que a festa repousa. Em contrapartida, um dos problemas manifestos no processo de manufaturação dos quase seis mil trajes dos figurantes em 2019 se deu principalmente em função da contratação das costureiras na Itália, justificado pela organização festiva em função da insuficiência da mão de obra local. Contudo, nos bastidores parecia mais uma condição relacionada aos altos custos de produção no país, o que gerou muitos impasses, como o discurso antagônico, extraído da Rádio Televisão Suíça de junho de 2018, na qual a diretora da Associação das Costureiras, Mireille Dessingy declara: "nós sabemos como realizar esses grandes eventos, mas fazemos isso com espírito de rede e isso sempre traz algo à Suíça *Romande*" (CREVOISIER, 2018), num sentimento que evidenciava o desprestígio e o ressentimento das profissionais locais.

O vinho, enquanto produto de comercialização, sempre ocupou lugar de destaque na *Fêtes des Vignerons*, ainda que não seja ele o coroado, e sim o trabalho advindo dele. Em 2019, foi matéria de preocupação, estrategicamente estudada por uma comissão intitulada "Vins de la Fête" que tinha como responsabilidades posicionar o vinho na festa e a imagem da vinha de Lavaux. Ao mesmo tempo, atuava na comercialização, encarregada da venda de uma média de quinhentas mil garrafas, componente essencial aos proprietários vitícolas onde o lucro se torna indispensável na perenidade das suas atividades, e que veem na altura do evento uma oportunidade em aumentar suas receitas, tendo em vista os proeminentes investimentos antes e durante a celebração.

Diante disso, podemos admitir que essa celebração é de fato uma máquina de negócios efêmera de natureza diversa, onde tudo passa pelo olhar atento do *marketing* numa perspectiva de se converter em benefícios financeiros. Assim sucedeu, por exemplo, com a arena que, antes mesmo do término da sua construção, foi espaço de experiências e usos diversos, através das visitas guiadas realizadas durante as obras, se prolongando até o último dia da festa, tendo como *slogan "visite a arena e descubra uma construção única"*, com preços que variavam entre 25 a 250 francos. Vendia-se a ideia de que era possível conhecer a arena de perto, na expectativa de alcançar divergentes nichos de mercado e público, em especial aqueles que consideravam os valores dos bilhetes onerosos, mas que eram curiosos por conhecer seu espaço físico, conforme foto 35 da arena pronta para as visitações:

Foto 35 - *Tour* da Arena da *Fête des Vignerons*

Fonte: Autora (2019).

Entre os diversos usos da arena, referenciamos a performance do Festival Internacional dos artistas de rua que utilizou esse espaço como forma de divulgar o seu próprio festival, ou as repetições dos ensaios com os figurantes, mas ainda como setor da restauração. Outra estutura edificada foi o eminente restaurante temático construído dentro do lago Léman, nominado *Terrasses de la Confrérie*,[151] considerado ponto de encontro e sociabilidades entre os figurantes e os integrantes da confraria, mas sobretudo um espaço reservado a convidados do meio político, artístico, vitícola, convidados internacionais e empresariais, como os patrocinadores. Nesse ambiente, um espetáculo à parte era encenado, dotado de regalias, de muito vinho e de convivas seletos. Serviu também como palco para divergentes eventos como os cursos de *yoga*, as festas com música *tecno*, gravações de programas de rádio e tv locais, roteiros turísticos com pacotes formatados para a ocasião. Na concepção de Godinho (2010: 40) isso ocorre porque:

> "Uma mudança significativa prende-se com a espetacularização de certos momentos festivos, localmente ligados à construção de identidades, que passam a servir para a afirmação de poderes políticos infranacionais, conjugados com investimentos por parte de entidades autárquicas e empresariais, que esperam igualmente efeitos de retorno".

[151] Extraído do site oficial da *Fête des Vignerons*. "L*es Terrasses de la Confrérie"*. Disponivel em: https://www.facebook.com/*fetedesvignerons*/videos/381515589378618/?__tn__=H-R. Data da publicação: 20 de junho de 2019. Acesso em: 10 de janeiro 2020.

A organização, aparentemente empenhada em conceber um evento sustentável, enquanto espelho da sua época, adotou medidas de incentivo a um comportamento ecológico, com vistas a transmitir uma imagem de responsabilidade social, de preocupação com a proteção do patrimônio e com a minimização dos impactos negativos decorrentes da organização deste espetáculo. Trata-se de certos aspectos contemporâneos como a mobilidade urbana, com incentivo ao uso dos transportes públicos; a gestão de dejetos, através da conscientização ambiental e a sustentabilidade, com a política de reutilização. Assim, ainda que a festa tenha se beneficiado com as cobranças de estacionamento no local, por outro lado, alinha-se aos parceiros, como a companhia marítima CGN e de trem CFF, que aumentaram suas frotas e horários. No que tange aos serviços de restauração, em associação com a prefeitura, um plano de gestão de resíduos foi adotado, contando com a participação de inúmeros estudantes voluntários. Estes percorreram o circuito festivo recolhendo os detritos ejetados nas ruas, mas acima de tudo conscientizando com frases de impacto como *"debaixo de uma grelha dessas tem sempre um peixe"* ou ainda *"seu lixo pode ir parar no lago"*. Deteve-se também uma estratégia com viés econômico sustentável por meio da adoção de objetos reutilizáveis (copos, garfos, colheres, taças, etc.) que dependiam de uma caução devolvida na entrega desses objetos. Esta última astúcia, muito bem pensada pela organização, possibilitava conscientizar para a minimização de resíduos, ao mesmo tempo em que acabava por converter-se em vendas, pois nem todos os clientes restituíam tais objetos, na maioria dos casos porque decidiram guardá-los como peças de recordação. Tal fato foi percebido no terreno, onde várias pessoas tinham diferentes cores de copos, ou ainda através dos discursos testemunhados, do tipo que faltava determinada cor para completar sua coleção. De outra forma, essa prática reduzia o longo tempo nas lavagens, tendo em vista que cada pessoa reutilizava seu copo, ecologicamente visto com bons olhos pela região, uma vez que corrobora a diminuição dos resíduos, que, durante o evento têm um aumento de 600%[152].

Cabe destacar que todo material de fabricação da arena (700 toneladas de armação metálica) fora reciclado, sendo devolvido à empresa que a montou. O emprego das novas tendências levou em consideração aquilo que estava em voga (tecidos orgânicos, étnicos, produtos biodegradáveis, mobilidade urbana, gestão de resíduos sustentáveis), sinalizando um evento em fase com a sua época. Porém, é, ao mesmo tempo, deveras antagônica, à medida

[152] Dados extraídos do Jornal 24 horas. Fonte: Disponivel em: https://www.24heures.ch/vaud-regions/images-prennentviesolarene/story/20875268?fbclid=IwAR0p67LPit7j_eK5nhBMHEjMQvRKwwRUPrQsihP8vYHppLfOvh5QcShl1nw. Data da publicação: 18 junho de 2019. Acesso em: 20 de junho de 2020.

que se interessa pela expansão festiva, pelo gigantismo e pela constante busca em superar-se cada vez mais, recorrendo progressivamente a um dimensionamento incomum com a adoção intensa de novas tecnologias[153], como observado em 2019, com o uso de aplicativos *Famille Fevi*, cartões de alimentação, ferramenta de gerenciamento de figurantes e voluntários como o *dodle*, o site da festa, as páginas de *facebook*, *instagram* e as diversas redes sociais, as vendas *on-line* de artigos e bilhetes, a leitura óptica da autenticidade dos ingressos da festa.

Para além da transmissão da tradição e do fato de contribuir com a notoriedade da região mediante o aproveitamento racional da hipervisibilidade da cidade, no clímax que se revela a cada geração com a festa, colaborando com a divulgação da imagem do patrimônio vitícola de *"Lavaux en Terrasses"*, do turismo local, da cultura e da paisagem urbana e rural, essa celebração também possibilita inúmeras oportunidades financeiras aos atores envolvidos, assertiva que pode ser constatada por meio dos arquivos da *Confrérie des Vignerons* que abriga um número vultoso de documentos de empresas ofertando seus serviços, mas principalmente do arcabouço gigantesco de recursos materiais e financeiros que a festa exige, gerando, segundo Vinck (2019), despesas homéricas.

Para mais, trata-se de um evento que se internacionalizou principalmente a partir de 1955, ganhando proporções maiores, tanto do ponto de vista da sua dimensão como do aumento na demanda de visitantes de toda a Suíça e de outros países, sendo igualmente destaque em vários jornais internacionais em 2019, tais como o "The New York Times", "CNN", "Forbes", "The Guardian", "Paris Match", "TF1". O longo trabalho de *marketing* corroborou para a internacionalização da celebração, mas, do mesmo modo, em função da promoção do evento em outros contextos, como no metrô de Lyon na França (em fevereiro de 2019), onde uma comitiva de figurantes se deslocou com o intuito de alcançar o público estrangeiro, alem do *"Tour promocional da Suíça"* (percorreu as cidades de Château-d'Oex, Saint-Gall, Valais, Neuchâtel, Aigle), que divulgou o evento em algumas cidades do país, em especial na Suíça de língua alemã, em função dos problemas de comunicação ocorridos nessa zona em 1999.

[153] A FDV 2019 também acompanhou a evolução da modernidade e o grande "*boom*" tecnológico presente na contemporaneidade. A celebração de 2019 contou com uma inovação idealizada pelo Diretor Finzi Pasca, um piso em LED ao ar livre, considerado o maior do mundo, com cerca de 800 m^2 e a presença de 3132 painéis posicionados no chão para formar o referido piso. Para mais, 500 chapas sobressalentes estavam disponíveis para serem usadas se houvesse necessidade de reparação ou substituição em caso de mau tempo ou outros problemas. Fonte: Jornal 24 Heures. Disponivel em: https://www.24heures.ch/vaud-regions/images-prennent-vie-sol arene/story/20875268?fbclid=IwAR0p67LPit7j_eK5nhBMHEjMQvRKwwRUPrQsihP8vYHppLfOvh5QcShl1n w. Acesso em: 15 de setembro de 2019.

A grandiosidade da festa e sua tendência espetacular e mercantil proeminente na infraestrutura, nos equipamentos, na tecnologia empregada, no *marketing*, na comunicação, na inovação, na mão de obra qualificada, agregada aos conceitos que se pretende vincular ao evento, colaboraram com os altos custos financeiros e com a necessidade de grandes patrocinadores, uma média de mais de 54 empresas, em 2019. Trata-se de uma tendência contemporânea que, na opinião de Jacques (2004: 347), "se baseia numa nova lógica de consumo onde a cultura passa a ser vista como «cultura econômica» enquanto imagem de uma marca ou grife de entretenimento pronta para ser consumida". Alguns dos números relativos a essa estrutura gigantesca empregada podem ser notados no quadro abaixo:

Quadro 16 – Valores empregados na *Fête des Vignerons* 2019

VALORES	LOCAL EMPREGADO	FINALIDADE
103 milhões	*Budget* da festa	Produção de toda a festa.
13 milhões	Custo da Arena	Fabricação da arena na Praça do Mercado.
7 milhões	Custo da *Ville en Fête*	Estrutura do entorno da FDV.
6 milhões	*Terrasses de la Confrérie*	Construção do restaurante dentro do lago *Léman.*
13 milhões	Área técnica dentro da arena	Som, luminosidade, cenografia, diretores de palco.
13 milhões	Comunicação, Marketing e os Média	Divulgação da imagem do evento.
12 milhões	Figurinos	Costureiras, retoques dos figurinos, espaço.
8 milhões	Pagamento do Município	Segurança e uso do domínio público.
6 milhões	Despesas extra	Despesas que poderiam surgir.
1 milhão	Seguros	Pagamento de seguros diversos.
20 milhões	Cantina	Alimentação aos figurantes, voluntários, etc.

Fonte: 24heures (2019).

Tomando como base alguns dos produtos que foram fabricados exclusivamente para o evento, alguns deles são representados no quadro abaixo:

Quadro 17 - Valores empregados nos produtos da FDV

PRODUTO	QUANTIDADE
Toalhas, guarda chuvas, facas, aventais, chapéus.	25.000 artigos
Bolsas, carteiras, porta chaves, canetas, álbuns de fotos.	18.000 artigos
Relógios, medalhas, gravatas, cachecol (todos artigos de luxo).	3.000 artigos
Taças, caixas de música, cinzeiros, isqueiros, abridor de garrafa, porcelanas.	72.000 artigos
Chapéus, almofadas cadeiras dobráveis.	18.000 artigos

Fonte: Vinck (2019: 127).

No que tange aos aspectos financeiros, os benefícios em uma *Fête des Vignerons* não são iguais para todos, como no caso específico do setor da restauração. Em 2019, contou com uma seleção criteriosa e limitada de autorizações para atuar no evento, tendo como

condicional no processo de escolha a segurança e a higiene. Assim, aos poucos o espaço festivo foi sendo "invadido" por novos bares, restaurantes, cantinas e barracas que disputavam lugar com os estabelecimentos já existentes. Em contrapartida a concorrência parecia desleal para alguns, pois em função da distribuição e da localização muitos não tinham os mesmos ganhos, fato que se deve em grande parte devido a má distribuição, favorecendo a dispersão pública, concentrando-a em alguns pontos do lugar festivo - em especial nas margens do lago Léman e no entorno da arena, ao mesmo tempo em que outras áreas mantinham-se vazias, tal foi notado principalmente nas proximidades da estação de trem que acabava funcionando como lugar de passagem desses visitantes, gerando economicamente perdas financeiras, visto que muitos pautaram seu planejamento, tais como produção, compras e estoque, levando em conta a grandiosidade dessa manifestação, vislumbrando a possibilidade de dividendos consideráveis.

Nessa perspectiva, podemos dizer que estamos diante de duas festas, o espetáculo faraônico, pagante de acesso à arena, condicionado à compra de um bilhete, portando valores astronômicos. Contava, ademais, com um grupo contratado dotado de competências específicas para gerir todas as etapas da sequencia festiva; de natureza bastante mercantilizada com estreitas relações com o meio empresarial local. Já a outra, de caráter gratuito, extra arena, através da "Vila em Festa*"* (foto 36). Em contrapartida, embora se localizasse no espaço público, na área que compreendia a programação cultural gratuita, fazia parte da zona estritamente comercial, oportunizando lucratividade à *Confrérie des Vignerons* e seus envolvidos. Contando, ainda, com o trabalho dos voluntários e suas habilidades em diversos domínios profissionais e o patrocínio de grandes empresas do país, naquilo que Adorno (2002) chamou de "indústria cultural" através da qual seus produtos são consumidos ainda que sob a forma de entretenimento, lazer, diversão. Para Vinck (2019), trata-se de duas festas, uma dentro da outra, ou seja, uma imbricada de interesses econômicos dos megagrupos empresariais, políticos e até religiosos, e outra que continua contando com a mobilização da comunidade, em sua maioria voluntários.

Foto 36 - Artesanato no espaço da Vila em Festa

Fonte: Autora (2019).

Os bilhetes na celebração de 2019 representaram um ponto de vários conflitos. Destaca-se o fato de a festa adotar um discurso contraditório, afirmando que em razão da tradição tais ingressos não podiam ter seus preços reduzidos, contexto bastante semelhante à 1999, ocasionando o esvaziamento das arquibancadas. Por outro lado, a três semanas antes do evento um site (Qoqa) fez uma promoção dos ingressos reservados à abertura do espetáculo, o afamado coroamento, a preços fora do comum, gerando uma série de divergências de acordo com o Jornal 20min de junho de 2019[154]. Na tentativa de divulgar uma imagem de triunfo, além da busca de mais espectadores, os organizadores visavam a todo custo preencher as arquibancadas. Essa situação foi alvo de críticas por aqueles que haviam adquirido os mesmos bilhetes a preços bem mais elevados. O quadro 18 traz as categorias de bilhetes e seus respectivos valores. No âmbito das festas, os enfrentamentos fazem parte do jogo, isso porque, conforme Del Priore (1994), o momento festivo durante todo o seu percurso histórico tem sido celebrado como um tempo utópico, de fantasia, de permissão, de liberdade, mas também a ocasião onde surgem as discordâncias, retaliações, intrigas e frustrações entre os diversos grupos sociais envolvidos.

[154] Portanto, os ingressos que custavam 139 francos, passaram a 49 e os de 299 a 99. Fonte: Jornal 20min. Razzia sur une série de billets vendus aux soldes: *Fête des vignerons*. Data da publicação: 29 junho 2019. Disponivel em:https://www.20min.ch/ro/news/vaud/story/Une-razzia-sur-les-billets-vendus-a-prix-casses-24731067. Acesso em: 15 de setembro de 2019.

Quadro 18 – Categoria e preços dos ingressos de acesso à arena

CATEGORIA	VALOR DO ESPETÁCULO NOTURNO	CATEGORIA	VALOR DO ESPETÁCULO DIURNO
1	299	1	199
2	249	2	189
3	199	3	179
4	139	3	139
5	79	5	79
Premium P	359	Premium P	219

Fonte: Site Oficial da *Fête des Vignerons* (2019).

Fazendo uma analogia, podemos dizer que a cada geração a festa aqui estudada, funciona aos moldes de uma "fábrica", onde podemos conceber o edifício industrial como sendo a *Confrérie des Vignerons,* através da setorização com a delegação de tarefas e a hierarquização com o uso de mão de obra remunerada e voluntária, por meio dos figurantes, contratados, manufaturando bens e serviços, tendo como produto principal a *Fête des Vignerons*. Outrora evento de pequeno porte, tradicional, conduzido por um pequeno grupo, transitou ao longo dos anos até transformar-se no espetáculo, internacionalizado e turistificado, permeado por questões financeiras, orientada ao lucro, naquilo que Ortiz (2001: 18), chamou de "mercantilização da cultura". Ou ainda se convertendo em objecto de consumo (MESNIL, 1974). Dotado de estrutura física e material com todos os processos desenvolvidos por meio de um rigoroso controle e planejamento e o suporte advindo dos patrocinadores, aqui comparado ao capital de giro, juntamente com a *Confrérie des Vignerons,* caminham juntos em prol de um objetivo comum, contribuindo com a sobrevivência dessa celebração. Evento de natureza estruturada, porta uma sistemática divisão das comissões, como podemos notar no quadro abaixo, concernante à festa de 1999:

Quadro 19 – Comitês da *Fête des Vignerons* 1999.

COMITÊS DA *FÊTE DES VIGNERONS*	
COMITÊ DE VENDAS Promoção-vendas, patrocinadores, publicidade, edição, bilheteria, atividades comerciais e vinhos da festa.	**COMITÊ DE COMUNICAÇÃO** Estratégia de comunicação externa e interna, Recepção Programas. Médias.
COMITÊ ARTISTICO Texto, música, encenação, imagem. Arena, cavaletes, decoração, costumes e acessórios, Animação. Formação musical, artistas e profissionais.	**COMITÊ DE TROPAS** Tropa de honra, os convives da *Saint-Martin*, o Jardim de Orfeu, a parada do verão, a horda de Bacchus, o povo de hoje e de amanhã, os convidados da "Vila em Festa".
COMITÊ JURÍDICO Supervisão e coordenação, Comissão artística, Comissão logística e Comissão de *Marketing*.	**COMITÊ DO PESSOAL** Trabalhos, atores, costumes.
COMITÊ DE FINANÇAS	**COMITÊ DE APOIO**

Seguranças, garantias financeiras, fiscalização Orçamento, contabilidade, tesouraria. Controle de gestão.	Espetáculo, cortejo, festa na vila. Infraestruturas, construções, equipamentos. Local. Polícia, segurança, saúde. Alojamento, restauração. Transportes.

Fonte: Vinck (2019: 111).

Como a FDV é um evento que se caracteriza por um espetáculo que requer um grande fundo cerimonial, é necessário acima de tudo empresas dispostas a investir capital financeiro, num evento que pode ter lucro ou não, como na celebração de 2019 em que a festa fechou com um prejuízo de 15 milhões, grande parte em razão dos bilhetes do espetáculo matutino[155] não terem sido vendidos[156]. Dentre este prejuízo, 1,9 milhões eram a soma que a confraria devia ao Cantão de Vaud. No entanto, após inúmeras reuniões e discussões o governo isentou o débito com base na "lei de faturamento dos custos de segurança durante as manifestações" (Lei 11263), através do qual o Estado pode exonerar os organizadores de "eventos de particular interesse para o cantão ou para os quais uma isenção é justificada quando apropriado". Para mais, segundo extrato do jornal *Le Temps*[157] a confraria utilizou recursos próprios, em torno de dez milhões, para saldar dois terços das dívidas da festa, restando ainda um saldo negativo de cinco milhões que seriam negociados com os parceiros. Assim, um plano de medidas foi pensado, a fim de arrecadar a soma necessária para fechar a conta do evento. Tais ações incluíam a venda de equipamentos, saldos de figurinos, máquinas do atelier de costura, objetos usados no espetáculo, móveis diversos, itens de decoração, livros e todos os artigos criados para tal finalidade.

A festa também fez uso de outras estratégias na obtenção das receitas. Em junho de 2020, uma carta foi enviada a todos os atores-figurantes e voluntários. Ela propunha a adesão como membro da Associação "*Amis de la Fête des Vignerons*", criada com a pretensão de manter viva a chama da celebração, num processo de retroalimentação do espírito festivo, visto que consoante o pensamento do Abade Presidente, "as tradições só têm valor se continuarem" (BEDA, 2020). Pleiteava como contrapartida a demanda de uma doação, que se

[155] Os espetáculos matutinos eram mais acessíveis se comparados aos noturnos, no entanto foi durante a noite que o público compareceu de forma intensa, sendo possível notar muitos espaços vazios pela manhã.

[156] Dados extraídos do Jornal 24Heures de julho de 2020. Edição de Renaud Bournoud. Fonte: Disponivel em: https://www.24heures.ch/le-conseil-detat-fait-une-ristourne-de-1-9-million-a-la-fevi-848340768000. Data da publicação: 07 de julho de 2020. Acesso em: 20 de julho de 2020.

[157] Dados obtidos no Jornal LE TEMPS. Fonte: Disponivel em: https://www.letemps.ch/culture/reste-5-millions-trouver-couvrir-deficit-fete-vignerons. Data da publicação: 1 de outubro de 2019. Acesso em: 20 de julho de 2020.

diferia, se estabelecendo entre cinquenta a duzentos francos a pessoa física e jurídica, respectivamente. Após essa cotização era possível fazer parte da associação MAFEVI, receber as informações relativas à vida da instituição, participar dos eventos associados à confraria, obter reduções nos produtos da festa, além da legitimação direcionado ao apoio financeiro das futuras celebrações. Esses aspectos divergem sobremaneira de outrora, onde essa manifestação, de matriz comunitária, desprovida de interesses financeiros, era produzida entre os vizinhos viticultores. Hoje, caminha na contramão daquilo que foi no passado, pois ela não se destina mais a gastar o que acumulou, suas despesas são maiores que a arrecadação, ela contrai e deixa dívidas, fato que se deve, sobretudo, em função dessa necessidade em ser cada vez mais desmesurada.

A festa é também uma fábrica de relações, de objetivos que divergem entre si e de pertencimento a um universo vitícola comum, considerando que a vinha continua tendo uma significativa participação social e econômica na região, embora essa seja uma atividade que atualmente ocupa uma pequena parte da população que sobreviveu às diversas intempéries: questões financeiras relacionadas ao lucro e a forte concorrência, advento da globalização e da explosão de vinhos advindos de outros países a preços muito baixos, as dificuldades nas exportações, na sucessão, os problemas relativos às necessidades de reformas no terreno, os encargos administrativos, os agrotóxicos e as doenças da videira. Em compensação, estabelece laços entre os envolvidos e uma coesão social em função dos encontros regulares nos ensaios, nas apresentações no espetáculo, contribuindo igualmente para o dinamismo na região. Essa celebração segue na direção da concepção de Turner ([1969], 1990: 97), que admite, em se tratando das relações humanas, parecer existir dois modelos alternantes e justapostos:

> "[...] O primeiro é o da sociedade tomada como um sistema estruturado, diferenciado e freqüentemente hierárquico de posições político-jurídico-econômicas, com muitos tipos de avaliação, separando os homens de acordo com as noções de «mais» ou de «menos». O segundo, que surge de maneira evidente no período Iiminar, é o da sociedade considerada como um «*comitatus*» não-estruturado, ou rudimentarmente estruturado e relativamente indiferenciado, uma comunidade, ou mesmo comunhão, de indivíduos iguais que se submetem em conjunto à autoridade geral dos anciãos rituais" (TURNER, [1969], 1990: 97).

Assim, existe esse modelo ou modalidade de relações sociais, reconhecido como *communitas*: "uma comunidade não estruturada ou estruturada de forma rudimentar e relativamente indiferente, ou mesmo uma comunhão de indivíduos iguais que se submetem juntos à autoridade geral dos anciãos rituais" (TURNER, [1969], 1990: 97). Conceito

articulador da festa, se constitui numa forma de antiestrutura, baseada nos elos estabelecidos entre grupos sociais ou como nominou Turner ([1969], 1990: 96) *"les gens du Seuil"*. Essa situação liminar, ocorre na ocasião de um contexto ritualizado, através do qual os participantes se relacionam entre si, estimulados por um clima de comunhão. Por outro lado, essa dinâmica se contrasta sobremodo com a forma estruturada e hierarquizada das relações sociais cotidianas, onde as posições são bastante balizadas. Para mais: "os atributos de liminaridade ou de pessoas em situação liminar são necessariamente ambíguos, uma vez que esta condição e essas pessoas escapam à rede de classificações que determinam a localização de estados e posições num espaço cultural" (TURNER, [1969], 1990: 96). Na concepção do autor: "[...] cada indivíduo passa na sua vida a experiência de estar exposto alternadamente à estrutura e à communitas, como também a estados diferentes e a transições de um para outro" (TURNER, [1969], 1990: 98).

A *Fête des Vignerons* parece ser marcada por um sentimento de "*communitas"*, notado no processo de produção festiva, mediante certo nivelamento ritual, tanto na dinâmica entre os voluntários, como no espetáculo em si. Isso porque nesses contextos emergem interações que envolvem diferentes grupos sociais, que partilham um espaço comum em favor da produção do evento, do coroamento do melhor *vignerons-tâcherons*, criando aquilo que Foucault ([1966], 2013), chamou de heterotopia por meio do espaço de ilusão, onde todos se tornam seres iguais. Perspectiva legitimada no discurso do figurante e conselheiro Jean Pierre Chollet, em fevereiro de 2020: "[...] enquanto lá, você é um voluntário. Então você é um estudante de Sociologia ou Antropologia, pode trabalhar com alguém que é varredor de rua [...] você tem o mesmo valor, você é voluntário". Nessa perspectiva, esse grupo se orienta no sentido de contribuir com a festa, se doando voluntariamente, num espírito de união e brio em fazer parte do evento, ou simplesmente, como disse Maffesoli ([1944], 1996: 13) aquele "estar-junto". Representa a combinação de símbolos e motivações ordinárias ou essenciais que preenchem o viver social, tendo na coletividade a componente fulcral nos momentos específicos das festas, altura em que a sociedade fortalece o sentimento de si mesma.

Na concepção do autor, a "socialidade", ou o "societal total", representa a expressão da força social, no sentido de congregar, do viver e de pertencer a grupos. Assim, aspectos como o espírito solidário, o sentimento comunitário e de pertença evidenciam uma forma, uma estética da realidade social moderna (MAFFESOLI, [1944], 1996). Isso porque: "a estética difratou-se no conjunto da existência. Nada mais permanece incólume. Ela contaminou o político, a vida da empresa, a comunicação, a publicidade, o consumo, e, é

claro, a vida cotidiana" (MAFFESOLI, [1944], 1996: 12). Numa leitura das relações sociais, Maffesoli ([1944], 1996: 12) nos indica que elas:

> "Não são mais orientadas por um objetivo a atingir, sempre longínquo, em suma, o que é delimitado por uma lógica econômico-política, ou determinado em função de uma visão moral. Ao contrário, essas relações tornam-se relações animadas por e a partir do que é intrínseco, vivido no dia-a-dia, de um modo orgânico; além disso, elas tornam a centrar-se sobre o que é da ordem da proximidade. Em suma, o laço social torna-se emocional. Assim, elabora-se um modo de ser (*ethos*) onde o que é experimentado com outros será primordial. É isso que designarei pela expressão: «ética da estética»".

Assim como ocorre no carnaval, e em várias outras festas em terrenos diversos, a *Fête des Vignerons* "remodela a sociedade, introduzindo pelo menos durante o tempo de gestação e da festa, uma relativa mistura social. Voluntários encontram esperança na sociedade" (VINCK, 2019: 125).

No caso específico da festa em estudo, essa coroa posicionada na cabeça do melhor *vignerons-tâcherons*, carrega consigo interesses econômicos justapostos, diretamente associados à performance de coroamento. Ela não coroa apenas o melhor trabalhador vitícola, mas do mesmo modo, ainda que de maneira indireta, evidencia e posiciona a imagem do domínio na qual esse viticultor laborou, agregando distinção ao vinho produzido, favorecendo o aumento no volume de vendas e a consequente midiatização do lugar. Para mais, dá destaque e visibilidade ao proprietário do domínio, um dos personagens interessados nessa recompensa, pois somente ele pode inscrever seu funcionário nesse concurso de excelência e esperar nele a vitória por meio do coroamento. Essa mesma coroa que favorece um complexo sistema mercantilizado na sua retaguarda e os jogos de interesses imbricados entre os atores sociais envolvidos, muitas vezes recôndito, mas que eventualmente pode mascarar outra grande força que, para além da *Confrérie des Vignerons*, dos patrocinadores e voluntários, coadjuva no despertar dessa festa a cada geração. Algumas das fotos abaixo abordam vários momentos registrados no evento de 2019.

Foto 37 - Figurante tropa direito de pescar

Fonte: Autora (2019).

Foto 38 - Figurantes do "*Cent Suisses*" e "*Saint-Martin*"

Fonte: Autora (2019).

Foto 39 - Acesso *VIP* na arena

Fonte: Autora (2019).

Foto 40 - Mobilidade na FDV

Fonte: Autora (2019).

Foto 41 - Cortejo das vacas da FDV

Fonte: Autora (2019).

Foto 42 - Restaurante no espaço da Vila em Festa

Fonte: Autora (2019).

CONCLUSÃO

Temos que considerar que aquele senhor da livraria, com quem iniciamos esta reflexão na introdução e com quem me cruzei no início desta investigação, estava certo nas suas argumentações. Porém, num olhar mais aproximado, podemos precisar que não apenas os livros da festa ficaram mais caros, como toda ela tornou-se mais custosa, grandiosa, acompanhando a supervalorização dos bens de consumo, numa dinâmica que parece legitimar a ressignificação dos valores e conceitos associados à festa, empurrando-os para uma lógica empresarial cada vez mais notória. A mercantilização, aspecto bastante acentuado na celebração de que aqui nos ocuparemos, pôde ser comprovado, expressando-se por meio dos mais variados objetos exclusivos, lançados e posicionados estrategicamente em vários segmentos do mercado, conferindo à festa uma forte dimensão mercantil.

Esse atributo convoca a leitura que Debord ([1967], 2003: 18) propõe em a "*Sociedade do Espetáculo*", quando confronta o espetáculo e o consumo na sociedade moderna, destacando que "não é nada mais do que a economia se desenvolvendo para si própria. É o reflexo fiel da produção das coisas". Vai ainda além, asseverando que a "mercadoria ocupou totalmente a vida social" (DEBORD, [1967], 2003: 32), onde capitalismo, mercadoria e espetáculo andam lado a lado. Nessa lógica, Canclini (1995: 17) acrescenta que "a globalização supõe uma interação funcional de atividades econômicas e culturais dispersas".

Nos últimos anos, a forma de experienciar a *Fête des Vignerons,* na cidade, pode ser analisada como fruto de diversos processos de transformações em vários segmentos na sua estrutura festiva (Apêndice D). Critérios como planejamento, organização e ordenação minuciosa das sucessivas etapas, a administração e o gerenciamento das atividades e dos recursos financeiros, a profissionalização dos departamentos envolvidos e a acentuada comercialização dos artefatos do evento nos levam a crer que a festa mudou seguindo os passos da modernidade, que significa, neste caso, e, fundamentalmente, a agregação de componentes que a definem como uma festa-espetáculo. Isso fica a dever-se a alguns aspectos que devemos levar em consideração e sublinhamos nestas entrelinhas.

A festa em estudo escapa a uma leitura simplista, sobretudo, em função das suas ambiguidades, da sua estrutura social, dos interesses justapostos, das rupturas e continuidades. Essas questões nos levam ao coração da nossa enquete, a um dos argumentos centrais. Isso porque, numa análise das dinâmicas de reprodução da festa e sua organização, torna-se necessário reconhecer quem são esses agentes ativos relacionados de maneira direta e/ou

indireta, e as relações antagônicas envolvidas nesses contextos. Pode dizer-se que essa celebração, dinâmica e continuamente fabricada, reúne um grupo seleto de notáveis da região, hierarquicamente definido, político e elitizado, de onde emana o poder e partem as decisões que congregam interesses bem balizados, a *Confrérie des Vignerons*. Essa sociedade discreta, reservada, com atividades orientadas à vinha, apontada em alguns discursos como "sociedade secreta" ou *"maçonaria"* (CARRUZZO e DUPPONT, 1998), se constitui por indivíduos influentes advindos da elite local, outros da esfera governamental, condição remarcada desde as primeiras celebrações. Portanto, alguns afirmam que ela tem poder político ou ainda consegue coisas que seriam improváveis a outras pessoas.

Esse ponto de vista nos faz refletir sobre dois aspectos. O primeiro é que grande parte das decisões, como o uso do espaço público em 2019, passou pelo consentimento da municipalidade. O segundo, decorre do fato de que a maioria dessas solicitações, embora algumas delas extravagantes, ainda assim, receberam assentimento favorável, como a construção da descomunal arena no limitado espaço da Praça do Mercado, a instalação do restaurante da *Confrérie des Vignerons* no interior do lago e sua inauguração com bastante tempo de precessão, se comparado aos outros estabelecimentos do mesmo segmento inscritos no evento, concordando com os discursos em torno da influência e do poder dessa sociedade. A posição que uma festa ocupa no campo de poder foi analisada por Bourdieu ([1989], 1998) através da formulação do conceito de capital simbólico, diretamente condicionado à junção de diferentes capitais – político, econômico, social, cultural, manifestos tanto nas ações dos sujeitos sociais envolvidos na organização dessas celebrações, como na trajetória histórica das festas. Sobre essas relações, Foucault, nos traz à tona que:

> "[...] Não é algo que se possa dividir entre aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede" (FOUCAULT, 2002: 183).

Além disso, as dinâmicas de reprodução da festa ficam a cargo da tríade: Confraria, viticultores e patrocinadores. A *Confrérie des Vignerons*, posicionada no topo dessa hierarquia, atua como mantenedora das interações em torno da vinha, e isso inclui o controle do trabalho nos domínios – na qual ela também é possessora de vinhas, a memória atrelada ao Museu da Confraria, o Museu Histórico e o estabelecimento da periodicidade da *Fête des Vignerons*. Ainda que em muitos eventos a decisão em fazer a festa surja da própria comunidade, nesse caso específico, a iniciativa parte da análise e deliberação do Conselho da *Confrérie des Vignerons*, pois a população local, embora funcione como termômetro na

análise do parecer final, não está implicada no processo de escolha. Traz consigo, também, os proprietários dos vinhedos, muitos deles envolvidos no cerne da confraria, o que pode, em partes, esclarecer o acentuado interesse na competição imposta aos seus colaboradores, comumente chamados de *vignerons-tâcherons* - em dispensar o máximo de desvelo e primazia na execução das suas funções, recompensando-os na idealização de uma festa que coroa o melhor, aquele que se destacou, que seguiu os critérios e atingiu as metas estabelecidas. Não muito diferente daquilo que o capitalismo impõe como modelo econômico de sociedade, onde "o processo de trabalho, [...], em seus elementos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer as necessidades humanas [...]" (MARX, [1867], 2013: 153). "O capital é um processo, e não uma coisa. É um processo de reprodução da vida social por meio da produção de mercadorias em que todas as pessoas do mundo capitalista avançado estão profundamente implicadas" (HARVEY [1989], 1992: 307). Sendo esse capitalismo orientado ao crescimento, pautando-se nos pilares: acumulação de riquezas e obtenção de lucro. Direciona-se, sobretudo na dinâmica de exploração, deixando de lado os princípios relacionados à solidariedade. Corrobora ainda enfatizando que:

> "O processo mascara e fetichiza, alcança crescimento mediante a destruição criativa, cria novos desejos e necessidades, explora a capacidade do trabalho e do desejo humanos, transforma espaços e acelera o ritmo da vida. Ele gera problemas de superacumulação para os quais há apenas um número limitado de soluções possíveis" (HARVEY [1989], 1992: 307).

Assim, componentes como a produtividade e competitividade são palavras de ordem, onde "a produção é a universalidade, a distribuição e a troca, a particularidade, e o consumo, a singularidade na qual o todo se unifica" (MARX, [1867], 2013: 54).

Desse modo, antes de pensarmos na referida festa da recompensa, não podemos olvidar o caráter empresarial desses domínios vitícolas, que abrigam uma infraestrutura com custos elevados, principalmente em função da sua disposição sob a forma de terraços inclinados, exigindo não apenas despesas com mobilidade nos vinhedos, mas igualmente com manutenção, produção, material, capital humano, tratamento de pragas, cursos de qualificação, etc. Ao contrário do que ocorre no contexto festivo, aqui, esses profissionais não atuam na vinha como voluntários, mas como trabalhadores ou em relações de classe diferenciadas. Outro ponto de análise se deve ao mercado de vinhos na região que padeceu e ainda sofre as consequências da abertura do comércio com outros países. Em especial, pelos preços baixos praticados, difíceis de competir com aqueles de Lavaux, gerando uma

concorrência desleal. Se nos anos 70 e 80 o *vignerons-tâcherons* ganhou bem sua vida, conforme asseverou o vinheteiro Pierre Chollet em entrevista concedida em fevereiro de 2020, após esse período houve uma degradação constante das condições atreladas à concorrência desigual, impraticável.

Por outro lado, as doenças que acometeram a vinha no século XIX, sobretudo a filoxera, foram acompanhadas de anos de dificuldades financeiras, culminando com o fechamento de muitas dessas empresas. Ainda hoje, fragmentos desse infortúnio restam marcados na história da região. No entanto, esses domínios tentam se reinventar, numa constante agregação de valor aos seus produtos, visto que para manter-se e sobreviver nesse concorrido mercado, já não basta apenas ser um vinho, tem que se suplantar, agregar, adicionar, diferenciar-se. Assim sendo, os proprietários vitícolas esperam no período festivo um amplo retorno financeiro, por meio de ganhos consideráveis e apostam alto durante anos no estudo de novos produtos, nos aspectos criativos, na tecnologia dos produtos biológicos ou a um nicho específico de mercado, como o de luxo, por meio dos vinhos de distinção. Em contrapartida, investem igualmente naquele que lhe trará a coroa, proporcionando-lhe conhecimento e prestígio durante cerca de 25 anos. A festa, nesse contexto, atua como um horizonte de possibilidades, ocupando diferentes papéis nessas dinâmicas.

Por fim, referimos os patrocinadores, atores sociais fulcrais empenhados no evento, numa perspectiva mais mercantilizada, orientados principalmente nas relações que envolvem processos de contrapartida financeira. Nessas redes de contatos, os interesses podem ser variados, entretanto, são negociados, reconhecidos, acordados e estabelecidos previamente, onde um contrato de aquiescência dá conta de desadormecer a festa. Para mais, num evento de dimensão espetacular, elitizado, ou, se preferir, "*royal*", de ambição macro, de projeção internacional, onde tudo passa a ser grandioso e dispendioso, ocupando o fundo cerimonial um papel central, uma vez que a cada edição os custos aumentam enormemente se comparados à celebração antecedente, aspecto que pode explicar por exemplo, o longo intervalo entre festividades. A grande questão em torno disso é saber até quando estas empresas vão continuar injetando altas somas de capital na produção festiva? Até quando será interessante e vantajoso? Ou, simplesmente vamos chegar a uma altura onde o próprio gigantismo da *Fête des Vignerons* vai levá-la à decadência? O principal desafio não gira necessariamente em torno da temporalidade desse evento – condição que em associação com o *marketing* acaba, ainda que de maneira inversa, favorecendo a imagem da festa, mas sim, em seguir dando continuidade à celebração. Por isso, uma questão sempre é levantada pelos

organizadores: “essa será a última”? (VINCK, 2019: 106). Porém, as respostas a essas indagações permanecerão abertas e incertas, pois será a geração seguinte que, atuando de maneira igual ou diferente da passada, decidirá os rumos da celebração.

Numa análise do modo de transmissão entre as diferentes gerações e a manutenção da memória, algumas referências contribuem na percepção dessa dinâmica. As festas, enquanto práticas culturais dos saberes e aprendizados coletivos, coadjuvam na compreensão de como parte da tradição da cultura local depende da transmissão dos valores do grupo e das trocas entre os protagonistas da trama festiva. A *Fête des Vignerons* está ancorada nas lembranças e aprendizados passados, que se alojam na memória individual e coletiva, através da experiência socialmente compartilhada; enquanto prática para a continuidade da cultura local, abrange-se uma dinâmica onde as memórias são repassadas a cada geração entre aqueles que participaram de algum momento festivo, sobretudo, entre os viticultores da região.

Essa categoria, reconhecida por Halbwachs como “memória coletiva”, nos aponta que “e impossível conceber o problema da evocação e da localização das lembranças se não tomarmos para o ponto de aplicação os quadros sociais reais que servem de pontos de referência nessa reconstrução que chamamos de memória” (HALBWACHS, [1950], 2001: 9-10). Vai ainda além acrescentando que:

> “Não é suficiente reconstruir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros. [...]. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída” (HALBWACHS, [1950], 2001: 34).

A festa também parece ser espaço para celebração de momentos importantes na vida desses indivíduos - pessoas se casaram na festa de 2019, outras engravidaram na de 1999, ou foram pais na celebração de 1977, similar àquilo que o antropólogo Van Gennep ([1909], 2011) chamou de ritos de passagem. Por isso, esses momentos servem como referencial de memória entre os atores-sociais. Outros trazem memórias de uma festa regional, nacional, rural, internacional, de congregação, da exaltação do trabalho do homem, da terra e suas raízes. “Ela não se refere a uma continuidade simples, linear e evidente. Muitas pessoas escutaram tanto falar dessa festa, por seus parentes apaixonados, que elas foram sequestradas” (VINCK, 2019: 106-107), por isso, não se considera outra forma senão participar e viver a sua memória de festa.

Esses atores-sociais, em associação com outros agentes ocupam papel fulcral, tanto no processo de manutenção da festividade e sua produção em si, como na memória das festas. Em primeiro lugar, porque através dessas gerações "as tradições se perpetuam em grande parte mediante a transmissão oral" (THOMPSON, 1998: 19). Nessa perspectiva, aquilo que foi vivido outrora encontra na memória seu espaço de reconstrução. Assim, tais referencias tornam-se fundamentais tanto para aqueles que contam essas narrativas como aos que se servem dela. Para Halbwachs ([1950], 2001: 54) a memória individual não é uma estrutura hermética, isolada, pois "um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade". Numa concepção similar acerca da memória Candau (2006: 15) nos indica que:

> "Na verdade, as interações sociais e culturais tornaram possíveis o pensamento e a memória, ao permitir o estabelecimento e a distribuição de conhecimentos, crenças, convenções, a compreensão de imagens, de metáforas, a elaboração e a confrontação de raciocínios, a transmissão de emoções e de sentimentos, etc".

Cabe ressaltar que a transmissão da memória festiva da FDV se estabelecia de maneira intensa, mesmo antes da chegada dos meios de comunicação de massa no século XX, em especial, a televisão, pois o diálogo era prática comum e assídua. As conversas em torno da mesa, entre os vinheteiros, nos jantares em família, entre os amigos e na escola, eram temas correntes que estavam sempre em evidência, ecoando entre os habitantes da região. Esses atores sociais, transmitiam às suas famílias os diferentes papéis exercidos por eles e seus parentes em cada geração, os figurinos conservados nas suas residências, a cópia do bilhete, o livro, a programação, a taça do evento, enfim, cada um tinha uma bagagem histórica para contar. Com o passar do tempo, surgiram novos meios, servindo como suporte na memória das festas precedentes. Isso porque, "nenhuma época foi tão voluntariamente produtora de arquivos como a nossa [...]: à medida que desaparece a memória tradicional, nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos" (NORA, ([1984], 1993: 15). Huyssen (2000: 15) corrobora o seguinte ponto de vista:

> "O que aí parece, agora, em grande parte como uma comercialização crescentemente bem-sucedida da memória pela indústria cultural do ocidente, no contexto daquilo que a sociologia alemã chamou de "sociedade da experiência", numa referência à sociedade que privilegia experiências intensas, mas superficiais, orientadas para alegrias instantâneas no presente e o rápido consumo de bens, eventos culturais e estilos de vida associados ao consumo de massa".

A própria *Confrérie des Vignerons*, através do seu museu, guarda muito dos resquícios do passado dessa celebração, ainda que esse espaço de reminiscência seja matriz de vários interesses. Um deles é a própria sucessão e manutenção da confraria, e um outro, igualmente importante, decorre da manutenção da legitimação das definições que orientam a exploração da vinha. Além disso, novos instrumentos da contemporaneidade foram incorporados no decurso do tempo: vídeos, fotos, redes sociais, *souvenires*, numa tentativa em manter viva a memória desse evento, principalmente junto aos mais jovens, entre os quais os imigrantes, para quem o evento parece ser algo estranho, distante, revelando um cenário inquietante se pensarmos que é essa geração que desenhará as futuras festas, mas também é a mesma que a desconhece. Para tanto, com vistas a transmitir a memória da *Fête des Vignerons* entre esse público, a confraria tem criado meios, mediante um trabalho educativo, de levar até as escolas esse conhecimento, através do "Dossier Pédagogique" (2018). Retomando essa ideia, a FDV difere sobremodo da Festa do Espírito Santo estudada por Leal (2012), onde os imigrantes exerceram papel fundamental na promoção das festas e nas mudanças significativas orientadas à uma "nova ordem ritual".

Tendo em conta sua dimensão espetacular, alguns fatores tornam-se essenciais no processo de produção da FDV. Assim, a análise da forma como se dá a sua estruturação, os meios que se serve e de que forma ela sobrevive durante um longo período de intermitência entre celebrações, também foi propósito deste estudo. As festas se constituem no momento de esbaldamento, da libertação dos códigos morais, da alegria ao extremo, da espontaneidade, do exagero, do lazer, indo na contramão do tempo do trabalho – dos códigos e regras instituídas. Dito isto, de maneira oposta a essa espontaneidade, as festas são dinâmicas que abrangem um universo de obrigações, de responsabilidades, exigindo diligência. Pensar a organização festiva é, antes de tudo, considerar toda estrutura física e social que se forma no seu entorno; criar os recursos e as condições indispensáveis à sua realização. No projeto de uma FDV vários fatores condicionantes são levados em consideração: o lugar da festa – no sentido da disponibilidade do espaço; mas também a escolha da data – períodos que não coincidam com grandes eventos, evitando, assim, possíveis concorrências; os meios para criar a atmosfera festiva – toda estrutura peculiar relacionada a uma festa-espetáculo; do mesmo modo pessoas dispostas a se investir material e financeiramente, a consumir os produtos.

Os ruídos sobre a festa se iniciam com bastante margem de tempo, quer seja através das reuniões em torno da organização, do *marketing* atrelado a outros eventos associados à FDV e aos discursos estabelecidos entre a população local. Todo traçado começa de maneira

discreta com a participação de atores estratégicos selecionados para pensar e discutir em torno das primeiras ideias sobre o evento. Esse grupo começa a se expandir e ganhar corpo à medida que o projeto avança noutros campos. Esse critério restrito se deve em razão de uma regra estabelecida pela *Confrérie des Vignerons*, em guardar o segredo da festa até o último momento. Esse princípio é deveras intricado, uma vez que impõe um conjunto de impedimentos, interditos, dissimulação de detalhes, num momento onde as informações são fulcrais no avanço do projeto. Essa idiossincrasia conjuga com a percepção de alguns moradores no tocante à confraria, pois julgam tratar-se de uma incógnita. Considerando todo o esquema que envolve a *Fête des Vignerons*, mediante os esforços despendidos na sua sistematização, organização, administração, divulgação, numa escala industrial, reconhecemos alí uma estrutura racionalizada, refletida na divisão do trabalho com a distribuição de tarefas.

Na Praça do Mercado, uma placa comemorativa desenhada no solo, com os anos das edições passadas, abrangendo desde 1797 a 1977 e a inscrição *"ora e labora: aqui se celebra a Fête des Vignerons",* confere a demarcação do lugar festivo. Espaço que há muito é palco dessa performance. Representa uma localidade que para além da dimensão paisagística, com a presença das vinhas, do seu posicionamento geográfico estratégico, enquanto rota de passagem entre países como a França, Itália e Áustria, abriga uma intensa vida cultural. Na altura do evento, decorre a transformação do espaço da praça, que em detrimento da dimensão da celebração, entra num processo de remodelação, a fim de se adaptar a essa nova estrutura que, com bastante tempo de antecedência, se instala no local. Por isso, ao se apropriar desse amplo espaço, altera o cotidiano do lugar, levando os sujeitos do seu entorno a se regular em pontos específicos, a fim de acolher a celebração. Com isso, em função das adversidades encontradas no meio do caminho e da complexidade que algumas carregam, são necessárias negociações que muitas vezes passam pela esteira política, exigindo acordos entre o lugar, pessoas e empresas, forçando, em alguns casos, o deslocamento de indivíduos que, ainda que contrafeitos, perdem temporariamente seu espaço. Esses entrelaçamentos entre o meio político e as festas na Suíça é algo incontestável, como abordado no estudo de Marius Risi (2003: 24):

> "A partir de 1832 (quando vários cantões adotaram uma constituição liberal), as competições de tiro gradualmente se transformaram em dias privilegiados do partido radical. Elas ofereceram às futuras elites políticas do país a oportunidade de se fazer conhecer, de se organizarem e de se imporem. A maioria dos primeiros Conselheiros Federais desse período se fizeram notar como oradores nos festivais federais de tiro. É por isso que é necessário considerar as associações como um fator importante na construção da identidade nacional. Nos anos de 1830 e 1840 elas eram o lugar social

> por excelência e foi nelas que se formou, se difundiu e se exaltou a noção específica da «cultura tradicional Suíça»".

No caso do objeto em estudo, não podemos esquecer que a maior parte da mão de obra envolvida foi composta por voluntários, prática comum na história das FDV. Assim, um trabalho coletivo articulado, planejado, sistematicamente ordenado, remunerado ou gratuito foi colocado em ação por profissionais específicos em cada domínio da produção festiva. Para muitos dos envolvidos enquanto voluntários, "sua preparação é um trabalho, mas também é um dom" (VINCK, 2019: 344). Esses atores que em 2019 ofertaram apoio em forma de doação, ultrapassou a cifra de mil pessoas engajadas durante anos, meses ou dias em prol de um objetivo comum. No caso dos figurantes, os ensaios - condição necessária na representação do espetáculo, envolveu intensas repetições, que aos poucos tornaram-se longas, semanais, diárias.

Por isso, a exigência não apenas da boa disciplina, assiduidade, mas acima de tudo do gerenciamento da sua rotina e organização familiar - filhos, marido, lar, tal como suas obrigações profissionais - trabalho, estudos, além do aspecto técnico, que exigiu desses figurantes, amadores ou experientes, habilidades na execução das performances - dança, canto, coreografia, ballet, ginástica, etc. Fatores que em determinados casos representaram um grande desafio e enfrentou entraves pessoais. Del Priore (1994) nos relembra que o momento festivo tem sido celebrado ao longo da história como um tempo de adversidades, podendo eclodir disputas, gerar frustrações, revanches e reivindicações entre os vários grupos envolvidos. Um morador de Vevey explicou a dinâmica paradoxal que envolve a intensa rotina de ensaios com os figurantes. Para alguns desencadeia sérios problemas como os diversos divórcios encetados, enquanto para outros, é deleite, resultando em casamentos, pois chega um momento onde eles estão profundamente mais próximos entre si, do que entre os próprios familiares.

Nesse processo de condução da festa, essa comunidade que vive separada, em mundos muitas vezes opostos, se amálgama e se congrega para celebrar. Tal processo compreende o estabelecimento de elos, alguns profundos e outros nem tanto. Nesse primeiro caso, esse aspecto fora sentido em 2019, principalmente entre os atores-figurantes, que, caracterizados com suas indumentárias, reúnem-se nos períodos pós-festa, criando pequenos eventos, numa maneira de rememorar a memória e celebrar esses vínculos, visto que:

> "A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente

> importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si" (POLLAK, 1992: 204).

A *Fête des Vignerons* é um evento estratégico; quem a imagina avalia todas as etapas da sua produção e emprega de maneira sucinta diversos recursos orientados ao seu posicionamento. Um exemplo disso é a falsa ideia de uma festa seletiva, onde voluntários e figurantes são escolhidos por meio de um rigoroso *casting*. Apesar de isso ocorrer em alguns contextos, sobretudo, na intenção de identificar os atores e seus correlatos papéis em cada tropa, na prática, a FDV acolhe todos os interessados, independente da faixa etária, posição geográfica, social, etc, como no evento de 2019, deixando de lado as exigências das festas de outrora. Isso se deve principalmente em razão da necessidade em preencher os espaços mensurados para cada ala que compõe o espetáculo, evitando, assim, lacunas. Dessa maneira, a estratégia de seleção corrobora a elevação da imagem da festa, enquanto evento seleto, distinto, ao mesmo tempo em que lhe agrega valor. Tal prerrogativa favorece igualmente o aspecto participativo, uma vez que esses agentes sociais anseiam estar entre os escolhidos nessa festa de exceção.

Evento de caráter multifacetado, trata-se de um megaevento que aborda temas da hodiernidade, mediante um conjunto cenográfico composto por diferentes performances; o pluralismo social, revelado na intensa participação filantrópica dos voluntários, dos figurantes e na acentuada massa festiva. Envolve um universo de relações importantes nesse contexto, estabelecidas entre o meio artístico, cultural, religioso, jurídico, comercial, político, institucional, turístico, midiático, de segurança, de lazer, categorizando-a naquilo que Mauss ([1925], 2007) chamou de facto social total.

No contexto específico dessa festa de longo lapso temporal, determinados fatores que atuam em simbiose, corroboram sua reprodução e continuidade. Comecemos dando destaque à imagem do vinho da região. Para além dos 827 hectares de vinha, essa localidade também é afamada por contar com um número expressivo de apreciadores dessa bebida. O Veveysanne é conhecido como um bom "bebedor", como dito na língua local, estão sempre a "*picoler*", por isso o vinho ocupa lugar de peso. Essa particularidade, associada às diversas empresas vitícolas existentes, acaba funcionando como um dos aspectos favoráveis à produção do evento. Ainda que o vinho não seja diretamente a matriz central, durante a FDV ele igualmente passa a ocupar posição de destaque, reconhecido por muitos como o verdadeiro "rei da festa". Verifica-se a intensificação da comercialização, coadjuvando na internacionalização desses produtos em novos mercados, evidenciando tanto a região como o

seu *terroir* ou até mesmo novas formas de Turismo, como, por exemplo, os pacotes para conhecer o *vignerons-tâcherons* e o domínio coroado, favorecendo o processo turistificação.

A *Fête des Vignerons* não coroa o vinho e sim o trabalho do *vignerons-tâcherons.* Esse discurso "feito" é ecoado intensamente em todos os materiais que abordam a festividade. Essa coroa da recompensa, aguardada durante uma geração, também é motivo de estímulo na preservação do evento, mas carrega consigo interesses antagônicos. Em razão disso, essas contrapartidas orientadas aos trabalhadores, tanto do ponto de vista dos investimentos (cursos, qualificação pessoal) como das recompensas em si (implicando ou não numerário), não se concentram somente na altura da FDV; elas se estabelecem sistemática e continuamente, numa tentativa de estimular constantemente seus colaboradores a manter viva a chama e a motivação no labor, enquanto espera a festa da geração seguinte, ainda que se sobressaia o discurso da honra ao trabalho. Para Chiavenato (1999), as recompensas sejam elas financeiras ou não, são instrumentos correntes utilizados pelas empresas, alinhados a objetivos estratégicos, tendo como propósito o aumento da produtividade, o lucro. Por isso, esses aspectos motivacionais são importantes nesse processo. Para além da FDV, esses galardões são evidentes na "Trienal", essa pequena festa que tem como objetivo a recompensa daquele que bem trabalhou durante três anos. Aqui o prêmio se realiza por meio de uma soma e das medalhas, mas também existem as festas privadas, realizadas em momentos convencionados pela confraria, não necessariamente envolvendo capital financeiro, mas acima de tudo visando estreitar os laços sociais, tais como as confraternizações, o período das vindimas, as feiras do vinho, etc. No entanto, o rei coroado com a grande recompensa é conhecido somente na altura do espetáculo da *Fête des Vignerons*.

Podemos considerar que no século XVII as estratégias de medição do desempenho do trabalho na vinha se processavam de maneira bastante diferente de hoje, pois a punição e, em alguns casos, segundo Carruzzo-Frey e Dupont (1998), até cenas de humilhação, eram as regras adotadas como expressão da representação do mau labor. A ideia era que isso influenciaria futuramente na redução de tal comportamento, por isso, a apresentação imediata de um estímulo àquela resposta era fulcral. Nessa perspectiva, assiste-se igualmente certa vigilância entre os trabalhadores, mas também o espreitamento do labor entre esses *vignerons-tâcherons,* abrindo espaço para acirrada concorrência. Foi preciso mudar a mentalidade, para alcançar os moldes que abandonaram o castigo para abrir espaço às honrarias, princípio da festa. Atualmente, ainda que de maneira discreta a rivalidade esteja lá, embora esses domínios vitícolas sejam independentes, há certa ligação entre eles no cotidiano, por meio das relações

sociais: troca de experiências, convívio e descobertas, reveladas nos encontros em torno do vinho. Vive-se um momento onde, apesar da disputa pela coroa, as relações são de partilha, de natureza comunitária, de redes solidárias e congregativa, apesar do distanciamento e economia da palavra, aspecto próprio do essencialismo Veveysanne, naturalmente conhecidos como *"patê froid",* por conta da sua natureza discreta e reservada.

Apresenta, como característica, a longa espera entre uma celebração e outra, onde quando se produz um evento, geralmente se passou uma geração. Nesse ínterim, o mundo também mudou, o que antes era considerado atração, lúdico, inovador, ganha novos contornos, sendo feito de outra forma, se orientando conforme as exigências e tendências do modelo atual de sociedade e o espelho da sua época. Por isso, é cada geração que define as rédeas do espetáculo, num constante empenho em superar seus antecessores. Numa publicação de Mayor (1955: 8), intitulada "*Petite histoire d'une grande Fête*", é possível recuperar uma abordagem onde retrata que em 1955 já se percebia a ambição dos organizadores em prospectar a festa cada vez maior:

> "Mas o homem é assim, quer sempre fazer mais e, sobretudo, quer mostrar mais dedicação do que aquele que o precedeu. É por isso que a pequena festa, que primeiro consistia em uma dança na grama, logo foi precedida por um cortejo, acrescida de um banquete, decorado com figurantes fantasiados. É possível que o espontâneo deixe um pouco mais de espaço para a preparação, e que a festa tenha sido preparada por poucos ao invés de brotada por cada um".

Essa dinâmica de introdução das mudanças, dos novos elementos, as supressões, foram adotadas a partir de 1819, numa festa como arquétipo da contemporaneidade, por meio da dimensão teatral, profissional coreografada. Em 1833, com a padronização dos figurinos e a ordenação das tropas, a música ganha seu lugar e o espaço da festa se transforma em uma construção imponente. O espetáculo ganha forma e ordenação em 1851, tornando-se cada vez mais amplo, para em 1977, adotar um projeto audacioso de espetacularização que produziu um evento aos moldes *hollywoodiano.* Uma festa que migrou da produção local à importação através da sua internacionalização, do popular ao elitizado, do local ao global, do ritual ao espetáculo grandioso. Na cidade, alguns moradores, com um discurso mais moderado, analisam a festa do ponto de vista das novas tendências, no sentido de acompanhar as evoluções no contexto moderno da sociedade. Talvez a partir daí, seja importante retomar a citação de Nestor Garcia Canclini: "do lado popular, é necessário preocupar-se menos com o que se extingue do que com o que se transforma" ([1989], 2011: 22). Já outros, com opiniões mais radicais, consideram que o evento tomou proporções que parecem "engolir" a própria

cidade. Estes últimos defendem uma festa mais local, que englobe uma produção *in loco*. Assim, retomando a ideia Villadary (1968: 46), ele nos reforça que:

> "O espetáculo se enraíza no coração da festa e tende a invadí-la. Partindo de uma festa tradicionalmente fechada cuja função era de exprimir a vida de uma pequena comunidade, ajuda a fazer explodir uma festa para fora, festa esta em que o mundo inteiro já está presente, festa no centro da qual qualquer perspectiva regional ou nacional já foi ultrapassada ou posta em causa".

O espetáculo, prática inerente à vida em sociedade sob vários aspectos, ganhou propulsão principalmente em meados do século XIX. Outrora, sua produção mantinha uma estreita relação associada à religião ou à política, atualmente passa a ser produzido nos campos das práticas culturais, servindo-se dos instrumentos midiáticos nesse processo, naquilo que Canclini (1995: 18) chamou de «cultura do efêmero». Para Garcia Canclini (1995: 17) "a cultura é um processo de montagem multinacional, uma articulação flexível de partes, uma colagem de traços que qualquer cidadão de qualquer país, religião e ideologia pode ler e utilizar". Vai ainda, além, acrescentando que a globalização:

> "Supõe uma interação funcional de atividades econômicas e culturais dispersas, bens e serviços gerados por um sistema com muitos centros. [...], as manifestações culturais foram submetidas aos valores que «dinamizam» o mercado e a moda: consumo incessantemente renovado, surpresa e divertimento" (CANCLINI, 1995: 17-18).

Retomando essa idéia, tais componentes são bem visíveis no contexto das edições da FDV no decurso do tempo, sobretudo a partir de 1977 através do projeto de espetacularização.

A festa institucionalizada, enquanto modelo de celebração dos trabalhadores, apresenta uma dicotomia, tendo por um lado o espetáculo pagante na arena, e, do outro, o espaço extra-arena com atividades gratuitas. Se define como uma via de mão dupla, pois ela traz à tona interesses ambíguos, jogos de influências, numa constante dinâmica flutuante de acordos e desacordos, aproximações e rompimentos, acertos e desacertos, inclusões e exclusões, modernização e tradição, superlativo e modéstia. Na condição de festa-espetáculo, ela também apresenta componentes associados aos campos da mercantilização, pois pauta-se numa competição entre os vinheteiros, bem como da turistificação e patrimonialização. Ela deixa de ser constituída por uma aglomeração quase espontânea de pessoas para tornar-se uma composição cênica altamente elaborada, orientada a uma disputa entre os *vignerons-tâcherons*. Conta com regras devidamente estabelecidas, coreografias a serem reproduzidas num tempo cronometrado, no espaço criado para tal fim, bem como o envolvimento de diversos atores sociais. Sobre a patrimonialização e suas dinâmicas:

> "O princípio de reflexividade, um dos motores da lógica patrimonial, pode evidentemente provocar efeitos de saturação, como toda longa observação no espelho, pois a reflexividade patrimonial se desenvolve a partir de um certo exibicionismo cultural. Tudo está à mostra, tudo se tornou visível, até mesmo supervisível, o especular passou a ser espetacular, principalmente nas cidades contemporâneas" (JEUDY, [1945], 2005: 10).

Esse é o momento no qual a festa popular se torna um espetáculo internacional, exibido para todo o mundo através de redes de televisão, onde a massa festiva (CANETTI, 2015), substitui o prazer da festa pela festa, em função da disputa pela coroa. Certeau ([1994], 2005) revela que componentes como o improviso e a reinvenção encontra espaço no cotidiano, onde os indivíduos são protagonistas nesse processo, não restando passivos com relação à cultura recebida, ao contrário, conferem-lhe novos significados.

Último dia de festa em Vevey, as cortinas foram fechadas em 11 de agosto de 2019 e, provavelmente permanecerão assim por cerca de 25 anos – condição que faz dessa celebração símbolo de fascínio e orgulho na região. Saber se os avanços da modernidade permitirão que essa festa plurissecular se conserve e se transmita de geração a geração é algo que somente o decurso do tempo e o ritmo da sociedade atrelados aos atores sociais, poderá conceder a resposta. Em contrapartida, se questionarmos a aprovação da FDV 2019, o resultado pode ser constatado rapidamente, por meio das estratégias de *marketing* utilizadas durante todo o evento, como por exemplo nas pontas de cigarro dos cinzeiros espalhados por toda a cidade durante a festa (Anexo F), que possibilitaram aferir ao seu grau de aceitação; ou nas declarações de amor escritas sobre os muros da arena; nas redes sociais carregadas de narrativas das memórias passadas, nas lágrimas derramadas e lamentações pós-espetáculo. Um antigo morador da cidade se questiona o que faria amanhã ao acordar e não ter mais essa efervescência tão evidente das festas, ele mesmo relembra que em 1999, um dia após o evento, chovia, o dia estava triste, pessoas choravam na estação de trem num clima de enterro, de tristeza. Essa era a mesma atmosfera expressa em 2019 na cidade de Vevey.

Essa pesquisa que se orientou na compreensão das dinâmicas de reprodução da festa, procurando interrogar a sua organização e o modo de transmissão entre diferentes gerações, além da forma como se estrutura e sobrevive durante um longo período de intermitência, tendo em conta a longa temporalidade entre festas, ocupou um importante papel, pois possibilitou perceber as relações estabelecidas entre os diversos agentes sociais e sua significativa relevância na dinâmica de reprodução da FDV, as convergências, divergências, motivações e interesses antagônicos, além dos princípios fundamentais que unem indivíduos, numa imensa rede de solidariedade e congregação em prol de um objetivo comum, permitindo

a consolidação de um modo de vida regulado, sobretudo, por valores coletivos e simbólicos, mas acima de tudo o forte sentimento de pertencimento simbolizado pelo tão citado DNA regional. Revelou também a complexidade na sua organização, mas ainda as diversas mudanças experienciadas até a sua transformação em festa-espetáculo e, como ela tem se tornado cada vez mais, palco para a midiatização, turistificação, com orientação à mercantilização. Demonstra do mesmo modo como essas manifestações culturais têm a capacidade de se reinventar e se adaptar ao mundo moderno, a partir da criação de novas formas de representação. Uma festa tipicamente elitizada, porém, servindo-se da simbologia da honra do trabalho do homem na terra, realçando, dessa maneira, o protagonismo popular. Assim, estamos diante de um espetáculo cênico intergeracional, sobremodo estruturado e estrategicamente organizado; transita da condição de congregação espontânea e singela, para transformar-se nessa grande "fábrica" efêmera chamada *Fête des Vignerons*.

"Nesta sociedade altamente industrializada, a importância dada ao consumo provoca uma transformação na maneira de ser no mundo. [...]. Essa «era da opulência» cria uma «mentalidade de abundância» que muda todas as relações sociais, favorecendo o «dispêndio, o luxo, o uso do lazer e a produção excedente»" (VILLADARY, 1968: 92).

Dito isto, tomamos como base um trecho do livro de Godinho (2010: 225) que se adapta perfeitamente à argumentação aqui apresentada, pois "nos limites de um terreno que se lavra resta sempre uma área improdutiva, nuns casos para servir de caminho por onde muitos podem passar e aceder a outras terras [...]". A *Fête des Vignerons* enquanto objeto de estudo é um terreno que apesar de abrigar um arcabouço de investigações em torno dessa matéria, ainda assim promove um oceano de possibilidades por meio dos diferentes temas possíveis, e que por uma questão temporal e de delimitação não foram contemplados nesta pesquisa. Além disso, oportuniza a compreensão e análise das festas em diferentes contextos, mas também, ajuda a perceber o motivo pelo qual algumas delas estão em vias de extinção, enquanto outras ainda que submersas em um longo período de letargia conseguem remanescer. Destaca-se que essas perspectivas não se esgotam nessas linhas, mas servem como pistas para novos e futuros olhares.

É evidente que, para que um evento ocorra, é imprescindível uma série de elementos que facilitem tal processo, o que abrange não somente capital humano e financeiro, mas diversas estratégias. Por outro lado, ainda existem outros fatores, pois a continuidade dessas festas depende do entrelaçamento de atores sociais, da mobilização, do espírito de equipe e das mais variadas relações de partilha e sentimentos, responsabilidades compartilhadas,

dedicação, pertencimento, doação, habilidades específicas, orientadas a um sentido comum. Mas também são permeadas de convenções, elos, às vezes sigilosos, contrapartidas, relacionamentos duradouros, interesses recônditos que transitam em diversas dimensões, naquilo que nem sempre é explicito, constituindo-se nos segredos das festas, supostamente o trunfo e o triunfo da *Fête des Vignerons.* Em contrapartida, para além dos inúmeros atributos importantes, fica bastante evidente a necessidade das vinhas e do vinho, na perspectiva da continuidade da FDV e do seu protagonista, nesse caso específico a *Confrérie des Vignerons*.

Há sempre de considerar que existem muitos desafios. O grande problema que se forma em torno disso hoje em dia, não se traduz no fato de ter uma organização que se ocupe da qualidade do trabalho vitícola a um segmento específico da sociedade, mas acima de tudo, de saber até que ponto o lugar festivo e seus atores sociais poderão sustentar esse espetáculo com todas as suas especificidades, excentricidades e exageros.

REFERÊNCIAS

ABREU, R. M. R. M (2007). Titulo: Patrimônio Cultural: Tensões e disputas no contexto de uma nova ordem discursiva. In: Apostila Seminários Temáticos Arte e Cultura Popular. Rio de Janeiro, Museu Casa do Pontal: 15-16.

ADORNO, Theodor W. (1964). Conférences prononcées en décembre 1962 sur l'industrie culturelle. In: Communications. l'Université radiophonique et télévisuelle international: 12-13.

ADORNO, Theodor W. (2002). Indústria cultural e sociedade / Theodor, W Adorno; seleção de textos Jorge Mattos Brito de Almeida traduzido por Juba Elisabeth Levy. São Paulo: Paz e Terra: 5-6.

AGUET, Pierre (2014). "Les Annales Veveysannes". Le carrefour Bergère, vol. 15., Vevey: 138-140.

ANGÉ, Olivia; BERLINER, David (2015). Anthropology and Nostalgia. New York, Berghahn Books: 2-16.

APOTHÉLOZ, Charles (1977). Histoire et mythe de la *Fête des Vignerons*. Suisse Paudex, édition de Fontainemore: 10, 19-20, 111.

ARCHIVES FÉDÉRALES SUISSES (2000). Rapport à l' intentiosn de la Commission de gestion du Conseil des Etats. Les expositions nationales de 1883, 1896, 1914, 1939 et 1964. Leur a adressée le 17 novembre 2000, dans le but d'obtenir des rensignements dur les modalités de financement et d'organisation des precedentes expositions nationales. 15p.

ARENDT, Hannah (2016). *Entre o passado e o futuro*. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo, Perspectiva: 154-165

ARLETTAZ, Gérald; PAUCHARD, Pierre; GAILLARD, Ursula; CRETTAZ, Bernard (1991). *Les Suisses dans le miroir:* Les expositions nationales suisses: de Zurich 1883 à l'ex-future expo tessinoise de 1998, en passant par Genève 1896, Berne 1914, Zurich 1939, Lausanne 1964 et l'échec de CH-91. Lausanne, Payot: 16-17.

ARLETAZZ, Gerald et Silvia (2004). La Suisse et les Étrangers. Immigration et formation Nationale (1848-1933). Lausanne, Éditions Antipodes & Société d'Histoire de la Suisse romande: 7

BADOUD, Philippe (2013). Protection du paysage de Lavaux: Quel impact sur le patrimoine viticole de la région? Unité de Géographie. Département des Géosciences. Université de Fribourg, Fribourg: 17.

BAGLIANI, Paravicini Agostino (1987). Présentation. In: Le mouvement confraternel au Moyen Âge. France, Italie, Suisse. Actes de latable ronde de Lausanne (9-11 mai 1985) Rome: École Française de Rome: 1-7. (Publications de l'École françaisede Rome, 97). Disponível em: https://www.persee.fr/doc/efr_0000-0000_1987_act_97_1_2942

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch, (1987). A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais\Mikhail Bakhtin. Trad. de Yara Frateschi Vieira – São Paulo: HUCITEC, Editora da Universidade de Brasília: 243-244.

BÄR, Monique; BLEISCH, Barbara; FREITAG, Markus; NIEDERBERGER, Lukas (2015). La Société civile en plein essor: De la valeur de l'engagement bénévole. Swiss Foundations. Schweizer monat Das Autorenmagazin. Suisse: 5.

BARRETO, Margarida (Coord.); STEIL, Carlos Alberto; GRABURN, Nelson; SANTOS, Rafael José dos (2009). Turismo e Antropologia: Novas abordagens. Papirus: 14-30.

BARTH, Fredrik (1987). Cosmologies in the Making: Generative Approach to Cultural Variation in Inner New Guinea. Cambridge: Cambridge University Press.

BASSAND, Michel (2004). La métropolisation de la Suisse. Presses polytechniques et universitaires romandes. Le savoir suisse Société. Lausanne, 148 p.

BASTIAN, Jean-Pierre (2012). Une immigration alpine à Lavaux aux XV^{e} e XVI^{e} siècles: Lombards, Faucignerans et Chablaisiens. Lausanne, Bibliothèque Historique Vaudoise. Collection dirigée par Antoine Rochat. N. 137.

BATAILLE, Georges (1967). La part Maudite précédé de la notion de dépense. Introduction de Jean Piel. Paris, Les Éditions de Minuit: 51, 53.

BAUDRILLARD, Jean ([1970], 1995). *A Sociedade de Consumo*. *La Société de Consommation*. Lisboa, Edições 70: 15, 78, 131, 134.

BAUMANN, Max Peter (2009). *DHS Dictionnaire Historique de la Suisse*. Disponível em: https://hls-dhs-dss.ch/fr/articles/027280/2009-10-08/. Acesso em: 20 de novembro de 2018.

BÉDA, Claude (2019). 24 Heures. Vevey et son «Super Bowl» devient «the place to be» Venus de Chine ou des États-Unis, près de mille journalistes font rayonner la *Fête des Vignerons*. Data da publicação: 29 de julho de 2019. Disponível em: https://www.24heures.ch/vaud-regions/vevey-super-bowl-devient-the-place-to-be/story/31534974. Acesso em: 5 de outubro de 2019.

BÉDA, Claude (2020). Les Amis de la *Fête des Vignerons* rallument la flamme. Data da publicação: 26 de junho de 2020. Disponível em: https://www.24heures.ch/les-amis-de-la-fete-des-vignerons-rallument-la-flamme-280766306414. Acesso em: 10 de julho de 2020.

BENDIX, Regina F. (1992). National Sentiment in the Enactment and Discourse of Swiss Political Ritual, American Ethnologist. Vol. 19, n. 4: 768-790.

BENVENISTE, Émile (1966). *Problèmes de Linguistique Générale*. Paris, Éditions Gallimard: 5-6.

BERTSCHY, Christophe (2019). La *Fête des Vignerons*: Le feu au lac. Vol. 3. Bertschy Productions, Vevey.

BIDEAU, Florence Graezer (2012). Ethnographies des pratiques patrimoniales: Temporalités, territoires, communautés Inventorier les «traditions vivantes». Approches du patrimoine culturel immatériel dans le système fédéral suisse, vol 4: 5-6.

BISANG K., NAHRATH S., THORENS A. (2000). Screening historique des régimes institutionnels de la ressource territoire (1870-2000), Working paper de l'IHDEAP 8/2000, Lausanne, Institut de Hautes Études en Administration Publique: 43.

BLANCHET, Rodolphe (1843). Essai sur L'Histoire Naturelle des Environs de Vevey. Vevey, Imprimerie de L.-Alex. Michod Éditeur: 1-14.

BLOCH, Ghislaine (2018). Le Temps. Frédéric Hohl: «Nous refusons de payer plusieurs millions à Vevey». Data da publicação: 21 de setembro de 2018. Disponível em: https://www.letemps.ch/economie/frederic-hohl-refusons-payer-plusieurs-millions-vevey. Acesso em: 20 de janeiro de 2019.

BOILLAT, Jean-Pierre (2001). L'intégration desétrangères et desétrangers à Vevey: Propositions à l'intentionde la Municipalité. Vevey: 3.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Éve ([1999], 2009). O novo espírito do capitalismo. Trad. Ivone c. Benedetti. São Paulo, Wmf martinsfontes: 38-39, 444.

BONDAZ, Julien, BIDEAU, Florence Graezer, ISNART, Cyril; LEBLON, Anaïs (2014). Les Vocabulaires locaux du «Patrimoine». Traductions, négociations et transformations». Berlin, Lit Verlag: 14-19.

BOORSTIN, Daniel J ([1962], 1992)**,** *Le triomphe de l'image. Une histoire des pseudo-événements en Amérique*, Lux, coll. «Mémoires des Amériques»: 68.

BORTOLOTTO, Chiara (2011). "Le patrimoine culturel immatériel. Enjeux d'une. Avec la collab. d'Annick Arnaud et Sylvie Grenet.

BOURDIEU, Pierre ([1989], 1998). O poder simbólico. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 159p.

BRAMWELL, Ellen Sage (2012). Naming in society: a cross-cultural study of five communities in Scotland. PhD Thesis: 32-33.

BRILLAT-SAVARIN, Jean Anthelme ([1825], 1999). A fisiologia do gosto. SP: Companhia das Letras. Montanari, M. Comida como cultura. São Paulo, Senac: 171.

BURNAND, Guy (1955). La *Fête des Vignerons* 1955. Album commémoratif publié avec la collaboration du groupement des photographes veveysans. Suísse, Payot.

BUSSLINGER, Boris (2019). Le Temps. La *Fête des Vignerons* bat son plein, et après? Presse internationale et enfants égarés. Data da publicação: 2 de agosto de 2019.

Disponível em: https://www.letemps.ch/suisse/fete-vignerons-bat-plein-apres. Acesso em: 20 de novembro de 2019.

CABRAL, Clara Bertrand. (2011). *Património Cultural Imaterial: Convenção da Unesco e seus Contextos.* Lisboa, Edições 70: 6-7, 25, 35.

CAILLOIS, Roger ([1950], 2015). *L'Homme et le Sacré* Paris, Gallimard: 66-68.

CANCLINI, Néstor García (1995). Consumidores e cidadãos: Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: 22,17-18,115-117.

CANCLINI, Néstor Garcia ([1989], 2011). Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. Trad. Heloisa Pezza Cintrão, Ana Régina Lessa; Tradução da introdução da Gênese Andrade. 4. ed. 5. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 22, 239.

CANDAU, Joel (2006). Antropología de la memoria. Trad. Paula Mahler. Buenos Aires, Nueva Visíon. 1. Ed: 15.

CANETTI, Elias (2015). Massa e poder. São Paulo, Companhia das Letras.

CAPONERO, Maria Cristina, LEITE, Edson (2010). Patrimônio: Lazer & Turismo, v.7, n. 10: 29, 108-109.

CAPONERO, Maria Cristina (2014). Festas paulistanas em perspectiva histórica de longa duração: Produção e apropriação social do espaço urbano, permanências e rupturas (1711-1935) / Maria Cristina Caponero. São Paulo. 532p.: il. Tese. FAUUSP: 27, 29.

CARRUZZO-FREY, Sabine; ABBOTT, Fanny (2019). La *Fête des Vignerons de 1797 à 2019*. Lausanne, Savoir Suisse Presses polytechniques et universitaires romandes: 11, 26-27, 37, 42-43, 62, 64, 176.

CARRUZZO-FREY, Sabine; DUPONT, Patrícia Ferrari (1998). Du Labeur aux Honneurs - Quatre siecles d´histoire de la Confrerie des Vignerons et de ses Fetes. Vevey: 13, 29, 51-52, 101-103, 172-173, 242-244, 252.

CARRUZZO-FREY, Sabine; PASCA, Daniele Finzi; FAVROD, Guillaume; SPOSITO, Gian Maria (2019). Le livre du spectacle *Fête des Vignerons*. Vevey, Confrérie des Vignerons: 74-120.

CARTA DA *CONFRÉRIE DES VIGNERONS* (2017). Documento de inscrição dos voluntários enviado por e-mail no dia 14 de março de 2017.

CASCUDO, Luís da Câmara (2004). História da alimentação no Brasil. 3. ed. São Paulo, Global.

CASTRO, Maria de Fátima Simão de (2013). Saúde e Bem-Estar na valorização da Festa dos Tabuleiros. Dissertação de Mestrado. Instituto Politécnico de Tomar. Escola Superior de Gestão: 79-89.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro (2013). A festa em perspectiva antropológica: carnaval e os folguedos do boi no Brasil. N. 4: 2.

CENTLIVRES, Pierre (2002). Le portrait introuvable: La Suisse des Expositions Nationales. Ethnologie française, XXXII. Université de Neuchâtel: 311-320.

CERTEAU, Michel de ([1994], 2005). A invenção do cotidiano: Artes de fazer. 11 ed. Petrópolis, Vozes.

CHARDONNENS, Pierre Dominique; PASCHE, Lauren; BERTHOLET, Michel (2019). Une Fête d'avance Toutes les troupes, figurants et bénévoles, du casting à l'arène de la Fête des Vignerons. Vevey, Ed. Attinger, 272p.

CHARTIER, Roger (1988). A história cultural: Entre práticas e representações. 2. Ed. Lisboa, Difel: 17.

CHAUÍ, Marilene (2006). *Cidadania cultural: o direito à cultura*. São Paulo, Fundação Editora Perseu Abramo.

CHIAVENATO, Idalberto (1999). Gestão de Pessoas: O novo papel dos recursos humanos nas organizações. Rio de Janeiro, Campus.

CLAVAL, Paul (2012). *Geografia Cultural no Brasil*. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A (Org.). Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia. Trad. original em francês de Angelo Serpa Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan.

CLIVAZ, Mélanie; REYNARD, Emmanuel (2017). Tourisme en Lavaux – Etat de l'offre touristique dérivée et de la demande dans l'hébergement touristique. Institut de géographie et durabilité, Université de Lausanne, Unil: 26.

CLOTTU, Gaston (1975). Eléments pour une politique culturelle en Suisse. Rapport de la Commission fédérale d'experts pour l'étude de questions concernant la politique culturelle suisse. Berne, Office central fédéral des imprimés et du matériel: 6.

CONFEDERAÇÃO SUÍÇA (2011). Disponível em: http://www.lebendige-traditionen.ch/index.html?lang=fr. Acesso em: 20 de março de 2019.

CONNERTON, Paul ([1989], 1999). Como as Sociedades recordam. Trad. Maria Manuela Rocha. 2.ed. Oeiras, Celta Editora: 7.

CONVENTION POUR LA SAUVEGARDE DU PATRIMOINE CULTUREL IMMATÉRIEL UNESCO (2003), Artigo. Disponível em: https://ich.unesco.org/doc/src/18440-FR.pdf. Acesso em: 4 de novembro de 2018.

CORNUZ, L (1870). Vevey et ses environs ou Petit cours intuitif de Géographie du Disctrict de Vevey. Lausanne, Imprimérie Howard et Delisle: 4-11.

COUTAZ, Gilbert (2018). Lavaux, une terre de convergences *in* Acteurs de la Vigne: 31-44.

COX, Harvey ([1969], 1971). La fête des fous. Essai théologique sur les notions de fête et de fantasie. Traduit de l'américain par Luce Giard. Paris: Éditions du Seuil: 21, 33-38.

CRETIN, Nadine (1999). *Que sais-je? Fêtes et traditions occidentales*. vol. 1. Paris, Presses Universitaires de France.

CREVOISIER, Pierre (2018). Rádio Televisão Suíça RTS. Les costumes de la *Fête des vignerons* fâchent les couturières romandes. Data da publicação: junho de 2018. Disponível em: https://www.rts.ch/info/regions/vaud/9677059-les-costumes-de-la-fete-des-vignerons-fachent-les-couturieres-romandes.html. Acesso em: 4 de dezembro de 2019.

CUNHA, Luís (2006), *Memória Social em Campo Maior*, Lisboa, Publicações Dom Quixote: 16, 165-167, 174, 178.

CUNHA, Luís (2018). Do prato ao reconhecimento público: O menu das confrarias gastronómicas. CRIA, Universidade do Minho. Trabalhos de Antropologia e Etnologia, volume 58: 741-761.

CURCHOD, H (1860). Essai Théorique et pratique sur La Cure de Raisins: Étude plus spécialement à Vevey. Vevey, Librairie Schweighauser: 6.

DA MATTA, Roberto (1990). *Carnavais, malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan.

DANS LES COULISSES DE LA *FÊTE DES VIGNERONS* (2019). Documentaire RTS. Disponível em: https://www.rts.ch/play/tv/doc-a-la-une/video/dans-les-coulisses-de-la-fete-des-vignerons?urn=urn:rts:video:10952237. 52min. Acesso em: 16 de dezembro de 2019.

DAS FEST (1946). *Fête d'Unspunnen*. Journal Gemeinnützige Schweizerische Nachrichten.

DE FOSSEY Améli (2004). Le régime institutionnel du paysage de Lavaux, évolution 1980-2000, Université de Lausanne, Faculté des Sciences sociales et politiques, Mémoire de Licence: 3-30.

DE FOSSEY, Améli (2004). Changement du régime institutionnel du paysage. le cas du lavaux (VD) Working paper de l'IDHEAP 13/2004 UER: Politiques publiques et durabilité. IDHEAP, Chavannes-près-Renens: 19-25, 40.

DE JONGH, PERROCHET (1927). La *Fête des Vignerons* Vevey 1927. Album des photographies officielles. Vevey, H.S. Walther.

DEBLUË, François (1999). Les saisons d'Arlevin: Poème de la *Fête des Vignerons,* 1999. 79ed. Vevey, Empreintes. 148p.

DEBLUË, François (1999). Les saisons d'Arlevin: Poème de la *Fête des Vignerons,* 1999. Vevey: Empreintes. 148p.

DEBORD, Guy ([1967], 2003) *A sociedade do espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro, Contraponto: 13, 15, 17, 18, 21, 32,34, 140.

DEBRAY, Régis (Org.) (1999). «Le monument ou la transmission comme tragédie». Dans DEBRAY, Régis. *L'abus monumental?* Entretiens du patrimoine, Théâtre national de Chaillot, Paris, 23-25 novembre 1998. Paris: Fayard/Éditions du patrimoine, Coll. Actes des Entretiens du patrimoine: 11-22.

DEL PRIORE, Mary (1994). Festas e Utopias no Brasil Colonial. São Paulo, Brasiliense.

DEMAUREX, Gaétan (2006). Evolution du paysage de Lavaux au cours du 20ème siècle. Université de Lausanne. Lausanne, Faculté de Lettres Unil: 41-42, 85, 88-89.

DI GIOVINE, Michael A (2018). «O Patrimônio e Paisagem: Origens, Intervenções Teóricas e Recepção Crítica para a Compreensão do Programa do Patrimônio Mundial da UNESCO». Tradução de Frederico Marinho. Data da publicação: 1 setembro 2018. Disponível em: http://journals.openedition.org/viatourism/2073. Acesso em: 26 novembro 2019.

DOSSIER" PÉDAGOGIQUE DA *FÊTE DES VIGNERONS* 2019 (2018). En collaboration et sous la supervision de la Confrérie des Vignerons, Philippe Commend.

DRESCO, Jean-Pierre; BOVY, Bernard; VALLOTTON, Jean-Marc; ESTOPPEY, Emmanuel (2018). De la terre nourricière au paysage culturel, Lavaux patrimoine mondial de l'Unesco. In Acteurs de la Vigne. Sous la direction de Sabine Carruzzo-Frey et Philippe Kaenel. Vevey, Antipodes: 457.

DUBOIS, Jacques (1943). Le vigneron vaudois et ses vins. Lausanne, Imprimerie centrale: 23.

DURAND, Jean-Yves; CUNHA, Manuela Ivone (2014). Del patrimonio cultural a la transición patrimonial. Un ritual festivo en el noroeste de Portugal. Saberes Culturales (1L)2. Portugal, Edicions Bellaterra: 366.

DURKHEIM, Émile ([1912], 2007). Les formes élémentares de la vie religieuse: Le système totémique en Australie. Présenté par Michel Maffesoli. Paris, CNRS Éditions: 17, 543-544, 547-548.

DÜRRENMATT, Sophie (2015). Des femmes et des vignes. Ceps Le monde vitivinicole attire peu la gent féminine dès lors qu'on parle de travaux dans les vignes. Visite à Changins. Disponível em: https://www.cooperation.ch/rubriques/saveurs/vin/2015/des-femmes-et-des-vignes-61312/. Acesso em 27 de novembro de 2019.

DUVIGNAUD, Jean ([1977], 2012). Le don du rien. Essai d'anthropologie de la fête. L'Anthropologie au coin de la rue. Préface d'Alain Caillé avant-propos de David Le Breton. Paris, Téraèdre: 209-210.

ELIADE, Mircea ([1957], 1992). *O Sagrado e o Profano*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo, Martins Fontes: 46.

ELIAS, N ([1984], 1998). *Sobre o tempo*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, J. Zahar: 10-13, 33.

FÉDÉRATION SUISSE DU TOURISME FST (2019). Le Tourisme Suisse en chiffres 2018 chiffres structurels et de branche. Disponível em: www.stv-fst.ch/fr/le-tourisme-suisse-en-chiffres. Berne. Acesso em: 10 de maio de 2019: 8.

FIETCHER, Jean-Jacques (1991). Les abbayes vaudoises. Suisse, Cabédita.

FONTBONNE, Alexis (2015). Dévotion et institution: Pour une histoire cohérente des confréries en Europe occidentale (XIIe-XVIIIe siècles). Archives de Sciences Sociales des Religions, Éditions de l'EHESS, Religions et dictatures, 170, pp.191-208. Disponível em: https://assr.revues.org/26923>. <halshs-01311015.

FOUCAULT, Michel ([1966], 2013). O corpo Utópico: As heterotopias. Michel Foucault. posfacio de Daniel Detert Salma Tannus Muchail. Vol. 1. São Paulo, Edições.

FOURNIER, Laurent Sébastien (2005). "La fête en héritage: Enjeux patrimoniaux de la sociabilité provençale". Provence, Presses universitaires de Provence: 4, 30, 42, 410.

FREUD, Sigmund ([1913], 1976). *Totem e tabu*. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 13. Rio de Janeiro, Imago: 102.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra C. A (2006). Patrimônio Histórico e Cultural. 2. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar passo-a-passo: 26.

GARCIA, Paulo Costa (2005). Associativismo e voluntariado: Comunicação e festa na aldeia global. Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, n. 17, Lisboa, Edições Colibri: 219-223.

GEERTZ, Clifford (1989). A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan.

_____ (2009). Obras e Vidas: O antropólogo como autor. Tradução de Vera Ribeiro. 3. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: 15.

GEORGE H (1868). *Les Alpes* Genève. Éditeur Bâle & Genève: 379-393.

GENNEP, Arnold Van ([1909], 2011). Os ritos de passagem. 2. ed., Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis, Vozes.

GÉTAZ, Émile (1969). La Confrérie des vignerons et la *Fête des Vignerons*. Vevey, Klausfelder Suísse: 73.

GFELLER, Aurélie Elisa (2015). Anthropologizing and indigenizing heritage: The origins of the UNESCO Global Strategy for a representative, balanced and credible World Heritage Heritage: 369.

GODELIER, Maurice ([1934], 2001). O enigma do dom. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

GODINHO, Paula (2005). Media e Festas de Barrancos: Ciclo festivo, férias e um logro. Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, n.° 17, Lisboa, Edições Colibri: 39.

GODINHO, Paula (2010). Festas de Inverno no Nordeste de Portugal: Património, mercantilização e aporias da "cultura popular". Lisboa, 100 Luz: 19-20, 27, 29, 33, 40, 55, 57, 157, 221-223, 225.

GODINHO, Paula (2012). Usos da memória e práticas do Patrimônio. Lisboa, Colibri: 13, 21.

GODINHO, Paula (2014*). "Agir, atuar, exibir. Antropologia e Performance, uma introdução"*. In Paula Godinho, coord. Antropologia e Performance - Agir, Atuar, Exibir, Castro Verde, Portugal, 100Luz: 10.

GOLDRON, Romain (1983). Trésors de mon Pays. Vevey portrait d´une cité, Neuchatel Éditions du Griffon: 15-16.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos (2003). O Patrimônio como Categoria do Pensamento. In: Abreu, Regina e Mário Chagas. Memória e Patrimônio: Ensaios Contemporâneos. Rio de Janeiro, DP&A: 24-25.

GOOGLE MAPS (2019). Disponível em: https://www.google.com/maps/place/Vaud/@46.5855017,6.0962162,9z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x478c2da26d0b90b5:0x100ff884018d850!8m2!3d46.5613135!4d6.536765. Acesso em: 10 de maio de 2019.

CALAME-GRIAULE, Geneviève (2006). Contes Dogon du Mali. Paris, Éditions Karthala: 9.

CALAME-GRIAULE, Geneviève (2003). Masques du Pays Dogon. Ouvrage collectif dirigé para Francine NDiaye. BILOT, Alain; BOHBOT, Michel; NDIAYE, Francine. Paris, Société nouvelle Adam Biro: 19, 27.

GRAMSCI, Antônio (1978.). Cadernos do Cárcere. Concepção Dialética da História. 3° Edição. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 15.

GUIDE PAYSAGE LAVAUX (2016). Vers une identité paysagère et architecturale concertée. Office Fédéral de la culture OFC. Comission intercommunale de Lavaux CIL, Chexbres: 13.

HALBWACHS, Maurice ([1925], 2001). Les cadres sociaux de la mémoire. Collection Les Travaux de l'Année sociologique. Collection Bibliothèque de philosophie contemporaine. Paris, Félix Alcan: 38.

HALBWACHS, Maurice ([1950], 2001). A memória Coletiva. Traduzido do original francês. La Mémoire collective (2. Ed). Presses Universitaires de France. Paris, França. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Editora Revista dos Tribunais LTDA: 54.

HARTOG, F (2003). *Régimes d'historicité. Présentisme et expérience du temps*: 3-38.

HARVEY, David ([1989], 1992). Condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. Trad. Adali Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 17. Ed. São Paulo, Edições Loyola.

HERTZ, E., Leimgruber, W., Graezer Bideau, F., & Munz, H. (2018). Politiques de la tradition. Le patrimoine culturel immatériel. Lausanne, PPUR: 65, 96, 99-100, 123.

HILFIKER, André (1966). Vevey, centre économique regional. Lausanne, Imprimerie Vaudoise: 66, 64, 73, 125-141.

HEINICH, Nathalie (2009). La fabrique du Patrimoine: «De la cathédrale à la petite cuillère». Nouvelle édition. Paris, Éditions de la Maison des sciences de l'homme: 722, 725.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence ([1983], 1997). A invenção das tradições. Organização de Eric Hobsbawn e Terence Ranger. Trad. Celina Cardim Cavalcante. 6.ed Rio de Janeiro, Paz e Terra: 9.

HOFMANN, Blaise (2019). *La Fête*. Suísse, Zoe: 10, 27, 41-62.

HORISBERGER, Denis (2009). L'écosystème forestier du canton de Vaud: Un pays, quatre régions Service des forêts, de la faune et de la nature du Canton de Vaud. Villars-Burquin, courriel. Schweiz Z Forstwes: 35-36.

HOUSEMAN, Michael; SEVERI, Carlo (1994). *Naven ou le donner à voir: Essai d'interprétation de l'action rituelle*. Paris, Eds. MSH/CNRS.

HUIZINGA, JOHAN ([1938], 2007). Homo ludens: O jogo como elemento da cultura/Johan Huizinga. Trad. João Paulo Monteiro. 5.ed. São Paulo, Perspectiva.

HUMPHREY, Caroline, (2006). "On being named and not named: Authority, persons, and their names in Mongolia", em Bodenhorn e Vom Bruck, *The Anthropology of Names and Naming*. Cambridge, Cambridge University Press: 159.

HUYSSEN, Andreas (2000). Seduzidos pela memória: Arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro, Aeroplano: 15, 18, 24.

IMSAND, Marcel ; PACHE, Philippe ; SALEM, Gilbert ; JEKER, Werner (1999). *Fête des Vignerons Vevey 1999*. Livre-souvenir officiel. Lausanne, 24 heures: 158.

IMSAND, Marcel; CLAVEL, Jacques ; Schalcher, BENI (1977). *La Fête des Vignerons Vevey 1977*. Livre-souvenir officiel, Lausanne, Payot : 12.

JACQUES, P. Berenstein (Org.) (2004.). Espetacularização urbana contemporânea. In: CADERNOS PPGAU/FAUFBA/ Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Territórios urbanos e políticas culturais. Ano 2, número especial. Salvador, PPG-AU/FAUFBA: 347.

JADÉ, Mariannick Intervention «Quel patrimoine pour l'Humanité? Quelle vertigineuse question! (2010)», Séminaire de recherche interdisciplinaire *«Quel patrimoine pour l'Humanité?»,* organisé par le Laboratoire Ailleurs, Géographie culturelle et politique, UFR des Lettres et Sciences Humaines, Université de Rouen, Rouen, 17 juin: 3-4.

JARRIGE, F., Jouve, A.-M., Napoleone, C. (2003). Et si le capitalisme foncier changeait nos paysages quotidiens? Courrier de l'environnement de l'INRA, n° 49, juin: 13-28.

JEUDY, Henri-Pierre (2001). La machinerie patrimoniale. Paris, Edition Paris Sens & Tonka: 25.

JEUDY, Henri-Pierre; JACQUES, Paola Berenstein (2006). In Corpos e cenários urbanos: Territórios urbanos e políticas culturais/Organizadores: Henri Pierre Jeudy e Paola Berenstein Jacques; textos: Henri Pierre Jeudy; Patrick Baudry *et al*. Tradução: Rejane Janowitzer. Salvador: EDUFBA; PPG-AU/FAUFBA, 182 p: 8-9.

JEUDY, Henri-Pierre ([1945], 2005). Espelho das cidades/Henri-Pierre Jeudy. Tradução Rejane Janowitzer. Tradução de: Critique de l'esthetique urbaine, e La Machinarie Patrimonial. Rio de Janeiro, Casa da Palavra: 10.

JUILLARD Amit (2019). Le Régional. Vevey: Des commerçants en mode survie. Data da publicação: 23 de janeiro de 2019. Disponível em: http://www.leregional.ch/N119614/vevey-des-commercants-en-mode-survie.html. Acesso em: 5 de agosto de 2019.

KELLNER, Douglas (2006). "Cultura da mídia e triunfo do espetáculo". In: MORAES, Dênis de (org.). Sociedade midiatizada. Rio de Janeiro, Mauad: 1-4, 121.

KERN, Gilliane (2005). *en quete d'une identite nationale… la mise en scène du sentiment national lors du tir fédéral de 1863 à la chaux-de-fonds*. Université de Neuchâtel, Faculté de Lettres et Sciences humaines, Institut d'histoire: 4-30.

KNACK, Eduardo Roberto Jordão (2013). História, Ensino e Pesquisa em Museus: Uma experiência no Museu Histórico Regional (MHR). AEDOS, no12 vol. 5: 79.

KURIN, Richard (2007) "Safeguarding Intangible Cultural Heritage: Key Factors in Implementing the 2003 Convention". In International Journal of Intangible Heritage, Vol. 02. Disponível em: http://www.ijih.org/fileDown.down?filePath=2/dtl/5e19c24e-9ccc4149a8b0f5cd525a734d&fileName=Vol.21.pdf&contentType=volumeDtl&downFileId=16fileType=PDF&type=pdf: 12. Acesso em 22 de julho de 2019.

LA LIBERTÉ (2019). Journal. Femmes dans la Confrérie des Vignerons: Une révolution de velours de 02 de junho de 2019. Disponível em: https://www.laliberte.ch/news-agence/detail/femmes-dans-la-confrerie-des-vignerons-une-revolution-de-velours/520168. Acesso em: 9 de janeiro de 2020.

LACROIX-OUIN, CH (1850). Histoire des anciennes Corporations d'arts et métiers et des Confréries Religieuses de la Capitale de la Normandie. Lecointe, Rouen France: IV, 3-5.

LAMPRECHT, Markus, FISCHER, Adrian, STAMM, Hanspeter (2020). Observatoire du bénévolat en Suisse. Éditions Seismo, Sciences sociales et questions de société Sazurich et Genève: 8-9, 25-27.

LE GOFF, Jacques, ([1924], 1990). História e memória/Jacques Le Goff. Tradução Bernardo Leitão *et al*. Campinas, SP Editora da UNICAMP: 486.

LE MONDE (2019). Journal. La *Fête des vignerons* de Vevey s'ouvre aux femmes**.** Pour la première fois, trois vigneronnes étaient en compétition et c'est une femme qui a composé la musique du grand spectacle qui accompagne cet événement suisse. Data da publicação: 02 de agosto de 2019. Disponível em: https://www.lemonde.fr/m-le-mag/article/2019/08/02/la-fete-des-vignerons-de-vevey-s-ouvre-aux-femmes_5495995_4500055.html. Acesso em: 5 de janeiro de 2020.

LE NOUVELLISTE (2019). Fête des vignerons: Un manque à gagner de près de 16 millions de francs sur les représentations en journée. Data da publicação: 14 de setembro de 2019. Disponível em: https://www.lenouvelliste.ch/dossiers/la-fete-des-vignerons-2019/articles/fete-des-vignerons-un-manque-a-gagner-de-pres-de-16-millions-de-francs-sur-les-representations-en-journee-866831. Acesso em: 2 de janeiro de 2020.

LE PLAN CHOLLET POUR SAUVER LAVAUX (2014). Film complet. Documentaire de Thierry Bovay e Marc Comina. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=t4ld-XiY50A. 32min. Acesso em: 7 de agosto de 2018.

LE TEMPS (2019). Fête des Vignerons: le sacre de la reine Corinne Corinne Buttet, vigneronne-tâcheronne de Chardonne, est la première femme de l'histoire à être couronnée à Vevey. Levons nos verres. Journal. Data da publicação: 12 agosto de 2019. Disponível em: https://www.letemps.ch/culture/fete-vignerons-sacre-reine-corinne. Acesso em: 4 de janeiro de 2020.

LEACH, Edmund R (1968). "*Ritual.*" In David L. Sills, ed., International Encyclopedia of the Social Sciences, vol. 13. New York, Macmillan.

LEAL, João (2009) "O património imaterial e a antropologia portuguesa". In: COSTA, Paulo (org.), Museus e Património Imaterial: Agentes, Fronteiras, Identidades, Lisboa, Instituto dos Museus e da Conservação: 289-296.

LEAL, João (2012). Festas do Espírito Santo, Emigração, Transnacionalismo. Trabalho apresentado no V Congresso Internacional sobre as Festas do Divino Espírito Santo. Terceira/Açores. Centro em Rede Investigação em Antropologia (UNL): 2-3.

LEAL, João (2013), "Cultura, património imaterial, antropologia". In: Políticas Públicas para o Património Imaterial na Europa do Sul: Percursos, Concretizações, Perspetivas - Atas do Colóquio Internacional, Lisboa, Direção-Geral do Património Cultural: 131-144.

LEE, C.; LEE, Y. e WICKS, B. (2004). "Segmentation of festival motivation by nationality and satisfaction". Tourism Management: 61-70.

LEFEBVRE, Henri (1991). *A vida cotidiana no mundo moderno*. Tradução de Alcides João Barros. São Paulo, Ática.

LES ANNALES VEVEYSANNES (2008). Vol. 12. Association des amis du Vieux Vevey. VIBISCUM, Vevey: 120-126.

LES CAHIERS DE L'ÉCONOMIE VAUDOISES (2006). Observatoire de l'economie vaudoise BCV. Lausanne, Le marché vaudois du Tourisme: 6.

LES DOMAINES DU POSSIBLE. Une anée à la vigne. Vídeo documentaire RTS play. Data da publicação: 31 de maio de 2019. Disponível em: https://www.rts.ch/play/tv/le-doc-feuilleton/video/une-annee-a-la-vigne-les-domaines-du-possible-hiver-14?id=10473893. 46 min. Acesso em: 4 de janeiro de 2020.

LÉVI-STRAUSS, Claude (1950). Introduction à l'ouvre de Mauss, in Sociologie et Anthropologie, Paris, PUF: 12-15.

LIAUDAT, Christian (2001*). Les grandes manifestations: Typologie et laboratoire de gestion des mobilités.* Lausanne, ITEP/TEA – Transportation and Environmental Design Unit EPFL Swiss Federal Institute of Technology: 6-7.

LINDER, CH; VIRET, O; SPRING, JL (2006) Viticulture intégrée et bio-organique: synthèse de sept ans d'observations. Revue suisse Vitic. Arboric. Hortic. Vol 38: 235-243.

LIVRET OFFICIEL *FETE DU VIGNERONS* VEVEY, 1905 (1905). Weinfest Suisse Vignerons Vin. Klausfelder, Vevey: 37-38.

LOUIS, Jérôme (2019). *La guerre civile du Sonderbund:* Une rébellion sécessionniste des montagnes suisses. BOURDIN, Philippe (dir.); GAINOT, Bernard (dir.). La montagne comme terrain d'affrontements. Nouvelle édition. Paris, Éditions du Comité des travaux historiques et scientifiques: 5-24.

LOWENTHAL, David ([1985], 1998). *Como conhecemos o passado. In*: Projeto história: Trabalhos da memória. Trad. Lúcia Haddad. vol.17. São Paulo, PUC-São Paulo: 73, 115, 165.

LUGINBUHL, Pierre-Alain (1999). Vevey 1999 au coeur de la fête. Suísse, Favre.

MAFFESOLI, Michel ([1944], 1996). No fundo das aparências. Trad. de Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis, RJ, Vozes: 112, 113.

MAGNANI, José Guilherme Cantor (2002). "De perto e de dentro: Notas para uma etnografia urbana". Revista Brasileira de Ciências Sociais v.17, N.49, São Paulo: 17.

MANUAL 1, 8.8.1759. O oficio das visitas nas vinhas. Arquivo da *Confrérie des Vignerons*. Pesquisa realizada em setembro de 2018.

MANUAL 4, 10. 6. 1833. O espetáculo da *Fête des Vignerons*. Arquivo da Confrérie des Vignerons. Pesquisa realizada em janeiro de 2019.

MANUAL 4, 24. 5. 1819. Inscrições dos figurantes na *Fête des Vignerons* 1819. Arquivo da *Confrérie des Vignerons*. Pesquisa realizada em setembro de 2018.

MANUAL 4, 7. 2. 1833. Visitas da Vinha. Arquivo da *Confrérie des Vignerons*. Pesquisa realizada em novembro de 2018.

MANUAL 8, 1.2. 1902. A crise na vinha. Arquivo da *Confrérie des Vignerons*. Acesso em novembro de 2018.

MANUAL 9, 4.4. 1960. A irmandade dos viticultores uma sociedade de proprietários de terra. Arquivo da *Confrérie des Vignerons*. Pesquisa realizada em dezembro de 2018.

MALINOWSKI, Bronislaw ([1922], 1997), «Os Argonautas do Pacífico Ocidental», Ethnologia, n.s. n.º 6-8: 22, 23,25.

MARX, Karl ([1867], 2013). O Capital. Crítica da economia política. O processo de produção do capital. Livro 1. Trad. Rubens Enderle. São Paulo, Boitempo Editorial: 54, 153, 293-295.

MAUSS, Marcel ([1925], 2007). *Essai sur le don. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques*, PUF, coll. «Quadrige Grands textes»: 17, 145-146, 149, 180.

MAYOR, J-C (1955). Petite histoire d'une grande fête: Souvenirs et anecdoctes de *la fête des Vignerons* 1955. Vevey, Klausfelder Suísse: 8.

MELLET, Eugène de (1881). L'Abbaye des *Vignerons*, Vevey : 21-22.

MELO, Giselle Vasconcelos (2015). Análise da percepção dos organizadores e participantes da Festa da Juçara no Maracanã – MA. Dissertação de Mestrado. Balneário Camboriú – SC. 136p.

MESNIL, Marianne (1974). Trois essais sur la Fête: Du folklore à l'ethno-sémiotique. Cahier d'étude de sociologie culturelle 3. Production du Centre d'étude des techniques de diffusion collective. Bruxelles, Editions de l'Université de Bruxelles: 7, 19-20.

MIS TREND SA (2017). Étude sur le marché du vin en Suisse 2017: Notoriété, habitudes de consommation et d'achat. Lausanne, Swiss Wine Promotion: 17.

MONACHON, Nicolas (2017). Evolution du paysage du vignoble de Lavaux entre 1880 et 2010. Reconstitution et visualisation à l'aide d'une cartographie géohistorique. Faculté des Géosciences et de l'environnement. Unil Université de Lausanne: 9.

MURAY, Philippe (2005). *Festivus Festivus. Conversation avec Élisabeth Lévy*. France, Arthème Fayard: 8.

MURTA, Stela Maris (2002). Turismo histórico-cultural: Parques temáticos, roteiros e atrações âncora. In: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (Orgs.). Interpretar o patrimônio: Um exercício do olhar. Belo Horizonte, UFMG; Território Brasilis: 108-109.

NDIAYE, Abdoulaye Penda (2020). *Fête des Vignerons*: le Canton ferme les yeux sur une facture de 2 millions. Data da publicação: 07 de julho de 2020. Disponível em: https://www.20min.ch/fr/story/fete-des-vignerons-le-canton-ferme-les-yeux-sur-une-facture-de-2-millions-914974645230. Acesso em: 5 de agosto de 2020.

NEUMANN Marie (2012). Une cellule de médiation culturelle pour vevey. Enjeux, état des lieux et projet pilote. Diplôme de formation continue en gestion culturelle organisé par les Universités de Genève et Lausanne et l'association Artos. Session 2010-2012, Vevey: 56.

NORA, Pierre ([1984], 1993). Les lieux de mémoire. Trad. Laura Masello. Montevideo, Uruguay, Ediciones Trilce: 10, 15, 33.

OBSERVATOIRE DE L'ECONOMIE VAUDOISE (2006). Le marché vitivinicole vaudois. Banque Cantonale Vaudoise, Communication BCV. Lausanne, Imprimerie Favre & Winteregg: 39.

OBSERVATOIRE DU BÉNÉVOLE (2014). Disponível em: https://sgg-ssup.ch/fr/freiwilligenmonitor-fr.html. Acesso em: 10 de janeiro de 2019.

OBSERVATÓRIO DO VOLUNTARIADO DA SUÍÇA (2014). Disponível em https://sgg-ssup.ch/fr/freiwilligenmonitor-fr.html. Acesso em: 10 de janeiro de 2019.

OFAG (2015). OFFICE FÉDÉRAL DE L'AGRICULTURE. OFAG. L'année viticole 2015. Data da publicação: 02 de maio de 2016. Disponível em: https://swisswine.ch/fr/actualite/ofag-lannee-viticole-2015. Acesso em: 2 de outubro de 2019.

OFAG (2018). OFFICE FÉDÉRAL DE L'AGRICULTURE. Secteur Produits végétaux. Répertoire suisse des appellations d'origine contrôlée (AOC). Situation au 1 décembre 2017. Schweizerisches Verzeichnis der kontrollierten Ursprungsbezeichnungen (KUB/AOC). Berne, Mattenhofstrasse: 5, 8.

OFFICE FÈDERAL DE LA CULTURE OFC (2017). Liste des traditions vivantes en Suisse. Data Publicação: 28 de junho de 2017. Disponível em: https://www.bak.admin.ch/bak/fr/home/patrimoine-culturel/patrimoine-culturel-immateriel/mise-en-_uvre/liste-des-traditions-vivantes-en-suisse.html. Acesso em: 20 de janeiro de 2019.

OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE (2015). Travail et rémunération: Le Bénévolat em Suisse 2013/2014. Neuchâtel: 8-9, 53.

OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE DE L'HÉBERGEMENT TOURISTIQUE (2019). Disponível em: https://www.bfs.admin.ch/bfs/fr/home/statistiques/tourisme/enquetes/hesta.html. Acesso em 16 de setembro de 2019.

OFS (2011). Office Fédéral De La Statistique. Situation économique et sociale de la population. Le travail bénévole en Suisse: Comparaisons régionales. Neuchâtel: 5-8.

ORTIZ, Renato (2001). *A moderna tradição brasileira*. São Paulo, Brasiliense: 18.

PATINOIRE VEVEY (2020). Disponível em: http://www.vevey-sur-glace.ch/patinoire/. Acesso em: 10 de julho de 2020.

PIGUET, Etienne (2005). L'immigration en Suisse depuis 1948: Une analyse des flux migratoires. Zurich, Editions Seismo, sciences sociales et problèmes de Société: 29, 99.

PERRIN, Julie (2013). “(Dé) classer la “médecine populaire” en Suisse: de la suspicion de charlatanisme à la reconnaissance patrimoniale”, *Anthropologie & Santé*. Online since 17 May 2013. http://journals.openedition.org/anthropologiesante/1076.

PERRIN, Julie. (2017). *Soigner la Patrie. La fabrique des plantes médicinales suisses*, Thèse Doctorat, EHESS et Université de Neuchâtel, Paris et Neuchâtel.

POMIAN, Krzysztof ([1984], 1993). *Coleção*. Enciclopédia Einaudi. Tempo e temporalidade. Vol. 29. Imprensa Nacional, Casa da Moeda: 164-179, 209.

POLLAK, Michael (1992). “Memória e identidade social”. In: Estudos Históricos, 5 (10). Trad. Dora Rocha Flaksman. Memória, esquecimento, silêncio. Rio de Janeiro: 200-212.

POLLAK, Michel (1993). Une identité blessée. Etudes de Sociologie et d’histoire. Paris, Métailié: 29

R.-A D' ESTAING DE VILLENEUVE (1870). Guide pratique pour Vevey et ses environs contente la description des principales promenades et excursions dans les montagens. Un plan de Vevey e un panorama des montagnes. Vevey, Loertscher & Fils Imprimeurs Libraires Éditeurs: 7-8.

RABOUD, Thierre (2019). Disponível em http://www.laliberte.ch/news/regions/trouble-fete-524754. Acesso em: 05 de maio 2020.

RAMUZ, Charles Ferdinand (1927). Vendanges. Lausanne, Éditions du Verseau.

RAMUZ, Charles Ferdinand (2012). La beauté sur la terre. Gallimard: 288p.

RAPPORT DE SYNTHÈSE (2008). Disponível em: file:///Users/admin/Downloads/ber-integrfoerd-2008-f-1.pdf. Acesso em: 15 de setembro de 2018.

RAPPORT ANNUEL (2018). Observatoire Suisse du marché des vins. Marché suisse des vins vaudois. N. 13. 2 de maio de 2019. Suisse, Haute École de viticulture et oenologie: 4.

RATZKA, Adolf. (1999). "A história da sociedade inclusiva na Europa." (In Portuguese.). Disponível em: www.independentliving.org/docs6/ratzka199911.html. Acesso em: 2 de junho de 2020.

RECORDON, E. D (1970). Études historiques sur le passé de Vevey. Vevey, Imprimerie Sauberlin & Pfeifer S.A: 272-273.

RÈGLEMENT SUR LES VINS VAUDOIS (2019). RVV de 27 de mai 2009. N. 916.125.2. Le Conseil d’État du Canton de Vaud. 16p. Disponível em: https://www.lexfind.ch/tolv/91510/fr: 2. Acesso em 20 de outubro de 2019.

RELATÓRIO DO CONSELHO INTERCOMUNAL (2019). Association Sécurité Riviera. Vevey. Data da publicação: 28 de novembro de 2019. Disponível em: http://www.securite-riviera.ch/N33091/conseil-intercommunal-du-28-novembre-2019-documents-fusionnes/. Acesso em: 10 de julho de 2020.

RELATÓRIO SOBRE O ESTADO DO VOLUNTARIADO MUNDIAL (2011). Valores Universais para o bem-estar global. Uited Nations Volunteers (UNV). Trad. Guilherme Monteiro.

RENARD, Georges. (1889). *Livret Officiel de la Fête des Vignerons* de 1889. Vevey, *Notice historique*: 27-28.

REYNARD E., PRALONG J.-P (2004). Paysages géomorphologiques, Compte-rendu du séminaire de 3ème. cycle CUSO 2003, Lausanne, Institut de Géographie, Travaux et Recherches N° 27: 39, 258.

RICOEUR, Paul ([1913], 1997). Tempo e narrativa. Tomo III/Paul Ricoeur. Tradução Roberto Leal Ferreira; revisão técnica Maria da Penha Vilela Petit. Campinas, SP, Papirus: 190-228.

RICOEUR, Paul (1999). La lecture del tiempo passado: Memoria Y Olvido. Trad. Gabriel Aranzueque. Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid. Madrid, Arrecife Producciones, S. L: 13.

RICOEUR, Paul (2000) *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Org. Alain Badiou et Barbara Cassin. Paris, Éditions du Seuil.

RISI, Marius (2003). Quotidien et festivités em Suisse. Une petite histoire du changement culturel. Zurich, Edité par Pro Helvetia, Fondaction suisse pour la culture: 24, 103-104.

RIVIÈRE, Claude (1995). *Les Rites profanes*. In: Archives de sciences sociales des religions, vol. 92. L'islam, en Europe.

ROCHAIX, Françoise; ZAHND, René (1999). Fabrique de la Fête: François Deblüe, Michel Hostettler, Jean-Claude Maret, François Rochaix: quatre des créateurs de la *Fête des Vignerons* 1999 s'entretiennent de leur travail avec André Wyss. Faculté des lettres, Section de français, Université de Lausanne. 84p.

ROD, Edouard (1905). La *Fête des Vignerons* à Vevey. Histoire d'une fête populaire. Vevey, Klausfelder: 10, 12.

ROJEK, Chris; URRY, John ([1997], 2003). TOURING CULTURES Transformations of Travel and Theory. USA et Canada, Taylor e Francis Group: 10-15.

ROY, Dilip Kumar; DEVI, Indira (1955). *Kumbha: India's Ageless Festival. Bharatiya Vidya Bhavan*: Chaupatty Bombay.

RTS (1978). La Gym s'assouplit. 8min. Data da publicação: 20 de junho de 1978. Disponivel em: https://www.rts.ch/archives/tv/information/un-jour-une-heure/4756458-la-gym-s-assouplit.html. Acesso em: 4 de novembro de 2019.

RTS (2007). Interview de Franz Weber, prés. Fondation Franz Weber, au sujet de Lavaux, qui entre dans le patrimoine mondial de l'UNESCO, en direct de Lavaux (VD). Data da publicação: 28.06.2007. Disponível em: https://www.rts.ch/play/tv/19h30/video/interview-de-franz-weber-pres--fondation-franz-

weber-au-sujet-de-lavaux-qui-entre-dans-le-patrimoine-mondial-de-lunesco-en-direct-de-lavaux-vd?urn=urn:rts:video:1487910. Acesso: 10 de setembro de 2019.

RTS (2019). Documentaire Rádio Télévision Suisse. Je suis la *Fête des Vignerons*. Data da publicação: 21 de julho de 2019. Disponível em: https://www.rts.ch/play/tv/histoire-vivante/video/je-suis-la-fete-des vignerons?id=10455719. Acesso em: 10 de dezembro de 2019.

RTS (2019). Ces appareils suisses qui auraient été truqués pour les espions américains. Data da publicação: 18 de novembro de 2019. Disponível em: https://www.rts.ch/info/suisse/10792008-ces-appareils-suisses-qui-auraient-ete-truques-pour-les-espions-americains.html. Acesso em: 04 de novembro de 2019.

RUFFY V. (1979). Lavaux: Plan de Protection-plan d'exception. In: Geographica Helvetica, n°3: 127-134.

RUFFY, Victor. (1964). L'aménagement du territoire de deux communes vaudoises: Lutry et Savigny, son évolution, Geographica Helvetica, n° 19: 57-86.

SAHLINS, M (1990). Ihas de história. Rio de Janeiro, Zahar.

SANDRON, Frédéric (2011). *Transmission intergénérationnelle des normes et des valeurs: le famadihana dans les hautes terres Malgaches*. Vol. 8: 31-47.

SAUTER, Pierre (1999). La vigne, le vin: La *Fête des Vignerons* à la Belle Époque. Genève, Stalkine.

SHILS, E (1981). Tradition. The University of Chicago Press. Chicago.

SIMÕES, Dulce (2020). O canto que virou patrimônio: Da "Beleza do morto" aos futuros possíveis. Trabalhos de Antropologia e Etnologia, Vol. 60: 347.

SITE OFICIAL DA CONFRÉRIE DES VIGNERONS (1977). Data da publicação: 30 de julho. Disponível em: https://www.confreriedesvignerons.ch/les-fetes/du-xviiie-a-nos-jours/1977-2/. Acesso em: 10 de janeiro de 2019.

SITE OFICIAL DA *FÊTE DES VIGNERONS* (2019). Disponível em: https://www.fetedesvignerons.ch/ville-en-fete/ville-en-fete/. Acesso em: 20 de julho de 2019.

SITE OFICIAL DA *FÊTE DES VIGNERONS* (2019). Disponivel em: https://www.fetedesvignerons.ch/billetterie/individuels/ Acesso em: 10 de outubro de 2019.

SITE OFICIAL DA VILA DE VEVEY (2019) Disponível em: http://www.vevey.ch/N9224/evenements-culturels-et-festivals-annuels.html. Acesso em: 20 de setembro de 2019.

SOCIÉTÉS SECRETES (2003). Documentaire. Arte HD. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZUuf-OmVYIs. 49min. Acesso em 4 de setembro de 2018.

STANCA-MUSTEA, CRISTINA (2015). De ideias a ações: 70 anos da UNESCO. São Paulo, Editora Brasileira de Arte e Cultura: 43.

STATISTIQUE VAUD STATVD (2019). Annuaire de la Population residente permanent étranger par nationalité 2017. Statistique du Canton de Vaud. 42 editions. Département des Finances et des relations extérieures.

SWISS MARKETING VAUD (2018). Marketing éphémère d'un événement culturel: Fête des Vignerons 2019. Data da publicação: 8 de novembro de 2018. Disponível em: https://portal.klewel.com/watch/webcast/marketing-ephemere-dun-evenement-culturel-fete-des-vignerons-2019/talk/1/. 47min. Acesso em: 5 de janeiro de 2019.

TISSOT, Laurent (2017). Histoire du tourisme en Suisse au XIXe siècle. Suisse, Éditions Livreo-Alphil: 17-20.

THOMPSON, E. P (1998). Costume em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo, Companhia das Letras: 19

TORRES, Luiz Henrique (1999). *A natureza da temporalidade na experiência civilizatória missioneira*. Saeculum, jan-dez.

TORTELLI E. (1997). L'agriculture dans le canton de Vaud, son évolution entre 1980 et 1990 et les enjeux de la politique agricole suisse, Université de Lausanne, Faculté des Lettres, Institut de Géographie, Mémoire de Licence.

TREICHLER, Hans Peter (2009). Dictionnaire Historique de la Suisse. Disponível em: https://hls-dhs-dss.ch/fr/articles/027280/2009-10-08/. Acesso em: 20 novembro 2018.

TRIBUNE DE GENÈVE (2015). Ce que les espions suisses auront le droit de faire: Services secrets. Le Conseil national accorde plus de moyens au service de renseignement. Revue des armes offertes par la nouvelle loi. Disponível em: https://www.tdg.ch/suisse/espions-suisses-droit/story/11330521. Acesso em: 3 de janeiro de 2019.

TURNER, Victor W ([1969], 1990). Le phénomène Rituel: Structure et contre-structure "Le ritual et le symbole: une clé pour comprendre la structure sociale et les phénomènes sociaux". Traduit de l'Anglais par Gérard Guillet. Paris, Presses Universitaires de France: 96-98.

UNESCO (2016). DOSSIER N. 01201 (2016). Candidature de la *Fête des Vignerons* à UNESCO. Disponível em: https://ich.unesco.org/en/d%C3%A9cisions/11.COM/10.B.32. Acesso em: 15 de janeiro de 2019. Acesso em: 3 de janeiro de 2019.

UNESCO (2019). Patrimoine Mondial. Disponível em: https://www.unesco.ch/fr/culture/patrimoine-mondial/. Acesso em: 05 de janeiro de 2019.

UNESCO (2019). Histoire: Comission Suisse poru l'Unesco. Disponível em: https://www.unesco.ch/fr/uber-uns/la-commission-suisse-pour-lunesco/histoire/. Acesso em: 20 de junho de 2019.

UNITÉ D'ENSEIGNEMENT ET DE RECHERCHE EN TOURISME UERT (1999). Mémoire économique de la Fête. Vevey, Archives de la *Confrérie des Vignerons*: 3, 12.

URRY, J. (1996) 'Como as sociedades lembram do passado?' Em G. Fyfe e S. Macdonald (eds), Theorising Museums: Representing Identity in a Changing World, Sociological Review Monograph, Oxford, Blackwell: 48.

WILLIAMS, Raymond (1992). Cultura. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Traduzido do inglês Culture. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 12-13.

WUNENBURGER, Jean-Jacques (1977). La Fête le jeu et le sacré. Encyclopédie universitaire. Paris, Jean-Pierre Delarge Éditeur: 102-103, 184.

VERNES-PRESCOTT (1890). *l'Abbaye des Vignerons, son histoire et ses fêtes, jusqu'à et y compris la fête de 1865*, 3e édition, revue et augmentée, in-8°; Vevey, Loertscher et fils.

VINCK, Dominique (2019). Métiers de l'ombre de la Fête des Vignerons. Lausanne, Éditions Antipodes: 19, 21-22, 28, 53-54, 78, 106-107, 111, 125-129, 174-175, 300, 344.

VILLADARY, Agnès (1968). Fête et vie quotidienne. Collection "L'Evolution de la vie sociale". Dirigée par Paul-Henry Chombart de Lauwe. Paris, Les Éditions Ouvrières: 9, 12-13, 16, 42, 46.

24HEURES (2019). Où passé les millions de la Fête des Vignerons. Disponível em: https://www.24heures.ch/vaud-regions/passes-millions-fete vignerons/story/20670268. Acesso em: 4 de out 2019.

VOLUNTARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS VNU (2000). Disponível em: http://voluntariado.org.br/sms/files/Relatorio%20O%20Estado%20do%20Voluntariado%20no%20Mundo.pdf). Acesso em: 23 de janeiro de 2017.

VON, Herausgegeben; TRIET, Maximilian; SCHILDKNECHT (2002). *Les Fêtes Fédérales* de Gymnastique 1832-2002: Coup d'oeil sur un événement national. Schweizer Beiträge zur Sportgeschichte Band 4. Weltbild Olten.

VUILLEUMIER, Christophe (2014). Presses Universitaires de France. «Guerres mondiales et conflits contemporains». n° 253: 73-78.

YÚDICE, G. (2004). A conveniência da Cultura: Usos da cultura na era global. Tradução de Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: Editora UFMG: 25.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Inquérito aos Organizadores da FDV

UNIVERSITÉ NOUVELLE DE LISBONNE
FACULTÉ DES SCIENCES SOCIALES ET HUMAINES - FCSH
DÉPARTEMENT D'ANTHROPOLOGIE
DOMAINE DE LA « RELIGION, DU RITUEL ET DE LA PERFORMANCE »
DOCTORAT EN ANTHROPOLOGIE - FCSH

Cher Monsieur /Chère Madame,

Je vous invite à participer à l'étude ***"REPRODUCTION DE LA FÊTE DES VIGNERONS DE VEVEY (Suisse) : Discours, pratiques et représentations",*** que j'effectue dans le cadre du Doctorat en Anthropologie de la Faculté des Sciences Sociales et Humaines - FCSH, sous la direction du Professeur Dra. Paula Godinho et la co-orientation du Professeur Dr. Luís Manuel Jesus Cunha.

Le but de l'étude est de comprendre la dynamique de la reproduction de la fête, à partir de l'analyse de son organisation et de la manière dont se fait la transmission entre les différentes générations, ainsi que la compréhension de la façon dont la fête se structure et survit pendant une longue période de temps de non-activité.

Les informations fournies et l'identité des participants seront confidentielles. Une copie de la thèse avec le résultat final de l'étude sera remise aux institutions participantes et les résultats seront mis à la disposition des parties intéressées. Nous vous remercions de votre coopération, qui devrait être consignée dans le formulaire de consentement libre et éclairé à la fin du questionnaire.

Cordialement

Schmid Giselle

UNIVERSITÉ NOUVELLE DE LISBONNE
FACULTÉ DES SCIENCES SOCIALES ET HUMAINES - FCSH
DÉPARTEMENT D'ANTHROPOLOGIE
DOMAINE DE LA « RELIGION, DU RITUEL ET DE LA PERFORMANCE »
DOCTORAT EN ANTHROPOLOGIE - FCSH

TERME DE LA CESSION DES DROITS SUR LES DÉCLARATIONS ORALES ET ÉCRITES

Je déclare, par la présente, en tant que déposant, que j'initie et transfère dans le cadre de la législation suisse actuelle, gratuitement et de manière définitive, la totalité du droit d'auteur relative à ma participation orale et écrite transmise au chercheur Mme Giselle Schmid, durant la période du _____au_____ de 2018.

Ce document déclaratif, ou questionnaire est fait en référence à la thèse de doctorat de Madame Giselle Schmid intitulée ***"Reproduction de la Fête des Vignerons de Vevey (Suisse): Discours, pratiques et représentations"***.

Le _____ 2018, à ..... (Suisse)

Signature:

UNIVERSITÉ NOUVELLE DE LISBONNE
FACULTÉ DES SCIENCES SOCIALES ET HUMAINES - FCSH
DÉPARTEMENT D'ANTHROPOLOGIE
DOMAINE DE LA « RELIGION, DU RITUEL ET DE LA PERFORMANCE »
DOCTORAT EN ANTHROPOLOGIE - FCSH

DOCTORAT EN ANTHROPOLOGIE - FCSH

Cher Organisateur,

Ce questionnaire destiné aux organisateurs de la Fête des Vignerons est l'instrument de recherche sur le sujet: **"Reproduction de la Fête des Vignerons de Vevey (Suisse): Discours, pratiques et représentations**", préparé par Doctorante Giselle Schmid, sous la direction de la professeure Dra. Paula Godinho et la co-orientation du professeur Dr. Luís Manuel Jesus Cunha. Leur participation est essentielle au succès de cette recherche.

1) **Nom de l'organisateur**
_____

2) **Sexe:**
( ) Homme
( ) femme

3) **Âge et Profession** _____ _____

4) **Revenu familial mensuel brut (*facultatif)*: (Souligner ce qui convient)**

moins de 1000 CHF de 1000
à 4000 CHF de 4000 à 7000
CHF
plus de 7000 CHF

5) **Vivez-vous à Vevey? Si non, indiquer le lieu de résidence**
( ) Oui
( ) Non _____

Au sujet de la Fête des Vignerons de Vevey, répondez aux questions suivantes:

a) **Selon vous, pourquoi la Fête existe-t-elle?**
_____
_____
_____

b Comment est-elle née?

_____
_____
_____
_____
_____
_____

b) Comment naissent les idées et comment se prennent les décisions dans le processus d'organisation de la Fête?

_____
_____
_____
_____
_____

c) Quels sont les critères établis dans le processus de sélection des volontaires qui travailleront à l'organisation de la Fête?

_____
_____
_____
_____

d) Quel est le sens de la Fête des Vignerons? Que représente-t-elle pour vous et la communauté de Vevey?

_____
_____
_____
_____

e) Que signifie pour vous votre participation comme bénévole à la Fête des Vignerons? Comment vous sentez-vous?

_____
_____
_____
_____

7) Le 1er décembre 2016, la Fête des Vignerons a été élevée au rang de patrimoine culturel de l'humanité par l'UNESCO. Quelle importance a cette classification?

a) Pour la Fête elle-même?

_____
_____
_____
_____
_____

b) Pour la communauté de Vevey et la Suisse?

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

c) Pour vous?

_____
_____
_____

Commentaires, suggestions et opinions:

Tous mes remerciements pour le temps que vous avez consacré à compléter ce questionnaire.

Cordialement

Giselle Schmid.

APÊNDICE B – Inquérito aos voluntários, figurantes e espectadores

UNIVERSITÉ NOUVELLE DE LISBONNE
FACULTÉ DES SCIENCES SOCIALES ET HUMAINES - FCSH
DÉPARTEMENT D'ANTHROPOLOGIE
DOMAINE DE LA « RELIGION, DU RITUEL ET DE LA PERFORMANCE »
DOCTORAT EN ANTHROPOLOGIE - FCSH

Cher Monsieur /Chère Madame,

Je vous invite à participer à l'étude ***"REPRODUCTION DE LA FÊTE DES VIGNERONS DE VEVEY (Suisse): Discours, pratiques et représentations",*** que

j'effectue dans le cadre du Doctorat en Anthropologie de la Faculté des Sciences Sociales et Humaines - FCSH, sous la direction du Professeur Dra. Paula Godinho et la co-orientation du Professeur Dr. Luís Manuel Jesus Cunha.

Le but de l'étude est de comprendre la dynamique de la reproduction de la fête, à partir de l'analyse de son organisation et de la manière dont se fait la transmission entre les différentes générations, ainsi que la compréhension de la façon dont la fête se structure et survit pendant une longue période de temps de non-activité. Les informations fournies et l'identité des participants seront confidentielles. Une copie de la thèse avec le résultat final de l'étude sera remise aux institutions participantes et les résultats seront mis à la disposition des parties intéressées. Nous vous remercions de votre coopération, qui devrait être consignée dans le formulaire de consentement libre et éclairé à la fin du questionnaire.

Cordialement

Schmid Giselle

APÊNDICE C - Lista das entrevistas orais realizadas no terreno

ENTREVISTAS ORAIS REALIZADAS NO TERRENO

Entrevista concedida por BADOUX, Josette. [25.11.2018]. Empresária, *Vignerons-Encaveur*. Entrevistador: Giselle Schmid, 2018. Arquivo impresso.

Entrevista concedida por BERNEY, Jérome. [29.03.2019]. Compositor da *Fête des Vignerons*. Entrevistador: Giselle Schmid, 2019. Arquivo mp3 (39min).

Entrevista concedida por BLOK, Stéphane. [02.04.2019]. Libretista da *Fête des Vignerons.* Entrevistador: Giselle Schmid, 2019. Arquivo mp3 (54min).

Entrevista concedida por BUZZI, Giovanna. [17. 01.2019]. Estilista. Entrevistador: Giselle Schmid, 2019. Entrevista colhida por meio da escrita.

Entrevista concedida por CALDANA, Gino. [18.02.2019]. Aposentados e voluntários no atelier de costura da *Fête des Vignerons.* Entrevistador: Giselle Schmid, 2019. Arquivo impresso.

Entrevista concedida por CARRUZZO-FREY, Sabine. [15.07.2017]. Secretária Geral da *Confrérie des Vignerons.* Entrevistador: Giselle Schmid, 2017. Arquivo mp3 (44min).

Entrevista concedida por CHOLLET, Alain. [18.02.2020]. Vignerons-Encaveurs. Entrevistador: Giselle Schmid, 2020. Arquivo mp3 (1h50min).

Entrevista concedida por CHOLLET, Jean-Pierre. [02.2020]. Viticultor e Conselheiro Honorário da *Confrérie des Vignerons*. Entrevistador: Giselle Schmid, 2020. Arquivo mp3 (1h43min).

Entrevista concedida por CHOLLET, Edmond. [02.2020]. *Vignerons-Encaveurs* aposentado Entrevistador: Giselle Schmid, 2020. Arquivo mp3 (3h13min).

Entrevista concedida por CHEVALLEY, Jean François. [19.12.2018]. *Vignerons-Encaveur* e perito nas visitas aos domínios vitícolas. Entrevistador: Giselle Schmid, 2019. Arquivo mp3 (1h28min).

Entrevista concedida por COMMEND, Philippe. [11.2018]. Professor aposentado. Entrevistador: Giselle Schmid, 2018. Arquivo mp3 (55min).

Entrevista concedida por GIORGI-ONUMA, Yumiko De. [27.08.2019]. Secretária e Voluntária no setor de Controle de acesso da arena. Entrevistador: Giselle Schmid, 2019. Arquivo impresso.

Entrevista concedida por HÄMMERLI, Gilbert. [02.07.2020]. Aposentado e volutário na Caritas. Entrevistador: Giselle Schmid, 2019. Arquivo impresso.

Entrevista concedida por HOFMANN, Blaise [05.04.2019]. Libretista da *Fête des Vignerons*. Entrevistador: Giselle Schmid, 2019. Arquivo mp^3 (51min).

Entrevista concedida por MARGOT, François. [16.04.2019]. Abade Presidente da *Confrérie des Vignerons*. Entrevistador: Giselle Schmid, 2019. Arquivo mp3 (39min).

Entrevista concedida por MONACHON, Pierre. [02.2020]. *Vignerons-Encaveurs* e Vice-Presidente da *Confrérie des Vignerons*. Entrevistador: Giselle Schmid, 2020. Arquivo mp3 (1h60min).

Entrevista concedida por SHIRIMA, Veronique Garin. [09.06.2019]. Enfermeira e Figurante na *Fête des Vignerons.* Entrevistador: Giselle Schmid, 2019. Arquivo impresso.

Entrevista concedida por KUPPFEL, Paul & Jade. [22.09.2019]. Aposentados e voluntários no Controle de acesso da arena. Entrevistador: Giselle Schmid, 2019. Arquivo impresso.

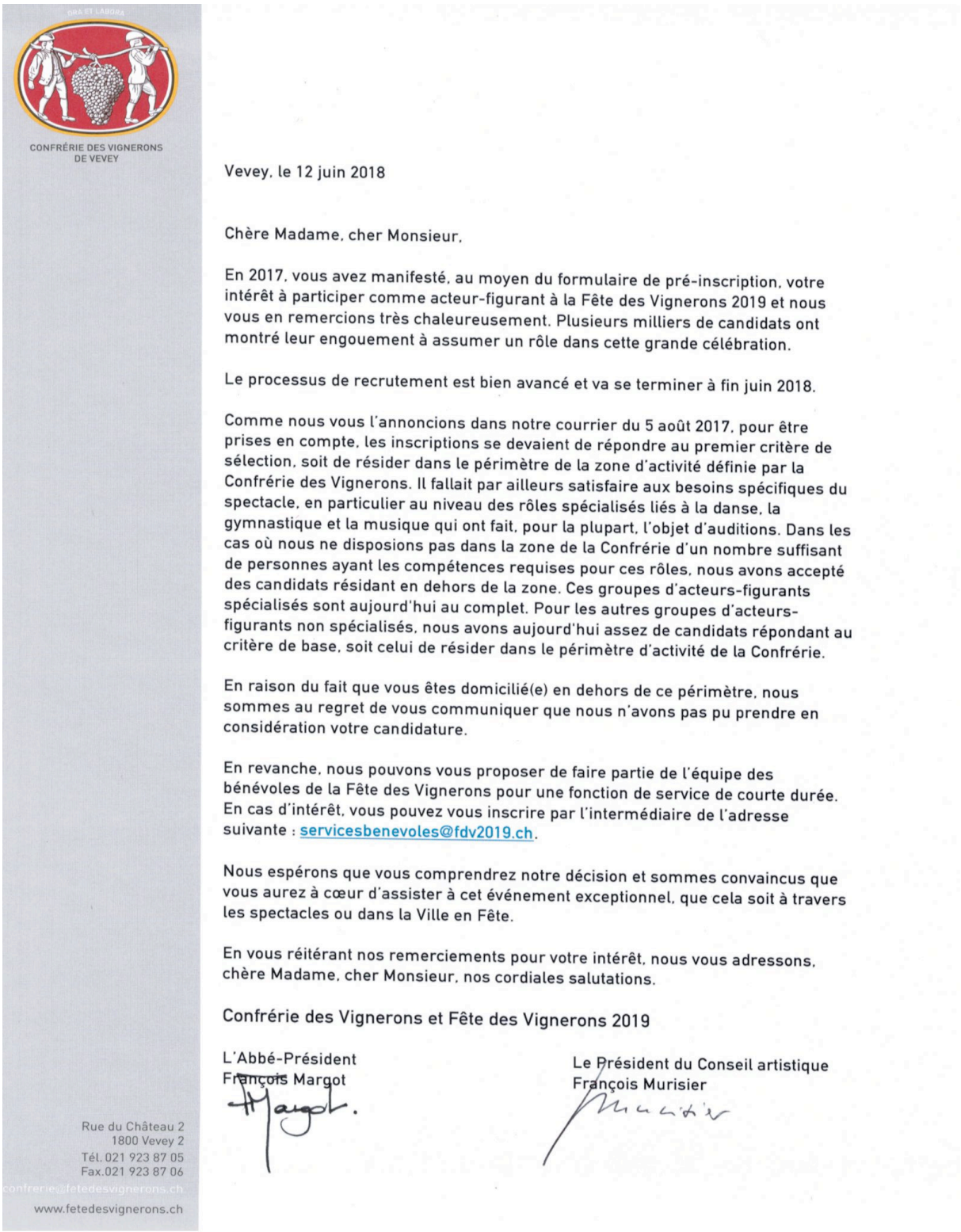
APÊNDICE D - Panorama da FDV antes e hoje

FDV ANTES	FDV HOJE
CELEBRAÇÃO **ORGANIZADA PELA COMUNIDADE VÍTICOLA**	**PRESENÇA DO VOLUNTARIADO E PROFISSIONAIS**
CELEBRAÇÃO **SEM FINS LUCRATIVOS**	**MERCANTILIZAÇÃO** DA FESTA (**FABRICA EFÊMERA**)
DIMENSÃO **LOCAL E REGIONAL**	I**NTERNACIONALIZAÇÃO** DA FESTA
GEOGRAFIA TÍMIDA (Cortejo)	**ESPAÇOS CADA VEZ MAIS AMPLOS**, ESTRUTURADOS E PROJETADOS (Arenização)
PARTICIPAÇÃO ESPONTÂNEA	**COOPTAÇÃO ATORES SOCIAIS**
MEMORIA REPASSADA DE PAI PARA FILHO	MIDIATIZAÇÃO, TECNOLOGIA (**Dossiê Pédagogique)**
DINÂMICA SIMPLES	FESTA **TECNOLÓGICA, GIGANTISMO, SISTEMÁTICA ORGANIZAÇÃO**
FUNDO CERIMONIAL MODESTO	FATURAS GALOPANTES E **MUITAS DÍVIDAS**
TEMPORALIDADE **CICLICA**	**LONGO LAPSO TEMPORAL** FESTIVO
PERFORMANCE SINGELA	**ESPETACULARIZAÇÃO** DA FESTA
FESTA RURAL	FESTA **URBANA** QUE **SEGUE TENDÊNCIAS**
FESTA POPULAR	**FESTA ELITIZADA**
FESTA GRATUITA	**CONTRAPARTIDAS FINANCEIRAS**
DINÂMICA DA PUNIÇÃO (XVII)	**FESTA DA RECOMPENSA DO TRABALHO**

Fonte: Autora (2019).

ANEXOS

ANEXO A - Documento de seleção como Voluntária na FDV 2019 – Lettre Confrérie julho de 2018



DRA ET LABORA

CONFRÉRIE DES VIGNERONS
DE VEVEY

Vevey, le 12 juin 2018

Chère Madame, cher Monsieur,

En 2017, vous avez manifesté, au moyen du formulaire de pré-inscription, votre intérêt à participer comme acteur-figurant à la Fête des Vignerons 2019 et nous vous en remercions très chaleureusement. Plusieurs milliers de candidats ont montré leur engouement à assumer un rôle dans cette grande célébration.

Le processus de recrutement est bien avancé et va se terminer à fin juin 2018.

Comme nous vous l'annoncions dans notre courrier du 5 août 2017, pour être prises en compte, les inscriptions se devaient de répondre au premier critère de sélection, soit de résider dans le périmètre de la zone d'activité définie par la Confrérie des Vignerons. Il fallait par ailleurs satisfaire aux besoins spécifiques du spectacle, en particulier au niveau des rôles spécialisés liés à la danse, la gymnastique et la musique qui ont fait, pour la plupart, l'objet d'auditions. Dans les cas où nous ne disposions pas dans la zone de la Confrérie d'un nombre suffisant de personnes ayant les compétences requises pour ces rôles, nous avons accepté des candidats résidant en dehors de la zone. Ces groupes d'acteurs-figurants spécialisés sont aujourd'hui au complet. Pour les autres groupes d'acteurs-figurants non spécialisés, nous avons aujourd'hui assez de candidats répondant au critère de base, soit celui de résider dans le périmètre d'activité de la Confrérie.

En raison du fait que vous êtes domicilié(e) en dehors de ce périmètre, nous sommes au regret de vous communiquer que nous n'avons pas pu prendre en considération votre candidature.

En revanche, nous pouvons vous proposer de faire partie de l'équipe des bénévoles de la Fête des Vignerons pour une fonction de service de courte durée. En cas d'intérêt, vous pouvez vous inscrire par l'intermédiaire de l'adresse suivante : servicesbenevoles@fdv2019.ch.

Nous espérons que vous comprendrez notre décision et sommes convaincus que vous aurez à cœur d'assister à cet événement exceptionnel, que cela soit à travers les spectacles ou dans la Ville en Fête.

En vous réitérant nos remerciements pour votre intérêt, nous vous adressons, chère Madame, cher Monsieur, nos cordiales salutations.

Confrérie des Vignerons et Fête des Vignerons 2019

L'Abbé-Président
François Margot

Le Président du Conseil artistique
François Murisier

Rue du Château 2
1800 Vevey 2
Tél. 021 923 87 05
Fax. 021 923 87 06
confrerie@fetedesvignerons.ch
www.fetedesvignerons.ch

Fonte: Extraído do email enviado pela Comissão de Controle de acesso em 12 de junho de 2018.

ANEXO B - FeVi 2019 Planilha dos voluntários inscritos no setor controle de acesso, segurança e mobilidade

FeVi 2019 | Planning bénévoles sécurité / mobilité
DIMANCHE 21 JUILLET et LUNDI 22 JUILLET

Christian VOLET		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Yvonne TRAMAUX		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Le 22/07/2019 de 19:00 à 23:00	Sécurité / Mobilité	Objets perdus	Sécurité	Gestion matériel
Jean-Marc SENN		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
André ROCH		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Grégory PRÉLAZ		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Jacques PITTET		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Marisa MIETTA		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Rose-Marie KNÖPFEL-PLUMETTAZ		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Paul KNÖPFEL		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Florin PATRICHI		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Jasmine KOHLI		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Steeve RUTISHAUSER		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Manja YERSIN-STEWART		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Le 22/07/2019 de 15:00 à 19:00	Sécurité / Mobilité	Objets perdus	Sécurité	Gestion matériel
Amanda DA SILVA		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Eric-Alain ROULET		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Kyril GOSSWEILER		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Esther CHARRIÈRE BAYARD		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Awet IYASU		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Pascal ZERMATTEN		
Le 21/07/2019 de 08:00 à 12:30	Sécurité / Mobilité	Galeries du Rivage	Sécurité	Contrôle d'accès
Jonas MOOR		
Le 21/07/2019 de 13:00 à 18:00	Sécurité / Mobilité	Collège du Clos (AF + Bénévoles)	Sécurité	Contrôle d'accès
Rolf GEISER		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Iulian DRAGOTESCU		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Romain CORNUT		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Annette CORBAT		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Sarah PLANCHAMP		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Emmanuelle PFENDLER		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Jocelyne GAGNÉ		
Le 21/07/2019 de 08:00 à 12:30	Sécurité / Mobilité	Collège de l'Aviron (RdC)	Sécurité	Contrôle d'accès
Chantal GLAUSER		
Le 21/07/2019 de 08:00 à 12:30	Sécurité / Mobilité	Collège de la Veveyse (Gym I)	Sécurité	Contrôle d'accès
Marguerite NEMASSOA		
Le 21/07/2019 de 08:00 à 12:30	Sécurité / Mobilité	Collège de la Veveyse (Gym I)	Sécurité	Contrôle d'accès
Eve HENCHOZ		
Le 21/07/2019 de 08:00 à 12:30	Sécurité / Mobilité	Galeries du Rivage	Sécurité	Contrôle d'accès
Celia MOOR		
Le 21/07/2019 de 08:00 à 12:30	Sécurité / Mobilité	Galeries du Rivage	Sécurité	Contrôle d'accès
Henok GYGER		
Le 21/07/2019 de 08:00 à 12:30	Sécurité / Mobilité	Galeries du Rivage	Sécurité	Contrôle d'accès
Cecilia VEGA		
Le 21/07/2019 de 12:30 à 16:00	Sécurité / Mobilité	Del Castillo	Sécurité	Contrôle d'accès
Dalila IMAMOUINE		

FeVi 2019 | Planning bénévoles sécurité / mobilité
DIMANCHE 21 JUILLET et LUNDI 22 JUILLET

Le 21/07/2019 de 08:00 à 12:30	Sécurité / Mobilité	Collège Kratzer (accès AF)	Sécurité	Contrôle d'accès
Christophe SCHORNOZ		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Le 21/07/2019 de 12:30 à 15:30	Sécurité / Mobilité	Caserne des Pompiers	Sécurité	Contrôle d'accès
Chantal CHASSOT		
Le 21/07/2019 de 12:30 à 15:30	Sécurité / Mobilité	Collège Kratzer (accès AF)	Sécurité	Contrôle d'accès
Emilie PARATI		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Le 21/07/2019 de 12:30 à 15:30	Sécurité / Mobilité	Galeries du Rivage	Sécurité	Contrôle d'accès
Anaïs SCHAER		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Le 21/07/2019 de 12:30 à 15:30	Sécurité / Mobilité	Galeries du Rivage	Sécurité	Contrôle d'accès
Géraldine MAGNI		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Le 21/07/2019 de 12:30 à 15:30	Sécurité / Mobilité	Galeries du Rivage	Sécurité	Contrôle d'accès
Giselle SCHMID		
Le 21/07/2019 de 12:30 à 15:30	Sécurité / Mobilité	Galeries du Rivage	Sécurité	Contrôle d'accès
Francis GAVILLET		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Le 21/07/2019 de 12:30 à 15:30	Sécurité / Mobilité	Collège de la Veveyse (Gym I)	Sécurité	Contrôle d'accès
Martina RESS		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Le 21/07/2019 de 12:30 à 15:30	Sécurité / Mobilité	SIGE (effeuilleuses)	Sécurité	Contrôle d'accès
Hugo VERASANI		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Alvina BHANTOOA		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Le 21/07/2019 de 12:30 à 15:30	Sécurité / Mobilité	Collège de l'Aviron (RdC)	Sécurité	Contrôle d'accès
Valérie BERTRAND		
Le 21/07/2019 de 12:30 à 15:30	Sécurité / Mobilité	Collège de la Veveyse (Gym I)	Sécurité	Contrôle d'accès
Estelle VESSAZ		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Monique WINZENRIED		
Le 21/07/2019 de 08:00 à 12:30	Sécurité / Mobilité	SIGE (effeuilleuses)	Sécurité	Contrôle d'accès
Virgile ADECHIAN		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Shadi ALEID		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Alexandre MILLS		
Le 21/07/2019 de 18:00 à 22:30	Sécurité / Mobilité	Collège du Clos (AF + Bénévoles)	Sécurité	Contrôle d'accès
Lorène JACQUOT		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 15:00	Sécurité / Mobilité	Croisement (Simplon - Léman)	Sécurité	Contrôle véhicule
Manuela FOLLONIER		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 15:00	Sécurité / Mobilité	Croisement (Simplon - Hôtel de Ville)	Sécurité	Contrôle véhicule
Jean JULIACHS		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 15:00	Sécurité / Mobilité	Croisement (av. de la Gare - Clergère)	Sécurité	Contrôle véhicule
Jean-Pierre DESPONDS		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Kimi KIM		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 15:00	Sécurité / Mobilité	Croisement (Rue d'Italie - Rue du Château)	Sécurité	Contrôle véhicule
Maude FROIDEVAUX		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 15:00	Sécurité / Mobilité	Croisement (Rue d'Italie - Rue Clara Haskil)	Sécurité	Contrôle véhicule
Priscila HEREDIA		
Le 21/07/2019 de 19:00 à 23:00	Sécurité / Mobilité	Objets perdus	Sécurité	Gestion matériel
Sergio DE STEFANIS		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Ana Paula ROVINA		
Le 21/07/2019 de 08:00 à 13:00	Sécurité / Mobilité	Collège du Clos (AF + Bénévoles)	Sécurité	Contrôle d'accès
Jean-Claude ZURCHER		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Oana BLANC		
Le 22/07/2019 de 14:00 à 18:00	Sécurité / Mobilité	Collège du Clos (AF + Bénévoles)	Sécurité	Contrôle d'accès
Ahmed AOUAD		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité	Pré-arène	Sécurité	Contrôle d'accès
Le 22/07/2019 de 18:00 à 22:30	Sécurité / Mobilité	Collège du Clos (AF + Bénévoles)	Sécurité	Contrôle d'accès
Guillermina OVALLES		
Le 21/07/2019 de 08:00 à 12:30	Sécurité / Mobilité	Caserne des Pompiers	Sécurité	Contrôle d'accès
Nathalie CANDOLFI		
Le 21/07/2019 de 13:00 à 16:00	Sécurité / Mobilité	Jardin du Rivage	Sécurité	Contrôle d'accès

FeVi 2019 | Planning bénévoles sécurité / mobilité
DIMANCHE 21 JUILLET et LUNDI 22 JUILLET

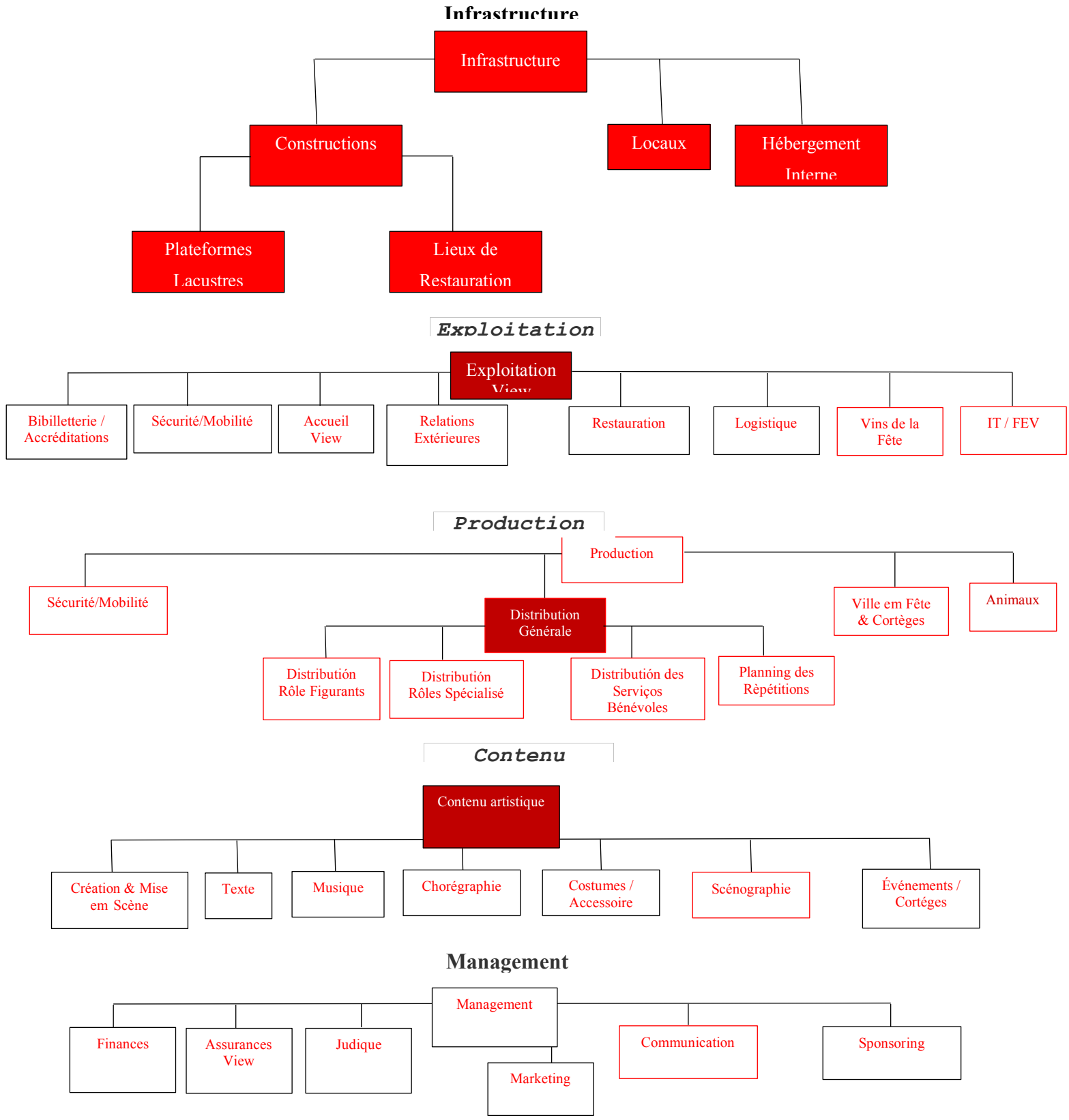
Nicolas THÉVOZ		
Le 21/07/2019 de 09:30 à 11:30	Sécurité / Mobilité | Château de l'Aile	Sécurité | Contrôle d'accès
Gracieuse SÉNÉ		
Le 21/07/2019 de 09:30 à 11:30	Sécurité / Mobilité | Château de l'Aile	Sécurité | Contrôle d'accès
Sylvio TSCHANZ		
Le 21/07/2019 de 13:30 à 18:00	Sécurité / Mobilité | Château de l'Aile	Sécurité | Contrôle d'accès
Christine BIRARDA		
Le 21/07/2019 de 13:30 à 18:00	Sécurité / Mobilité | Château de l'Aile	Sécurité | Contrôle d'accès
Marinette WENGER		
Le 21/07/2019 de 10:30 à 16:00	Sécurité / Mobilité | Del Castillo	Sécurité | Contrôle d'accès
Valentin MICHOUD		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 12:30	Sécurité / Mobilité | Del Castillo	Sécurité | Contrôle d'accès
Lily MICHOUD		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 12:30	Sécurité / Mobilité | Del Castillo	Sécurité | Contrôle d'accès
Evelyne BORGHI		
Le 21/07/2019 de 12:30 à 16:00	Sécurité / Mobilité | Del Castillo	Sécurité | Contrôle d'accès
Le 22/07/2019 de 10:00 à 14:00	Sécurité / Mobilité | Collège du Clos (AF + Bénévoles)	Sécurité | Contrôle d'accès
Yumiko DE GIORGI-ONUMA		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité | Pré-arène	Sécurité | Contrôle d'accès
Le 21/07/2019 de 13:00 à 16:00	Sécurité / Mobilité | Jardin du Rivage	Sécurité | Contrôle d'accès
Francine JAMOLLI		
Le 21/07/2019 de 11:00 à 15:00	Sécurité / Mobilité | Objets perdus	Sécurité | Gestion matériel
Sandro REBER		
Le 22/07/2019 de 11:00 à 15:00	Sécurité / Mobilité | Objets perdus	Sécurité | Gestion matériel
Christelle LOCHER		
Le 21/07/2019 de 15:00 à 19:00	Sécurité / Mobilité | Objets perdus	Sécurité | Gestion matériel
Luisa PFYL		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité | Pré-arène	Sécurité | Contrôle d'accès
Jean-Daniel VERDON		
Le 21/07/2019 de 09:30 à 14:00	Sécurité / Mobilité | Staff de conduite	Sécurité | Chargé/e d'équipe
Clarisse CORDEY		
Le 22/07/2019 de 09:30 à 14:00	Sécurité / Mobilité | Staff de conduite	Sécurité | Chargé/e d'équipe
Jehan DUCRET		
Le 22/07/2019 de 18:30 à 23:30	Sécurité / Mobilité | Staff de conduite	Sécurité | Chargé/e d'équipe
René Claude GERINI		
Le 21/07/2019 de 14:00 à 18:30	Sécurité / Mobilité | Staff de conduite	Sécurité | Chargé/e d'équipe
Laure MANTINI		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité | Pré-arène	Sécurité | Contrôle d'accès
Thierry LAVILLE		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité | Pré-arène	Sécurité | Contrôle d'accès
Mariana VALLO DOCAMPO		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité | Pré-arène	Sécurité | Contrôle d'accès
Mercedes SOROA CAÑADA		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité | Pré-arène	Sécurité | Contrôle d'accès
Philippe MARTIN		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité | Pré-arène	Sécurité | Contrôle d'accès
Anas ERRTAM		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité | Pré-arène	Sécurité | Contrôle d'accès
Christiane DESFAYES		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité | Pré-arène	Sécurité | Contrôle d'accès
Marisa COPPI		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité | Pré-arène	Sécurité | Contrôle d'accès
Anne-Marie CAILLET JOUSSON		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité | Pré-arène	Sécurité | Contrôle d'accès
Melanie BONNY		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité | Pré-arène	Sécurité | Contrôle d'accès
Jérôme BLANC		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité | Pré-arène	Sécurité | Contrôle d'accès
Vincent GREMAUD		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité | Pré-arène	Sécurité | Contrôle d'accès
Clara VAUDAUX		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité | Pré-arène	Sécurité | Contrôle d'accès
Ynès WEBER		
Le 21/07/2019 de 09:00 à 11:30	Sécurité / Mobilité | Pré-arène	Sécurité | Contrôle d'accès

Fonte: Extraído do email enviado pela Comissão de Controle de acesso em 17 de julho de 2019.

ANEXO C – Mapa da vila em festa

Fonte: Organização da Fête des Vignerons (2019).

ANEXO D – Organograma dos Departamentos da *Fête des Vignerons* (Site Oficial da FDV, 2019)



Inscription FdV2019

Caixa de entrada

FdV2019 <noreply@fdv2019.ch> 14 de mar. de 2017 00:44

para mim

Traduzir mensagem
Desativar para: francês

Inscription FdV2019

Bonjour,
Les organisateurs de la Fête des Vignerons vous adressent leurs vifs remerciements pour l'intérêt et l'engagement dont vous faites preuve à l'égard de cette célébration unique. Suite à votre inscription vous trouverez ci-dessous quelques informations utiles – en vous rappelant que tout engagement dans le cadre de la fête des vignerons s'entend bénévole.

Votre inscription sera traitée selon le choix que vous avez indiqué :

Figurants : si vous avez choisi cette option vous serez contacté, à la fin de l'année 2017, lorsque l'organisation de la Fête aura besoin d'informations complémentaires en vue de la sélection des figurants.

Commissaires : afin de compléter les rangs des membres des commissions, les postulants seront contactés, au fur et à mesure de leur constitution.

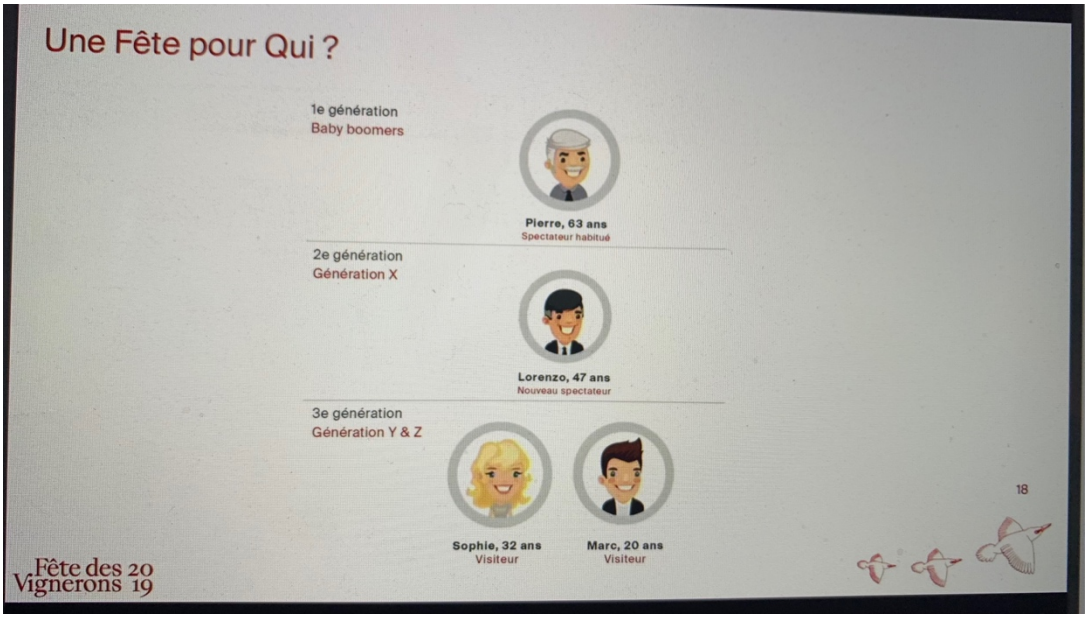
Newsletter : dès 2017 elle sera envoyée à ceux d'entre vous qui l'on demandée. Elle connaitra ensuite un rythme de parution trimestriel.

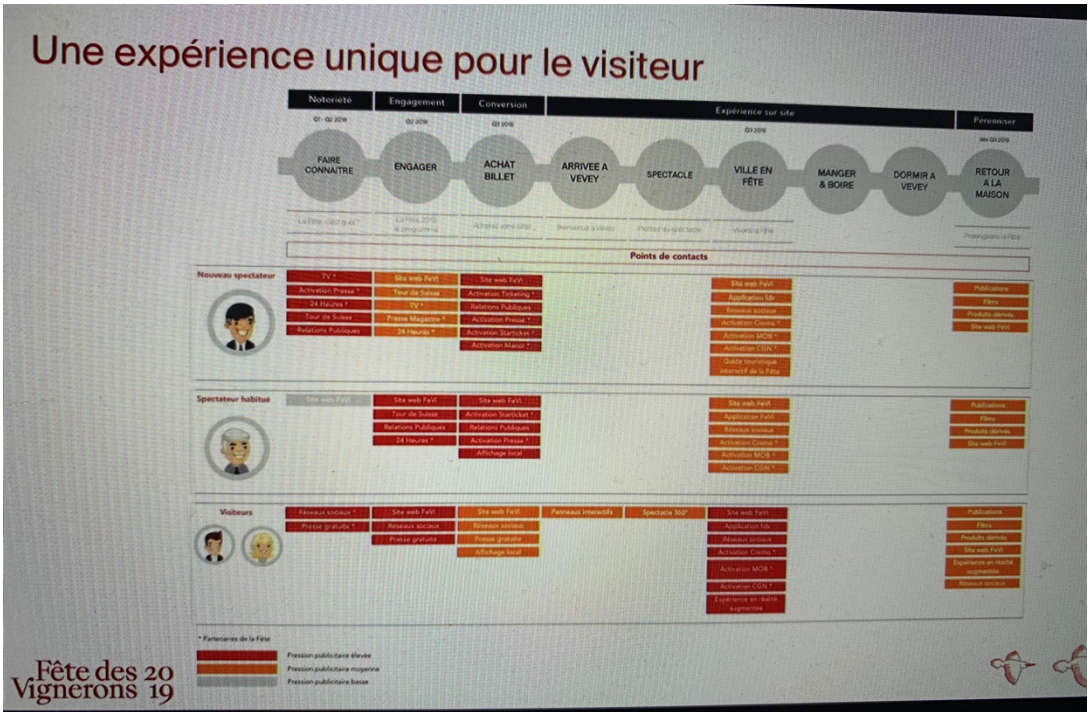
Les organisateurs se réjouissent d'ores et déjà de vous rencontrer à l'occasion de la préparation et de la célébration de la Fête des Vignerons 2019 et, dans cette attente, ils vous adressent leurs meilleures salutations.
L'équipe de la FdV2019

ANEXO F – Sondagem sobre a melhor FDV 1999 ou 2019

Fonte: Raboud (2019).

ANEXO G - Marketing Éphémère d'un événement culturel: Fête desVignerons 2019





Fonte: https://portal.klewel.com/watch/webcast/marketing-ephemere-dun-evenement-culturel-fete-des-vignerons-2019/talk/1/ (2018).